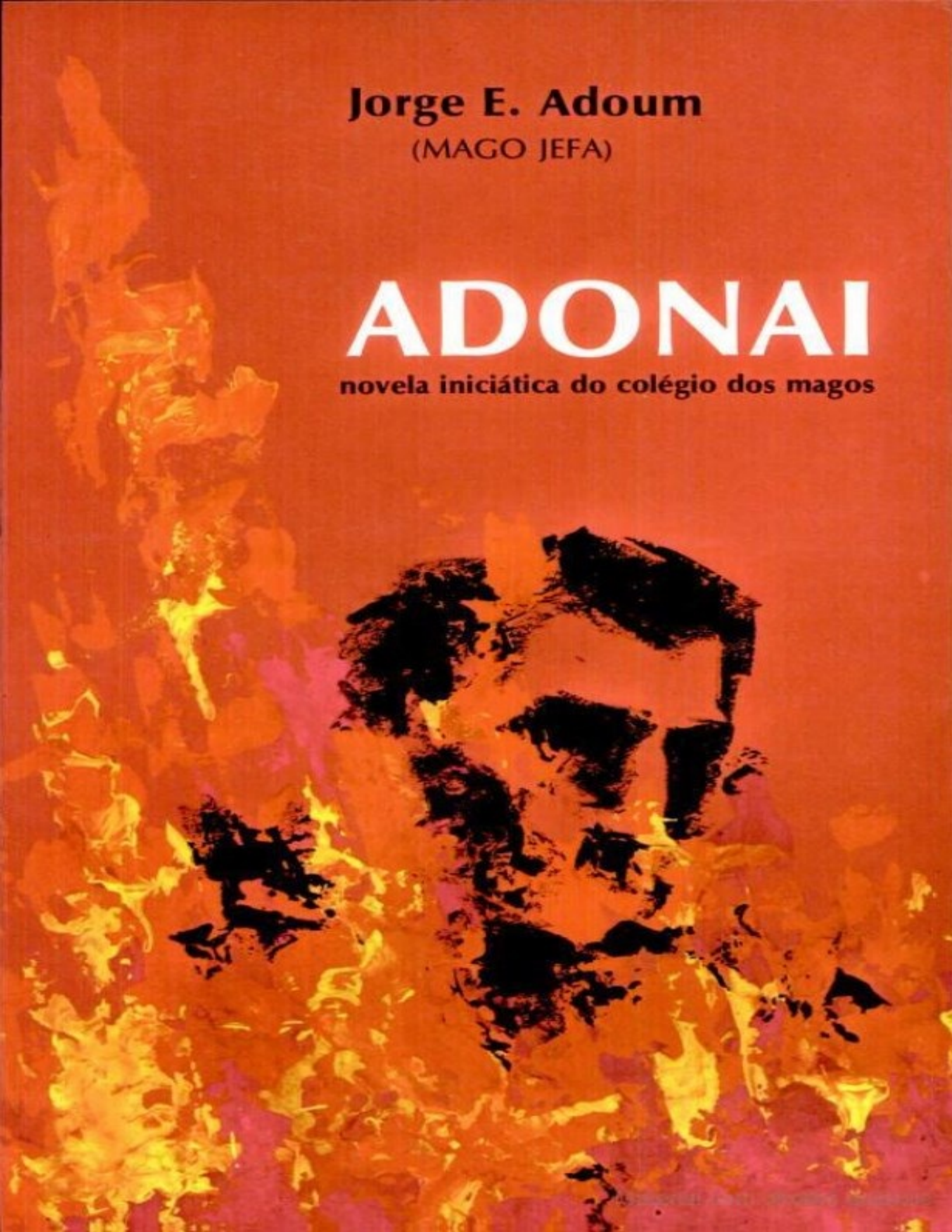
Jorge E. Adoum
(MAGO JEFA)

ADONAI

novela iniciática do colégio dos magos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



JORGE E. ADOUM
(MAGO JEFA)

ADONAI

NOVELA INICIÁTICA DO COLÉGIO DOS MAGOS

Versão do Original, em Língua Castelhana, por
JEFFERSON TEIXEIRA ALVARES

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu distinto

e fiel amigo

MAURICIO MALUK S.

a cuja generosidade e auxílio

se deve a publicação deste

livro.

O Autor

Índice

PRÓLOGO
PRIMEIRA PARTE
CAPÍTULO I
    LÍBANO
CAPÍTULO II
    COSTUMES LIBANESES
CAPÍTULO III
    COISAS DE TODOS OS DIAS
CAPÍTULO IV
    EXTREMOS
CAPÍTULO V
    CASUALIDADES
CAPÍTULO VI
    CASO PREMEDITADO
CAPÍTULO VII
    RESULTADO DE UM ENCONTRO
CAPÍTULO VIII
    CRÔNICAS
CAPÍTULO IX
    O ESPÍRITO REBELDE
CAPÍTULO X
    DEPOIS DE UMA NOITE DE CALMA, SURGE UMA TEMPESTUOSA MANHÃ
SEGUNDA PARTE
CAPÍTULO I
    PROSCRITO
CAPÍTULO II
    RECORDAÇÕES
CAPÍTULO III
    ADOLESCÊNCIA
CAPÍTULO IV
    O AMOR
CAPÍTULO V
    CONSPIRAÇÃO
CAPÍTULO VI

DESPEDIDA DOLOROSA E FUGA FANTÁSTICA
CAPÍTULO VII
ENTRE OS DRUSOS
CAPÍTULO VIII
SONHO REALIZADO
CAPÍTULO IX
MESTRE E DISCÍPULO
CAPÍTULO X
PRIMEIRA LIÇÃO DE SABEDORIA
CAPÍTULO XI
O CATECISMO DA RELIGIÃO DRUSA
CAPÍTULO XII
REVELAÇÃO
CAPÍTULO XIII
PROVAS
CAPÍTULO XIV
CARTA DE ARISTÓTELES A ADÔNIS
CAPÍTULO XV
UMA VISÃO TERRÍVEL
CAPÍTULO XVI
ADÔNIS, ENSINA-ME A AMAR!
CAPÍTULO XVII
ADÔNIS, ABRE A PORTA!
CAPÍTULO XVIII
À BEIRA DO PRECIPÍCIO
CAPÍTULO XIX
DÚVIDAS E SOFRIMENTOS
CAPÍTULO XX
PREPARAÇÃO
CAPÍTULO XXI
APETECIDO, PORÉM PROIBIDO
CAPÍTULO XXII
A DOR DE VIVER
CAPÍTULO XXIII
INICIAÇÃO
CAPÍTULO XXIV
CERIMÔNIAS DE INICIAÇÃO
CAPÍTULO XXV
DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS?

CAPÍTULO XXVI
DESFILE DE ACONTECIMENTOS
TERCEIRA PARTE
CAPÍTULO I
DAMASCO
CAPÍTULO II
TRÊS PRÍNCIPES EM DAMASCO
CAPÍTULO III
ADONAI E O BISPO
CAPÍTULO IV
COISAS INCRÍVEIS PORÉM CERTAS
CAPÍTULO V
ENTRE OS DERVIXES
CAPÍTULO VI
A VIRTUDE EGOÍSTA
CAPÍTULO VII
CONSELHOS
CAPÍTULO VIII
INTERROGATÓRIO
CAPÍTULO IX
UMA CHAMADA URGENTE
CAPÍTULO X
COM O ALÉM
CAPÍTULO XI
NOS PROSTÍBULOS
CAPÍTULO XII
UMA MULHER ADORMECIDA DÁ A LUZ
CAPÍTULO XIII
MARIA MADALENA
CAPÍTULO XIV
UM DISCURSO PROFÉTICO
CAPÍTULO XV
ÚLTIMOS CONSELHOS E ÚLTIMO ALENTO
CAPÍTULO XVI
A RECOMPENSA DA VERDADE EM POLÍTICA
CAPÍTULO XVII
ASSIM É A VIDA
EPÍLOGO

PRÓLOGO

Certa manhã, meu pai, entregando-me alguns cadernos manuscritos, disse: Jorge, tens que copiar isto à máquina.” Devo confessar que, nessa ocasião só pensei na renda que me poderia advir do meu trabalho. Para mim era uma ocupação como outra qualquer e não pensei sequer no valor que poderia ter a obra, mas tão somente na oportunidade que se apresentava para preencher minhas horas vagas e no proveito que traria a minha bolsa de estudante, quase sempre vazia.

Pus-me logo a trabalhar. Porém, dia a dia, enquanto meus dedos executavam sobre o teclado da máquina a monótona sinfonia dos tipos, fui compreendendo que este era um trabalho diferente. A medida que prosseguia, fui encontrando páginas luminosas que muito me interessavam. Via em cada linha e no fundo da própria obra, características que nem sempre havia encontrado nos livros escritos por autores, cujos nomes brilham como estrelas de primeira grandeza no firmamento da literatura universal.

A primeira parte nos apresenta um tema que se desenvolve num plano quase que inteiramente romântico. Foi então que comecei a tomar interesse pelo que escrevia. Várias paixões, que se desencadeavam no seio dos personagens, me atraíam; as palavras e as linhas formavam o fundo de um quadro de larga superfície, que apresentam páginas vivas da vida social. Comecei, assim a perceber o que até então só tinha visto pela metade: - a tragédia de um povo, em que o dinheiro, como em todas as outras partes do mundo, era a máxima autoridade; a desdita dos deserdados; o delito de ser pobre; o poderio da aristocracia e o servilismo dos representantes da religião.

Cheio de entusiasmo, acerquei-me, então, de meu pai e lhe disse: - Há em tua obra uma frase melhor que tudo o que escreveste, uma frase pela qual trocaria o resto da tua novela: “O proprietário ata as mãos dos trabalhadores, enquanto o sacerdote lhes esvazia bolsos”!'

Prosseguindo, chego à descrição dos costumes do Oriente, em que se misturam a grandiosidade e a pompa das "Mil e Uma Noites”. A dor e a dureza férrea dos costumes, sem atenuação possível; a vontade paterna como lei universal; os

matrimônios de conveniência, em que o monstruoso e vil metal pisa os corações e sufoca os sentimentos.

As uniões impostas; a mancha e a culpa da honra perdida, em um meio em que uma velha e descabida ética social e sexual levava o agravo até o túmulo.

E assim, sem sentir, quando menos esperava, cheguei à segunda parte. Aqui se mesclam, pela primeira vez ha obra, o romance e a filosofia. Em caravanas, lenta e suavemente, desfilam povos, raças, costumes, filosofias, mitologias e ritos...

Devo assinalar aqui, para edificação de muitos, que sempre tive sérias discussões com meu pai sobre nossas crenças religiosas. Porém, sem falar de escolas, há em "Adonai" uma mistura de religiões e ideias místicas: mações, católicos, judeus, drusos, maronitas, ortodoxos, etc., desfilam, deixando cada um os traços da sua passagem, como as pegadas deixadas pelos passos de qualquer caminheiro.

Não se descobre na obra o desejo de cimentar uma doutrina, nem o esforço de ganhar adeptos para a mesma, não se sabendo, portanto, que escola o autor defende. Ele nos apresenta rituais e deuses, porém não insinua qual deles está mais próximo da verdade. (Esqueci-me de perguntar isto a meu pai, porém recordo-me de ter escrito esta frase: "Não há religiões absolutamente falsas nem absolutamente verdadeiras." Todas são ramos de um mesmo tronco, porém usam uma roupagem diferente, conforme o tempo e as raças. Procurar ganhar adeptos para uma doutrina religiosa é o mesmo que pretender que as células hepáticas funcionem como células nervosas. Por este motivo, julguei inútil fazer perguntas.)

Juntamente com este quadro das religiões do Oriente, com matizes mais ou menos claros, a história e a geografia aparecem como fundamentos da obra.

Devo advertir, de antemão, que sou bastante Racionalista; creio nos profundos mistérios às vezes ocasionalmente. Não obstante, ao ler e escrever as palavras de Aristóteles, o Hierofante, ao olvidar o mundo exterior e viver, os suplícios e temores da iniciação, no Colégio dos Magos, senti a mesma sensação que em outras ocasiões, quando sentia pesadelos em sonho.

Estou certo de que, se for outra a impressão causada nos leitores por tais passagens, pelo menos a descrição, em si mesma, não poderá passar despercebida.

Exerce um místico atrativo a vida misteriosa e quase fantástica do Mestre; uma vida que contém um mistério desconhecido. Uma vida que, ao ser contemplada juntamente com a de Adonai, deixa em nós uma melancolia cheia de mistério, sem sabermos a razão, tal como a impressão produzida em nós pelas noites de luar, que nos enchem a alma de poesia e tristeza sem podermos explicar o motivo.

Nesta obra, essencialmente humana, o amor vai se desenvolvendo no correr dos dias, com a tragédia de um amor que alia o trágico ao sublime, e reconhece com tristeza sua impossibilidade. (Eu não disse isto ao autor, porém vária noite esteve pensando nas manobras caprichosas do Destino, inexplicáveis para a grande maioria dos homens.)

Chego, afinal, à terceira parte, em que a política se insinua nos interstícios da obra; a hecatombe de 1914 se reproduz, não mais na velha Europa, mas sim no Oriente. A diplomacia move os homens como bonecos nos teatros da Ásia e da África. Os erros dos que não são maquiavélicos, a desilusão geral, fazem supor que o mundo nada mais é que uma esfera de podridão e lodo, e a vida, em parte alguma, merece ser vivida.

Além de tudo, para completar o quadro sombrio da situação reinante, paira sobre todos os espíritos a máxima ascética de que todos devem ser crucificados.

Ao ler "Adonai", recordei-me, sem querer, de "Os Irmãos Karamazov", de Dostoievsky. Digo isto com sinceridade, sem louvor nem parcialidade filia. Julgo acertada a comparação pela profundeza psicológica, pela austeridade dos personagens, a variedade das cenas e, principalmente, por esse manto sombrio e triste que envolve todas as linhas, comunicando lhes um caráter doloroso e profundamente melancólico.

"Adonai" é uma obra essencialmente trágica, embora salpicadas de algumas 'gotas de humorismo; porém, esse humorismo é quase ridículo e contraditório, podendo ser comparado a anedotas contadas numa câmara mortuária, para dissipar a dor dos presentes.

"Adonai", é trágica; porque é profundamente humana, tal qual a obra do grande escritor russo. Esta obra encerra cenas , reais da vida diária, cujo desenrolar nos permite contemplar o mundo. Um mundo limitado, é verdade, pela região e o tempo, porém novo para nós, pois não o conhecíamos de perto... Iludidas,

prostitutas, mulheres que despertam para o amor, bem como as que envelheceram nele, curas, homens que fazem da religião um comércio, semisselvagens, guerreiros, políticos, aristocratas, reis, pobres, ricos, ascetas mas, apaixonados, diplomatas; sociedades secretas que influenciam a política e a vida social dos povos; massas e turbas enlouquecidas e fanáticas; homens que impõem sua vontade e outros que se submetem... Sobre todos domina a profunda dor, com todo o cortejo das misérias humanas da vida. Tais são os personagens de "Adonai"

Que há mais, no mundo, além disto? Haverá qualquer coisa ainda que não esteja incluída neste quadro?

Até a bondade e a nobreza, tão raras na terra, encontramos também aqui, embora, em poucos homens. Em todos os tempos, as lutas sociais, religiosas, políticas e econômicas foram as características do mundo.

Comparando-a com diversos livros que tenho lido, acho que esta obra não tem feição de novela, pois descreve um ciclo da vida humana. São fragmentos que vieram à luz, das profundezas da mente; são recordações reunidas numa desvão da memória.

Nietzsche, filósofo alemão, dizia: "Nunca lerei as obras de escritores cujo intento tenha sido escrever um livro; mas sim as daqueles cujos pensamentos, por si mesmos, tenham formado um livro."

Tal é "Adonai": um grupo de memórias e pensamentos lançados, às vezes ao acaso, outras vezes em ordem, para formarem um todo.

Creio que a obra tenha outro valor além do literário, pois contém algo novo, seja a descrição de rincões que não conhecemos ou as narrativas históricas, q a história esqueceu, talvez porque constituem enredos políticos de países que não são potências... E se o leitor nada disso encontrar, ao menos não deixará de apreciar as deduções que decorrem da obra; esse evangelho de paz e moral, de bem e justiça, de cosmopolitismo e união, que se desprende de suas páginas, como colunas de fumaça dos destroços e escombros de um incêndio.

Para mim, "Adonai” nada mais é, em síntese, que uma voz que luta para se fazer ouvir, no meio da guerra das almas, não como um sermão religioso, mas sim como um cáustico para os profanadores da religião e como um carinhoso apelo para os que creem sinceramente.

Afirmando que não “há religião mais elevada que a Verdade”, o autor se coloca acima das controvérsias, demonstrando, assim um espirito maduro, dotado de aguda penetração.

Falei-lhe sobre a obra e ele não quis que outro escrevesse o prólogo. Eu o escrevi e me alegro com isso, porque, não tendo compromissos a respeitar, posso ser imparcial.

Muito poderia dizer que de “Adonai”, porém limito-me unicamente a declarar que há neste livro alguma coisa para cada um dos leitores que souber ler, e com isso creio ter dito tudo.

Mais uma vez declaro que o meu entusiasmo pela obra não é por se tratar de meu pai, mas sim porque minha consciência me obriga a ser sincero, quer se trate dele ou de um estranho. Além disso, estou convencido de que a obra de arte é sempre subconsciente, cabendo, portanto, ao autor um mérito bem pequeno.

Por isso, não o felicito, porém me alegro por terem acontecido os fatos que ele relata, porque deixariam no fundo do seu espírito a dolorosa impressão que agora vem à luz, sob a forma de uma no ela. E muito mais n1c nlegra1n se do inundo desaparecerem as cores das bandeiras, ficando somente a cor branca da paz e da justiça... PAZ JUSTIÇA e ELEVAÇÃO é a trilogia que nos ensina "Adonai".

É possível que a minha apreciação seja errônea , porém de qualquer forma, recomendo a leitura desta obra, a fim de que cada um possa formular o seu juízo.

Como obra humana que é, "Adonai" contém erros, porém encerra também verdades, virtudes e belezas.

O erro sempre acompanha a humanidade e eu prefiro a obra e meu pai, humana, e, portanto, falha, a um trabalho austero e sério porque está mais de acordo com a nossa natureza humana.

JORGE E. ADOUUM (h.)

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

LÍBANO

Que é o Líbano?

Seguramente, querido leitor, me responderás que é um país montanhoso da Ásia Menor, famoso por seus cedros, e limitado a Oeste pelo Mediterrâneo, ao Sul pela Palestina, ao Norte pelo território dos Alanitos, a Leste pela Síria. Tem uma superfície de 10.860 quilômetros quadrados, ocupada por 1.000.000 de habitantes, cuja capital é Beirute porém , o magnífico e eterno Líbano não se define com um critério gráfico; não são suficientes dados sobre situação e território, quando se trata de definir o lugar mais formoso do mundo, tão celebrado pela sagrada Escritura.

O Líbano não desapareceu, como crêem alguns, com os profetas Davi e Salomão, nem é somente o nome de uma montanha e um país. É uma palavra poética que encerra, em suas letras, um suave murmúrio. Líbano é um sentimento na alma, um desejo no coração e um pensamento na mente. Seu céu é límpido e o borbulhar das suas águas cristalinas são urna alusão à eternidade e uma fonte de amor, beleza inspiração. Seus vetustos e nodosos picos nos inclinam ao respeito; campinas verdes nos falam de mocidade, alegria e prazer .

O cedro - emblema da eternidade - é uma decoração, um corno colocado pela Natureza no seio do Líbano, cuja majestade do poder dissolvente dos séculos não ousou atacar. No inverno chora suas lágrimas são transformadas em perfumadas pérolas, com que ataviam e ornam os campos do Líbano.

A Primavera, essa deusa invisível, como a pintou o maravilhoso árabe Gibran Kalil Gibran, percorre o mundo com a velocidade de caminheiro, mas ao chegar ao Líbano se detém, para descansar e se entreter com os deuses que perambulam por aquela magnífica região.

Esquece, então, sua viagem e permanece ali quase até o fim do verão; porém quando sente a carícia do vento úmido do outono, desperta do doce e pacífico devaneio que lhe inspirou o Líbano e recomeça sua interrompida viagem. Ao

afastar-se, cada vez mais, olha de quando em vez para trás, como uma namorada que deixou o seu amado.

O verão no Líbano sacia os corpos famintos com seus frutos —únicos restos da terra prometida — e o outono embriaga as almas com o vinho do amor. Em suas noites, as brisas reproduzem os cânticos de Salomão e os acordes da cítara de Davi, aos ouvidos dos namorados e poetas, pois o Líbano é a pátria do amor e da poesia .

Raia o dia, que dissipa do coração a melancólica poesia da noite, restituindo à vida sua vivacidade e alegria, como o sorriso da mulher amada .

O Líbano e o mar são dois namorados que vêem passar os séculos, brincando e se acariciando, despreocupados e felizes. O mar impele do horizonte as ondas para mesclar a prata da sua espuma com o ouro das areias do Líbano, cobrindo assim, com seu manto prateado, a cabe leira áurea de seu namorado, num amoroso amplexo. Suas ondas, em seu fluxo, o abraçam e no refluxo - dolorosa ausência para os que se amam - estreita seus pés como última carícia e final protesto.

O Líbano é a inspiração de poetas, músicos e pintores, é o paraíso perdido, no mundo.

CAPÍTULO II

COSTUMES LIBANESES

Neste capítulo, não censuro nem aprovo. Cabe ao leitor, depois de ler esta narrativa, escrita por um historiador imparcial, julgar e dar parecer. Não importa a mim qualquer juízo a meu respeito, pois, ao escrever esta obra, não o fiz com o propósito de alcançar glória literária, mas tão somente para satisfazer o desejo de relatar uma história de que fui testemunha. Portanto, este capítulo é um segundo prólogo, em que se projeta a sombra dos fatos que virão depois.

A vida dos libaneses é uma cópia da existência dos patriarcas que desfilam pela Bíblia. A palavra do pai é uma lei e a vontade do primogênito é sempre respeitada. Com a notícia do nascimento de um varão alegra-se o libanês; porém, quando se trata de uma mulher, toda a família é presa de profunda tristeza. Talvez seja esse fato o reflexo de uma recordação, uma herança, gravada no subconsciente, oriunda dos antigos árabes, que enterravam vivas suas filhas, tão logo seus olhos inocentes se abriam à luz da existência, para evitar que a família e a tribo se manchassem com sua desonra.

Contudo, apesar do seu desejo que o ser que se forma no ventre da esposa seja varão, sabe amá-lo também quando é mulher, em virtude do milenário costume de amar esse ser sublime que nos abre as portas da vida.

O libanês é inteligente e perspicaz e sua língua o torna apto para aprender outros idiomas, com facilidade e em pouco tempo. Ama a mulher e a considera, senão como sua igual, pelo menos como um ser frágil, que requer sua estima e proteção. Ambos executam os mesmos trabalhos e ambos são generosos.

Excetuando as cidades marítimas, que são frequentadas por maior número de viajantes e estrangeiros, no Líbano não há hotéis. Cada casa um lar para quem não o possui, e esse generoso sentimento de auxílio mútuo encerra o de privação, pois a mãe e seus filhos se privam de qualquer manjar caro, para poderem oferecê-lo a seus hóspedes, que permanecem, assim, vários dias sob o amparo da hospitalidade, sem cuidados ou preocupações pela sua subsistência.

No Líbano também não existe a mendicância, tendo desaparecido completamente do cenário da vida social esses atores da miséria. Nas ruas das diversas cidades do país, não se contemplam rostos famintos e corpos cobertos de farrapos.

A fome e o frio não perturbam a felicidade do país, e se vier um mendigo de fora, um homem de outras regiões, que viva da caridade e, será tão bem recebido como qualquer pessoa libanesa.

Certa vez perguntaram a Restom Baja, ex-comissário no Líbano: “Que tal é o Líbano?". Ele respondeu: "Se afastássemos as cabras e o clero seria um paraíso."

Apesar de o libanês adorar sua liberdade, notamos sempre entre o povo a eterna escravidão: o pobre é escravo do rico; o poderoso está sujeito ao governante e este obedece cegamente ao sacerdote, que se diz o servidor de Deus na terra.

Que tédio deveria sentir Deus com tais servidores e escravos, se a Mente Divina pudesse abrigar um tal sentimento!

O libanês ordena ou proíbe o matrimônio de seus filhos; o pai escolhe aquela que será a esposa de seu filho e a filha se casa com o eleito da família.

Entretanto, apesar de haver muitos casamentos infelizes, é raro que o marido seja infiel à esposa, e muito mais raro ainda é a infidelidade da mulher. Se esta perder sua honra, os castigos que cairão sobre ela poderão culminar com a morte.

Se o habitante do Líbano for ofendido, ou mesmo esbofeteado, pode olvidar a ofensa e perdoar a bofetada; porém, quando se trata de seu nome e sua honra, nem mesmo o rei escapará à sua ira. Sua religião é a vingança; porém, se chegar a perdoar, perdoa e esquece, sem guardar ressentimento.

O libanês possui forte espírito de imitação e se amolda com facilidade às características do mais forte.

Cada um se sente capaz de tudo, embora não seja capaz de nada. Por esse convencimento do seu valor, nunca está de acordo com seus semelhantes; sempre estão em luta seus ideais e caracteres, o que fez dizer um escritor: "Os libaneses combinaram estar, sempre em desacordo."

Todo libanês tem algo de poeta, pois a poesia do panorama e do seu gênero de

vida se projetam sobre o seu espírito. Com razão dizia o Dr. Filip Hatti: "Diante das cataratas do Niagara, o libanês pensaria como cantá-las em versos, enquanto o americano pensaria como, explorá-las."

Estas são as características dos habitantes deste país, às quais se amoldam os sírios em geral.

CAPÍTULO III

COISAS DE TODOS OS DIAS

Os habitantes da cidade, da metrópole populosa, se esquecem da vida formosa e simples dos provincianos. Ignoram a vida dos pequenos centros, enflorescidos na primavera, atarefados com o plantio no verão; no outono brindando a policromia e o alvoroço das colheitas, e finalmente repousando, na calma nostálgica do inverno. Nada sabem os citadinos da vida simples dos homens da aldeia, para quem a Mãe Natureza se apresenta menor e mais dadivosa, pois o infante requer mais carinho que o adulto.

O homem da cidade é mais rico que o da província, porém este é mais digno. O primeiro é escravo da ambição e o segundo é filho do desinteresse. Aquele vive uma vida mesclada de temor e tédio, este a bebe límpida e pura, com tranquilidade e alegria.

A razão dessa diferença é porque entre a gente simples da aldeia não chegaram ainda os tentáculos do capitalismo absorvente, que faz do homem uma peça de máquina, e os agitadores políticos, que perturbam a paz das consciências.

* * *

Chegou a calma da noite. Apagaram-se as luzes das casas de N..., uma aldeia libanesa de cerca de 200 habitantes. O firmamento se engalanou com o cortejo da Lua, rainha da noite, que deixou cair seu manto argênteo sobre as oliveiras e amoreiras, olhando orgulhosa as nevadas montanhas e os povos vizinhos, que recostavam suas cabeças no cimo de outras colinas mais longínquas.

Era uma noite da primavera do ano de 1918.

Naquela hora cheia de calma feiticeira, um indivíduo apareceu junto ao tronco de uma oliveira, e logo começou a andar cautelosamente, com o fim evidente de ocultar a sua presença, como o ladrão ou o assassino se esconde, na sombra, para consumar o seu delito. Seu rosto era uma sombra completa inteiramente invisível sob a aba do seu chapéu. Semelhante a um réptil, deslizava entre as árvores e, pouco a pouco, vagarosamente, foi se aproximando de uma residência; arrojou

de sua mão algo que, ao chocar-se contra o solo, feriu debilmente o profundo silêncio da noite.

Ao sinal convencionado, o eterno e romântico sinal que os profanos não podem conhecer, abriu-se uma janela da mansão e apareceu uma cabeça humana, cujos contornos indecisos eram apenas uma sombra na escuridão da noite.

Como um murmúrio, mais débil que o sopro suave da brisa, agindo levemente a folhagem, ouviu-se uma palavra:

—Querido!

Era uma mulher. Sua voz apagada se perdia na imensidade do silêncio e da noite.

—Amada!

E o feliz namorado correu para ela, com a loucura própria de um coração apaixonado, e as sombras envolveram os dois seres, que mutuamente se enlaçaram em seus braços, unindo seus corações palpitantes de emoção e de amor.

—Querido! —Amada!

Quem pôde jamais compreender o mistério que essas palavras encerram? Nem a proverbial sabedoria de Salomão, vertida nos Cânticos, pôde explicar sua significação. Querido e amada são duas pessoas sublimes que engendram uma terceira mais sublime ainda: o amor.

Porém, que é o amor? Quem pode compreendê-lo? Conhecemos do amor, como da eletricidade, apenas seus efeitos, mas não a sua essência. O amor transforma o sonho da juventude numa perpétua vigília, num acordar mais agradável que a ilusão longínqua e utópica dos sonhos.

O amor solta a língua, abre as pálpebras e afina a garganta. É a lua que brota da nossa alma para iluminar mil mundos etéreos, imateriais. É um sopro que se agita no espírito, como a ideia majestosa na mente do poeta e as harmonias da música nos acordes do artista. O amor é um céu de liberdade, onde não chegam as mentiras convencionais das leis humanas, porque o amor é a única lei nessas paragens paradisíacas da alma imortal.

O amor joga caprichosamente com o coração humano, ora contraindo-o e reduzindo-o a desespero, ora dilatando-o e elevando-o ao infinito.

Deus emanou a matéria dos mundos, a primeira matéria, a massa ígnea; dessa massa plasmou as formas, insuflando-lhes a vida. Como expressão mais elevada da forma e mais sublime da vida, criou o homem, a quem disse: "Ama-me!" - e aí se deteve em sua criação.

E Deus se ocultou, então, na imensidade do Caos, pois o ser que Ele acabava de criar deveria servir de linha entre o Criador e a Criação. E essa linha sutil, estendida entre o céu e a terra, é o amor.

Os namorados se abraçaram calados, porque o amor fala em silêncio, com o idioma do beijo. Que língua existe mais vasta, mais eloquente e mais sublime que a do beijo? Os homens ignoram a significação dessa linguagem, a vulgarizam e a prostituem, como um profano vulgariza e prostitui a beleza da música. Beija o sol sua filha, a terra, e esse beijo é a vida; o beijo da mãe é infinita ternura; o do filho, gratidão; e o dos esposos, carinho . Porém, esta não é a verdadeira essência do beijo, que, em seu simbolismo máximo, em sua essência suprema, só se encontra nos lábios dos namorados. Então é algo que se escapa, rebelde às palavras, o beijo puro, quintessendado, cuja essência é ignota, incognoscível. . .

* * *

—Que aconteceu hoje, querida? - perguntou o jovem à sua namorada.

—Ah! Nada, amor. Meu pai continua ainda inflexível.

O jovem suspirou profundamente e ela continuou:

—Meu pai ameaçou expulsar-me de casa se ouvir falar de novo do que ele chama "a nossa aventura".

Fez-se profundo silêncio.

Falou depois o moço, levantando seu olhar nostálgico para a grandiosidade do firmamento:

—Deus meu, até quando?... Nosso amor nos fará alvo de todas as burlas,

conduzindo todos os nossos honestos desejos à reputação de uma baixeza?! . . . Deus meu, o coração humano é a porta de entrada para o paraíso da vida. Por que, então, não criaste a igualdade entre os corações? Este solo, em que as flores são sufocadas pelos espinhos, não é digno de ser habitado. . . Vem, ó morte, só tu és carinhosa e compassiva! A eternidade é mais digna do encontro dos namorados que este miserável mundo. . . Vem, morte, amiga dos namorados infelizes!

Ela colocou carinhosamente sua mão espalmada na boca do jovem, dizendo:

—Cala-te, homem de pouca fé! Sabe que aquele que deseja a morte para encontrar nela o repouso, nunca descansará depois de morto. . . Sublime valor o teu, que se abate com a primeira tempestade e não é capaz de levantar-se! A teia que tecem as aranhas é mais resistente que teu ânimo... Olvidemos a morte e ocupemo-nos dos sucessos da vida! . . . Dize-me, foste ao sacerdote?

—Sim - respondeu ele, com voz saturada de blasfêmia.

—Que te disse ele?

—Que me disse?... Sabes, querida, o que significa "fugir do fogo para cair nas brasas"? Pois foi justamente isso que experimentei. . . Que podemos esperar, minha doce amada, de um sacerdote que é capaz até de vender sua alma para comprar a amizade dos ricos e poderosos? Que se pode esperar daqueles que se opõem ao povo, ó minha amada? Ignoras tu que o clero e o capitalismo se aliam contra os pobres e humildes? Os corpos dos pobres constroem os palácios dos ricos, e os espólios dos fiéis, submetidos por seu fanatismo, edificam os templos dos sacerdotes. O rico ata as mãos do lavrador e do camponês, enquanto o sacerdote esvazia seus bolsos... Assim, querida, entre os representantes da força e da religião, se comprimem os corpos e as almas. E o Líbano será sempre um montão de bagaços humanos, até que cada homem seja rico pela sabedoria e cada mulher uma sacerdotisa da liberdade.

—Querido, tudo isso é belo e real. . . Porém, não me informaste ainda o que disseste ao sacerdote e qual foi a sua resposta ...

—Pedi uma audiência secreta e, depois de fazê-lo jurar que guardaria segredo sobre as minhas palavras, disse-lhe: "Padre, quero casar-me!" Ele sorriu, como sorri o trabalhador que vai receber o seu salário. Dissimulou a sua indiferença com a ternura de um pai e disse: "Muito bem pensado, meu filho", e continuou:

"Quem é esta feliz mulher que escolheu para esposo o nosso eloquente advogado e inspirado poeta?" Calei-me por um momento e, pesando cuidadosamente as minhas palavras, disse: "Padre, quero fazer-lhe algumas perguntas." - "Com muito gosto, filho.... Nosso Senhor Jesus Cristo escolheu-me para pastor das almas e médico dos espíritos, e maldito seja o médico que ocultar o remédio ao paciente." Então lhe disse: "Padre, Nosso Senhor Jesus Cristo proibiu o matrimônio da rica com o pobre ou da nobre com o humilde? Acaso os avós dos ricos foram feitos e formados com prata e os dos pobres com limo da terra?... Padre, amo Maria, filha de José Bey Harkuch. A vós, Padre, eu peço que abençoeis a nossa união; eu vos suplico unir-nos secretamente ... Ela me ama e eu a amo; por que, então, os homens impedem a nossa união? . .." Espantado, como se o espectro da morte se apresentasse diante de seus olhos, ele deu um salto, como se avistasse uma víbora. "Que dizes?" - gritou. "Deus meu! Queres casar-te secretamente com Maria? E queres que seja eu o oficiante? . . . Homem, tu desejas a minha ruína, minha condenação, minha excomunhão .. .” - Não o deixei terminar. - "Sim, sim", disse eu, "quero derramar sobre a vossa cabeça a cólera do céu e abrir as portas do inferno para tragar-vos ..." E dizendo isto, saí, enraivecido como um cão hidrófobo, deixando o sacerdote mais perplexo e mal humorado do que se tivesse tido um encontro com o príncipe das trevas. Eu estava colérico e fora de mim . São assim os servidores de Cristo, em nosso país? Acaso nos obriga Cristo a obedecer e seguir um tal ministro? Pode ser este pastor destinado a procurar as ovelhas desgarradas? Pode ser este o representante de Deus na terra?. . . Ah! Querido Líbano! Possui em abundância a luz do sol, porém não possuis ainda a luz da sabedoria! Até quando permanecerá nosso coração no obscurantismo e nas trevas, preso entre as garras do sacerdote, e nosso corpo sob o tacão do rico? Nossos avós legaram aos conventos a terça parte de suas propriedades para a fundação de escolas e hospitais. E nada se fez, nada se construiu; tudo do foi um engano, uma exploração... Judas vendeu Cristo uma única vez e preferiu a forca ao remorso. Porém, esta classe de sacerdotes vendem-se todos os dias e sem arrependimento algum....Que perderia este sacerdote, unindo-nos secretamente? Por que teme a excomunhão do bispo? Por que teme teu pai e não teme Cristo? Ao padre João não importa os nossos sentimentos e a nossa felicidade.

Sem interromper a corrente dos seus pensamentos, deixou Maria que seu namorado falasse. Às vezes sorria, outras vezes passava pelo seu semblante uma sombra de tristeza; porém, quando ele terminou, tomou ela a palavra e disse:

—Paciência, meu amor! Deus está acima de tudo e de todos ...

Já te disse e repetirei sempre: "Sou tua até a morte." Além disso, e nos importa o sacerdote?. . . Deus está lendo em nossos corações e não pode expulsar-nos do paraíso do amor. Detenhamo-nos diante da tempestade para que não nos separe este oceano revolto. Se o mar da vida nos separar, restar-nos-á sempre a esperança de reunirmo-nos nas tranquilas e eternas plagas do Espírito. Quero que esperes até o fim. Quero que sejas revelação para meu espírito, luz para meus olhos e harmonia celestial para os meus ouvidos. Quero que sejas o abrigo que me resguarde dos golpes da vida . . . Há pouco pedias a morte e tive ímpeto de dizer-te: "Não és digno de mim, porque és filho da morte e eu sou filha da vida." Tu não ignoras que a vida e seus prazeres não nos são dados gratuitamente. Em verdade, eu te digo: Se desde o princípio tivéssemos obtido o consentimento dos nossos pais, nosso amor teria esfriado, porque o proibido é sempre desejado, justamente porque é a luta que nos une e unidos seguiremos até vencermos.

Diante de tal otimismo, sorriu amargamente o jovem e perguntou:

—Estás segura de vencer?

—Sim. Estou certa da vitória, porque tenho confiança em mim. Quisera que o padre João conhecesse o que é amor, porque o homem que não ama, não pode compreender e aliviar as dores dos infelizes.

Não devemos, contudo, condená-lo, porque não se pode pedir sabedoria ao ignorante, assim como não podemos pedir ao sol que brilhe no meio da noite.

* * *

Agora, uma luz suave vinha ocupar o lugar que a noite deixara vazio. Era a aurora, que cruelmente obriga os namorados a se despedirem, trazendo consigo o beijo da separação.

—Doce amada, - murmurou ele, - chega a aurora.

—Sim, -respondeu ela, - a aurora nos separa, porém a noite nos reunirá.

E urna tênue claridade iluminou o beijo de duas almas enamoradas.

CAPÍTULO IV

EXTREMOS

A aurora da primavera na Síria é sinônima de alegria, de esplendor e de luz. É ilusão para os poetas e ambição para os pintores, cuja imaginação aviva com o seu colorido multicor. Quem não conhece a aurora do Líbano não pode fazer uma ideia da beleza e grandiosidade desse majestoso espetáculo que nos oferece a natureza naquela região privilegiada, onde tudo convida à poesia e ao amor.

Os dois namorados se separaram com um beijo e Maria ficou só, contemplando a luz da manhã que vinha brilhando sobre os picos dos montes. Aspirou o aroma das brisas perfumadas e, encantada com a formosura da Natureza, sentiu sua alma inundar-se de novas esperanças e novos anelos.

Ao contemplar Maria, naquele momento, encerrada entre os portais da janela, dir-se-ia, repetindo as palavras do poeta: "É um sol que sai de sua prisão entre as nuvens ou uma rosa tecida de luz e de ouro."

A luz do novo dia, refletindo-se no rosto da jovem, que contava apenas 20 primaveras, formava um quadro magnífico, digno do pincel de Miguel Ângelo ou Rafael. O semblante apresentava a beleza e a doçura, reflexos de sua alma angélica e pura. Seus olhos, mirando melancolicamente o infinito, fundiam a luz mística do espírito com a luz dourada da aurora, comunicando a seu rosto um halo de fascinação e encantamento. Maria era a encarnação da beleza da mulher do Líbano; sua boca exalava o perfume das flores, seu olhar traduzia a sua simplicidade e seu sorriso o pudor.

* * *

Os pensamentos e anelos da moça se dirigiam para um único objeto: a liberdade. Pensava em sua independência, a deusa que havia escrito em sua alma, com letras de fogo, a palavra mágica, que sus- citou o grito de rebelião, contra costumes milenários. E Maria sentiu-se capaz de lutar pela sua própria liberdade e de suas irmãs de raça.

* * *

Os pássaros pousavam sobre os ramos das copa das árvores, para entoarem seu hino à liberdade e à vida, e, ao longe, a voz metálica de um sino chamava para a oração.

Extasiada, Maria esperava os raios dourados que banhavam as cristas nevadas do Monte Sanin.

O vento começava a agitar as flores e uma brisa indiscreta acariciou, com seu sopro gelado, os seios da jovem. Maria voltou à realidade, como se despertasse de um sonho e, percorrendo com o olhar o panorama do amanhecer, exclamou:

- Bendita sois, ó aurora! Como são felizes os que se embriagam com a tua beleza e tranquilidade e como seria divinamente formosa a existência se fosse uma alvorada sem fim!

E levantando o olhar, orou silenciosamente:

– "Deus meu: Tu semeaste em nossos corações a semente dos desejos. Estas sementes cresceram e se desenvolveram, e agora, o amor e a liberdade vivem, como prisioneiros, em nossa alma, porém desejam· libertar-se de sua prisão. Não nos castigues, Senhor, se rompermos as nossas cadeias."

Pensando na sua situação e de todas as mulheres de sua pátria, suspirou:

- "O' Liberdade!... Como é infeliz a mulher oriental, que se vê escravizada a um homem a quem não ama e que, em lugar de sorver o néctar do amor, que Deus derramou em cada alma, bebe as lágrimas dos seus próprios olhos!"

Era já dia e Maria começou a vestir-se.

* * *

Há na vida uma mão divina ou satânica que ata ou desata homens. Une os adversários, fazendo brotar em seus corações o amor e quando dois seres se fundem em um só, pela força unificadora do amor, essa mão brutal os separa.

Vemos corações baixos aliados com corações nobres; seres de nobres caracteres unidos a criaturas desprezíveis.

Entre José Bey Harkuch e sua filha Maria, dotados pela natureza de caracteres

opostos, existiam diferenças profundas. Porém, quando esses dois seres se encontravam, a contradição se dissipava, porque os defeitos de um tornavam um aspecto lisonjeiro para o outro. (O homem sempre se alegra quando encontra seus defeitos em outro homem. Só nisso não é egoísta. Desgraça de muitos, consolo de todos.)

José Bey Harkuch possuía uma constituição rija, apesar dos seus 65 anos. Orgulhoso em sua ignorância. O lábio inferior caído patenteava a dureza do seu coração. Talhe sempre ereto, sua palavra era lei e essa lei se unificava em seus desejos, ideias e ações. Adorava Maria. Já sua vida brincava de cabra-cega com os anos que passavam. E o amor a sua filha - a única dentre a sua prole que a morte não arrebatou - o vivificava e rejuvenescia.

Como depositava em Maria todas as suas ilusões de velho, buscava para ela um jovem nobre e rico.

Um dia, o Emir Said Mahni falou assim, ao pai de Maria: - José Bey, queres dar-me tua filha para o meu filho? Bey respondeu:

- A filha e o pai estão à disposição de sua Alteza. Desde então sonhava com esse casamento.

O filho do Emir conheceu a filha de José Bey e achou-a atraente e interessante. Porém, Maria só viu nele um folgazão, que faz alarde de sua estirpe, de sua nobreza e de sua fortuna. Sua melhor qualidade era torcer os bigodes. Assim, ao lado dele, Maria apresentava o espetáculo de uma flor num lamaçal. Não importava a ela que fosse príncipe, porque seu amor era Rei.

* * *

José Bey Harkuch era adorador do bezerro de ouro. Como o Evangelho disse: "Não adorarás o Senhor e o dinheiro", ele decidiu-se pelo último. (Se o Emir Said não fosse rico, mas sim pobre, jamais teria pensado em consentir na união de sua filha com o filho do Emir.)

Aos olhos de Maria, o dinheiro nada significava, porque não era adepta da religião do ouro. Para ela, a única lei válida eram os de seu coração, e a ela obedecia, quer se opusessem ou não os ricos. Portanto, não podia consentir que seu corpo, delicado e puro,. Fosse dado como repasto a um corvo impuro. Ela jamais concordaria em ligar sua alma celestial, por meio de um matrimonio

ligado a um ser que só tinha a seu favor o dinheiro e o nome. .Maria havia edificado em sua mente sua própria filosofia e não aderia à religião como rebanho de fiéis, porém a interpretava segundo seu próprio critério cumpria o quarto mandamento: "Honrarás pai e mãe", mas não ia ao ponto de obedecer-lhes cegamente, uma vez que essa obediência a conduzisse à desgraça.

Essa era, para ela, a lei divina, e pouco lhe importavam as falsas legislações humanas. Só obedecia à sua consciência e os ditames do seu coração, seu único guia na senda ilusória e, às vezes tenebrosa, da vida.

* * *

João Bakal, o namorado de Maria, ouviu dos lábios de seu pai as seguintes palavras:

- Meu filho a vida não me conta mais entre seus filhos, pois eu já pertenço mais à morte. Trabalhei durante toda, a minha vida para deixar-te uma herança grandiosa, porém a sorte me foi adversa. Hoje meditei longamente sobre o teu futuro, pelo qual terás que lutar. Compreendi que as riquezas não farão a tua felicidade. Milhões e milhões se perdem em poucos segundos, fortunas imensas se desmoronam como os castelos de areia que as crianças constroem na praia. Assim a melhor herança que posso deixar para ti é a ciência. A riqueza intelectual, meu filho é um tesouro que não se perde nem se esgota nunca. Com ela chegarás a governar e terás em ti mesmo as chaves que te abrirão as portas do poder. Se fores pobre, ela te ensinará a viver e te colocará em condições de desafiar os golpes do Destino, pois os fanáticos da religião e do dinheiro não lograrão escravizar-te... Este ano irás cursar a Universidade Jesuíta de Beirute, onde te consagrarás aos estudos, até obteres o teu diploma de médico, advogado ou engenheiro. Não te preocupes com dinheiro, pois e saberei consegui-lo de qualquer maneira e, se necessário for, lançarei mão, para custear a tua educação, da herança que me legaram os meus antepassados...

João Bakal ingressou na Universidade de São José e, após 4 anos de estudos, regressou à casa paterna doutor em direito; e, ao entregar habilitava a empregar os seus conhecimentos, disse-lhe:

— Pai, que Deus prolongue tua vida para que eu possa pagar-te minha dívida; aqui está o meu diploma, como prova de que não semeaste em terreno estéril.

O pai colocou suas mãos sobre a cabeça do filho e exclamou:

—Bendito sejas, filho meu, e abençoados sejam os teus atos, porque alegram os últimos dias da minha velhice. Agora levanta a tua fronte om orgulho, como a levantarás diante dos ignorantes e dos poderosos que quiserem te humilhar. Senta-te e escuta os conselhos que te dá teu pai, antes de baixar ao túmulo.

Dizendo isto, beijou a fronte de João e continuou:

- Uma ciência é como uma árvore sem cultivo; tu aprendeste, filho meu, e agora tens que cultivar tua ciência para que produza seus frutos, não só em benefício da humanidade, como também em teu próprio benefício. Mas lembra-te bem, primeiro para o bem da humanidade, deixando sempre num segundo plano os teus interesses particulares. .. Em nosso país chamam o advogado de ladrão, mas eu quero que sejas o defensor do justo e do fraco. Não quero que só cuides de ti e roubes aqueles que te confiam a defesa dos seus interesses.

"Com esses atos poderás pagar tua dívida para comigo, mesmo que Deus não me conceda longa vida. Nunca me poderias pagar com dinheiro, porque sabes perfeitamente que a matéria nada significa para mim, mas sim a honra e o bom nome. Tu estudaste direito e conheces o justo e o injusto, o lícito e o ilícito. Defende, portanto, a justiça, sem te preocupares com os teus honorários, pois ao contrário mancharás meu nome e desonrarás minha velhice, obrigando-me até mesmo a negar que sou teu pai. Nunca tive um só inimigo na minha vida e não quero que sejas o primeiro, ó filho meu! ...

"Tua mãe, que era o exemplo da virtude, da pureza e da fidelidade, morreu, quando contavas apenas 4 anos. Tu és o seu retrato vivo e tua presença me traz sempre à mente a recordação daquele anjo que partiu, deixando-me só e desolado. Eu te vi crescer, como um arbusto, e dediquei-me inteiramente à tua educação, cuidando com carinho dessa relíquia que me legou tua mãe. Fiz o possível para gravar em tua alma as poucas qualidades que tenho e afastar-te dos defeitos que incontestavelmente possuo... Creio que Deus ouviu as minhas orações e fez de ti um bom filho."

* * *

João não pôde reprimir uma lágrima, ao evocar a memória de sua progenitora, que não teve a ventura de conhecer. Haverá uma recordação mais doce que a da mulher que nos formou em suas entranhas? A Mãe! Que sentimento pode igualar o teu amor? Nem a sabedoria, nem a riqueza, nem o gênio, nem o poder, podem

ofuscar o brilho do amor materno. Nada teriam Salomão, Creso, Napoleão, Beethoven, apesar das suas conquistas e glórias, se não tivessem tido, acima de tudo, o amor de suas mães.

O amor em sua essência é puro, mas os homens, com suas imperfeições, o viciam. Assim, o amor dos esposos, ou dos parentes, o do pai para o filho e o do homem para Deus, todos têm suas imperfeições; só o amor de mãe é puro e sem mancha. O homem pode ter muitas esposas, amigos e filhos, porém só tem uma mãe, e, portanto, deve guardar cuidadosamente esse tesouro.

Ao ver João chorando, o pai o abraçou, dizendo:

- Tens um coração sensível. .. Chora, meu filho! As lágrimas no homem são como o aroma na flor, pois o homem que não sabe chorar é como uma nuvem sem água, um deserto sem oásis. O sorriso e o pranto são dois remédios que nos ajudam a viver.

E o ancião continuou, dando conselhos ao filho:

- Faze o bem e evita o mal. .. Todos os filhos do povo nos querem e nos estimam, não obstante a nossa pobreza. Sê bom para eles; o teu título de doutor não te autoriza a ser orgulhoso, a crer que és superior aos demais. Considera o ancião como teu pai e o jovem como teu irmão...

"Agora, meu filho, um último conselho: afasta-te do sacerdote, do rico e do nobre; mas não sejas inimigo deles, porque te será prejudicial. Cumpre os deveres de tua religião, escuta as palavras do sacerdote, porém não sejas amigo dele. A religião está em si mesmo e não no cura que a prega. .. O Emir Said e José Bey Harkuch são os homens de maior importância nesta localidade; são amigos do bispo, e podemos compará-los todos três com aquela árvore, adorada pelos índios, que comprime os seres, suga seu sangue e depois suas folhas se inclinam hipocritamente, como se não tivessem feito mal algum. Não te indisponhas com eles, porque nosso país é aristocrata e religioso... Não olvides meus conselhos, ó filho meu."

- Prometo-te, meu pai – respondeu João, abraçando o ancião - que jamais serei amigo dos nobres e dos religiosos, mas também não serei seu inimigo. Porém os achatarei, como se fossem insetos, se os surpreender abusando dos fracos e dos pobres.

- Assim fez teu pai, meu Filho e por isso, durante toda sua vida, foi vítima da miséria.

- E eu seguirei as pegadas do autor dos meus dias.

- A vida logo te confirmará as minhas palavras, meu filho ...

Agora toma esta espingarda que comprei para ti e vai descansar, por que bem o mereces, depois de tantos anos de trabalho. Eu já não posso ir ao campo e quero que me substituas. Sai todos os dias para caçar; ama a natureza, a luz do sol e a vida em todos os seus aspectos, porque a vida não nos pertence, pois é um empréstimo que, cedo ou tarde, teremos que restituir. Temos, portanto, que aproveitá-la e tomar aquilo que de bom nos oferece.

"Podes sair para o campo pela manhã e voltar à tarde, pois quero conservar-te a meu lado o maior espaço de tempo possível, antes de entrares na vida prática e enfrentar o porvir. Quero alegrar meus olhos com a tua imagem, antes que a morte os feche para sempre."

E mudando de tom, o ancião gritou:

- Adélia! Serve a comida a nosso hóspede.

E o ruído das palmas acompanhou as suas palavras.

CAPÍTULO V

CASUALIDADES

Numa tarde calorosa de agosto, João Bakal, depois de ter caçado durante todo o dia, sem conseguir matar coisa alguma, sentou-se perto da fonte do povoado, à sombra dos salgueiros e das amoreiras. Recostado, deu livre curso a seus pensamentos. Sua mente evocou as cenas dos seus dias de infância, passados entre o serpentear dos regatos, enlaçado com as plantas, como num abraço, e bailando com as flores. Recordou os dias de sua juventude, as horas de camaradagem e amizade com Adônis, um dos seus companheiros de estudos e, por último, pen- sou em seu velho pai. Sorriu tristemente e disse a si mesmo: "Pobre pai, hoje não provarás o fruto da minha caçada!" Dominado pela fadiga, calcou seu lenço sobre uma pedra e deitou-se para dormir.

* * *

Um ruído de passos, acompanhado de sonoras e cristalinas vozes se fizeram ouvir, e logo depois apareceram quatro formosas jovens, em cujos rostos se refletiam a alegria e a frescura da juventude.

Ao verem João dormindo, com a arma de caça ao lado calaram-se e se entreolharam silenciosas, procurando nas pupilas das companheiras a solução para aquela situação embaraçosa.

Eram Maria Harkuch, duas de suas amigas e sua serva.

Uma delas, chamada Joana, disse, ao ver João Bakal dormindo: - Viagem inútil, temos que voltar para casa.

— Voltarmos para casa sem nos banharmos?.. Impossível!

— respondeu a filha de Bey, e confiada em sua posição e nome, aproxirnou-se do advogado e gritou:

— Eia, jovem!

João levantou a cabeça e olhou para Maria com estranheza mas logo, quase sorrindo, perguntou docemente:

— Em que posso ser útil às senhoritas?

Maria, que não esperava tal atitude, 'permaneceu muda, sem poder responder à pergunta que lhe havia sido dirigida.

As outras jovens que a acompanhavam, reconhecendo o advogado, correram para ele e exclamaram:

— Doutor João, como vai o senhor?

— Bem, obrigado, e vocês? - perguntou João, por sua vez, apertando ao mesmo tempo a mão de cada uma delas menos a de Maria.

A jovem sentiu profundo despeito ao ver que não era saudada, ela, a filha do Bey, acostumada às honras e ao mando. Assumindo um ar de seriedade e dignidade, dirigiu-se a João com estas palavras:

— Senhor, pedimos-lhe retirar-se da fonte porque queremos nos banhar.

Ele sorriu e, com voz chocarreira, exclamou: - Por acaso sou um intruso, senhorita?

— Não. Mas se o senhor conhece as leis de urbanidade, sabe já a mulher deve sempre merecer a preferência.

—Tem razão, senhorita. Um cavalheiro nunca esquece de cumprir essas leis, uma vez que a mulher conserve seu caráter dócil e gentil, enfrenta e desafia o homem, para usurpar os seus direitos e perturbar sua tranquilidade.

— E senhor se sente prejudicado por lhe haver eu pedido para retirar-se da fonte? - perguntou Maria com enfado.

— E senhorita acredita ter cumprido as normas da boa educação, gritando para mim: "Eia, jovem!" e acordando-me sobressaltado do meu sono?

Maria voltou-se para suas companheiras e, com tom azedo e sarcástico, como se quisesse ferir a dignidade e o orgulho de João, lhes disse:

Voltemos para casa, pois este senhor não quer retirar-se da fonte.

Joana, que falou primeiro, respondeu:

— Maria, o doutor tem razão. Nós chegamos por último e perturbamos o seu repouso.

Maria, ao ouvir a palavra "doutor", sentiu todo o sangue de suas veias subir-lhe às faces e quase chegou a sentir arrependimento de ter se portado daquela maneira para com o rapaz. Conhecia-o, de vista, ligeiramente e sabia que estudava Direito Político, porém nunca tinha sentido maior interesse por ele.

João, a ouvir as palavras da amiga de Maria, descobriu a cabeça, Inclinou-se diante das jovens e, com um sorriso, disse-lhes:

- Senhoritas, perdoem o meu atrevimento. Retardei um pouco o seu banho para ter o prazer de conversar com vocês; peço mil desculpas ...

Tomou sua espingarda e dirigiu-se para o povoado.

* * *

Era a primeira vez que Maria encontrava uma pessoa que resistisse à sua vontade. A beleza de sua pessoa, a eloquência de suas palavras e a alta posição social de seu pai e sua família em N ... , eram armas poderosas que ela sabia usar, contra aqueles que se aproximavam dela, para obrigá-los a se submeterem aos seus caprichos e desejos.

Desde os tempos de Colégio - um educandário de monjas em Beirute - soube dominar as demais. Suas companheiras a queriam, com aquele amor comum às mulheres que vivem e estudam juntas, que juntas sofrem e juntas também gozam. Porém, a isto se ajuntava a posição de Maria, que fazia dela a preferida. As monjas, por sua vez, estimavam e sabiam desculpar todas as suas travessuras, em atenção à sua linhagem e fortuna, e, principalmente, aos ricos presentes que seu pai distribuía às suas professoras, além da gorda pensão que cobravam por sua educação.

Desde a infância habituou-se a ser estimada e, obedecida. E agora sua vontade se chocava com a do filho de um simples camponês. Porém, ao mesmo tempo que sentia a dor da ofensa ao seu poderio, sentia igualmente certa admiração por

João, que teve para com elas palavras amáveis, desculpando-se, depois de haver defendido seus direitos.

As jovens acompanharam o advogado com o olhar, até que ele se perdesse de vista. Então Joana, dirigindo-se a Maria, disse-lhe com ternura:

— Tu o maltrataste, querida.

Maria olhou-a fixamente, mas não respondeu.

Josefina, que até aquele momento nada havia dito, começou a falar de João Bakal entre sorrisos e olhares, como se evocasse doces recordações ou anelos do seu coração, dizendo:

— Para dizer a verdade, não conheço, entre nosso povo, homem mais educado e inteligente que o doutor João. .. Declarou diante de todos, domingo passado, que estava disposto a defender a justiça e o direito de todos que habitam esta região, sobretudo os débeis e pobres, contra a ganância e os abusos dos ricos e poderosos, sem preocupar-se com os seus interesses pessoais.

— É verdade - confirmou Joana, - porém não visitou o Bispo nem o Emir. Que te parece tudo isto? ..

E, dirigindo-se a Maria, ajuntou: - Visitou ele tua família, Maria?

Maria não escutava as palavras de suas companheiras, pois seu espírito estava ausente, como se outro tropel de ideias e preocupações invadisse sua mente, não deixando lugar para a conversação, que neste momento se desenrolava.

Porém, ao ouvir mencionar o Bispo e o Emir, afastou suas preocupações e prestou atenção às palavras de Joana, respondendo, então, tranquilamente à sua pergunta relativa à visita de João:

— É a primeira vez que vejo de perto este senhor.

Todavia agora as palavras de Maria já não continham esse tom satírico de quem deseja menosprezar; já não foram pronunciadas para ferir a dignidade de um homem, nem para fazer ressaltar seu próprio poder.

E Joana, que havia notado a diferença no tom da voz de Maria, dirigiu-se a ela,

gracejando:

— Maria, que diferença no tom das palavras que acabaste de dizer, comparado com o das frases pronunciadas quando ele estava presente!

E sorrindo maliciosamente continuou:

- O Dr. João conquistou as simpatias de muitas moças do povoado, - e, baixando o olhar, enquanto uma onda de rubor lhe cobria as faces, ajuntou: - ... E eu sou uma delas. .. Há pouco, ao vê-los juntos, achei-os tão semelhantes que, sem querer, coloquei o Dr. Bakal junto do filho do Emir. .. e que diferença! João faria contigo um par ditoso e belo; ele te faria feliz porque nasceu para ti... Mas quando te vejo com o filho do Emir, recordo os versos da poesia "A Órfã", os quais dizem:

"É belo ver as coisas opostas porque o contraste ressalta a formosura."

— Joanita querida - respondeu Maria - estás dizendo tolices. .. Quando ele estava presente, tive que adotar um tom sério, porém agora, que ele partiu, não há mais necessidade de uma atitude severa.

-- Tens razão, Maria, eu estava apenas brincando.

- Patroa! - chamou a serva. - Quando se banharão as senhoritas? Já se faz tarde.

Voltando à realidade, Maria disse às suas companheiras:

— É verdade! Vamos.

E ela, adiantando-se, dirigiu-se para a fonte, mas sem nenhum desejo de banhar-se.

* * *

Desde que o pensamento humano teve o seu nascimento e que o homem começou a lançar ao mundo sua cristalização, sob a forma de livros, tem-se estudado a mulher. Uns colocavam-na sob o microscópio dos desejos e só viam nela um objeto de prazer. Outros, estudando-a de maior distância, lhe atribuíam somente a fragilidade e a submissão. Porém, existem na mulher segredos que os homens jamais puderam decifrar. Quem mais de perto conheceu a mulher é o

poeta árabe, que disse:

"Se a corromperes será o demônio,

Se a corrigires será teu anjo guardião."

Praticamente, a mulher, em virtude da sua própria fraqueza, não aceita a submissão do homem, porque só a força e o heroísmo a seduzem.

Se perguntarmos a cem jovens, que qualidades deve ter o homem que desejam por marido, oitenta por cento colocarão em primeiro lugar a força. E isso é razoável, porque o fraco só poderá encontrar apoio e proteção no forte.

* * *

Teria Maria realmente amado o filho do lavrador?

É impossível sabê-lo, porém é certo que o choque de suas vontades a confundiu.

João seguiu seu caminho para o povoado, mas sua mente se entregava a profundas reflexões.

- "Como a humanidade é semelhante às rãs! - pensava ele.

- As rãs da humanidade são de diversas espécies e famílias, porém as que fazem mais barulho são as rãs aristocratas, sem dúvida por terem a garganta mais larga. .. Eu não as menosprezo, porque quem deprecia as rãs da humanidade deprecia a si próprio, uma vez que todas têm a mesma origem e saem da mesma fonte. No seio da criação, como um todo, não há superiores nem inferiores.

"Poderíamos chamar de águias os aristocratas, mas as águias não coaxam e, por isso, não há nome mais apropriado para eles que o de rãs. Tais batráquios não se distinguem entre si, nem por seus conhecimentos, nem por seus caracteres, nem por sua constituição, mas tão somente pelas dimensões da sua garganta. .. Não pertencem a uma única região, mas sim a toda a terra e ferem, com seus gritos, os ouvidos do mundo inteiro. Eu os tenho visto, tanto no Oriente como no Ocidente, desde que os homens elegeram um chefe para dirigir destino comum a todos. Só conhecem uma lei: defender a todo custo o charco m que se agitam e vivem.

"Se vier alguém que lhes dê mais luz, cortando um galho que ofuscava a claridade, ou lançar uma gota de água pura no lodaçal onde se movem, abrem suas laringes e prorrompem naquele monótono coaxar que enche o espaço, como se as estrelas se chocassem e reinassem o caos e a hecatombe, como se toda a criação estivesse ameaçada, e Deus fosse levado a se lamentar: "Que desgraça! Vai se destruir tudo o que minhas mãos construíram, para alegrar meus olhos!"

"Sem dúvida, o dia em que foi pronunciada a palavra "Democracia", foi um dia fúnebre e funesto para as raças aristocráticas, porque esta palavra caiu sobre seu charco como um obus. Então se levantou o chefe, gritando: "cloac, cloac, cloac", linguagem que, traduzida, significa: "Morte ao revolucionário, morte a tudo o que significa renovação e heresia. Morte a todos os que desejam destruir nosso poder, uma vez que recebemos nossa nobreza dos nossos avós e antepassados; e a todos os que ferem nossos ouvidos e nossos espíritos com a palavra "democracia" .

"É muito divertido observar o mundo: "Meu avô era um gigante e um famoso boxeador, mas eu nasci anão e extremamente fraco. Contudo, todos devem considerar-me um grande gladiador, porque eu sou neto dele, e essa é uma razão suficiente." Tal é a vida das rãs aristocratas.

"Como são esquisitos os ricos e poderosos, que mamam o orgulho misturado com o leite! Quando compreenderão que procedem da mesma massa que os pobres? .. Como serias formosa, ó Maria, se possuísses o espírito dos pobres e te cobrisses com o manto da humildade!

"Até quando e por que motivo os ricos desfigurarão as qualidades dos que não o são? Se for humilde, o chamarão de covarde; se for valente, será chamado de atrevido; se for generoso, para eles será um pródigo; finalmente, se for econômico, o classificarão de avarento.

"Porém, terá essa jovem de olhar tão doce e voz sedutora um coração tão duro? Será ela o retrato de José Bey Harkuch, escondido no corpo de uma ave tão formosa? . .. Sim, ela o é; sua voz orgulhosa a denuncia, essa voz que ainda soa aos meus ouvidos."

E assim ele contemplava espiritualmente Maria. Deveria crer em seus olhos, que a representavam uma mulher bela e doce, ou em seus ouvidos, que a denunciavam como uma moça orgulhosa e digna filha de tal pai?

* * *

Encontrou no caminho uma casa, retirada do povoado. Nela havia a velhice construído sua morada. Seus proprietários eram um ancião chamado Pedro Farrau e sua esposa Sara, mais idosa ainda.

Ambos eram amigos do pai de João e amavam este último com amor de quem sonhava com um filho e nunca chegou a possui-lo.

Aqueles anciãos o haviam visto nascer e crescer, como a lua e o firmamento vêem passar os anos.

Encontrou aberta a porta, chamou e entrou. - Sê bem-vindo, João!!

O grito foi simultâneo e traduzia a intensa alegria dos dois velhinhos, que o estreitaram em seus braços descarnados. O jovem os apertou também contra seu peito e, ao abraçar Sara, sentiu em sua face o contato de um beijo e a umidade do pranto.

Experimentou o moço uma fúnebre tristeza em seu coração e perguntou-lhe:

- Tia, por que choras?

As lágrimas nos olhos dos jovens são o transbordamento de um vaso que derrama o excesso do seu conteúdo, porém nos velhos são a falta de um oásis no deserto. As lágrimas juvenis são o orvalho que refresca a flor, e as da velhice, o calor do verão que a queima e reduz a pó. O pranto do jovem, como o seu sorriso, é água que emana abundante e se esparrama sobre qualquer coisa insignificante, porém o da velhice é sangue que brota de feridas largas e profundas.

- Não te preocupes, filho! - exclamou Pedro. - Há pouco dizia eu a tua tia que estamos no ocaso da vida e Deus não nos concedeu um filho para nos consolar nestes últimos dias da nossa vida.

É por isso que choramos! . . . .

Muitos temem queixar-se em presença de uma pessoa, pelo receio de aborrecê-la, enquanto o câncer de sua tristeza rói seu coração em segredo e no silêncio da sua dor. Bem-aventurados os que sabem consolá-los! . .. O homem nobre só se

queixa a Deus, de suas desgraças, porque é mil vezes preferível o silêncio do que queixar-se aos que o rodeiam, pois no mundo em que se desliza nossa existência não encontramos remédio para a nossa enfermidade. Se nos queixarmos, nos dizem os amigos: "Pobre homem! Não há remédio senão ter paciência!"

Se são inimigos os que nos rodeiam, com admirável maestria, representam uma falsa tristeza, enquanto no interior do seu coração dominará a alegria ...

Todos nos dão anestésicos e calmantes, mas ninguém nos oferece remédio que cura os nossos males morais.

Mas João Bakal não se deixou enganar pelas palavras do ancião. - Chamam-me filho querido - disse ele - porém vossos corações não sentem a ternura dessas palavras. Não sou digno da vossa confiança e, portanto, adeus.

Os esposos Farrau gritaram:

- Não, filho querido! ... ' Vem, vem, não vás! Estás equivocado! .

- Senta-te — falou a anciã - contar-te-ei nosso pesar, mas é um mal que não tem remédio.

— Será a morte? .. Este é o único mal sem cura.

Pausada e melancolicamente, começou a falar o velho:

— Tu sabes, meu filho, que a nossa propriedade confina com a de José Bey Harkuch ... Fui ontem podar algumas árvores e encontrei, numa parte do terreno que me pertence, diversos peões do Bey trabalhando nela. "Amigos - disse-Ihes eu - estão enganados, porque o terreno de José Bey tem os seus limites a uns 50 metros daqui!" Sabes o que me respondeu o feitor que dirigia os trabalhos? "Vai-te daqui, velho caduco! Bey Harkuch conhece melhor que tu os limites de suas propriedades e ele nos mandou trabalhar neste lugar ... " Eu guardei silêncio e fui hoje falar com o Bey, porém ele se negou a receber-me. Só me resta, então, vir chorar aqui ao lado da minha velha esposa ...

Tornou-se sombria a voz de Pedra e logo continuou tristemente: - Que posso eu contra Harkuch? É rico e eu sou pobre. E o olho que se choca contra a lança será fatalmente vazado. .. Antes de entrares, dizia eu a tua tia: "Por que não nos deu Deus um herdeiro, que fizesse respeitar nossos direitos? É lícito que esse senhor

abuse da nossa fraqueza e se apodere dos nossos bens? .. " É por isso que choramos.

João franziu as sobrancelhas e seus olhos anunciavam a tormenta. Quando acabou de falar, o ancião olhou para o jovem advogado, com ar triste e desolado.

— E este é o mal que não tem remédio? - perguntou por fim João Bakal.

— Que remédio temos, meu filho? Que armas podemos empregar contra esse malvado? .. Se eu fosse jovem lhe ensinaria como se torce o pescoço de um ladrão. Porém, nós, os velhos, somos tão impotentes como os cães que ladram para a lua, no seu afã de morde-la.

— Conservam as escrituras e documentos referentes às terras?

— Sim.

— Quero vê-los,

A esposa foi buscá-los, enquanto Pedro dizia:

— Para que servem os documentos se não tenho dinheiro para mover uma ação contra ele? .

Quando Sara trouxe os papéis, amarelecidos pelo tempo, João os examinou e disse logo ao velho:

— Amanhã me acompanharás numa pequena viagem. Temos que partir daqui às cinco, para voltarmos cedo. Entendeste, tio?

—Viagem? Partirmos?... - perguntou admirado o ancião.

— Porém... para onde?

— Não importa saber para onde. O necessário é obedecer-me. E, guardando os papéis na algibeira, despediu-se dos velhos e saiu. Quando chegou em casa, encontrou seu pai esperando-o.

— Papai - disse João ao entrar - hoje segui um dos teus conselhos, mas, ao mesmo tempo, desobedeci outro.

O ancião contemplou-o por alguns instantes e depois disse:

— Vejamos, filho. Conta-me como foi isso...

— Comprometi-me a defender um pobre, em JUIZO e amanha processarei um nobre: José Bey Harkuch.

CAPÍTULO VI

CASO PREMEDITADO

O homem busca a felicidade neste mundo com afã e com loucura, como se buscasse a mulher a quem há de amar. A felicidade é a bem amada do homem, porém essa bem amada tem uma implacável rival, a matéria, e entre elas oscila constantemente o coração humano.

A matéria espreita todos os passos do homem e faz o possível para conquistá-la e seduzi-lo, e ele se torna um joguete nas mãos de suas duas amadas.

A felicidade o convida para a solidão, para os templos, para a sabedoria, para os monumentos, para a instrução, para o amor da humanidade.

A matéria o engana, conduzindo-o para a ambição, a embriaguez, as reuniões fúteis, ao amor carnal.

A felicidade visita o seu amado pela manhã e o encontra correndo atrás da matéria; visita-o novamente a noite e o vê outra vez nos braços da sua rival.

Entretanto, o homem se queixa e afirma que não há felicidade neste mundo. A razão é simples: procuramos a felicidade no mundo material, quando ela se encontra em Deus, na vida espiritual. O homem quer chegar a ela, espoliando os fracos, empregando a astucia, a mentira, a força, como meios eficazes para possui-la, esquecendo que a felicidade é o espirito puro e só podemos possui-la praticando o bem.

O homem do mundo nunca teve em sua vida um só dia de verdadeira felicidade; entretanto, exclama frequentemente: "Que dias felizes foram aqueles!"

Nunca devemos esquecer que tudo neste mundo tem um preço e nada nos é dado sem esforço, a não ser a vida, que e um dom de Deus, uma dadiva do Pai Celeste.

A felicidade também tem seu preço, mas a moeda que a compra chama-se sacrifício, amor ao próximo e fidelidade ao ideal divino.

Faze o bem, alivia a dor alheia e serás feliz. Liga teu coração às coisas do Espirito, que não mudam jamais e, portanto, nunca te causarão decepções.

Adora o ouro, a matéria, os bens mundanos e serás desgraçado, porque estas aparências enganosas, essencialmente mutáveis, não oferecem ao ser humano nenhuma estabilidade, nenhum ponto de apoio.

Quando sopra um vento adverso, é que podemos avaliar como tudo neste mundo é passageiro e frágil: os bens, as amizades, o amor, a posição, tudo falha, se esvai como uma vã fumaça. O homem, então, com o coração dilacerado, volta-se para Deus, sua última esperança e reconhece que Ele é o único apoio inabalável, a verdadeira felicidade.

Se ele for inteligente aprendera sua lição e exclamará: "Abençoados sofrimentos, que me conduziram ao verdadeiro caminho e me ensinaram o que e a felicidade!"

* * *

No dia seguinte, o Dr. João Bakal conduziu Pedro a um cartório e fê-lo assinar uma procuração, dando-lhe todos os poderes para mover uma ação contra Jose Bey Harkuch, por ter largado mão de um bem alheio.

De volta ao povoado, cheio de alegria, por ser seu primeiro processo a favor do fraco, repetia, durante todo o trajeto, a seguinte

— Aceitai, Deus meu, este trabalho, como holocausto de Abel, embora possa encontrar a morte nas mãos de Caim.

Ao separar-se do velho, despediu-se dizendo:

— Vai com Deus, tio... Teu direito é tão justo e tão claro, como esse sol que nos alumia... Agora dá-me a tua benção.

O ancião abraçou João, sem poder articular uma só palavra; falavam por ele copiosas lagrimas, que caiam de seus olhos, umedecendo as mãos do jovem advogado, com mais eloquência do que qualquer benção.

Eram 10 horas da manha quando voltou para casa. Em breves palavras referiu a seu velho pai os acontecimentos do dia, concluindo assim:

— Estou muito alegre e sinto-me feliz, meu pai. Vejo que a Natureza me sorri e quero sair de casa, pois este habito já esta arraigado em mim. Que te parece, meu velhinho?

— Filho de Minh ‘alma, ama a natureza, o sol e faze deles larga provisão, enquanto estas na primavera da vida. Que o inverno não te encontre desprevenido, porque então, só te restara uma recordação dolorosa dos dias que passaram.

Saiu João com sua espingarda. Atravessou o povoado e, repentinamente, se deteve a sombra de uma oliveira... Acendeu um cigarro, enquanto por sua mente viajara a cavalgada do pensamento, essa força ingente do homem que destrona os reis, despedaça os reinos e cria tudo o que e grande e sublime.

Os inventos e a altura formidável da ciência, que agora nos pasmam e nos enchem de emoção, tiveram seu berço no pensamento do homem ou no sentimento da mulher.

O cérebro e o coração são os sagrados progenitores de tudo o que existe... As guerras e os dogmas, que tem mudado o custo da história, foram causados por um pensamento. A gloria ou a loucura, a riqueza ou o infortúnio não reconhecem outra causa a não ser o pensamento. Com uma ideia, Colombo descobriu um novo mundo e com uma ideia foram igualmente produzidas as terríveis hecatombes da guerra.

Nascimento e massacre, vida e destruição, nascem do cérebro.

* * *

Um pensamento deteve João em seu caminho e, após uma curta parada, o jovem regressou ao povoado, com passos indecisos. Ao chegar em frente à casa de Joana, a amiga de Maria, com quem se encontrou um dia antes, parou e meditou um instante, como se consultasse a si mesmo. Mas não teve muito tempo para refletir, pois Joana saiu logo ao seu encontro, dizendo-lhe:

— Benvindo seja, doutor! Que benéficos ventos o trouxeram até nossa casa?

— Bom dia, Joanita... Como está sua família?

— Bem, graças a Deus. Queria entrar, doutor.

— Obrigado, Joanita; desejo continuar meu passeio. Parei somente para perguntar-lhe se você vai hoje, com suas companheiras, à fonte.

— Oh, doutor!... Sinto muito o que aconteceu ontem entre você e Maria... Todos sabem que ela é uma excelente jovem e muito bem educada.

— E quem o duvida? — perguntou João, sorrindo.

— Surpreendeu-me muito ouvi-la dirigir-lhe aquelas palavras... Há dez anos que vivo em sua companhia e nunca ouvi uma só palavra grosseira de seus lábios.. . Asseguro-lhe, doutor, que ontem me causou admiração o procedimento de Maria.

— Eu também fui grosseiro para com ela... Agora diga-me: irão vocês, hoje, à fonte?

— Por que faz essa pergunta, doutor? Será para abster-se de ir à fonte se nós formos?...

— Ao contrário, Joanita. É por que preciso falar com a senhorita Maria sobre um assunto que tem para ela grande importância.

Joana calou-se um instante, enquanto em sua mente sofismas e dúvidas lutavam, desfazendo-se uns nos outros, prevalecendo finalmente uma dúvida, que foi talvez a que a obrigou a dizer:

— Se é tão importante o assunto, por que não lhe pede uma entrevista?

— Você própria julgará a importância da nossa conversação, porque falarei à senhorita Maria em sua presença. Diga-me, então, por favor, vocês irão hoje ou não?

— Sim, doutor. Combinamos ir, hoje também, ao banho.

— Então — concluiu João — chegarei à fonte no momento oportuno, e você me fará o obséquio de apresentar à senhorita Maria o meu pedido, para que eu tenha a honra de ser ouvido.

Depois de sorrir, o advogado prosseguiu:

— Não é necessário que a senhorita Maria saiba desta conversação.

— Sou da mesma opinião — disse a moça.

— Até à vista, Joanita — disse João, acariciando o queixo da jovem

Afastou-se logo e, por três vezes, voltou a cabeça carinhosamente, ate que uma casa o ocultasse a vista de Joanita.

E enquanto se afastava, ia murmurando:

— É um crime obter uma coisa por mal, quando se pode obter por bem!

Joanita, por sua vez, observando o advogado que prosseguia seu caminho, dizia para si mesma:

— João, feliz da mulher que se casar contigo!

* * *

Muitos são os jovens que amam sem esperança, porém vivem dessa esperança. Victor Hugo amou durante muitos anos uma mulher, e nunca lhe confessou seu amor, por ser esposa de um amigo seu. Porém eternizou essa paixão numa obra de arte, num poema intitulado: "Na alma há um segredo." Leonardo da Vinci amou, durante toda a sua vida, Mona Lisa, mas esta nunca suspeitou da paixão de Leonardo e o célebre pintor e sábio notável imortalizou seu amor e sua amada em "Gioconda". Isso prova que as maravilhas da arte e as obras de génio têm por único autor o amor.

* * *

Joanita amava João com a dolorosa paixão de quem ama em segredo. Nunca se atreveu a divulgar o seu amor, e, por isso, ninguém o soube jamais.

CAPÍTULO VII

RESULTADO DE UM ENCONTRO

O banho da mulher tem sido, através da história, o espetáculo mais atrativo e sedutor. Davi enamorou-se perdidamente de Bethsabéa ao vê-la no banho. Suzana, nua, quando se banhava, seduziu dois anciãos. Imrou el Kais, o pai da poesia árabe, deixou sua tribo e seguiu sua prima depois de vê-la no banho. E Friné ia ser condenada a morte, quando Pendes, o seu notável advogado, pô-la nua na frente dos seus juízes, recebendo, então, em troca, da concessão de viver

Na Europa, a nudez e coisa muito natural e isso tem dado à arte um grande incremento; porém, no Oriente é impossível. Há, na Síria e no Líbano, escritores e poetas que são pérolas valiosas na coroa da Literatura; músicos que constituem gemas preciosas, que adornam a fronte da pátria. Porém, sírios e libaneses, até à época desta narrativa, não contavam, em seu seio, um único pintor notável. Porque a formosura, na arte pictórica, consiste na formosura do nu, e, segundo os costumes dos países do Oriente, o nu é inconcebível.

A mulher da Europa e da América pode ter os mesmos direitos que o homem, ao passo que a mulher na Ásia suspira por um pouco de ar livre. (Não sei qual das duas é mais digna de compaixão.) As europeias se mostram aos homens quase nuas; as orientais velam seu corpo e as maometanas até seu rosto. A moda de exibir os seios e as espáduas, pelo decote do vestido, espalhou-se por todo o mundo, mas não no Oriente. O nu é necessário para embelezar a arte e, por isso, foram mestres os egípcios e os gregos, que puderam inspirar-se no nudismo natural. Contudo, nós, escritores e leitores, podemos entrar onde não entra o vulgo e ver o que está oculto.

* * *

—Maria! — perguntou Joana. — Que tens?... Desde que entramos na água não pronunciaste uma só palavra.

—Não sei por que, mas me sinto triste desde que chegamos.

—Será, talvez, a recordação do que sucedeu ontem?

—Pode ser — respondeu Maria, ocultando-se num mergulho.

O banho da fonte era um recinto fechado por três lados, ao passo que o quarto era aberto a partir da altura de um metro do fundo. Não havia, portanto, possibilidade de afogar-se.

Enquanto as jovens riam e brincavam na água, Joana levantou a cabeça e viu o advogado sentado à sombra de um salgueiro. Disse então às suas companheiras:

—Parece que é hora de sairmos da água.

E ela antes das outras, começou a secar seu corpo, para poder vestir-se. Enquanto suas amigas saíam do banho, apressou-se em reunir-se a João Bakal.

—Que sugere você que eu diga à senhorita Maria? — Perguntou sorridente, pelo prazer de falar com o homem a quem amava.

—É muito simples, Joanita. Diga-lhe: "João Bakal deseja falar-lhe sobre um assunto muito importante." Depois venha você com ela.

—Não serei demais? — perguntou timidamente Joanita.

—Não — respondeu João, sorrindo — sua presença é necessária.

A jovem voltou ao lugar onde estavam suas companheiras e, aproximando-se de Maria, lhe disse:

— Venho diante de ti como mensageira e devo cumprir minha missão.

Que queres dizer, querida Joanita — perguntou Maria, admirada.

—Quero dizer que o Dr. João Bakal, que se acha sentado a poucos metros daqui, encarregou-me de pedir-te uma entrevista em seu nome, pois necessita falar contigo sobre assunto de grande importância.

Maria enrugou as sobrancelhas e fixou seu olhar em Joana, como se quisesse investigar a verdade ou encontrar a resposta para a sua curiosidade, no coração da moça.

—Que deseja de mim esse atrevido? — perguntou quase colérica. — Não quero

vê-lo!

—Perdoa, Maria, porém és muito injusta, chamando-o assim...Não sei o motivo da entrevista; em todo caso, és livre de ir ou não... Porém, posso assegurar-te que o assunto é importante, pois o doutor o disse e ele não pode mentir.

—Oh, sim! Suas palavras são infalíveis...

—Podes criticar quanto quiseres, mas eu estou convencida da sua lealdade.

Maria sorriu e depois perguntou:

—Pediu ele uma audiência secreta?

—Eu quis que fosse secreta, mas ele não concordou e disse: ”Uma vez que vocês são suas amigas, podem presenciar e ouvir conversa nossa”

— Pode ser que tenhas razão, Joanita; vamos ver esse senhor.

As jovens dirigiam-se para o lugar onde João as esperava. Ao vê-las chegarem, ele levantou-se e , com seriedade e respeito, inclinou-se dizendo:

— Senhoritas, não posso oferecer-lhes outros assentos senão os da Natureza. Sentemo-nos.

Todas se acomodaram como puderam, menos João que, depois de olhar para Maria fixamente, disse, sem tirar os olhos dela:

—Deus sabe, senhorita, que nunca tive a intenção de molestá-la com uma entrevista, principalmente depois do que aconteceu no nosso primeiro encontro. Porém, ontem mesmo teve lugar um outro acontecimento que só a senhorita poderá remediar. Todos nós sabemos que o homem é um joguete nas mãos do destino, e este nunca o deixa em liberdade para realizar o que deseja; todos os seus atos são dirigidos pela Fatalidade, apesar do seu tão apregoado livre arbítrio. Antes de chegar ao ponto essencial, para o qual solicitei esta entrevista, é necessário começar com um prólogo que poderá parecer-lhe enfadonho, porém é indispensável para chegarmos ao fim. Eu, senhorita, sou um dos que creem na boa justiça, acompanhada da paixão e da devoção unidas ao anelo. Isto é raro e o raro é a medida dos poetas; os homens por isso, se desviam do reto caminho, e a mão da perplexidade começa a perturbar seus desejos, seus costumes e até

mesmo sua vontade... Baseado neste princípio, tenho contradito os demais, pois em tudo sou diferente deles, porque não compartilho dos seus sonhos e dos seus ideais. Amo o que os outros detestam e odeio o que os outros apreciam. .. Creio que a humanidade é uma árvore daninha, porém terrível por sua robustez e força: suas raízes estão plantadas nas profundezas da terra, suas flores são ambição e maldade, e seus frutos desgraças. . . Alguns reformadores quiseram mudar a natureza dessa árvore, por meio de enxertos, porém foram vencidos por ela: uns morreram lapidados, outros crucificados e o resto em lôbregas prisões. Pois bem, a quem tem essa crença não se pode repreender a "grosseria" de caráter... Intencionalmente frisei a palavra "grosseria" para ter a ocasião de pedir-lhe perdão pelo aborrecimento que lhe causei ontem.

Maria havia escutado as palavras de João com arrebatamento. Seu espírito dilatou-se, afastou-se do corpo e seguiu, com as palavras do advogado, às regiões da poesia e da filosofia. Mas quando ouviu João pedir-lhe perdão pelos acontecimentos da véspera, sentiu que seu espírito regressava a seu corpo e, já senhora de si, respondeu:

— O que já passou, passado esta, doutor. . . Peço-lhe continuar a exposição.

João sorriu e prosseguiu:

— Um companheiro de Universidade me dizia que, para ser feliz o homem deve viver como ermitão no meio da Sociedade, porém como isso é difícil! Mas é a pura verdade. Tenho pensado muito nas desgraças da humanidade e cheguei à conclusão que, para seus males, não há remédio. Porque esse enfermo, muitas vezes secular, crava o punhal no peito de seu médico, mata-o e logo fecha os olhos, dizendo tranquilamente: "Na verdade, era um bom médico." Assim fizeram os judeus com Jesus: crucificaram-no e depois disseram: "Verdadeiramente era o Filho de Deus...Os ocidentais nos criticam; entretanto são eles os mais dignos de compaixão, porque chamam de civilização uma miragem no deserto de sua vida, e de progresso, um fantasma que frequentemente lhes aparece à noite. Chamam de civilização as construções elevadas, os templos suntuosos e as largas avenidas, e de progresso, o viajar de avião, a exploração da terra, a construção de canhões e outros aperfeiçoados engenhos bélicos que espalham a morte e a desolação.

— Então nega o senhor os proveitos da civilização moderna? — perguntou Maria, admirada com o discurso de João.

— Eu não sei, senhorita, se devemos chamar de civilização a selvageria refinada, porque quando pergunto ao meu íntimo o que é a civilização, ele me repete a pergunta, como se não a entendesse. A vida não consiste em aparências acidentais, mas sim na essência, na substância das coisas. Os homens não são julgados por suas fisionomias, mas sim por seus corações; a religião, por sua vez, não pode ser apreciada pelas suas exterioridades e pelos seus ministros, mas sim pela sua doutrina e pelos seus efeitos, ocultos nas almas. Assim, a arte musica não e um conjunto de notas graves ou agudas, que ouvimos em uma canção; a poesia também não é a sucessão das palavras de uma composição poética, nem tão pouco a pintura uma mistura de cores. Não; a arte não é isto, que é apenas seu corpo, mas sim o espírito que ó anima: na música são os intervalos musicais; na poesia, o ritmo e o sentimento oculto na alma do poeta; e na pintura, o ideal sublime que o pincel exprime e matiza, permitindo-nos, assim, ver a sublime formosura do que a tela é apenas um reflexo, mais ou menos fiel.

Da mesma forma, a civilização não consiste em acompanhar a moda, em fingir sorrisos hipócritas em inclinar-se diante de uma mulher até tocar o solo com a fronte e outras frivolidades. A civilização consiste no progresso espiritual e moral, na liberdade, na igualdade e na fraternidade...

Talvez me perguntará: “Acaso a moderna civilização não trouxe consigo a liberdade e outros dons celestes?” A uma tal pergunta responderia: é maldita a igualdade que equipara o homem aos animais, porque comete seus crimes sob a égide da liberdade.

Sessenta séculos atrás, Caim mata Abel e agora, por toda parte e em todos os homens, encontramos o estigma da raça maldita do fratricida. Há quarenta séculos, vimos a mulher da Babilónia obrigada a entregar seu corpo, ainda que fosse uma só vez, a um estranho qualquer; e hoje vemos a parisiense oferecer voluntariamente o seu, para gozo do primeiro que aparecer, a troco de uma moeda de inferior valor. Há trinta séculos, vimos um Faraó atormentar os judeus, e hoje vemos um Faraó em cada capitalista e um judeu em cada trabalhador.

Onde está o progresso espiritual?... A civilização nos deu a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Não podemos negá-lo, porque as encontramos em nossa própria degradação e na corrupção das nossas atitudes. É por isso que a mentira não se transformará em verdade, mesmo que seja vestida de seda; e o crime nunca poderá ser virtude, ainda que se lhe corte as unhas. Assim, a

diferença entre o homem civilizado do Ocidente e o do Oriente é a mesma que existe entre o leão e o tigre. Seus governantes e os nossos tiranizam o povo, autorizados pelas leis; e o rico do oriente, como o do ocidente, absorve com seu dinheiro o sangue do pobre... O homem é sempre o mesmo em todas as partes do mundo e suas leis são também as mesmas, favorecendo sempre o rico contra o pobre.

Devo parecer-lhe, senhorita, um homem louco ou, pelo menos, raro, porque é esta a opinião que formei da humanidade inteira. Porém, que quer, senhorita?... Como diz o adágio: "Deus tem em suas criaturas maravilhosos exemplares", e eu fiz a promessa, desde que me formei em direito, de unir-me ao fraco, para defendê-lo contra o forte, para restabelecer os direitos dos oprimidos contra o tirano que o escraviza. E nesta luta que declarei à opressão e à injustiça, farei o possível para triunfar; mas se perder, não será por minha culpa... Deus não pede o impossível: cumprirei meu juramento e lutarei contra essa humanidade transviada, até sucumbir no combate da vida

—Faz o senhor muito bem, doutor — respondeu Maria.

— Senhorita, não lhe disse tudo isso para obter seu elogio, que, a as, tenho em grande estima, mas sim porque é necessário para explicar minha atitude no caso que vou referir agora. Ontem, depois de separar-me de vocês, tomei o caminho do povoado. Entrei em casa de Pedro Farrau para visitá-lo e, ao entrar, percebi que o ancião e sua esposa choravam. Compreende a senhorita o que significa o pranto de um velho? Creio que sim, porque as mulheres possuem um coração mais compassivo que o dos homens. Ao vê-los em tal estado de desconsolo, corri a abraçá-los e fiz o possível para confortá-los. Eu os quero muito e dói-me ver sofrer aqueles que embalaram meu berço, quando menino, e satisfizeram os meus desejos de adolescente — e acrescentou emocionado — principalmente a velha Sara, que fez o possível para suprir a falta do amor materno, quando perdi minha mãe. . .

E João fez um movimento brusco, como se quisesse afastar a tristeza que lhe causava aquela tragédia, sucedida nos albores da sua existência.

— Não queriam dizer-me a causa do seu pranto — prosseguiu o advogado. Porém, eu lhes exprobei sua falta de confiança e ameacei retirar-me de sua casa. Então, me obrigaram a ficar, dizendo: "Filho querido, acaso já não é bastante o nosso infortúnio, para entristecê-lo também, com nossa desgraça?" Eu respondi:

"Se me consideram como filho, devo partilhar convosco as alegrias e as tristezas." "Nosso mal não tem remédio — me disse Pedro — mas uma vez que nos obrigas a contar-te nosso infortúnio, satisfaremos o teu desejo: choramos porque somos fracos e não temos quem nos proteja, porque, abusando da nossa fraqueza de velhos, nos querem arrebatar a herança de nossos pais e avós, que eu reguei com meu suor e minhas lágrimas. Deixa de falar tanto, tio — disse-lhe eu — e diga-me quem quer espoliar sua herança e sua propriedade?" E ele respondeu: "José Bey Harkuch."

Cheia de estupor, Maria, confundida e assombrada, se levantou e aproximou-se de João Bakal.

— Meu pai?!!

— Seu pai, senhorita.

— Meu pai?

— Ele mesmo — confirmou o advogado.

Maria retrocedeu, como retrocede a vítima ao ver brilhar na mão do assassino o punhal que ameaça cravar em seu peito. Com lentidão, sentou-se novamente e ocultou seu rosto com as mãos, na atitude de quem chorava ou meditava profundamente. Aproximaram-se dela suas jovens amigas, porém a filha do Bey as afastou com a mão, manifestando, por esse gesto, o desejo de que a deixassem só.

João permanecia de pé, em frente de Maria e em seu peito lutavam dois desejos opostos: o de vê-la sofrer e chorar, desolada, e o de acercar-se dela e consolá-la. Vencendo este último, aproximou-se pressuroso, dizendo:

— Senhorita, eu sacrificaria uma parte do meu ser para não vê-la sofrer, quer seja minha amiga ou inimiga. Portanto, não posso vê-la neste estado, sobretudo sabendo que fui eu o causador.

— Não doutor, o senhor não é o culpado, mas sim os meus.

— Não se aflija assim, não é necessário. . . Para tudo há remédio.

Maria foi recobrando a serenidade, pouco a pouco. Ergueu-se repentinamente e

perguntou:

— E que fez o senhor, depois?

— Neste assunto, o importante é o que eu já lhe disse. O resto não merece ser mencionado.

Maria Harkuch voltou-se para suas amigas e pediu:

— Peço-lhes deixarem-me a sós com o doutor.

Quando as moças se afastaram, voltou-se para João e disse:

— Doutor, eu lhe peço que me diga a atitude que tomou neste caso.

— Conduzi hoje o velho Farrau perante o tabelião e fi-lo outorgar-me uma procuração com poderes gerais.

— E depois?

— Depois quis apresentar a denúncia ao Tribunal; porém, antes de entrar no palácio da Justiça, refleti: "É um crime obter uma coisa por mal, quando se pode obtê-la por bem." Então voltei para casa, pensando no auxílio que a senhorita me poderia prestar. O coração de mulher é uma fonte de caridade e por isso procurei lançar mão desse remédio.

— E não temeu o senhor a cólera de meu pai e dos seus amigos, o Bispo e o Emir? — perguntou Maria.

— Senhorita, a melhor resposta para sua pergunta, é o que eu pensava ao regressar a minha casa.

— Que pensava o senhor?

— Enquanto caminhava, dirigia meu olhar para o céu e clamava: "Aceita minha obra, Deus meu, como o holocausto de Abel, embora tenha que morrer às mãos de Caim!"

Aquelas palavras impressionaram Maria como um hálito fúnebre, pressagiando a morte de um ser querido. Depois disse:

— Doutor, sou muito infeliz porque nada poderei obter de meu pai neste particular, pois é impossível convencê-lo de seus erros. Devo, portanto, declarar-lhe, desde já, que a esperança que depositou no meu auxílio terá que se desvanecer. Com todo o prazer daria meu sangue para que meu pai mudasse de ideias e de costume; desejaria até mesmo ser um Deus para impedir seus atos que são contra a justiça... Mas isto não quer dizer, estimado doutor, que eu não tente alguma coisa em favor do velho Farrau. Esta noite farei ver a meu pai a injustiça do seu proceder, embora tenha a certeza de ser derrotada. Porém, é minha obrigação e intentarei tudo para demovê-lo.

Senhorita — explicou João — considero-a um anjo celeste, seja quem for seu pai, e, antecipadamente, lhe agradeço sua intervenção no caso de Farrau, porque os Evangelhos nos dizem: "Segundo suas intenções serão recompensados."

— Doutor — disse Maria — quer apertar minha mão, depois do sucedido ontem?

— Considero-me feliz, senhorita, e mais ainda se me permitir beijá-la, porém...

— Fale sem receios, doutor. Que significa esse "porém"? Quererá, talvez, se referir ao adágio: "Beijar a mão e desonrar a barba"?. ..

— Oh, perdão senhorita! Minha intenção era outra: queria dizer-lhe que não é lícito beijar a mão que pertence a outro. . .

Maria enrugou as sobrancelhas e João julgou que ia sobrevir outra tempestade. Porém, longe de se aborrecer, ela sorriu, perguntando:

A quem pertence minha mão?

— Ao Emir Shafik.

— Juro-lhe, doutor, que, enquanto eu viver, não lhe pertencerá minha mão.

João guardou silêncio, porém sorria.

— Que tem, doutor?

— Não sei se tenho direito de perguntar mais.

Autorizo-o a falar com franqueza.

— Já que me permite perguntar o que quiser, gostaria de saber quem é o feliz mortal que a pretende?

— E o senhor chama de feliz aquele que pretende minha mão?

— Quem a pretende propriamente não, porém sim quem a obtiver — corrigiu João, enquanto estreitava, entre seus dedos, a mão delicada de Maria; e logo ajuntou solenemente: — Sim, juro-o!

— Se o senhor acha que a felicidade consiste em obter minha mão, pode ficar com ela.

Como se fosse tocado por uma poderosa corrente elétrica, João se aprumou de um salto, suas pupilas se dilataram com uma expressão de assombro.

— Que disse a senhorita? — perguntou ele, sem dar crédito ao que ouvia.

— Não costumo repetir nem trocar minhas palavras.

— Senhorita!

— Suprima "senhorita".

João começou a depositar sobre a mão de Maria, que tinha entre as suas, uma interminável sucessão de beijos, e ela não opunha a menor resistência às carícias amorosas do advogado.

Ao cabo de alguns instantes, perguntou:

— E agora, ainda pensa em demandar contra meu pai?

João, admirado, respondeu com tom severo:

— Que quer dizer com essa pergunta?

— Quero dizer — replicou a filha do Bey — que lhe ofereço o meu amor, com a condição de não acusar meu pai.

João contemplou longamente Maria. Seus olhos refletiam a tristeza de viajante

situado na encruzilhada de dois caminhos igualmente desconhecidos e perigosos. . . Em seguida, ergueu seu olhar e exclamou:

— Meu Deus! Que culpa cometi para me castigares desta maneira? Serei acaso um joguete nas mãos do destino, para que todos abusem de mim?

Depois fixou seu olhar em Maria, dizendo-lhe:

— Maria Harkuch, estás muito enganada, acreditando que João Bakal é uma mercadoria como outra qualquer, que se vende ao primeiro que a procure... É verdade que fui um tolo, julgando que a filha de José Bey Harkuch se rebaixasse a amar um camponês desinteressadamente. Porém, graças a Deus, desperto-me a tempo de minha embriaguez. Agora, ouve minhas últimas palavras: não preciso mais de reconciliação!.. . Amanhã mesmo acusarei teu pai de usurpar terras alheias!

Ao terminar estas palavras, fez uma inclinação a Maria, em sinal de despedida.

— Espera! — exclamou ela por sua vez. — Disseste tuas últimas palavras e eu também quero dizer as minhas.

E voltando-se para as jovens, chamou-as:

— Joana! Josefina! Venham cá!

Admirado pelo procedimento da jovem, João dizia para si mesmo: "Que insulto ou ofensa me estará reservando?"

No mesmo instante, acudiram as amigas de Maria ao seu chamado e esta lhes disse:

Há um momento indispus-me com este senhor, porque lhe ofereci meu carinho e minha amizade, em troca do seu silêncio, querendo assim livrá-lo da inimizade de meu pai, do Bispo e do Emir. Ele, porém, não aceitou e respondeu-me com insultos, pagando-me assim o bem com o mal. Por isso. ..

Calou-se a jovem um momento e, aproximando-se de João, tomou-lhe o braço, continuando:

Terás teu castigo. . . João Bakal. Se tivesses consentido em não demandar contra

meu pai, se me tivesses obedecido — e enquanto falava, Maria ocultava um sorriso — eu te teria menosprezado e detestado.

João escutava estupefato. A filha de José Bey Harkuch continuou:

— João, és o maior homem que eu conheci no Líbano. Antes de conhecer-te, eras o alvo ao qual dirigia sempre o meu pensamento. Eras o herói de meus sonhos antes de despertar. .. Há alguns minutos, quando Joana me disse que querias falar-me, estremeci, como se pressentisse que, naquele minuto, esse sonho da minha vida seria transformado numa formosa realidade.. . Bendito seja o incidente de ontem, o encontro de hoje e também o casal Farrau, porque são os laços que nos ligam. Dize-lhes, em meu nome, que lhes darei tudo o que herdei de minha mãe. .. Há pouco me beijavas secretamente a mão; e agora eu retribuo teus beijos publicamente. Diante de Deus e destas duas mulheres, eu te juro que serei tua amiga, tua irmã, se quiseres, até a morte.

E sem deixar-lhe tempo para responder, cobriu de beijos o rosto de João, que, submisso e silencioso, se assemelhava a uma criança que se deixava acariciar pela mãe.

E quando Maria se cansou de exprimir seu afeto, disse a suas companheiras, abraçando-as:

— Podem felicitar-me! Porém, não me invejem!

Alegres, elas a abraçaram também, cobrindo-a de beijos. Joanita não deixou perceber o pesar que invadiu seu coração, porém em seus olhos tremia uma lágrima.

* * *

Dizem que o amor nasce de uma longa convivência; pode ser verdade, algumas vezes. Porém, a isto não se deve chamar amor, porque é um sentimento obrigatório ou oriundo do hábito. Dois jovens se casam por conveniência: no princípio de sua vida matrimonial se golpeiam até se cansarem; e então choram e se lamentam. Porém, como o matrimónio, em muitos países, é uma cadeia dura, que não pode ser limada nem despedaçada, compreendem que é preciso encontrar um pouco de mel para a acidez da vida; e assim começam os seus esforços para suportarem-se mutuamente. Por fim, conseguem e é isso que se chama amor obrigatório ou de conveniência.

O verdadeiro amor é o produzido por um olhar e se um olhar não o produzir, não o produzirão tão pouco cem anos de vida em comum.

Um poeta árabe construiu a seguinte escala para o amor: Olhar, sorriso, saudação, conversação e encontro.

Outro poeta é mais exigente e, para chegar ao verdadeiro amor, propõe maior número de degraus: Seis olhares fazem um sorriso; seis sorrisos uma saudação; seis saudações um beijo e seis beijos com interesse conduzem ao matrimónio.

João e Maria olharam-se e seus corações palpitavam sob o influxo de seus olhares. Sorriram, cumprimentaram-se e, finalmente, falaram. "Faça-se!" — disse Deus e o mundo se fez. Uma só palavra incrustou na via láctea milhões de sóis; no espaço, milhões de mundos; e em cada mundo, milhões de seres. E assim cada coisa em si mesma é um mundo.

Uma palavra saída da boca do homem pode conduzir à morte ou à imortalidade. Uma única sílaba pronunciada por um rei conduz seu povo à glória ou à derrota... A ferida produzida pela espada pode ser curada, porém a da palavra não tem cura. A palavra é a essência da divindade na terra. Pode-se derramar sangue, queimar os corpos, encadear os pés e as mãos, porém a palavra, uma vez pronunciada, não pode mais ser retomada, porque, como o ar, reina no espaço e ninguém tem poder para aprisioná-la.

Jesus foi crucificado, porém suas palavras reinam e reinarão até o fim dos séculos. Sócrates foi envenenado, porém ainda hoje admiramos sua doutrina. Assim, nem os judeus puderam matar Jesus, nem os gregos puderam fazer calar Sócrates, porque suas palavras ficaram e os imortalizaram.

Maria pronunciou uma palavra e, com ela, mudou a direção da sua vida e da de João, fazendo-os viajar da novela à história e da sombra à realidade.

* * *

— Nós nos veremos em minha janela — disse Maria a seu namorado.

E dirigindo-se às jovens que estavam com ela, disse-lhes:

— Vocês são surdo-mudas.. .

Juntos fizeram a viagem de regresso ao povoado e Maria assim falou ao jovem:

— É hora de sapararmo-nos; aparentemente seremos sempre inimigos.

— De quem tens medo? — perguntou ele.

— A ninguém temo. Porém, tremo por ti, por minha felicidade. Temo que a víbora morda teu pé e não possas acompanhar-me até o cume da felicidade.

CAPÍTULO VIII

CRÔNICAS

O tempo nos leva de um lugar a outro e nos muda de estado a cada momento. A sorte nos leva pela mão a todos os ambientes, e nós, com tantas mudanças, só vemos o que tem sido um tropeço no nosso caminho. A verdade nua se transfigura diante de nossos olhos, e em nome do desejo nos aproximamos dela, para arrebatar-lhe sua coroa de pureza. A sabedoria nos chama em cada esquina, para nos impor seu jugo suave e nós continuamos a correr sem ouvi-la, acreditando ser um animal feroz. A liberdade nos oferece seu néctar substancial e nós nos embriagamos na orgia até o embrutecimento. Nossa mãe Natureza nos convida à contemplação muda da sua beleza e nós tememos seu silêncio, como se fora o silêncio da tumba. Então, em desenfreada carreira, fugimos para as cidades e nos lançamos uns sobre os outros. As almas mais oprimidas, pelo peso das demais, gritam pedindo socorro, e nós dizemos que estão loucas.

Assim cavalgam no tempo os dias e os anos e atrás deles segue o homem empunhando as rédeas dos seus desejos e paixões. Não sente a suavidade da brisa, nem a força do temporal. E se um infeliz tem a sorte de escapar de seu cárcere e fala do zefino e do furacão, todos o olham com compaixão, porque o creem alienado. Então ele se retira, Iamentando-se: "Gritei e ninguém me ouviu."

Pois bem, uma vez que temem o ar puro, deixemos que se asfixiem em sua prisão putrefata e nauseabunda.

* * *

Maria fez todo o possível para convencer seu pai da injustiça que cometia para com Pedro Farrau, porém suas palavras tinham o valor de um discurso pronunciado no deserto.

João iniciou a ação contra o Bey e este a acolheu com uma gargalhada, como riu outrora Golias, ao ver Davi disposto a lutar com uma funda.

Os dias e os meses iam passando, arrastados pelo vento outona do tempo, e já a

ação chegava a seu fim.

Mas tendo o Bey verificado que seu adversário não era tão fraco como supunha e que a justiça seguia seu caminho, rosnou como um cão, na luta, mostrando os poucos dentes amarelos e carcomidos que lhe restavam. Interveio o Bispo, valendo-se de sua influência, por m não conseguiram fazer tropeçar a lei em seu roteiro, ou fazê-lo mudar de direção. Por quê? Pela eloquência de João Bakal? Pela propriedade dos juízes? Não, por nenhuma dessas razões. É porque a ver a e o direito por si mesmos se impunham, ainda que isto tenha caráter de milagre.

* * *

A justiça entre os homens é o jugo dos fortes sobre as costas dos fracos. A lei é látego para o obediente e riso para o rebe e que lhe escapa. Quem rouba um pão é um ladrão e a justiça o condena, porém quem rouba e desfalca milhões é um grande financista e o povo o aplaude. Quem mata o corpo é executado e, para isso, existem muitas forcas e guilhotinas; mas quem assassina a alma, com seus lamentos e discursos mentirosos, permanece em liberdade. Não há castigo para quem desonra a mulher, mas a mulher desonra a ser lapidada. O rico devora o pobre e o forte consome o fraco, a vê tudo isso e se cala. Por quê? Por quê?

Porque as leis morais e sociais são ditadas pelos fortes e de acordo com seus próprios interesses; nunca um débil ou deserdado criou e alguma. Um poderoso jamais formou uma legislação que não servisse a suas próprias ambições. Estas são as leis que os homens escolheram para os homens, cujo conjunto sarcasticamente se chama Justiça.

A erva absorve sua nutrição da terra; o jumento pasta a erva; o leão devora o jumento e, finalmente, o homem caça o leão.

Que nome se pode dar à lei que autoriza a morte de irmãos e, portanto, fabrica "Cains" aos milhões? É sem dúvida a lei do demónio, governando as criaturas de Deus.

* * *

Atribui-se a Darwin a criação das teorias sobre a luta pela existência e domínio do mais apto.. . Por que atribuir a Darwin essas teorias que formam a própria essência dos seres? Pelo único fato de lhes ter dado esse nome, pode-se afirmar que Darwin é o criador de tal sistema?

Não é possível que seja assim, porque dar nome a uma lei qualquer não implica necessariamente que quem o fez a descobriu.

Nasce um homem no berço da desgraça; cresce no meio da ofensa e da humilhação; envelhece nos antros de exploração e tirania; morre enfim, levando para o túmulo as marcas da sua desdita, e a humanidade se vangloria da igualdade.

Obriga-se o soldado a abandonar seu lar; tira-se à sua esposa e filhos o pão que os alimenta cada dia; faz-se dele, por imposição, um assassino, que está sujeito à ambição e à vontade de um só homem, e a isso se denomina "cumprir o dever para com a pátria".

Prende-se aquele que, para matar sua fome, rouba um pão de quem tem de sobra; não se compreende, entretanto, que é a própria sociedade que instiga ao roubo, negando aos seus membros aquilo de que tem necessidade para viver. E quando o infeliz é lançado num cárcere, diz-se que se cumpriu a lei, que manda exterminar os ladrões.

Seduz o homem uma virgem pobre, vencendo, com o dinheiro, a sua consciência; mas quem sofre é só ela, porque isso é o que a humanidade chama o castigo merecido por sua culpa.

Justifica-se tudo isso dizendo e ensinando que a lei é o limite imposto à liberdade da pessoa, de modo que não pode fazer nada de nocivo a um ser humano, mesmo quando ela própria o fere e condena.

Estas são palavras tão vãs e ocas como muitas outras das legislações humanas.

* * *

Se assim é, como pôde, então, João Bakal triunfar sobre o Bey?

Triunfou João no processo contra José Bey Harkuch pela simples razão que o círculo não pode ser triângulo e nem o ouro pode ser cobre. Ganhou a causa porque o direito que ele defendia era tão claro como a luz do sol e contradizê-lo seria escandaloso. Quantas vezes buscaram, advogados e juízes, em seus velhos volumes e quantas vezes consultaram a escritura, para ver se havia qualquer coisa em que se apoiassem, a fim de derrotar João, porém todas as suas tentativas e esperanças foram frustradas. Então viram-se obrigados a render jus-

tiça, mesmo contra a sua vontade, e aconselharam ao Bey fazer um acordo com João Bakal.

* * *

A víbora que não pode atacar de frente seu adversário espreita seu pé entre as ervas; o covarde cava um fosso para seu adversário, não tendo coragem de enfrentá-lo peito a peito.

Quem não tem amor próprio, quando não pode realizar seu intento pela força, recorre à humilhação. A astúcia é e será sempre a arma do homem e do animal: a astúcia é o emblema da humanidade e a hipocrisia é seu guia. O homem é hipócrita para com seu próximo, seu amigo, para consigo mesmo e até para com Deus.

Há sorrisos que ferem mais que uma espada e há punhais ameaçadores mais suportáveis do que um abraço. O beijo com que Judas entregou o divino Mestre foi mais venenoso que a picada de um réptil e mais frio que a própria morte.

Mas como a franqueza e a lealdade são qualidades raras no homem, todos fingem ser francos e leais. Assim, o mentiroso toma o santo nome de Deus como testemunho; o ladrão finge ser religioso, e a filha de Babel comete seu adultério, oculta atrás do biombo da honradez.

* * *

Eram 8 horas da noite, quando o criado dos Bakal entrou no refeitório, onde se achavam João e seu pai.

— Doutor — disse ele — um lacaio do Sr. Bispo está na sala e deseja falar-lhe.

— Não disse o que quer?

— Não, doutor.

João interrompeu seu jantar; passou o guardanapo pela boca e saiu.

* * *

Este é um costume de que os libaneses podem se vangloriar. Lá não se diz ao

visitante: "Meu amo não pode receber-vos agora porque está ocupado, comendo ou dormindo" ou então: "Voltai depois"... Lá o médico se levanta da mesa para atender ao enfermo, e o sacerdote deixa seu leito, alta noite, para confessar um moribundo. Este costume se estende a ricos e pobres, todos deixam suas ocupações para atender os que os procuram.

* * *

João entrou sorridente no salão, saudando o lacaio.

— Doutor — disse este — Monsenhor pede-lhe a fineza de ir à sua casa, pois necessita falar-lhe.

— Será assunto muito importante que exija minha presença imediata?

— Não, o doutor pode terminar seu jantar; eu irei adiante para anunciar sua chegada.

— Muito bem; então irei após a refeição.

— Boa noite, doutor.

— Boa noite.

O lacaio saiu e João voltou à mesa, sorrindo.

Seu pai perguntou-lhe:

— Que deseja Monsenhor?

— Deseja falar-me, porém em sua casa.

— Podes adivinhar o motivo?

— Creio que quer intervir na transação. Viu que o Bey perdia publicamente e agora quer arranjar as coisas em segredo. . .

— Tem cuidado, meu filho — suplicou temeroso o velho. — Se não chegarem a um acordo, podem perder-te.

— Não te preocupes, meu velhinho. Estou seguro da paz — respondeu João,

rindo significativamente.

* * *

Meia hora depois, João despediu-se de seu pai. Antes de ir à casa do bispo, dirigiu-se à de José Bey Harkuch, para ver sua idolatrada. Maria o esperava e depois de abraçá-la, disse-lhe o advogado:

— O Bispo mandou me chamar.

— Eu já esperava isso, porque meu pai passou todo o dia em casa de Monsenhor e agora voltou novamente. . . Creio que te chamam por causa da demanda. .. Agrada-me a paz, porém também a justiça. Não te esqueças de pedir honorários elevados.

— Honorários?

— Sem dúvida. Meu pai é um adorador do ouro e é rico; umas 50 libras não o empobrecerão.

— Não estás brincando?

— Eu nunca brinco quando se trata de coisas sérias. Deves exigir teus honorários; do contrário dirão que estás com medo.

— Tens razão, mas agora deixemos o Bispo e os honorários... Como está linda a noite!

— Não estás brincando?

João sorriu e começou a beijá-la, enquanto ia lhe dizendo:

— Como são prontas as tuas respostas e interessante a tua conversação!

Naquele momento, chegou até eles o longínquo som de um sino, que anunciava 9 horas da noite.

— Como o tempo passa, quando estás a meu lado!. .. Agora vai e volta mais tarde.

— Até logo, meu amor.

E João encaminhou-se para a casa do Bispo.

* * *

Tudo o que é oculto tende a espalhar-se. Tudo o que é feito na escuridão da noite é divulgado à luz do dia.

Duas notícias se propagaram no povoado, no dia seguinte; a primeira era que José Bey Harkuch devolveu os terrenos usurpados a Pedro Farrau e que este abandonou a ação. Todos no povoado acudiram a felicitar João, desejando-lhe uma longa vida, cheia de prosperidade. Este é o costume espalhado por todo o mundo. Se um patriota se revolta contra seu governo e contra o jugo da opressão, é chamado revolucionário, bandido ou ladrão se fracassar em seu intento. Porém, se triunfar é um libertador, um conquistador, um pai da Pátria.

A segunda notícia, que era do domínio público, era que o Dr. João Bakal estava enamorado de Maria Harkuch. Uns sussurravam a veracidade deste fato, outros o negavam. Porém, de qualquer maneira, era o único tema das conversações no povoado. De que se ocuparão a mulher que nada tem que fazer e os vizinhos, à noite, a não ser das conversas e notícias da vila?. . . Um tem no rosto uma longa barba, mas são os outros que se sentem molestados por ela; e assim ninguém escapa. Porém, quem divulgou o segredo dos dois namorados, oculto há tanto tempo? A esta pergunta basta responder com o provérbio: "Um segredo que passa de dois, já não é segredo." Os pais dos dois jovens souberam e diante da resposta afirmativa destes, José Bey tremeu de cólera e o velho Bakal franziu as sobrancelhas.

* * *

Naquele ano cheio de acontecimentos, o Líbano sofria os flagelos da guerra europeia.

Não compete a mim escrever uma história da Grande Guerra, porque muitos historiadores já o fizeram; porém é necessário relatar as desgraças que a ruína e a barbaria mundial enviaram ao Líbano.

Desde que a Turquia conquistou a Ásia Menor, sempre teve que vigiar aquele pequeno país chamado Líbano. O Emir Frajre Eddin e o Emir Bachir Chebach escreveram, com letras de sangue, na fronte da Turquia, os feitos daquelas memoráveis batalhas, que lhes custaram tanto dinheiro e tantas vidas. Desde

então, a Turquia olhou o Líbano como um inimigo acérrimo e o Líbano, por sua vez, considerava a Turquia como uma fera ávida de sangue.

O Sultão Abud-ul-Amid, sintetizou, nas seguintes palavras, o sentir do seu povo: "O Líbano é um piolho na minha cabeça."

O degolamento do ano de 1860, entre drusos e cristãos, foi apenas uma conspiração. A Turquia foi a mais prejudicada, porque as potências europeias obrigaram-na a dar independência ao Líbano e a pagar anualmente 500 sacos (*) ao Fisco Libanês. E o único direito que a Turquia tinha sobre o Líbano era poder nomear um comissário, dependente da aprovação das potências da Europa, de acordo com sua conveniência. Assim, o Líbano gozou de sua independência até o ano fatal de 1914.

A Turquia, então, rompeu com os aliados, unindo-se à Alemanha, e ambicionou novamente apoderar-se do Líbano, entrando neste país, com sua política de raposa, ajudada pela Áustria e Alemanha. Porém, não entrou com cabeça erguida, como uma conquistadora, mas sim hipocritamente, como uma mãe que quisesse devolver a seus filhos o caminho perdido há tempo. E como se a natureza quisesse ajudá-la na obra de extinção do Líbano, os gafanhotos, uma das pragas do Egito, invadiram a região dominada e destruíram todo o verdor dos campos. Dois aliados dignos um do outro, o exército invasor da Turquia e o exército de gafanhotos, lutaram contra os libaneses. Os turcos impediram a entrada de provisões e os gafanhotos destruíram o pouco que havia dentro do país, e assim esse plano diabólico causou a morte de mais de 100 mil libaneses.

Fome! Haverá quem saiba toda a significação desta pequena palavra de 4 letras?

Só quem já tenha sentido as garras da fome despedaçar suas entranhas, poderá conhecer o significado desta palavra mortal. É um vocábulo que se encontra na história e nos dicionários, e como não pesa muito nos livros, não pesa também na memória dos homens.

Se perguntarmos a alguém se alguma vez sentiu fome, nos responderá que sim, querendo significar, com essa afirmativa, o desejo de tomar alimento, quando já passa da hora de fazê-lo.

Mas isto não é fome. Sentir fome é ter a tez cor de terra, é ser um cadáver ambulante, com os olhos fundos, cercados de olheiras; é ter os pomos salientes, a boca entreaberta, como se esperasse uma migalha de pão, e haver perdido a

faculdade de mover-se. Isto sim é ter fome.

Fome! Fome é a desgraça milenária, a maldição bíblica, que paralisa a língua e liga as mãos. A fome é a arma mais formidável que possuem os tiranos e verdugos para submeterem aqueles que querem ser livres e felizes; é um espetáculo divertido para os exploradores.

Fome é uma palavra que as autoridades não conhecem, do contrário não seriam o que são.

Tal foi a desgraça do Líbano nos últimos anos da guerra: um crime concebido por cérebros de panteras ou de répteis; uma tragédia heroica sem cenas e sem canto. Morreram os libaneses no país do leite e do mel; morreram num suplício de Tântalo, entre campinas que eles viram produzir.

* * *

A moeda que depositas na mão estendida para ti, ó rico, é a escada que une o que tens de humano com o sobre-humano; e aquele que dá um pouco de sua vida a quem quase já não tem vida, é o único digno de luz e de repouso em suas noites.

As calamidades que sofreu o Líbano na guerra encheriam volumes inteiros. Porém é preciso que a pena se detenha para não abrir uma ferida que está se cicatrizando, para não acender fogo onde só há cinzas.

Cala-te, débil coração, porque é prudente calar quando falam as forças ocultas do Universo e quando falam os senhores da opressão.

Cala-te, débil coração, porque as forças contra as quais tu gritas não entendem outra linguagem que o troar dos canhões, nem outras súplicas que as pronunciadas pelos projéteis.

Detêm-te, pena, porque não é a mesma coisa escrever com sangue do que com tinta.

CAPÍTULO IX

O ESPÍRITO REBELDE

O corpo é uma força cega que se revolta na loucura e a alma é uma força consciente que apaga as paixões. A alma é uma luz e o corpo um véu opaco que a oculta; porém, se esse véu se tornar transparente, o homem será iluminado e poderá iluminar também os outros, do contrário viverá na obscuridade, no meio de milhões de sóis e estrelas.

A alma e o corpo estão tão intimamente unidos, que formam uma só força; porém, de sua influência recíproca nasce uma outra força, que está sempre em luta com a primeira.

A alma tende a escalar a montanha da felicidade e o corpo a descer o abismo da desdita, exercendo, assim, um sobre o outro, uma atração contínua.

A alma é rica de sabedoria e o corpo só a possui no grau mínimo, que chamamos instinto. Nem ela pretende ensinar-lhe nem ele aspira aprender; daí a infelicidade.

O fim desta guerra constante é o predomínio do mais forte, com a queda do mais fraco a seus pés; mas a vitória final pertencerá sempre à alma, porque, imortal por essência, ela não pode ser aniquilada pela matéria, transitória por natureza.

* * *

Primavera de 1918. Transcorreram-se meses desde que João Bakal sentiu seu coração pulsar por amor de Maria Harkuch. No começo desta história, que se desenrola por si mesma, como um novelo de linha arrastado pelas travessuras de um gato, ouvimos da boca da filha do Bey as seguintes palavras:

— A aurora nos separa, mas a noite nos unirá.

Porém, agora eram os pais dos dois namorados que tudo faziam para separá-los, muito mais que a aurora.

Entretanto, tudo foi em vão, porque o destino os tinha unido com uma força quase invencível.

Entre os aliados da oposição paterna estavam o Bispo e o sacerdote: a autoridade religiosa e social lutando contra o amor.

* * *

Naquela manhã, José Harkuch chamou Maria aos seus aposentos. Maria acudiu ao chamado de seu pai, saudou-o e este lhe ordenou:

— Senta-te.

Seu coração adivinhava uma próxima tormenta, e o rosto sério de seu pai a fazia tremer. Maria sentiu profunda tristeza. Depois de uma longa pausa, falou o Bey:

— Maria, esta brincadeira acabou. Tenho sido até hoje muito brando para contigo, mas hoje quero recuperar minha autoridade paterna sobre ti. Dei-te, durante todo este tempo, ampla liberdade, acreditando que, cedo ou tarde, voltarias a ti e distinguirias o bem do mal... Porém, tem sucedido o contrário daquilo que pensei: tu estás mais ignorante do que eras. — E solenemente ajuntou:

— Chamei-te para dizer-te definitivamente que combinei com o Emir casar-te com seu filho em fins de julho... Podes dizer-me desde já o que precisas.

Maria levantou a cabeça e, aparentemente calma em sua voz, disse a seu pai:

— Estás falando seriamente, papai?

— Disse-te no princípio que o caso é sério, que essa brincadeira deve terminar.

— E se eu não quiser me casar com o filho do Emir?

— Tu casarás com ele, quer queiras, quer não! — exclamou bruscamente o pai, levantando-se precipitadamente, como se fosse esbofeteá-la. — Então não queres?. .. Eu sou o único, nesta casa, que pode dizer "quero" ou "não quero"! Desgraçada de ti se me desobedeceres! Acreditas tu que eu permitirei que te cases com aquele cão, que é João Bakal?... Prefiro ver-te morta a ver-te casada com ele!... Queriam casar-se secretamente, não é assim?

Maria reteve um grito de surpresa, mas, serenando-se logo, perguntou:

— Quem te contou isso?

— Quem me contou?... A irmã do cura que, de um quarto vizinho, ouviu tudo o que teu querido disse ao sacerdote! — E com um riso de triunfo, ajuntou: — Já vês que conheço todos os teus feitos... Já que tua cabeça te conduz a essa extrema loucura, não me resta outro remédio senão casar-te com o Emir Shafik.. . Esta é a minha última palavra.

Mecanicamente, Maria ajoelhou-se aos pés do Bey e suplicou, enquanto abraçava suas pernas:

— Papai, por Deus!... Eu sou tua filha única, não me apunhales o coração! Eu sou uma parte de tua alma e de teu corpo, não me lances aos porcos! Sou a essência do teu espírito, não me acorrentes a esse cadáver pútrido!.. . Juro-te, papai, que o Emir não me quer; o que ele quer é minha fortuna. . . Sem tua permissão, não me casarei com João Bakal, porém não me obrigues a ser esposa do Emir!... Com esse matrimónio me envias ao túmulo, me envenenas, porque não há nenhum poder neste mundo que me faça amar esse homem... Eu não quero o homem que me deseja com mentira e que, casando-se comigo, só se casa com meu dinheiro. Porém, se me obrigares a ser sua esposa, eu tenho duas maneiras para resolver minha situação: ou te deixo minha coroa de flores de laranjeiras pisada e fujo para o fim do mundo, escapando assim às leis tecidas pelos costumes, ou ponho termo à minha vida!. ..

José Harkuch era covarde e, ao ouvir as ardentes e entrecortadas palavras de sua filha, sorriu com o sorriso do pusilânime que vê o leão já morto. Em sua covardia temia tanto a morte, que não podia pensar nem mesmo num falecimento natural. Como poderia, então, acreditar que Maria se suicidasse?. .. Quando ela acabou de falar, ele respondeu:

— Arrependo-me de ter dilatado tanto o prazo, porém amanhã mesmo falarei com o Emir para antecipá-lo.

Maria levantou-se do solo e, com um tom saturado de orgulho e vingança, disse ao Bey:

— Está bem. . . Quis convencer-te com provas e razões justas, mas tu não quiseste escutá-las.. . Pois bem, ouve o que vou dizer-te: meu corpo te pertence,

minha alma pertence a Deus. .. Mas minha vontade só a mim pertence! Minha última palavra. . .

Maria não pode terminar, porque a mão brutal de seu pai atingiu seu rosto, lançando-a ao solo sem sentidos.

Contemplou-a um momento e quando a ternura ia bater às portas do seu coração, a brutalidade se negou a abri-las.

— Ah! mulheres! — exclamou — conheço muito bem sua astúcia. . . Podes morrer, porém antes te casarás com o Emir. . .

Neste momento, a porta se abriu e entrou a criada que, ouvindo um ruído no quarto do seu amo, acorreu para ver de que se tratava. Viu, então, Maria estendida no chão, sem sentidos, e começou a reanimá-la, com carinho e palavras sentidas. José Bey abandonou o aposento.

* * *

Antes que se desperte o homem ou a mulher do sonho da meninice; antes que os deuses aprisionem o fogo do amor no coração; antes que germinem as sementes do carinho, os pais procuram casar os filhos. Durante aquele sonho, a jovem acredita que o cúmulo da felicidade consiste num vestido que adorne seu talhe; num coche que a conduza aos lugares de diversão ou num ambiente confortável e luxuoso que a rodeie. Porém, quando desperta, quando a luz abre seus olhos e sente que línguas de um fogo sagrado calcinam seu coração, quando suas asas se movem, para elevá-la ao céu do amor, e se encontra presa às cadeias das leis, antes de compreendê-las, então sente que a felicidade não consiste, para a mulher, em jóias e vestidos, mas sim no amor que une sua alma à do homem, mesclando seus corações e sentimentos, formando os dois um só membro no corpo da vida e uma só palavra na boca de Deus.

* * *

Maria despertou do sono juvenil e viu uma luz suave que emanava dos olhos de João. Cerraria seus olhos para não vê-lo? Ouviu uma harmonia celestial que invadia todo o seu ser. Deveria tampar os ouvidos para não ouvi-la?... Ainda que cerrasse os olhos e fechasse os ouvidos, teria sempre que ver e ouvir. Como abandonar um homem que a adora, para seguir outro a quem odeia, somente para obedecer às leis de sua terra?

Maria quer fazer a vontade de sua alma, ouvir o grito de seu coração e os cantos dos anjos.

Maria não quer se casar com um capitalista, que herdou sua fortuna de um pai avaro e adquiriu a educação dos que vagam pelas ruas. Não se casará com ele, porque, terminada a lua de mel — lua que teria um eclipse — ele a abandonaria no seu palácio para voltar às mulheres perdidas. Então só lhe restaria procurar um jovem formoso, de palavra suave, para derramar em seu espírito os sentimentos afetuosos, enchendo-lhe os bolsos com o ouro do seu esposo. . .

Maria é uma jovem instruída e pede para esposo um homem mais culto do que ela. Não quer um marido, mas sim um senhor carinhoso, um homem que brinque com ela, como se fora uma menina.

Maria não quer e não pode querer um homem que pertence mais à escala biológica do que à humana, porque ela não era da mesma opinião que a esposa de Rousseau, que dizia: "Que desgraça ter um sábio por esposo!"

Todo ser na terra vive pela lei da sua natureza e da natureza de sua lei lhe vêm a glória e os gozos da liberdade. Será o homem o único ser privado dessa liberdade, porque cria para sua alma divina uma lei humana muito limitada?

* * *

Nessa mesma noite e quase à mesma hora, chegou João à janela, onde o esperava sua querida. Após o acostumado abraço, Maria lhe disse:

— Por que tardaste?

— Ao contrário, querida, cheguei dez minutos antes da hora marcada.

— Deus meu! Que dia tão longo passei hoje!

— Por que, amada? Que aconteceu?

Maria não pôde falar. Inclinou-se no ombro de João e começou a chorar.

O homem enamorado pode suportar facilmente a dor e até a morte, porém ver chorar a sua amada é bem mais cruel.

João, que durante dois anos não podia ver Maria triste um só dia, agora a encontrava banhada em pranto e abatida pela dor!

A emoção aumentou extraordinariamente as pulsações de seu coração, como se quisesse saltar do peito, e, num esforço supremo para manter-se de pé, perguntou:

— Maria, minha adorada, que tens?

A jovem quis falar, mas sua garganta recusou-se a articular um único som. João esperou um minuto muito angustioso, durante o qual mil pensamentos fúnebres lhe passaram pela mente. Finalmente, Maria enxugou suas lágrimas, abraçou João e pôs em seus beijos toda a loucura e frenesi que traíam o temor de perder o ser querido. Beijava-o como se quisesse derramar todo o seu espírito na alma de João, até a última parcela. Durante muito tempo os beijos de Maria selaram os lábios de João, até que este, desesperado, tomou-lhe a cabeça entre as mãos, dizendo-lhe com doçura:

— Acalma-te, Maria! Se não quiseres que eu morra de angústia e de incerteza; dize-me, que sucedeu?...

— Vida minha! Querem separar-nos, querem separar minh'alma do meu corpo e acreditam que eu possa sobreviver a essa separação! Meu pai exige que eu me case com Emir Shafik!. . .

João experimentou grande decepção e angústia, ao ouvir as palavras de Maria; porém, antes que pudesse responder, Maria insinuou:

— Vêm, sobe. . . Entra em meu quarto. É a primeira vez que te permito penetrar nele, e aqui te direi tudo.

— Maria!... Que estás dizendo?. . . Eu, pecador, não posso entrar em teu santuário. Valha-me Deus!.. .

— Vêm, digo-te que subas. A partir desta noite serás o sacerdote do meu santuário. Lembra-te de que o inocente que pode derrubar a porta de sua prisão e não o faz é um covarde; igualmente, quem pode conquistar seu direito pela razão e o adquire pela força, comete o mesmo crime daquele que, podendo adquirir uma coisa de uma maneira lícita, a obtêm roubando-a. . .

João vacilou. Havia em seu sangue o preconceito das leis e dos costumes milenários. Recordou a vingança dos homens contra os ofensores de sua honra, porém recordou também sua paixão por Maria, por aquela doce e angélica criatura, que queriam arrebatar de seus braços.. .

Saltou a janela e entrou no santuário de sua amada.

* * *

Um só minuto que se vive no encantamento da beleza e nos sonhos do amor, é muito mais sublime e muito maior que um século de glórias. Pois naquele minuto nasce a divindade no homem e durante aquele século dorme com um sonho perturbado e constantemente interrompido.

Um minuto liberta a alma dos contraditórios e convencionais costumes humanos e um século a sujeita às pesadas cadeias da tirania. Um minuto, que enche o coração de luz e de fogo, é preferível a um século que o cobre de trevas e o sepulta na ignorância.

Porém, naquele minuto, o ardor da juventude cega o homem e o faz caminhar às tontas, pisando as leis sociais, mas esquecendo-se que quem pisar a cauda da víbora sentirá sua picada.. .

CAPÍTULO X

DEPOIS DE UMA NOITE DE CALMA, SURGE UMA TEMPESTUOSA MANHÃ

O professor perguntou a seus discípulos: "Que é a vida?" A raposa respondeu: "É uma galinha velha." O gato replicou: "É uma ratazana." O rato disse: "É um pedaço de carne, uma ratoeira desconsertada e um gato saciado." — E assim são também os homens — meditou o professor. — Cada qual define a vida de acordo com os seus interesses, formando assim seus pequenos conceitos limitados. Porém, a verdade é que a vida não tem definição, porque a vida é Deus e este é incognoscível.

* * *

A vida é uma tragédia, representada cada noite no teatro do tempo, com cânticos e lamentos e, finalmente, a eternidade guarda-a como uma jóia.

A vida é um depósito em poder do homem... que deve ser devolvido. Quando, como e onde?. . . Nunca o saberemos.

O homem é como um arbusto: nasce, cresce, floresce, frutifica, envelhece e depois se decompõe. Porém o arbusto pode secar e ser ainda utilizado numa obra qualquer, ao passo que o corpo do homem, uma vez que a vida o abandona, é um material inútil, que só poderá ser novamente aproveitado depois de destruído.

A vida é uma flor que o sol vivifica com seu calor, mas este calor também a murcha. É uma palavra escrita pelas leis siderais, que podem igualmente apagá-la, quando lhes apraz. É uma pérola arrojada às nossas praias pelo fluxo da maré, mas o refluxo nô-la arrebata prontamente. É uma colina que devemos escalar: o trecho já percorrido se oculta na névoa dos suspiros e das recordações e o que nos resta a galgar, o contemplamos através de sonhos e ilusões.

Quando a dor fixa residência em nosso coração, quando as lágrimas umedecem nossas pálpebras, quando os pesares oprimem nossa alma, maldizemos a vida, como chora uma criança faminta, sem compadecer-se da miséria de sua mãe.

Mas quando o coração, repleto de alegria, parece querer saltar do nosso peito, quando tudo o que sonhamos se realiza, agora sim, abençoamos a vida.

E quando o coração permanece vazio, sem alegria nem dores, quando o sentimos como um campo estéril, onde não frutificou semente alguma, então pensamos seriamente na vida.

Todo homem passa por essas três etapas: a maldição, a bênção e a reflexão sobre a existência.

* * *

João e Maria bendiziam a vida, quando se sentiam embriagados pela felicidade. Houve também um período em que a amaldiçoaram. . . E agora chegou a hora de pensar nela.

* * *

— João, vou ser mãe.

Esta confissão simples e sem preâmbulos assumiu para João um caráter de tragédia e de desgraça. Sentiu o sangue gelar-se em suas veias e seus olhos vidrados dirigiram a Maria um olhar fúnebre, demorado e mudo.

— Que tens?. . . Que há?.. . Não respondes nem uma palavra!! . ..

— Maria, dize-me: estou sonhando ou acordado?. . .

— Não, querido; o tempo, a época de sonhar já passou. Agora estamos no horrível despertar. . . Durante muito tempo, tive dúvidas, mas agora sinto que o fruto do nosso amor vive em meu seio... Ouve o que vou dizer-te, João: não me arrependo do que fiz, nem considero o meu ato um "deslize", mesmo que me acarrete a morte. Nada disso me importa, uma vez que não me case com o Emir!.. . Hoje meu pai e o Emir prorrogaram o matrimónio para depois das colheitas, porque cada um só se ocupa, nessa época, em encher seus celeiros. Portanto, temos diante de nós uns quatro ou cinco meses para regularizarmos nossa situação. Já te disse que a morte não me amedronta; porém, se estiver condenada a viver, não quero ser a desonra da minha família nem da tua!

— Querida do meu coração! — exclamou João, abraçando-a — tem confiança em Deus e em mim. A partir de amanhã, começarei a liquidar os meus negócios e apressar as causas que tenho a meu cargo. Isto me exigirá cerca de dois meses, mas não há outro remédio, porque o direito alheio, daqueles que confiaram em mim, está em minhas mãos. . . Temos tempo suficiente. Não te preocupes. Fugiremos para Damasco e lá nos casaremos. E se a Igreja Católica não quiser abençoar a nossa união, a Mesquita Maometana o fará.

— Vem a meus braços, querido! — convidou Maria. — Não deve se inquietar a mulher que tiver um marido como tu.

E deixando-se enlevar pela ideia de ser mãe, começou a tecer doces ilusões em redor do ser que ia nascer:

— Nosso filho será belo e desejo muito que seja varão!

— Pois eu desejo que seja mulher — contestava ele — para herdar tua formosura e tuas qualidades.

— Não. Que Deus não satisfaça teu desejo. Que não nasça mulher!. .. Bem sabes como é infeliz a mulher oriental!

Assim permaneceram juntos os amantes, no vaivém de tão carinhoso diálogo, até a madrugada, ignorando as surpresas que o tempo lhes reservava.

* * *

Setembro passou, outubro seguiu depois e, agora, estamos nos primeiros dias de novembro de 1918.

João empregou todo seu esforço e habilidade para terminar quanto antes mais de 40 causas confiadas à sua defesa.

Uma noite, estando com Maria, lhe disse:

— Eu já estou pronto. Bastam-te quatro dias para preparar-te?

— Quando quiseres, estarei pronta para partir contigo — respondeu ela.

— Então, depois de amanhã... — e João interrompeu sua frase, passando a mão pela fronte. Logo, com voz dolorida, exclamou: — Não me sinto bem!

— Que tens, meu amor?

— Não te aflijas, linda. Não é nada. Senti uma dor muito forte, mas já está passando.

— Querido, vai para casa descansar. Amanhã estarás bom. — E, tomando-lhe o braço, ajuntou: — Vem, eu te acompanharei até o meio do caminho.

— Tens razão. Eu estou muito cansado e necessito de repouso para podermos empreender nossa viagem. . . Não te molestes, querida; irei sozinho para casa.

— João, estás com febre! — disse Maria, preocupada. — Queres ficar aqui?

— Não, não — respondeu João, e saiu pela janela.

Maria seguiu com ele um grande trecho do caminho, até que João lhe disse:

— Agora já podes regressar.

Despediram-se com um beijo. Maria voltou para sua casa e João continuou sozinho seu caminho. Porém ambos sentiram uma opressão no coração, como se uma mão férrea os comprimisse. Era o trágico pressentimento do último encontro.

* * *

Passaram-se oito dias. João estava atacado de febre e fortes dores de cabeça. Chamado o médico, este diagnosticou uma tifóide, de prognóstico fatal.

Enquanto João, minado por uma moléstia gravíssima, marchava a largos passos para o túmulo, a filha do Bey, enlanguecida pela incerteza, dirigia a Deus seus rogos e suas esperanças. Mas, finalmente, cansada de esperar por João, há uma semana, correu por seu lado. Porém, nem a intensidade do seu amor, nem o caudal de suas lágrimas, nem a ciência dos médicos foram suficientes para arrancar o seu amado das garras da morte.

Dissemos que a vida é um depósito e João teve agora que o devolver. As leis eternas apagaram a palavra vida da página de João Bakal. A pérola tragada pela maré foi levada pelo refluxo. Após duas semanas, João deixou de existir...

Quando a morte se apresentou diante dele, quanto toda a sua existência desfilou por sua mente, com a rapidez do raio, então João se lembrou de seu amigo Adônis.

Uma hora depois de sua morte, seu velho pai deixou de existir, como se a vida não tivesse mais objetivo para ele e desejasse acompanhar seu filho às regiões celestes, onde não chegam a injustiça e a maldade dos homens.

* * *

Quando o homem perde um amigo, busca ao redor e encontra muitos e então se consola. Quando perde seu dinheiro, compreende que o trabalho, que o ganhou, pode ganhar outro e recuperá-lo. . . Estende a morte sua mão, que se abate sobre o homem, com dureza; porém, pouco tempo depois, ele sente de novo a carícia dos dedos da vida.. . O tempo se encoleriza e começa a pisá-lo, com seus pés de ferro; porém, o próprio tempo, como se estivesse arrependido, lhe estende a mão e o ajuda a levantar-se. Na obscuridade da noite, sucedem-se várias desgraças, que à luz do dia desaparecem.. . Tudo passa. A alegria, como bolhas de sabão, é efémera, mas a dor também o é.

Um rei do Oriente reuniu os sábios e filósofos de sua nação e pediu-lhes uma frase que pudesse ser aplicada a todos os momentos da vida. E eles responderam à pergunta real com esta sentença: "Isto também passará." Porém, quando o homem perde sua honra, como recuperá-la? Se a virgem perder sua pureza, poderá dizer: "Isto também passará"?

Que esperança podem ter os que perderam aquilo que não poderão jamais recuperar?

Ainda que venha Cristo e lhe diga outra vez: "Vai-te, mulher, nem eu te condeno" — os homens farão sempre o mesmo conceito da mulher decaída.

Se o ladrão se arrepender de seus delitos, o assassino e o adúltero de suas faltas, seu arrependimento, como a água batismal, poderá lavar sua mancha... Porém, o arrependimento da adúltera, de nada lhe serve. Os homens não o reconhecerão e ela será eternamente perseguida.

Desgraçada da mulher oriental que perdeu sua pureza quando solteira! Ela está condenada a viver proscrita da sociedade, como se levasse em sua fronte o signo da maldição.

Maria perdeu a tranquilidade de sua alma e a pureza de seu corpo, e, com elas, o direito à sociedade. Portanto, diante dela só se abria um caminho: a fuga.

Numa noite de dezembro, Maria sentou-se diante de sua escrivaninha e começou a escrever. Escreveu durante uma hora, uma longa carta em que as lágrimas se misturavam com a tinta. Quando terminou, meteu-a dentro de um envelope e sobrescritou: "Para meu querido pai."

* * *

Ato contínuo, fixou em seu despertador a hora em que devia acordá-la, com sua voz metálica, e deitou-se no leito para dormir; porém, o sono, como um pássaro medroso, não se aproximou.

Às três horas da manhã, levantou-se, tomou seu saco de roupas, abriu a janela — aquela janela que tantas recordações lhe trazia — e, com lágrimas nos olhos, beijou o vidro e a moldura inanimados e frios.

Pôs em seus ombros um abrigo e saltou para fora do quarto. Juntou os dedos e

enviou um beijo à casa onde tinha passado quase toda a sua vida, à casa em que provou a doçura da felicidade e o amargor da desgraça.

Em seguida, encaminhou seus passos para o cemitério. Ajoelhou-se sobre a tumba de João e orou, regando com suas lágrimas, símbolo máximo da vida, aquela terra fria, última morada da morte.

Levantou-se e falou, como se os ouvidos de João a escutassem:

— Adeus, querido João! Morreste e me deixaste. Se não fora esse filho, que se move em minhas entranhas, não te teria deixado partir sozinho, e teríamos feito juntos essa viagem para a Eternidade, onde não se encontram angústias e decepções. . . Para os homens estás morto, mas para mim continuas a existir. . . João, tu me ouves?. .. Deixo meu lar, meu pai, por teu amor, por teu filho, por nosso filho. A morte não me importaria se não quisesse imortalizar tua memória, na pessoa desse ser que nascerá brevemente. .. Eu, sozinha, sou um náufrago neste mundo; que a barca do teu espírito me salve e me conduza a um lugar de paz!... Sê para mim uma coluna de luz que ilumine o meu caminho, a fim de que eu possa chegar sem tropeços à meta!.. .Combinamos não nos separarmos, recordas-te? . . . Então, por que me deixaste?. . . Como pôde o teu nobre coração deixar sozinha a tua infeliz namorada?... Tu estás agora diante de Deus. Não podes pedir-lhe que me leve para junto de ti?. . . Ou o próprio Deus se nega a ouvir a prece de uma pecadora, pois é este o nome que me darão os homens!. . .

E no silêncio da noite, com o gemer do vento invernal entre as árvores, ouviu-se o gemer de Maria e logo, como um sussurro, as suas últimas palavras: "Adeus, João! Adeus!..."

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

PROSCRITO

Em princípios de 1916, numa noite fria e úmida, um jovem saía de sua casa, situada numa vila do Líbano, chamada Edair. Sua mãe, presa a seu braço, como se não consentisse em separar-se de seu filho querido, o acompanhara num trecho do caminho... E rompendo o silêncio e a quietude das sombras, disse finalmente, cravando nele seu olhar:

— Adônis, meu filho, que será de mim durante tua ausência? Como poderei me acostumar a viver sem ti?... Filho de minha alma, quando te verei de novo?.. . Nunca, eu sei que nunca, pois meu coração me diz, e o coração de mãe não se engana jamais. Pressinto que esta é a última vez que te vejo, pois não demoro muito a morrer.

— Mãe — murmurou o jovem ao ver aquela santa mulher caminhando a seu lado, como um espectro. — Mãe de minha alma, não te aflijas tanto! Ficam a teu lado meu pai e meus irmãos. Eu sou homem e não deves temer pela minha sorte. Asseguro-te que voltarei são e salvo e que encontrarei todos na paz em que os deixo. Agora, dize-me: preferes que eu fique para ser enforcado pelos turcos?... Já li para ti carta de meus amigos, em que me dizem que vá logo, pois compraram um barco à vela para fugirmos todos de Beirute para Chipre, amanhã à noite.

— Não, meu filho, eu compreendo o perigo que te ameaça se ficares; não te detenho, vai! Porém, que queres? Este meu coração de mãe nunca me mentiu e ele me diz que não viverei até a tua volta.

— Não, mãezinha. Não sejas supersticiosa. Deus é grande e algum dia regressarei para abraçar-te; e, então, nunca mais me separarei de ti.

— E que direi a teu pai, quando me perguntar por ti? Ah! Adônis! Fizeste muito mal em ocultar a teu pai a tua história, fugindo sem que ele o saiba... Creio que ele nunca me perdoará por não lhe ter dito tudo.

— Mãezinha, eu não me atrevi a dizer nada a meu pai, porque desobedeci suas

ordens. Várias vezes, como sabes, ele me proibiu de meter-me nas malhas da política. Tu te recordas que ele me dizia: "Na luta dos elementos temos que nos livrarmos dos ventos..." Porém nós, os jovens do século XX, somos presumidos e estúpidos. Cremos que, pelo fato de termos cursado colégios e universidades, somos sábios e nossos pais são ignorantes. .. Mas já não se pode fazer mais nada... A civilização europeia nos contaminou com seu orgulho. Queremos imitar seus passos, porém nós, os libaneses, somos bonecos na arte de imitar os outros e, por desgraça nossa, deu-se conosco o que sucedeu com o corvo, que quis imitar o andar da perdiz: não pôde fazê-lo e tanto tentou que esqueceu sua própria marcha.

— Bem, bem, dize-me: É certo que Jamel Pachá ordenou o enforcamento dos chefes, e pôs a prémio a cabeça dos fugitivos?

— É exato, mamãe. Eu soube que capturaram Shukri el Asali e Mahomed el Urdisi, quando fugiam para Meca, sendo executados sem prévio julgamento.

Aflita, a mãe calou-se um momento e depois exclamou:

— Deus meu! Que desgraça! Infeliz país, desgraçados libaneses, pobre filho!

E, como levada pela corrente de suas meditações, olhou profundamente para Adônis, dizendo:

— Não queres visitar São Jorge, antes de partir?

A mãe conduziu seu filho pelo braço ao templo de São Jorge, patrono do povoado, construído no século XVI. Estava situado a menos de 70 metros do local onde estavam o filho fugitivo e sua mãe. Ela procurou a chave numa cavidade de parede e abriu a porta que lhes deu passagem.

O templo se achava iluminado apenas pela luz morteira de uma única lâmpada, e esta luz foi mantida durante 18 anos pela mãe de Adônis. Esta diminuta língua de claridade que iluminava fracamente o templo, tinha uma história. Quando estava grávida, fez a São Jorge a promessa de manter viva essa chama, enquanto durasse sua existência, se desse à luz um varão. Ela foi atendida e cumpriu seu voto.

Ambos se ajoelharam diante do altar. Enquanto, em voz alta, a mãe dirigia suas orações ao Santo, para que os preservasse de todo mal, Adônis nem sequer ouvia

suas palavras. Estava absorto em seus próprios pensamentos e só voltou à realidade quando sentiu o abraço de sua mãe, que lhe dizia:

— Filho, Deus não repele a prece de uma mãe aflita! Por esta aflição, peço a Deus que te conserve livre de todo mal.. . Talvez seja Sua Vontade que eu não te veja quando regressares, porque, então, estarei na margem oposta da vida. Porém, está certo de que, se a alma for imortal, como o cremos, nós os cristãos, do outro mundo velará para que não tropeces no caminho da existência.

E dizendo isto, deu rédeas soltas ao golpe do seu pranto.

Adônis procurou reter as lágrimas, porém estas, mais poderosas que sua vontade, venceram finalmente, e de seu peito escapou vim queixume que fez coro com os soluços da autora de seus dias.

* * *

Passados alguns momentos, conduziu sua mãe para fora do templo, fechou a porta e entregou-lhe a chave, dizendo:

— Sê forte, mãezinha. Devo partir.

— Adônis, me escreverás?

— Nunca, mãe, nunca serei a causa da desgraça de minha família. Recordas-te do que sucedeu ao curar Gabriel, que recebeu uma carta de um seu sobrinho, residente no Brasil, que foi aberta pela censura? Esta carta continha um parágrafo que atacava o procedimento da Turquia e o pobre cura foi condenado à prisão, pelo conselho de guerra de Alay. Por isso, mãe, se alguém te perguntar por mim, deves negar que eu sou teu filho, como se eu fora um ingrato, um ladrão ou um assassino; dize que não queres ouvir falar de mim. Assim, talvez, tu e meu pai se livrem das horríveis torturas dos turcos.

E ao dizer estas palavras, deu-lhe um beijo rápido, como se fora roubado e saltou dois metros para trás.

— Adeus, mamãe!

A mulher estendeu seus braços trémulos para o filho.

— Deixa-me beijar-te outra vez, Adônis! — suplicou.

— Adeus, mãezinha!

— Adônis, um único beijo!

E uma voz longínqua, como o eco que se perde na imensidade do silêncio da noite, replicou:

— Adeus!

CAPÍTULO II

RECORDAÇÕES

Adônis el Kadus, deixando sua mãe, ocultou-se entre as sombras da noite. Caminhava às cegas, como se naquela obscuridade seus olhos tivessem sido arrancados. Mas, como acontece com o viajante que conhece o caminho palmo a palmo, seus passos eram firmes e seguros, não obstante a escabrosidade do terreno irregular da montanha.

De fato, Adônis tinha percorrido este caminho durante dois anos e o conhecia tão bem que, nas geladas noites de Janeiro, cobria seu rosto, inclusive os olhos, e assim andava seis quilómetros para chegar à casa de sua noiva. Como o seu amor por ela, esse caminho se tinha gravado de tal modo em seu subconsciente, que nunca sofreu a dor de uma queda, nem o susto de um tropeço.

— Tive forças para despedir-me de minha mãe, para separar-me de seus braços, mas poderei agora desprender-me dos braços de Eva?

E enquanto corria, à aventura, rememorava sua vida.

* * *

Adônis havia nascido em um lar em que, se não vivia a riqueza, também não se aninhava a pobreza. Veio ao mundo com a alma madura e o coração enfermo de melancolia. Já em sua meninice conhecia a dor e a tristeza e nunca sorria com os folguedos infantis. (Diria um psicanalista que ele sofria de um complexo de inferioridade.) Quando completou seis anos de idade, seu pai o conduziu à escola da vila. Porém, mal tinha decorrido um mês entre as paredes do estabelecimento, Adônis se queixou que marchava muito lentamente para o saber e que ele necessitava estudos mais adiantados que os da escola. Admirado, seu pai lhe disse:

— Filho, deves primeiro aprender a ler e escrever, antes de cursar estudos mais adiantados.

— E quem te disse que eu não sei ler e escrever?

Benévolo, o autor de seus dias replicou:

— Como? Já aprendeste tudo isso em um mês de escola?

E, tomando a Bíblia que se achava à mão, abriu-a nos salmos e entregou-lhe, dizendo:

— Vamos ver se podes ler neste livro.

O menino leu os versículos com toda correção, dando a suas palavras a entonação e a retórica que havia observado em seu pai e nas práticas do sacerdote do povoado.

Ao observar a capacidade intelectual de Adônis, com o contentamento próprio do pai, que vê em seu filho uma promessa para o futuro, sentou-o em seus joelhos e exclamou:

— Bravo, homem! Gostei de ver. Agora vejamos, sabes escrever?

— Como não? Dá-me a pena.

E com a paciência de um aprendiz de desenhista ou do copista de outros tempos, começou a traçar caracteres de imprensa tão nítidos e perfeitos, que, ao pai, pareciam melhores que os originais.

— Oh! Mas aposto que não consegues escrever sem olhar no livro.

— Demoro um pouco, mas escrevo.

E traçou na brancura do papel as frases que seu pai ditava, embora com erros ortográficos.

Admirado da grande precocidade de seu filho, assim lhe falou:

— Adônis, eu te prometo que, depois de dois meses de escola, quando tua ortografia estiver melhor, te darei um professor particular para te ensinar as ciências que mais gostares.

E Adônis teve um mestre. Decorridos quatro meses, este se apresentou ao pai, lamentando-se:

— Seu filho é um génio, senhor, porém esgota a mim e a si próprio: eu leio a lição diária e ele a repete no mesmo instante e exige mais, pretendendo que, quando tiver dez anos de idade, deverá possuir todas as ciências do mundo.

* * *

O menino cresceu, porém, triste e pensativo.

Um dia, o mestre perguntou-lhe em presença de seu pai:

— Menino, por que estás sempre triste?

Adônis levantou para eles seu doce olhar infantil, mas seus lábios não se moveram para responder.

Sua mãe, que de perto observava a cena, ao ver seu filho olhar para eles daquela maneira, se acercou imediatamente dele, abraçou-o e disse:

— Vida minha, que tens? . . . Que queres?... Dize-o a mim. ..

Sorriu enigmaticamente o rapazinho e respondeu:

— Mamãe, o que eu sinto é um mal sem remédio e o que eu quero ninguém me pode dar. Aqui dentro — explicou, batendo no peito — há alguma coisa que me oprime, sem que eu saiba o que é... Ignoro o motivo, porém sei que esta tristeza não tem cura. Considero-me tão pequeno neste mundo tão grande! Olha, papai, quero ser médico, advogado, engenheiro, poeta, músico, orador. Quero ser tudo! Quero possuir todo o saber!

O pai sorriu, o mestre ficou pensativo e a mãe, chorando, dirigiu-se a seu esposo, dizendo-lhe:

— Meu filho está doente! Não deve estudar mais!

Adônis apressou-se a responder:

— Não, mãe. Estou perfeitamente são de corpo... Eu bem disse que tu não me compreenderias.

E beijou-a com ternura.

* * *

Esteve no Colégio de Dgebeil, porém chegou a odiá-lo e, segundo afirmava, os professores não o compreendiam e o tomavam por um louco, em vista dos acontecimentos que serão relatados a seguir.

Certa ocasião, ouvindo dois frades falarem francês, olhou-os demoradamente e disse-lhes:

— Eu sabia esse idioma. Por que não me lembro mais dele agora?

Os frades o olharam com uma mistura de estupefação e piedade.

Riram estrepitosamente e seguiram seu caminho.

Numa aula de Geografia, em que o mestre falava sobre a Espanha e a América, Adônis se levantou, dizendo:

— Eu conheci a Espanha, porém não sei quando nem como...

Seus companheiros olharam-no surpreendidos e as gargalhadas encheram toda a classe.

No dia seguinte, Adônis se iniciava na carreira de "bobo" do Colégio, pois era o alvo de todas as chacotas.

Na classe de apologética, certa ocasião, falava o sacerdote sobre a existência de Deus e do inferno. Adônis pôs-se de pé e, como extasiado, exclamou:

— Tal inferno é para tal Deus. Eu não posso crer nele.

Isto era o cúmulo. Adônis era ateu e louco. Quando o Superior do Colégio ficou a par desses acontecimentos, o rapazinho foi golpeado e castigado severamente durante dois meses. O sacerdote repreendeu-o. Foi examinado várias vezes pelo médico. E, por fim, seus companheiros afastaram-se dele, batizando-o com o nome de "o louco".

* * *

Desde então, Adônis cresceu áspero e insociável. Não falava com ninguém e

fugia da companhia de todos. Durante os recreios, sempre sozinho, olhava fixamente o firmamento, como se quisesse, com seu olhar, penetrar a muralha de mistérios que a vida e os séculos tinham erguido.

"O louco" recitava suas lições, na aula, sem omitir nada, porém não ajuntava nenhum comentário.

Um sacerdote, professor de Literatura, perguntou-lhe, certa vez:

— Por que não fazes, como antes, comentários à lição?

— Reverendo padre — respondeu Adônis — quem foi despojado da vontade, do pensamento, do anelo e de tudo o que pertence à alma, não pode emitir opiniões.

Disse isto e sentou-se, deixando no ambiente uma atmosfera de perplexidade e até de raiva.

A maioria dos homens recorda a aurora da juventude com alegria e prazer, e, por sua semelhança com a Natureza, chamam aquela época: a primavera da vida. É então que se produz o vácuo no cérebro, que incita o adolescente a brincar com suas dores e ter um gesto de desprezo para os pesares da vida, porque a juventude e a exuberância vital lhe conferem asas para voar por cima das tristezas e chegar, em viagem direta, aos jardins dos folguedos e da alegria.

Porém, há seres que nascem com a alma enferma e achacosa, enchendo seus corações com a amargura e a dor da meditação, desde a infância. Existem seres que nascem despertos, na noite da ignorância e esses seres acham a vida mais terrível e mais negra que o abismo das trevas e mais amarga que a morte.

A tristeza é a mãe da solidão e esta é irmã de todo movimento espiritual. A alma de Adônis se assemelhava a um gigante, preso no cárcere da vida, onde a Natureza não oferecia outro panorama que o formado por escorpiões e serpentes.

Os professores cortaram-lhe as asas, impedindo seu voo. Seus companheiros o isolaram e o afastaram de toda alegria.

Assim, Adônis parecia um lago cercado por montanhas: tudo absorvia, refletia tudo, porém não podia abrir caminho para o mar. Seu coração, vazio de afetos, pedia amor e exigia carinho. Porém, não encontrando nem um nem outro, esse recipiente onde reinava o vácuo começou a encher-se com seus próprios

pensamentos, emoções e anelos, todos eles silenciosos e secretos. Essa massa, em ebulição em seu cérebro e em seu coração, às vezes se manifestava ora sob a forma de uma grande depressão de ânimo, ora como sentimento de repugnância pela humanidade. Todavia, houve também ocasiões em que seu coração dilacerado ardia de amor para os que padeciam necessidades. Muitas vezes fechava os olhos e mergulhava no íntimo do seu ser, em profunda meditação. E houve ocasiões em que era necessário sacudi-lo para despertá-lo do seu letargo, tão alheio estava ao mundo exterior.

Perguntou um dia a um sacerdote:

— Qual o mestre que possui todas as ciências?

O interrogado, olhando-o por um instante, respondeu logo:

— A Enciclopédia.

CAPÍTULO III

ADOLESCÊNCIA

Há, no Líbano, liberdade completa para estudar. Lá não há leis que determinem idade para a matrícula nos estabelecimentos de ensino, nem se exigem certificados de estudos anteriores. De acordo com o aproveitamento dos estudantes, podem continuar seus estudos, sem se cingirem a uma ordem estrita ascendente. Para ingressar na Universidade, também se podia estudar particularmente. Portanto, não havia empecilhos nem obstáculos ao saber.

* * *

Cresceu Adônis em corpo e espírito. Foi amigo dileto dos enciclopedistas, e, apesar de sua tenra idade, foi sábio, filósofo, poeta e namorado. Era a enciclopédia ambulante. Havia meditado muito sobre todos os mistérios e problemas. Tinha sentimentos delicados e, finalmente, encontrou um coração que o acolheu em sua peregrinação contínua em busca de amor. Entretanto vivia em constantes sofrimentos, em virtude daquelas alucinações que sempre o atormentavam. Às vezes contemplava uma planta qualquer e acreditava ver nela a aparição de espectros e fantasmas, de aparências diversas. Outras vezes, observava o firmamento límpido e, em seguida, desenhava sobre o papel uma mistura caprichosa de círculos, flores e raios. Com o tempo, seu olhar adquiriu uma certa doçura e um poder atraente e fascinante.

* * *

O tormento de sua vida tomava caracteres alarmantes durante a noite. Quando se deitava para dormir, naquele estado em que se acha o homem entre a vigília e o sono, sentia que deixava seu corpo, que era independente, como dois elementos químicos que se separavam e um deles se confundisse com o ar.

A primeira vez que experimentou esse fenómeno ([1]) tão estranho, sentiu temor. Acreditou que ia morrer, que eram os prenúncios da agonia, e precipitou-se como se quisesse agarrar seu corpo que lhe escapava. Experimentou uma dor horrível e percebeu que tinha caído da cama. Essa noite não pôde dormir.

Quando se repetiu tal sentimento de dissociação da personalidade, viu junto de si um velho que vestia uma ampla túnica cor de rosa, com a cabeça coberta por um gorro branco, semelhante ao de cor negra usado pelos sacerdotes maronitas.

— Não tenhas medo — disse-lhe — isto é natural.

— Natural! Natural! — repetia ele no dia seguinte. — Naturalmente estou louco.. . Porém, que louco pode escrever, pensar e sentir corretamente?

E acrescentava, quase infeliz:

— Não. Não estou louco... Talvez esteja endemoninhado...

Mas este argumento também não conseguia convencê-lo.

* * *

A projeção das recordações na tela da sua memória continuava. Durante aquelas viagens noturnas sentia que voava. E conheceu, então, seres que lhe pareciam muito atraentes e simpáticos. Via mundos até então desconhecidos e sondava mistérios ignorados.

Certa noite estava enfermo, tendo sofrido uma insolação, e, em sonho, viu um ser, que lhe era estranho, aproximar-se dele. Porém essa consciência de sua pessoa não se referia a seu corpo. O visitante mais parecia mulher do que homem. De sua fronte emanavam sete raios de luz e, no peito, ao nível do coração, brilhava um sol. Todo o seu corpo estava coberto por uma longa cabeleira luminosa. Adônis constatou que ele o cobria com aquela vasta cabeleira fulgurante, murmurando, com uma voz que mais parecia um arrulho, uma palavra:

— São.

Adônis despertou cheio de admiração e mais estupefato ficou ao sentir-se completamente bom e sem febre.

— Indubitavelmente — disse a si mesmo — deve ser um anjo, porém um anjo diferente dos que nos pintam as religiões.

* * *

Aos 16 anos, Adônis consagrou-se aos estudos das leis. Nesta idade já era um homem feito. Entre seus companheiros de estudos, só escolheu como amigo um jovem inteligente e humilde: João Bakal.

João era mais velho do que Adônis. Entretanto, o seu carinho não era um carinho fraternal, pois estimava Adônis como um pai, com respeito e veneração. João se via na obrigação de obedecer-lhe e seguir os conselhos que Adônis julgava oportuno ditar-lhe.

Muitas vezes suas palavras suscitavam uma discussão sobre aspectos e fases da vida e João Bakal sempre encontrava razão nos argumentos de Adônis. Estudavam juntos e uma noite João disse a seu companheiro:

— Adônis, as férias se aproximam. Não queres ir passar uma temporada no meu povoado?

— Talvez sim e talvez não, João, pois pressinto que, neste ano, importantes acontecimentos se darão em minha vida.

— Que será?

— Tu, meu amigo, não conheces de Adônis senão sua personalidade externa. Porém, a que se acha interiormente é um segredo para todos. Nunca revelei a ninguém o que vou dizer-te agora, porque durante três anos me chamaram, no colégio, "o louco". . . João, eu mesmo não compreendo o que se dá comigo e não posso explicá-lo a ninguém. Tudo o que posso dizer-te é que, às vezes, rasgo o véu e vejo. Tenho pensado que sou louco, porém não posso acreditar na minha loucura. Certa vez consultei um médico e ele me disse que se tratava de um desequilíbrio mental. Eu não sei se ele tem razão ou não, porém posso garantir-lhe que tenho duas vidas ou melhor vivo em dois mundos distintos. João, tenho medo de mim mesmo... Às vezes, vejo as coisas antes de acontecerem. Eu não sou um profeta, porque o profeta deve ser um homem superior, superior em sua santidade; pelo menos é o que eu aprendi. Tu, talvez, não creias, nem eu mesmo creio, porém há ocasiões em que fecho os olhos, medito um momento em meu coração e vejo, então, um sol mais fulgurante que o que nos ilumina.. . Ouço também uma voz, porém uma voz silenciosa, que me dá conselhos mais sábios que os do Evangelho ([2]). Vi em meu coração um mundo completo, habitado, porém, por seres diferentes dos que vemos aqui na terra... Fixo o meu olhar numa árvore e vejo o ser da árvore. Terão as árvores alma como nós?.. . Neste

momento, olho para ti e vejo um feixe de luz que emana de ti. Será alucinação? Talvez, porém o certo é que o vejo claramente. Meus sonhos são extravagantes e raros em qualidade... Sonhei, certa vez — e que sonho doce e agradável! — sonhei. . . Porém, para que contar-te essas tolices?

— Por Deus, Adônis, prossegue. Isto é muito interessante e até poético.

— Também eu considero assim. Notaste meu estilo na poesia?

— Sim — respondeu João — e teu crítico disse: "É a primeira vez que um poeta une a poesia à filosofia."

— Está bem. Não te contarei as coisas triviais dos meus sonhos, como cidades, mundos, etc., porque isto pode ser um sonho como outro qualquer. Vou contar-te coisas que vejo em sonho e que se realizam... Antes de tudo, devo dizer-te que eu percebo claramente que estou sonhando. Sonhei que meu primo Fahim tinha se enamorado de uma moça, filha de um amigo de meu pai. Ela é boa, muito boa, mas não é bonita... Ouvi meu primo dizer-lhe: "Meu pai também consente neste casamento, porém não devemos divulgar esse segredo enquanto não tivermos tudo pronto." Ele beijou-a e ela começou a chorar. Escrevi a meu primo, contando-lhe esta primeira parte do sonho e ele me respondeu: "Deves procurar o Bispo, para expulsar o demónio que habita em ti." Que te parece, João?

— E qual é a segunda parte? — perguntou João, com avidez.

— A segunda parte não me atrevo a dizer-te, porque é uma coisa futura, que eu reputo uma tolice.

— Não importa. Conta-me para vermos se se realizará.

— Vi meu primo, depois de casado, tísico e morto. Sua mulher estava viúva.

— Isto é horrível, Adônis.

— Eu digo o mesmo, mas que queres que eu faça?

Os dois amigos permaneceram em silêncio.

— Bem — falou João — por que disseste que tens o pressentimento de que este

ano vai suceder algo em tua vida?

— Porque há algum tempo que me encontro sempre, em sonho, com uma mulher que tem o cabelo tão comprido que lhe chega aos calcanhares. . . Ela vem e se coloca junto de mim; beija-me e eu beijo-a também. Sinto que a amo. Logo começo a chorar. Ela também quer chorar, porém não o faz, como se não se atrevesse ou tivesse medo de fazê-lo.

— E não averiguaste a causa deste pranto?

— Não, João, e isso é um outro mistério em mim: nunca pude decifrar meus problemas pessoais. Tenho conseguido saber muitas coisas; leio em livros muito ocultos e profundos, alguns em idiomas estrangeiros, porém, quando se trata de conhecer meu futuro é tudo inútil.

— Conheces tu a moça que te aparece em sonho?

— Nunca a vi em toda minha vida.

Depois de alguns minutos de mutismo, João reatou a conversação:

— Francamente, Adônis, isso é muito raro. Não crês que seja clarividência?

— Clarividência? A Enciclopédia define esta palavra da seguinte maneira: "Ver as coisas com clareza." Acaso vejo eu as coisas? Não, João, eu sonho com coisas que não existem, porém nunca vejo nada de concreto.

— Adônis, se eu te pedisse para desvendares o meu futuro, tu o farias?

Riu Adônis e respondeu:

— Serei por acaso adivinho?. . . Não, João, eu nunca poderia fazê-lo e mesmo que o pudesse não o faria. Sabes por quê? . . . Porque te quero muito.

— Isso é mais uma razão.

— Vejo que não me entendes. Suponhamos que o destino te reserve a mesma sorte que a meu primo e. . .

Calou-se Adônis pensativo e sombrio.

— Que tens? — perguntou João desesperado. — Continua, por Deus! É esse o meu destino?

Adônis ocultava suas lágrimas e olhava fixamente para a janela, como se quisesse penetrar o mistério da noite.

Seu silêncio comoveu João, que se levantou do seu assento e abraçou Adônis, dizendo-lhe:

— Adônis! És em tudo um super-homem. Considero-me feliz em ser teu amigo e apertar tua mão. . . Não te constranjas nem te aflijas por mim. Deus sabe o que faz.

---

[1] Saída em corpo astral.

[2] A voz do Ego.

CAPÍTULO IV

O AMOR

Chegou a estação das colheitas. Todos os libaneses, no verão, vão novamente ao encontro da mãe Natureza: dormem ao relento; alimentam-se dos frutos da terra e reatam as relações de amizade, interrompidas pela crueldade do inverno e o trabalho da primavera. O verão encerra em si a alegria de viver, e os homens encontram, em qualquer circunstância, cem motivos de festa e alegria. E, nesse estado de ânimo, aguardam as colheitas.

Além disso, a vida é fácil apesar do abandono e da despreocupação. Os turistas egípcios e europeus visitam o Líbano mais nessa época de que em qualquer outra. Por quê? É simples. Qual o enfermo que não encontra a saúde no Líbano? Que parte do mundo o iguala em beleza? Que país é mais saudável e pitoresco do que ele?

Seu céu é tão puro como o coração de uma virgem e suas águas tão cristalinas como o olhar de uma inocente donzela.

* * *

Adônis voltou ao lar. Os habitantes das cercanias acudiram pressurosos para saudar ao futuro doutor em leis e, segundo o costume, em sinal de apreço e carinho, o obsequiaram com galinhas, ovos, queijos, novilhos, etc.... O obsequiado lhes retribuiu com um banquete. Brindava-se com licores frios e degolava-se um carneiro e uma novilha, para delícia dos paladares. Depois da refeição, encerrada com o café, ouviam-se as melodias de Unaik — flauta feita com cana dupla — tocada por um artista que sabe arrancar do instrumento os sons mais melodiosos e adequados ao canto montanhês. E ao seu som homens e mulheres, formando um semicírculo, de mãos dadas, começavam a executar uma dança rítmica, sob a direção de um chefe, que canta e compõe os versos. Os outros repetiam, como estribilho, a primeira estrofe. A isso denominam "Eddapke".

Terminada a dança, cada qual tomava assento e começava uma nova diversão,

que patenteava a inteligência dos libaneses. Consistia numa polémica feita em poesia popular. Os presentes deviam compor uma estrofe que encerrasse, em verso, uma anedota engraçada, porém sempre com o mesmo ritmo e a mesma rima final. E quando a noite ia alta, após uma xícara de café, os visitantes se despediram.

* * *

Entre os visitantes, havia um jovem sacerdote, amigo da casa. Ao despedir-se, disse:

— Como sabem, sábado é o dia da festa de São Nuhra, e espero ter o prazer de vê-los todos na minha vila, desde a véspera.

Agradeceram todos o convite e como este era uma nova ocasião, um motivo a mais para se alegrarem e se divertirem, aceitaram.

* * *

O cura aproximou-se de Adônis e este disse-lhe:

— Por que, padre?

— Porque é um prazer para mim ver-te e receber-te em minha casa; além disso, o Bispo Kirus celebrará a missa. E, sobretudo, porque vem com ele sua sobrinha Eva.. . Não conheces Eva?

— Nunca a vi — respondeu Adônis, sorrindo.

O cura piscou um olho, enquanto dizia:

— É muito simpática. — E ajuntou imediatamente: — Olha, Adônis, corre-me uma ideia: venho sexta-feira, pernoito aqui, celebro a missa no templo de São Jorge sábado de manhã e, à tarde, vamos juntos para o meu povoado. Que te parece minha ideia?

— A ideia é realmente magnífica; agrada-me distrair-me assim, durante as férias. Porém, acho melhor ficares aqui até sexta-feira, e, sendo assim, não há necessidade de voltares ao teu povoado esta noite.

— Magnífico! — assentiu o sacerdote. — Então vamos dormir porque já é tarde.

—

* * *

Adônis chamou sua mãe para que colocasse uma cama junto à sua, no sótão. Enquanto não vinha o sono, o cura relatava a Adônis tudo o que sabia sobre as qualidades de Eva, a sobrinha do Bispo, e a cada explicação acrescentava um conselho, como se armazenasse combustível para acender uma fogueira num coração enamorado. Porém, como o seu coração estava vazio, Adônis preferiu dormir a ouvir o sacerdote. E assim dormia o sono dos justos e talvez sonhasse com aquela, cuja cabeleira chegava até os pés.

* * *

Sábado à tarde, chegava Adônis, em companhia do cura, a Dimal, que é um povoado situado numa posição maravilhosa. Ao ocidente, o Mediterrâneo, como um imenso deserto azul, refletia as travessas nuvens do firmamento, como se fora um gigantesco espelho, destinado a vigiar o seu itinerário.

Dali avistava-se Beirute, apesar de estarem separados por uma distância de 200 quilómetros.

O sol era forte. Era o sol calcinante do verão, que abateria os viandantes se não fora o refrescante sopro das brisas marinhas, o hálito fresco do mar.

* * *

Desde as quatro horas da tarde, desafiando os raios do sol e o calor sufocante que engendravam, os fiéis acudiam com o pretexto da romaria ao Santo. Visitavam o templo, que estava saturado de uma atmosfera de piedade, como todos os templos, nos dias de festa; observavam as imagens e os adornos, oravam e saíam logo, para prepararem os postos para as alegres reuniões da noite. Era outra modalidade da alegria do verão.

Notavam-se grande movimento e muita agitação. Estranhos que vinham de outros povoados, pessoas do lugar, todos com seu ir e vir, com seus trajes e vestidos de festa, coloridos, davam uma nota alegre e multicor à paisagem local.

* * *

Cerca de seis horas, chegou o Bispo. Todos se apressaram em saudá-lo e beijar-lhe a mão, pedindo-lhe a bênção. Depois das saudações de costume, apresentou o cura ao Bispo o seu amigo Adônis; o prelado olhou-o fixamente e, ao cabo de alguns instantes, perguntou:

— Como vão teu papai, tua mamãe e teus irmãos?

— Todos vão bem e beijam vossa mão, Monsenhor.

Ato contínuo, sentaram-se à sombra da grande árvore que se erguia perto do templo; então o cura perguntou:

— Monsenhor, por que não vieram a senhora sua cunhada e seus sobrinhos?

— Não lhes foi possível virem esta noite, padre; porém, amanhã cedo estarão aqui.

Adônis observou o descontentamento que as feições do sacerdote refletiam.

* * *

Há neste mundo muitos seres desprezíveis que se alegram com a desgraça alheia. Porém, para compensar esse egoísmo mesquinho que descora o mundo dos sentimentos, há também outros seres que o embelezam e gozam com a alegria dos demais. Quando um homem chega a ligar-se, pelos sentimentos de uma pura amizade, a outros seres que chama de amigos, sente o imperioso desejo de uni-los todos, tudo fazendo para que entre eles reine carinho e compreensão. O excelente jovem, o sacerdote José Melem, era um desses. Gostava de Adônis e de Eva, isoladamente, e agora desejava vê-los unidos, com forte e indissolúvel afeto, como se isto pudesse aumentar a amizade dos dois jovens para com ele. No fundo da sua mente agitava-se o desejo de casá-los, nascido mesmo antes de consultar as partes interessadas.

* * *

Noite de luar no Líbano. Ambiente propício à inspiração dos poetas, cantores, namorados românticos. No verão, a noite de luar no Líbano é uma noite de verdadeiro encantamento. O orvalho vivifica a vegetação e o peito se dilata para

receber o hálito fresco da Natureza, o suave e acariciante zéfiro. O doce vaivém da música, a melodia do canto, o perfume das mulheres, acordam nos velhos as empoeiradas recordações de sua juventude, e aos jovens conduzem ao mundo do sonho e do mistério, onde não existem preocupações nem dores. Até Adônis, o severo, o desiludido, teve momentos de prazer e alegria. Momentos sim, porque sabia que aquela calma era o prenúncio de uma tormenta psíquica, interna.

Às três horas da madrugada, duas horas antes que o sol saísse do seu esconderijo montanhoso, procurou um lugar tranquilo e afastado, onde adormeceu, sonhando quem sabe com quem e com que coisas? Às cinco, o sol despertou-o. Levantou-se, sacudiu o pó da sua roupa e penteou os cabelos.

O cura, acompanhado por outras pessoas, o procurava, preocupado com o seu desaparecimento.

— Que significa isso, Adônis? Por que não foste dormir em tua cama?

— Que cama pode haver melhor que a própria Natureza e que cobertura mais agasalhadora do que o céu estrelado?

Naquele momento, a campainha chamava todos os fiéis para a missa. O Bispo celebrou a missa às 9, e às 10 os habitantes do povoado começaram a fazer convites para o almoço. A generosidade libanesa só está satisfeita quando consegue a honra de ter à mesa o maior número de convidados possível.

Adônis teve que agradecer muitos convites generosos, porque anteriormente havia aceito o convite do cura e devia almoçar em companhia do Bispo e sua família.

Enquanto o prelado recebia, na porta do templo, as saudações dos assistentes e falava com os conhecidos, antes de dirigir-se à casa do cura para o almoço, este desculpou-se e pediu permissão para ir até sua casa, que distava apenas uns 60 metros dali, a fim de verificar se estava tudo em ordem. E tomou Adônis pelo braço e levou-o consigo.

* * *

A casa do cura parecia invadida. Mulheres do povoado e convidados trabalhavam febrilmente, com a presteza e diligência que precedem toda festa. Umas ajudavam na cozinha, outras no refeitório e o resto prestava seus serviços

em diferentes misteres, todas ocupadas no preparo do suculento almoço.

Adônis saudava a todos com uma inclinação de cabeça. Às vezes parava para contemplar a frescura e beleza desses rostos femininos, cheios de atrativos. Porém, o cura, com empurrões suaves e leves golpes de cotovelo, fazia-o voltar a si.

A casa do sacerdote Melem era, como todas as outras do lugar, de um só pavimento, com algumas divisões, porém muito grande. O olhar do dono da casa buscava alguém, conforme se podia observar, porque seus olhos passeavam de um ponto a outro, pousando em cada rosto. Afinal se deteve sobre uma jovem que, neste momento, colocava um prato sobre a mesa. Ao vê-lo, correu ela para saudá-lo.

— Eva — disse o sacerdote — apresento-te o meu mais querido amigo, Adônis el Kadus.

E voltando-se para este, ajuntou:

— Adônis, esta é a senhorita Eva Kiruz, sobrinha de Monsenhor.

Os dois jovens se olharam. Eva pronunciou uma frase incoerente, enquanto seu rosto corava fortemente. Adônis, com os olhos desmesuradamente abertos, começou a percorrer com o olhar todo o corpo de Eva, da cabeça aos pés, em silêncio. Admirado o cura, daquela atitude, chamou a atenção dos dois.

— Que há? — perguntou. — Que tens, Adônis?

Sem responder ao cura, Adônis se dirigiu à sobrinha do Bispo, perguntando-lhe:

— Perdoe, senhorita, mas diga-me, por favor: possui os cabelos tão compridos que lhe cheguem até os pés?

Esta pergunta produziu um desagradável efeito sobre o cura e surpresa e admiração na moça. Enquanto isto, Adônis repetia, como se falasse consigo mesmo:

— Sim, não há dúvida. É ela. . . é ela mesma.. .

E seus olhos observavam os menores detalhes da mulher que tinha diante de si.

Eva permanecia muda, imóvel em seu posto, e suas pálpebras de virgem se abaixaram diante do olhar penetrante de Adônis. O cura, indignado com o procedimento de Adônis, tomou-o pelo braço, dizendo-lhe:

— Que é isto, Adônis? Como explicas o teu comportamento?

Adônis olhou para seu companheiro e depois para Eva, com um olhar de incompreensão, como se despertasse de um sonho.

— Por Deus! Vocês não conhecem os antecedentes... Peço-lhes humildemente perdão pela minha atitude... E você, linda Eva, tranquilize-me, respondendo à minha pergunta: — Não é exato o que eu disse do seu cabelo?

Refeita de sua surpresa, Eva olhou para Adônis com visível enfado e, voltando-se para o sacerdote, disse:

— Até logo, padre José.

— Algum dia saberá o motivo do meu proceder e oxalá que seja breve — justificou-se Adônis.

A sobrinha do Bispo foi reunir-se às suas companheiras.

O sacerdote não sabia o que dizer ao jovem. Quanto a este, sentia que o coração estava para se romper dentro de seu peito. Queria chorar para aliviar seu pesar, queria chorar a sua desgraça... porque era um visionário... Em seus sonhos abraçava e beijava aquela mulher... depois chorara. Mas agora chorava diante da realidade, da concretização do seu ideal. Amou Eva em seus sonhos e agora que estava acordado e a encontrava, a perdia. Sentiu que tinha dado um salto no caminho da vida e se despertava repentinamente para a juventude. Procurou Eva, mas não a encontrou. Depois, olhou para o sacerdote. A ânsia brotava de seu olhar e em sua voz se haviam reunido o desgosto, a tristeza e o desespero.

— Saiamos! — disse o sacerdote.

Saíram juntos e Adônis disse ao cura:

— Agradeço-te todas as tuas finezas para comigo e, ao mesmo tempo, peço-te perdão e licença para retirar-me.

Em suas palavras, ditas com uma calma terrível, havia algo que assustava.

— Não, Adônis! Cuidado!. . . Não me metas em ridículo perante ela. Todos sabem que és meu convidado. Que lhes direi se me perguntarem por ti? Peço-te, pela nossa amizade, que esqueças o incidente e procedas como se ela não te fosse apresentada. Eu acreditei fazer um bem, mas não podia adivinhar o que ia acontecer.. . Porém, aqui, entre nós, diga-me, quem teve a culpa?

Durante longo tempo guardaram silêncio. Adônis olhava para o solo, enquanto lutavam em seu cérebro mil pensamentos, ao mesmo tempo que, em seu coração, os sentimentos se debatiam. Finalmente, disse:

— Tens razão, padre. Reconheço meu erro. Vai atender teus hóspedes. Eu irei depois. Perdoa-me. . . Já estou calmo. . .

O sacerdote regressou à sua casa.

Adônis seguia, meditando e murmurando consigo mesmo:

— Perdeste o juízo, Adônis? ... E por quê? Por um sonho? ... Mas por que o horizonte da minha meninice desaparece diante dos meus olhos? Um olhar e um segundo têm o poder de transformar anos e vidas? Que há em mim: — um demónio ou um anjo? Por que, às vezes vejo luz e outras vezes trevas? Por que minha vista se turva quando quero fixar algum objeto e se aclara quando fecho os olhos?.. , Deus meu!... as trevas estão em torno de mim e a luz no meu interior.. . Eu amo, mas estou amando trevas. Meu sonho é alegria, porém o meu despertar é dor. A tristeza e o prazer se misturam em minha vida e o peso dos meus dias arrastam meu coração ao desconhecido... Eu sou um louco. Em mim deve haver uma faculdade desconhecida. Meus sonhos devem ser proféticos, se for ela quem me aparece em sonho. Porém, terá ela também sonhado comigo nesse outro mundo? De que me serve ter telefone se os outros não o têm? De que me serve sonhar com ela se ela não pode sonhar comigo? ... Mas podem ser sonhos ilusórios, pois o homem é sempre iludido na proporção da sua ignorância e sua tendência natural ao egoísmo. Que direito tinha eu de tratá-la daquela maneira, colocando meu amigo em posição ridícula?.. . Como és ridículo e ignorante, Adônis!

* * *

Chegando a esse ponto, sentiu um profundo desgosto de si mesmo. E, pouco a

pouco, esse desgosto se estendeu a todo mundo. Não era ódio, porém asco e repugnância.

E se, naquele momento, Eva tivesse vindo ajoelhar-se a seus pés, tê-la-ia repelido grosseiramente.

Depois, disse em alta voz:

— Não, não. Já está tudo terminado para mim. Nada quero, nem peço nada. Mesmo que ela volte a mim, a repelirei com desprezo e até com ódio.

* * *

Há, na natureza humana, certos caracteres raros. Comete o homem uma ação reprovável e, em vez de arrepender-se e penitenciar-se, dirige sua animosidade contra os outros, que nenhuma culpa têm dos seus desatinos.

Neste momento, Adônis desejava ser um ente importante, ser alguém na vida, para atrair Eva a fim de que ela fixasse nele sua atenção, para depois humilhá-la e rebaixá-la, como vingança do seu menosprezo. Impaciente, já não queria esperar até chegar a ser um homem superior, pois desejava sê-lo agora; e como não o conseguisse, pretendia humilhá-la imediatamente. Porém, de que maneira?

Depois, meditou um momento. Que culpa havia ela cometido? ... E ao vê-la livre de culpa, pensou novamente em pedir-lhe perdão. Mas não poderia ela ter respondido à sua pergunta delicadamente? Podia ter-lhe dito: "Não, amigo" — ou o contrário: "Sim, meu amigo, meu cabelo é comprido" — ou: "Meu cabelo é curto."

Basta que o coração se enamore para encontrar culpas e desculpas onde não existem. O namorado não possui mente, porque o coração o ocupa inteiramente. Por um lado quer castigar e por outro quer amar.

Finalmente, Adônis decidiu mostrar-se indiferente, até chegar a ocasião de manifestar seu ódio ou seu desprezo, e esta ocasião se apresentou logo.

* * *

Levantou-se de seu posto algo tranquilizado, depois daquela tremenda luta, e dirigiu-se para a casa do cura. Ao transpor o umbral, encontrou-se com este,

acompanhado de Eva e outra mulher.

— Olá, Adônis — disse-lhe o amigo. — Apresento-lhe a senhora Maria de Kiruz. ..

— Senhora, Adônis el Kadus.

— Muito prazer — respondeu ele.

— Minha filha Eva — apresentou por sua vez Maria.

Adônis estendeu-lhe a mão e apenas tocou a de Eva. Logo concentrou toda a sua atenção na progenitora. Era o primeiro passo no desenvolvimento do seu plano de vingança.

Enquanto isso, a senhora, que era amiga dos pais de Adônis, perguntava por eles. Caminharam juntos até chegarem à sombra de uma árvore próxima, debaixo da qual tomaram assento, esperando a hora do almoço. A mãe de Eva disse:

— Muitas pessoas nos têm falado a teu respeito, Adônis, e sempre tivemos muito desejo de conhecer-te. .. Meu cunhado, o Bispo, nos dizia, ao ler teus artigos e poesias: "Este rapaz vive sempre adiantado; tem conceitos de luz diáfana, mas, ao materializá-los, se convertem em fogo que queima, deixando um odor de blasfémia."

Adônis estava surpreendido e lisonjeado. A juventude é como as mariposas: é um ser da luz, que gosta de aproximar-se muito da chama da glória, mesmo que queime as asas. . . Invadia Adônis uma alegria interna e seu coração palpitava desordenadamente, golpeando fortemente seu peito. Aparentando calma, depois de olhar furtivamente Eva, respondeu:

— Se meus conceitos são luz diáfana, por que procuram os homens convertê-los em fogo que queima? Não acha, senhora? Acaso não temos fogo suficiente, fogo material, para assar carneiros e frangos, como no almoço do padre José?

O riso foi espontâneo e unânime.

— Bem. Isto quer dizer que os homens, e entre eles os bispos, convertem tudo em matéria? Que diria meu cunhado se soubesse disso?

— Se for franco e sincero consigo mesmo, dirá que é verdade. Do contrário, como explicar esse mal-entendido sem fim que existe entre ele e meu pai? Não foi porque ele materializou uma palavra e meu pai outra?

O curso que tomou a conversação impressionou muito as três pessoas que a ouviam. Adônis prosseguiu:

— Ontem meu pai dizia-me: "Monsenhor e eu fomos amigos desde a infância e nunca tivemos um atrito. Porém, agora parece que estamos decrépitos e não podemos mais trocar uma só palavra."

A palavra "decrépitos" trouxe consigo uma risada incontida e contínua.

— De que se riem vocês? — perguntou uma voz estranha ao grupo.

Todos olharam e viram o Bispo que, com toda simplicidade e familiaridade, tomou assento junto aos demais. Os que haviam acompanhado Monsenhor se retiraram, ao vê-lo sentar-se. Sua cunhada, sorrindo, repetiu-lhe as palavras de Adônis. O Bispo riu também e depois de olhar para o moço que permanecia sentado diante dele, disse-lhe:

— Olha, dize a teu pai que ele tem razão. .. Mas não. Esta tarde irás comigo e amanhã iremos juntos à tua casa. Eu lhe direi pessoalmente.

— O almoço está na mesa! — gritou o pai do cura.

Todos se levantaram, abandonando seus assentos.

Como o vento da primavera varre as nuvenzinhas, assim se dissiparam as penas do coração de Adônis. O coração dos jovens se alegram ou se entristecem, às vezes, sem motivo aparente. O almoço, apetitoso e excelente, foi servido com esmero. Não faltou alegria na mesa. As anedotas que Adônis contava excitavam o apetite e desatava o riso, a ponto de, com familiaridade, dizer-lhe o Bispo:

— Deixa-nos comer, homem!

Ao que Adônis respondeu:

— Não só de pão vive o homem.

E continuava o riso e a alegria em todos os presentes.

* * *

O sacerdote olhava para Eva, sentada diante dele, e seus olhares eram eloquentes. Ela, de vez em quando, olhava para Adônis, e ria do seu humorismo, com aquele riso alegre e franco dos jovens; porém nunca lhe dirigiu a palavra.

Eva era bela, porém de uma beleza pouco comum. Quando tirava o chapéu, luzia uma cabeleira abundante, que ornava como uma coroa um rosto branco e aveludado. Todavia, o seu maior atrativo eram os grandes olhos negros, ternos e encantadores, que refletiam às vezes a tristeza, outras vezes a alegria. As mudanças da sua fisionomia acompanhavam o significado e a cadência das palavras daquele que falava.

Havia estudado pouco, mas sentia muito. Contava apenas 16 anos. Sua alma era uma página em branco, onde podia ser escrito um poema de amor. Sua imaginação ardente, como a cera plástica, estava pronta para receber a forma projetada por um artista.

Quando tinha dez anos, morreu seu pai e ela, com sua mãe e três irmãos, ficaram sob o amparo de seu tio, o Bispo, que se interessou por ela e internou-a nos melhores colégios. Era inteligente e possuía grande poder de captação.

Ser sobrinha do Bispo significava muito, no Líbano. A sobrinha do Bispo está predestinada a casar-se com um homem escolhido entre os mais ricos e nobres do país. E por este motivo, em virtude deste porvir esplêndido que lhe proporcionava sua posição, descuidava muito dos seus estudos.

— Caramba! — pensava Adônis. — A sobrinha do Bispo tem a mesma nobreza intrínseca que a filha do Emir e até mais. Quem é o Emir diante de um chefe da religião? Um súdito. . .

Ao meditar sobre isso, Adônis, que não era nem Sheik, nem Emir, nem rico, sentiu uma profunda repugnância interna, que se manifestava, às vezes, pelo gesto de menosprezo dos seus lábios. Concebeu, então, o tolo desejo de vingar-se do Bispo na pessoa de sua sobrinha. Mas como? No momento, não sabia como, mas achou que, presentemente, a indiferença seria o melhor caminho.

O coração da mulher, como dizia um poeta árabe, é uma caixa hermeticamente

fechada, e nunca as manifestações externas poderão revelar seu conteúdo. Eva, formada e modelada ao calor dos mimos e das galanterias, sentiu o seu orgulho chocado pela indiferença provocante de Adônis.

O homem pode ajoelhar-se aos pés de uma mulher para adorá-la, enquanto seu coração voa e revolve-se em torno de frívolas vaidades; porém, se ela for tratada com indiferença, então seu coração se alerta, despertando seu ódio, e entre o ódio e o amor só há um passo, porque eles são os dois pólos de um mesmo sentimento.

Conhece por instinto, a mulher que sofre humilhação de um homem, que sua vingança não estará satisfeita se não o humilhar também. Porém, como sabe que não pode vencer o homem pela força, recorre a outro meio muito mais eficaz e terrível: a suavidade e a doçura.

Mas este método não deixa de ter seus perigos, pois pode também arrastar os dois às profundezas do abismo do amor.

O sexto sentido de Adônis pressentia tudo isso, mas a juventude sempre acredita que está triunfando.

* * *

O Bispo e sua família regressaram à sua casa naquela tarde, acompanhados do cura José e de Adônis. Algumas pessoas vieram, como de costume, jogar com o Bispo algumas partidas de cartas, retirando-se para suas casas às 10 da noite.

— Maria — ordenou o Bispo — prepara para Adônis o quarto que dá para o grande sótão, e para o cura José o quarto contíguo ao meu.

— Monsenhor — explicou o sacerdote — o quarto que dá para o sótão tem duas camas e ambos podemos dormir nele.

— Se lhes agrada, está bem — disse o Bispo, entrando logo para o seu dormitório.

Quando os dois amigos estavam a sós, perguntou o cura a Adônis:

— Que te parece Eva?

— Encantadora.

— Parece que a mãe notou tua indiferença pela filha e perguntou-me o motivo.

— E que lhe respondeste tu?

— Tive que contar-lhe o incidente. . . Diz-me, Adônis, onde conheceste Eva? Quem te disse que ela tinha os cabelos compridos?

O moço meditou um instante e respondeu:

— Eu não a vi com estes olhos, nem neste mundo. Mas deixemos de lado esta particularidade. Que te disse a mãe?

— Admirou-se muito e me respondeu que, na verdade, Eva tem um cabelo muito comprido.

Adônis guardou silêncio durante um instante, e o cura continuou:

— Olha, Adônis, a mãe te aprecia muito e creio que também a filha... Acredita-me, Adônis, tenho para contigo uma amizade de irmão, pois não posso esquecer o favor que teus pais me fizeram.. . Eu era pobre e eles me ajudaram em meus estudos e até mesmo me alojaram em sua casa. Tu eras, muito pequeno e inteligente, e eu te carregava nos ombros. Tu não te recordas, mas eu me lembro perfeitamente. Terminados meus estudos, teu pai interveio perante o Patriarca e obteve dele permissão para que eu ingressasse no Seminário São João Murum. E aqui me tens como sacerdote.. . Pois bem, quero demonstrar meus agradecimentos ao pai, na pessoa do filho. Sei que estás estudando leis e o que te falta para triunfares é o apoio dos chefes da religião, sobretudo em nosso país, onde tudo está em suas mãos. Não achas, Adônis? Por outro lado, Eva é uma moça muito simpática, formosa, rica e, principalmente, é sobrinha do Bispo, um grande político e chefe de todos os movimentos do Governo. É até amigo do Sultão.

Adônis ouvia o discurso do sacerdote e em seu coração despertavam a alegria e a repugnância, o amor e o menosprezo.

— Agradeço a tua solicitude e louvo os teus sentimentos de gratidão. Meu pai, ao ajudar-te, cumpriu um dever e tu sabes que em casa todos te apreciam muito e te consideram um membro da família... Com relação à Eva, eu a amei e ela me

ama faz mais de um ano. Porém hoje, ao encontrá-la pela primeira vez, percebi que, entre mim e ela, há um abismo intransponível: eu não posso chegar até ela, nem ela pode vir até mim. Isto é tudo.

— Adônis, que mistério encerra esta tua cabeça? Como podes afirmar que se amam há mais de um ano, se só agora se viram pela primeira vez? Como devo interpretar as tuas palavras apocalípticas? Porém, dize-me: não posso eu ser uma ponte sobre esse abismo que mencionaste?

— De que maneira? — perguntou Adônis, evadindo-se de responder às primeiras perguntas.

— Falando com a mãe.

— E se responder negativamente?

O cura calou-se. Uma negativa da mãe, da filha ou do Bispo, significava muito para ele. Adônis recusado? . . . Isto seria uma ferida para o coração de qualquer libanês, e um golpe para o orgulho da família. Todos os pais acreditam que seus filhos são dignos de uma rainha e suas filhas merecedoras de um príncipe ou rei.

Os lábios do homem selam todos os seus atos com a palavra destino, porém quando ele afronta os acontecimentos reais, o destino é apenas um fogo fátuo. Depois de meditarem sobre as consequências de uma negativa, o sacerdote rompeu o silêncio, dizendo:

— Eu tratarei do assunto dissimuladamente, como coisa pessoal minha, de que não estás absolutamente a par.

— Não, não o faças, porque para mim a negativa é a mesma. Simpatizei-me como a mãe, porque ela me tratou com delicadeza e não quero que essa amizade se evapore como uma fumaça, o que aconteceria infalivelmente se repelissem o nosso intento.

E rematou:

— Já é tarde. Vamos dormir. . . Até amanhã.

Custou-lhes muito dormir. Ambos meditavam sobre os recentes acontecimentos, mas não voltaram a conversar.

* * *

Adônis sonhou, naquela noite, que estava ao lado de Eva. Ela tinha sofrido uma queda de um lugar elevado e ele se precipitou para salvá-la. Encontrou-a sem sentidos e com diversos ferimentos por todo o corpo. Carregando-a em seus braços, sentiu que ela o abraçava com força e o beijava loucamente, não obstante seu desmaio. Consciente de seu estado, ele ardia de desejo de retribuir-lhe, com igual fúria, seus beijos. Todavia se conteve. Eva, finalmente, desatou em pranto, e Adônis, não podendo mais se conter, beijou-a com frenesi.

* * *

No dia seguinte, o cura levantou-se às 6 horas e vestiu-se calmamente, para ir celebrar a missa com o Bispo.

Adônis despertou sobressaltado, perguntando ao cura:

— Que se passou com Eva?

— Ah! Estamos sonhando com Eva?

— Oh! Como foi horrível e ao mesmo tempo agradável! — E contou ao sacerdote o seu sonho.

Este respondeu:

— É um sonho que tem uma parte tola e outra racional. . . Monsenhor está à minha espera. Vou à missa.

Adônis sentou-se e dirigiu seu olhar para o sótão. O sol começava a banhar os picos, como o fazia todas as manhãs. Seria um crime ficar deitado com uma manhã tão bela. Vestiu-se rapidamente para sair e respirar o ar fresco.

Ao tentar abrir a porta se deteve petrificado, com os olhos fixos no vidro da janela. Ali, no sótão, viu uma aparição, um ser que já conhecia, uma mulher coberta com uma cabeleira negra que chegava até o solo. Eva! Eva! Ela estava regando os vasos colocados à beira do sótão, e outros que pendiam das colunas que sustentavam o teto.

Adônis perdeu a noção do tempo. Seu olhar observava todos os movimentos da

sua fada e mais de uma vez comprimiu com a mão o peito, como se quisesse aquietar seu coração, que batia sem compasso. Nem mesmo a dor que sentia intimamente o fez voltar a si.

Eva continuava sua tarefa, alheia a tudo o que se passava a seu redor, e Adônis a observava com uma avidez que lhe fazia olvidar seu próprio ser. Um vaso estava colocado sobre uma coluna, porém a uma tal altura que a jovem teve que subir numa cadeirinha de madeira para alcançá-la. Ao fazê-lo, com a mão direita se apoiava na coluna e com a esquerda regava o vaso florido.

Neste momento, dois gritos aterradores romperam o silêncio que envolvia a casa. Um de Eva, que se precipitou ao solo, e outro de Adônis, ao vê-la cair. Gritar, abrir a porta e precipitar-se para socorrê-la, foi tudo feito quase num único segundo. O sangue espalhava-se pelo pavimento, correndo da cabeça ferida de Eva. Na casa, só dormiam, ainda, os meninos. Os demais tinham ido à primeira missa.

Adônis levantou a cabeça de Eva desmaiada e sem pensar no que dizia, murmurava:

— Meu amor! Minha vida! Como estás? Volta a ti!

E, ao mesmo tempo, insuflava seu hálito pela sua boca entreaberta, soprando-lhe nos olhos e no rosto. Eva continuava inerte e pálida. Desesperado, Adônis teve a repentina ideia de juntar seus lábios aos dela e, com toda a força de seus pulmões, verteu na boca de Eva todo o seu hálito concentrado e saturado de ânsia e paixão. Ela respirou. Adônis repetiu a operação por três vezes e, por fim, Eva quis abrir os olhos. Ele soprou suavemente nos olhos da moça e estes se abriram, com um olhar de dor e tristeza. Adônis explicou:

— Não é nada, senhorita. Um pequeno arranhão e nada mais... Vou levá-la para a cama.

Tomou a mão da paciente, fez com que seu braço rodeasse seu pescoço, enquanto sustentava sua cabeça com a mão direita e com a esquerda sustentava seu corpo.

Alçando-a com suavidade, levou a preciosa carga para o leito. Uma toalha embebida em água fria foi colocada na ferida, que, na realidade, nada tinha de grave. Depois de lavada, colocou sobre o ferimento um pouco de café moído,

trazido da cozinha, dizendo-lhe:

— Agora tranquilize-se.

— Adônis — disse-lhe ela — posso agradecer-lhe?

Ele olhou-a docemente por um instante e respondeu:

— Agradecer-me? Por quê? Acaso não tenho eu já a recompensa da minha obra?

Eva começou a chorar. Pedaços do seu coração se escapavam por seus olhos, sob a forma de pérolas líquidas. Adônis, atribuindo suas lágrimas à dor e ao susto, exclamou:

— Não chore assim. É uma ferida insignificante. Quer que eu vá chamar sua mãe?

— Não. Já estou boa. Não sinto nada.

— Então por que chora?

— Não sei.

— Deve ser pela emoção da queda. Isso passará logo.

Ela não respondeu. Com o dorso da mão enxugou as lágrimas e fechou os olhos.

— Durma — ordenou Adônis.

— Não me deixe sozinha. Sente-se a meu lado — disse Eva em tom de súplica.

— Não ia deixá-la, senhorita. Levantei-me para que pudesse dormir.

— Não quero dormir; só desejaria desmaiar outra vez.

— Pois saiba que não foi pouco o trabalho que me deu para reanimá-la.

— Já sei.

— Como pode saber? — perguntou ele intrigado.

— Porque eu não estava sem sentidos, mas sim um pouco tonta, atordoada com o golpe. Porém ouvia e sentia.

Adônis nada disse, mas sentiu que todo o seu sangue lhe afluía ao rosto.

— Por que não fala? — interrogou Eva.

Adônis, atarantado, como uma criança surpreendida por sua mãe a cometer uma falta, respondeu:

— Nada tenho a dizer.

— Olha, Adônis, você é nobre e bom, porém teme demonstrar sua nobreza e bondade, ao contrário de muitos outros, que se vangloriam de suas ações. Pode dizer-me qual o motivo desse temor?

— Eu, nobre e bom? — perguntou Adônis, admirado. — A senhorita está enganada. Procuro sê-lo, mas não o sou ainda.

E procurava evitar o olhar de Eva, que procurava o seu.. .

— Se lhe dirigir uma pergunta, me responderá com franqueza? — interrogou ela.

— Sim; se não responder é porque não posso.

— Diga-me, como soube que eu tinha um cabelo comprido? — E sem esperar resposta ajuntou: — Alguém lhe falou de mim?

— Não, senhorita. Eu ignorava que existisse uma jovem chamada Eva Kiruz.

— Então, como pôde adivinhar?

— Porque a vi.

— A mim? Quando e como?

— Olhe, senhorita, não quero receber hoje o desprezo que recebi ontem.

— Agora, que me fala de ontem, pode dizer-me como poderei interpretar sua atitude?

Calou-se Adônis, meditando a resposta. Depois falou:

— E a mim, quem me garante que compreenderás a minha resposta à sua pergunta?

— Os fatos.

— E quais são os fatos?

Eva sorriu e olhou para Adônis.

— Por que se ri, senhorita? — perguntou o jovem.

— Amou você alguma vez?

Adônis pensou um momento e respondeu:

— Se quiser que eu lhe diga a verdade. . .

— Sim, sim. Toda a verdade

— Pois bem: sim e não.

— Sim e não? Não entendo.

— Pois é a verdade — explicou Adônis. — Amei em sonho, porém não acordado.

— Pode-se, por acaso, amar em sonho?

— Quem não ama em sonho, nunca chega à realidade do amor.

— Francamente, não compreendo. . . Sei que você é poeta e filósofo, mas por mais que procuro penetrar em seu coração, não consigo compreender.

Adônis, franzindo as sobrancelhas, replicou:

— Talvez não saiba o caminho.

Após algum silêncio, Eva insinuou:

— Até agora, não respondeu à minha pergunta anterior.

— E você não me explicou os fatos.

— Você está me mortificando desde ontem — acusou a jovem.

— E você a mim, há um ano.

Admirada, ela ergueu-se no leito para responder, porém Adônis, suavemente, obrigou-a a deitar-se novamente, advertindo:

— Nada de imprudência. Escuta-me, você tem razão. Desde ontem estou um pouco fora de mim. Prometo-lhe que, de hoje em diante, evitarei encontrar-me consigo. . . Logo chegarão da missa. Creio que seu tio não poderá acompanhar-me hoje. Partirei depois do café. Peço-lhe perdão e rogo-lhe esquecer o sucedido. Não quero desgostá-la mais, perdoe-me e adeus.

— Essa é a sua vontade?

— Minha vontade? — perguntou Adônis lastimosamente. Acaso podemos ter vontade e agir de acordo com ela? Não, senhora. Diz um poeta árabe:

"...as circunstâncias para o homem,

são como o vento que sopra entre as velas".

Então, Ievantou-se para contemplar a paisagem que se descortinava, olhando através da janela.

Eva guardava triste silêncio e, por fim, lançou lhe essas palavras:

— Adônis, você me ama?

Bruscamente voltou-se Adônis para a moça:

— Eu?

— Sim, desde ontem?

Ele contemplou-a um instante, como se quisesse ler em seu coração; porém, como estava ofuscado pela resposta, nada conseguiu perceber a não ser um

sorriso nos lábios de Eva, que ele interpretou como motejo. Procurou conter sua cólera e, aparentemente calmo, replicou:

— Desde ontem! Você está enganada!... Desde ontem!...

— Adônis, o homem é mais forte, porém a mulher é mais sensível e nossa sensibilidade está aqui em nosso coração.

E com a mão direita tocava o peito. Depois continuou:

— Os homens querem explicar todos os fenómenos por meio do cérebro e, desta maneira, afastam e fazem calar o verdadeiro sentir do coração, tornando-se covardes. Vem cá. . . Senta-te a meu lado. Vamos supor que somos bons amigos, e eu então te dirijo estas palavras: "Adônis, amas tu a Eva?"

Sentiu Adônis em seu cérebro a pressão do sangue que o martelava. Seus ouvidos captaram um rumor estranho. Compreendeu que tinha caído nas malhas de uma rede de que não podia escapar. Não queria mentir, porém temia dizer a verdade, e respondeu:

— Já lhe disse que, se não respondo à sua pergunta, é porque não posso fazê-lo.

Eva tomou a mão do rapaz e, apertando-a suavemente, disse-lhe:

— Trata-me por tu, como eu o faço.

Calou-se e, depois, prosseguiu:

— Suponhamos que eu esteja ausente e uma amiga tua te pergunte: "Adônis, tu amas Eva?"

Adônis estava lívido. Sentia em seu interior o fogo da paixão e várias vezes quis devorar Eva com seus beijos, porém se conteve, e, fazendo um esforço supremo, respondeu:

— Eva, eu sei que de minhas palavras depende senão toda minha vida, pelo menos uma parte dela. Porém, não importa. Tu és responsável, porque me exiges uma resposta. Quando te disse que estavas equivocada, falei a verdade, porque o meu amor não data somente de ontem, mas sim de um ano. Desde que te vi em meus sonhos eu te amei, te adorei, antes de conhecer-te. ..

A respiração lhe faltava e ela o ouvia, olhando-o com aqueles grandes olhos negros, doces e profundos.

— Tu me beijavas em sonho? — perguntou.

— E tu também me beijavas...

E ambos, sem saberem como, despertaram nos braços um do outro, num longo beijo.

Quanto tempo transcorreu, não poderiam dizer. Pode-se acaso medir a duração do beijo de dois namorados?

— Adônis — disse ela .extasiada — bendita seja essa queda, porque sem ela não teria tido essa felicidade.

— Bendita sejas tu, Eva, porque agora me sinto um novo ser.

— Sabes, Adônis, de propósito saí para o sótão como o cabelo solto, para que tu visses que tinhas razão.

— Então tu me amavas?

— Desde que atingi o uso da razão, senti um vácuo em meu coração e não sabia como enchê-lo.. . Quando meu tio lia teus versos e te criticava, eu sentia, às vezes, uma inexplicável mortificação, chegando mesmo a sentir desgosto contra meu tio. Eu não entendia todos os teus versos, porém imaginava que eras um ser superior e isento de toda crítica. .. Precisava adorar alguém, porém não sabia a quem. Adônis, eu creio que o sentido interno, como a arte, é inato na mulher, porém no homem deve ser adquirido. Não me abandones, Adônis! Sê meu por toda a vida, por toda a eternidade, meu! Meu para sempre! Oh, Adônis! Ama-me muito, muito, muito! Quando eu estava semiconsciente e tu me falavas, queria voltar a mim para beijar-te, porém não o conseguia. Quando sopravas em minha boca, mentalmente vi um ser, meio homem, meio mulher, cuja fronte brilhava como um sol. Seu corpo irradiava uma luz violácea. Eras tu, meu amado, tu que derramavas em mim todo o teu ser, fazendo-me sentir forte e sã. ..

Adônis ouvia extasiado; tomou um lápis e desenhou numa folha de papel, com grandes traços, uma figura, passando-a em seguida às mãos da sua jovem namorada, que, ao vê-la, gritou admirada:

— Idêntico! Como pudeste saber que tinha na fronte sete raios?

Adônis calou-se por um momento e, depois, exclamou:

— Mistérios da minha vida, quando chegarei a decifrá-los?

— Que dizes, Adônis?

— Nada, Eva. Depois te explicarei tudo.

Ouviram-se vozes na casa.

Adônis, então, levantou-se, dizendo:

— Cuidado! Por enquanto o nosso amor deve permanecer em segredo.

Quando se soube do ocorrido, o Bispo e a mãe de Eva correram ao seu quarto, enquanto o cura José olhava para Adônis, estupefato e mudo.

CAPÍTULO V

CONSPIRAÇÃO

Carta de Adônis a Eva:

"Beirute,... de dezembro. . .

Doce amada. — Separa-nos a distância... É verdade.. . Eu creio que a separação é como uma corda com um nó no centro: quanto mais se afastam as extremidades, mais apertado se torna o nó.

Tua recordação faz-me sofrer, e quando quero estudar, tua imagem alegre e sorridente se desenha nas páginas do livro. Antes só gastava meia hora para guardar na memória todas as lições e agora, em muito mais tempo, nada consigo aprender. É impossível dividir minha atenção, uma parte para ti e a outra para a ciência, sempre árida e difícil. Vejo-te em todo lugar e tu me fazes esquecer até de mim mesmo.

Eva, chego agora à conclusão de que tudo o que existe, existiu e existirá; tudo o que nos rodeia e constitui a vida e a morte, tudo é amor. O próprio Deus é amor. . .

Muitas vezes me pergunto: Por que sofre a humanidade tendo o amor ao alcance de sua mão? Não posso acreditar que exista ou possa existir um único ser que não tenha amor. E, sendo assim, por que sofrem os seres?

Desde o momento em que me estendo em meu leito, transporto-me para junto do teu. Porém, encontro-te desperta e então sofro, porque te beijo e te abraço e tu permaneces fria e indiferente. Pensas em mim, mas não correspondes ao meu carinho. E devo esperar muito, muito tempo até que volte a alegria, com a tua entrada no reino do sonho, pois quando dormes me abraças, me beijas e respondes às minhas perguntas.

Insisto para que faças esforço para recordar as minhas palavras, porém, ao acordar, não te lembras de nada; são para ti como um sonho 'longínquo ou um eco que se perde ao longe.

Eu não posso compreender este teu esquecimento de coisas tão reais e palpitantes.

Não quero, já te disse, que durmas perto dessa moça morena, porque ambos já vimos essa névoa que se desprende de seu corpo. Entretanto, uma dessas noites, eu te vi deitada ao lado dela.

Querida Eva, não sei o que fazer para ensinar-te o meio de recordares os sonhos. Na última noite me pediste um dedal de prata, para as tuas costuras; hoje mesmo satisfaço o teu pedido, enviando-o pelo correio, junto com esta carta. . . Já vês que eu não esqueço o que me dizes em sonho.

Qual será o segredo das minhas noites?. .. Que mistério existe em mim?. . . Por que os outros não são assim? . ..

Entre meus companheiros existe um que me quer até a adoração. É João Bakal, de quem já te falei, o qual espero apresentar-te um dia. Este ano combinamos alugar um quarto e vivermos juntos como irmãos. Todas as manhãs, ao despertar-nos, ele me cumprimenta, dizendo: "Profeta, eu te saúdo." Que fizeste durante a noite? Na opinião deste meu amigo, as minhas noites são um trabalho contínuo.

Recebeu há alguns dias uma carta procedente do seu povoado, trazendo-lhe a notícia de que seu pai se achava muito mal.. . Passou todo o dia preocupado e nervoso. À noite, me disse, em tom de súplica:

— Adônis, podes dar-me notícias de meu pai?

— Não o conheço — respondi.

Então ele tirou do bolso uma fotografia dele e entregou-me, dizendo: — É este.

— Verei se posso.

Adormeci e, no mesmo instante, estava ao lado do ancião. Vi-o fatigado e se asfixiando. O velhinho estava atacado de pneumonia dupla. .. Tive muita pena dele e dediquei-lhe carinhoso cuidado, não só porque estava enfermo, como também porque era o pai do meu melhor amigo. Invoquei, com grande ardor, o nosso anjo (não sei como chamá-lo), o mesmo que curou a mim e a ti, no dia em que sofreste a queda, e pedi-lhe que curasse também o pobre velho. E antes de

formular o meu desejo, eu o vi junto de mim, dizendo-me.

— Sê tu o meu canal.

Compreendi-o e senti logo que se desprendia de mim aquela cabeleira de luz que eu quis dirigir para o enfermo, para o pai de João. Então, observou-me o anjo:

— Aí não, ali.

E indicou-me um outro ser, muito semelhante ao doente. Dirigi-lhe a luz que emanava de mim e grande foi minha surpresa quando o vi entrar no corpo do enfermo, que, sentando-se no leito com grande facilidade, chamou. . .

Antes de abandonar-me, disse-me o anjo:

— Sempre que quiseres curar um doente por amor e bondade, estarei a teu lado.

Que te parece tudo isso, minha adorada?

No dia seguinte, disse a João que seu pai estava bem, e, na tarde desse mesmo dia, recebeu ele uma carta de seu pai, dizendo-lhe: "O médico assegurou que eu estava com pneumonia. Porém, vendo que hoje amanheci muito melhor, não soube o que dizer e retirou-se decepcionado, com a sua ignorância." João quis que eu contasse os pormenores, mas eu não satisfiz seu desejo.

Eva querida, vejo que descuidaste dos teus estudos e vives somente para o amor. É bom amar, mas é preciso também estudar, porque desejo que minha futura esposa me acompanhe no voo contínuo da minha inteligência. Como é infeliz o homem que liga sua vida à de uma mulher que nada mais sabe além de comer e dormir!

Vi teu tio aqui em Beirute, ontem, por quem fui inteirado de que todos aí gozam perfeita saúde, o que muito me alegrou.

Em outra carta contar-te-ei outras histórias.

Até breve, minha querida.

ADÔNIS"

Carta de Eva a Adônis:

"Ybrin,.....

Querido Adônis. — Cada vez que recebo e leio uma carta tua, tremo... Adônis. Sabes por quê? Porque não me considero digna de ti. Tua futura esposa deve ser uma mulher superior... Esta ideia me atormenta, porém, que queres que eu faça? Não posso deixar de pensar nela.

Adônis, não posso estudar, as monjas constantemente me repreendem pela falta de cumprimento dos meus deveres escolares. Juntamente com tua carta, recebi o dedal e senti medo, medo de ti, meu amado. É certo que queria um e ia pedir-te, porém não o fiz, tendo em conta as tuas múltiplas ocupações. Imagina a minha surpresa ao recebê-lo!

Dize-me, Adônis, quem és tu? És um anjo ou um homem como os outros? É verdade que eu, em sonho, te abraço e beijo?... Se assim é, quisera passar toda a minha existência mergulhada num sono sem fim.

Adônis, quero estudar bastante, sobretudo por ser este o meu último ano de estudos. Quando obtiver o meu diploma, eu o entregarei, como o fruto de alguns anos de trabalho.

Cada vez que recebo uma carta tua, sinto-me pequenina diante de ti, e, constatando minha inferioridade, sinto-me infeliz. Como poderei atingir o teu nível, Adônis? Não podes ajudar-me? Há poucos dias, mostrei teu retrato a uma amiga. Sabes o que me disse? "Estes olhos fascinam com doçura." Foi tal a alegria que suas palavras me causaram que eu a abracei e beijei, chorando.

Nada recordo dos meus sonhos. Em obediência às tuas recomendações, obtive da "madre" permissão para mudar de lugar a minha cama. Estás contente, meu amado?

Tua cura, realizada na pessoa do pai de teu amigo, é maravilhosa. Não posso dizer mais. Abraça-te tua

EVA"

Carta de Adônis a Eva:

"Beirute,.....

Doce amada. — Agora estou certo de que as palavras "vontade" e "livre arbítrio" são muito relativas. Não podemos, muitas vezes, agir de acordo com a nossa vontade e nos vemos arrastados para rumos desconhecidos.

Não sei como começar minha revelação, nem tampouco como abrir-te meu coração. Acreditas, minha querida, que eu, Adônis, que sempre odiei a política, estou agora transformado em político? Feliz és tu que nada entendes dessas maquinações hipócritas e iníquas!

Pois bem, querida, é incrível que eu esteja envolvido nestas redes; entretanto, é a pura verdade.

Vou relatar-te alguma coisa da minha atual situação: Tu sabes, Eva, que, no ano de 1860, ano aziago para os Libaneses, ano em que os turcos dividiram o nosso país em duas correntes religiosas e fomentavam o ódio entre eles, houve o degolamento dos cristãos pelos drusos em Dair el Kamar, com o consentimento do próprio Sultão. As potências europeias, sob pretexto de defender os cristãos (pode ser que suas intenções tenham sido boas, embora eu o duvide), intervieram eficazmente e o resultado foi o seguinte:

1°) A independência do Líbano, sob a vigilância e proteção de 7 nações da Europa.

2°) O Sultão ficou obrigado a pagar ao governo libanês 500 sacos anualmente.

3°) O Sultão tinha poderes para nomear um comissário sujeito à aprovação das potências europeias.

4°) O Líbano teria por bandeira a turca.

Até hoje tivemos paz e abundância, porém ultimamente essa paz começou a ser perturbada, sem que se saiba o motivo.

Talvez a Europa esteja interessada no nosso país, ou o Sultão arrependido de ter firmado o tratado. O certo é que atualmente atravessamos uma época de grande inquietação.

Há oito dias, fui convidado por um amigo para uma reunião de intelectuais.

Acedi com prazer e nela encontrei alguns amigos que se haviam distinguido por sua inteligência. Porém foi enorme minha surpresa ao constatar que não se tratava de literatura nem de nenhum problema intelectual, mas tão somente de política.

Nós, os libaneses, somos muito hábeis na arte oratória. Falaram diversos oradores com bastante eloquência e o que se queria era a independência total e absoluta do nosso país.

Enquanto eu pensava no meio de fugir daquele antro político, o porteiro anunciou sua Excelência o sr. Jorge Picó, cônsul da França, o qual entrou e apertou a mão de todos. Depois de descansar um instante, começou a falar com eloquência da França, mãe da liberdade, do Líbano, dos Maronitas, filhos prediletos da França, que foi a primeira a enviar, em 1860, a sua esquadra ao Líbano, enquanto as outras potências continuavam tratando da situação do nosso país. Disse que os libaneses, com sua história, sua inteligência e sua raça, podem subir tão alto, a ponto de nivelar-se com qualquer dos outros povos do mundo. Este foi o sentido da sua elocução, interrompida constantemente pelos gritos de "Viva Picó!"

Depois fiquei sabendo que Picó é a mola oculta de todo o movimento.

Eva querida, eu te confesso que fui um covarde, pois não tive coragem de dizer uma única palavra de advertência; ao contrário, aderi à causa. E aqui me tens, feito político à força.

À noite conversei com João Bakal sobre o assunto. Ele se entusiasmou tanto que, na manhã seguinte, procuraria o Secretário da associação para aderir ao movimento revolucionário. Tive que recorrer até ao insulto para dissuadi-lo e fazer compreender que eu tinha cometido uma loucura. E como ele me quer muito, mudou de projeto. Aquela noite passei em claro até a madrugada. Ai de mim! Eu que buscava o sono para alegrar meu espírito junto de ti, agora prefiro a tortura da insónia! Todas as noites, vejo patíbulos e enforcados... Vejo meus companheiros, balançando-se no ar, pendurados numa corda e olhando-me com olhos já vidrados. Há outros que até me chamam. Desperto de modo brusco e, instintivamente, levo a mão à garganta.

Eva, eu estou enjaulado e não posso escapar. Sofro, Eva querida, sofro horrivelmente. Não posso renunciar, porque me considerariam um Judas, e eu

não quero que ninguém suspeite de mim. Perdoa-me esta carta árida, tão desprovida de sentimentos amorosos. Perdi a doçura da palavra.

Eva querida, não poderás aliviar, com um pouco de carinho, o coração do teu infeliz namorado?

ADÔNIS"

P.S. — Queima esta carta porque é comprometedora.

Eva responde a Adônis:

"Doce amor. — Não sei o que responder-te. Querido de minha alma; depois que recebi tua carta tenho chorado muito. É a única coisa que as mulheres sabem fazer. Em tais circunstâncias, que podemos fazer mais, a não ser duplicar o nosso carinho?.. .

Eu também tenho medo, Adônis, pois a tua situação é grave. Porém, se a França intervier efetivamente nisso, não creio que o perigo seja grande. Diz o Evangelho: "Não há mal que não produza um bem." Pode bem acontecer que tudo isso seja para nosso bem. Tu sabes que a França é tudo em nosso país e talvez um dia possas escalar altas posições no governo. Entretanto, eu te peço, não te comprometas além do absolutamente necessário, porque, em qualquer hipótese, o negócio é arriscado.

Estamos em exames, meu querido, e, portanto, não posso dedicar-te mais tempo. Porém, nas férias, consagrar-me-ei inteiramente a ti. Tua futura esposa,

EVA"

* * *

Férias em Novidad.

O amor unia cada vez mais os dois namorados. Construíram muitos castelos ilusórios. Porém, a mão férrea da tristeza agarra fortemente o coração de Adônis, que só se sente feliz junto de Eva.

O Bispo começou a suspeitar algo, e já não recebia Adônis com o agrado de antes. Chegou, um dia, a admoestar sua sobrinha. Soube Adônis do sucedido e

mudou suas visitas de diurnas para noturnas.

A noite o protegia, enquanto dormia o Bispo.

* * *

Embora os políticos dissessem que a guerra era uma questão de um mês ou dois, no máximo, Adônis não compartilhava de sua opinião.

As potências europeias se degladiavam havia já tempo.

* * *

Como todas as férias, as de Adônis tiveram seu fim. Voltou para continuar seus estudos e suas inquietações.

Um desfile de cartas a Eva se sucedia ininterruptamente. A primeira foi escrita em princípio de 1915.

Primeira carta:

"Beirute,.....

"Adorada Eva. — Perdi a serenidade. Meus sonhos, horríveis visões de tormenta, são mais frequentes. Já se fala em .ruptura de relações entre a França e a Turquia. Isto significa a guerra. Jorge Picó reuniu os chefes do partido oposto à Turquia e assegurou-lhes que a França não abandonará o Líbano. Raras vezes assisto às reuniões secretas do partido da oposição. Estou engolfado em meus estudos, pois quero terminá-los este ano, para ir prestar exames em Bahabda.

As circunstâncias são ameaçadoras e perturbam meu sossego. Não me queixo, apesar de perceber que uma densa neblina me rodeia. Não me atrevo a contar-te meus sonhos, porque são fatídicos e eu não tenho direito de envenenar tua vida. Contudo, esteja certa de que te amo e te amarei até a morte."

Segunda carta:

"Perdoa, doce amada, a minha demora em responder à tua carinhosa missiva. Ontem à noite, estive novamente a teu lado, o que muito me aliviou. Porém, no fim, eu sempre choro e tu te entristeces, sem poderes chorar.

Diz-se que Jorge Picó abandonará o país. Sabe-se também, pela imprensa, que o Sultão M. Rached, em Constantinopla, por influência de Anuar Pachá, pretende declarar guerra aos aliados... Parece que a Turquia não pode conservar sua neutralidade. — Amo-te."

Terceira carta:

"Amanhã vamos a Bahabda prestar nossos exames finais e receber grau. Roga a Deus para que a iluminação divina penetre na mente do teu

ADÔNIS"

* * *

A Turquia declarou guerra aos aliados. Jamel Pachá entrou com seu exército na Síria e no Líbano. Jorge Picó partiu e, como o corvo de Noé, não regressou. Judas vendeu Jesus por 30 moedas de prata. Felipe Zalzei vendeu seus irmãos da oposição por 2.000 quintais de trigo. (Foi mais inteligente que Iscariotes.) Os documentos comprometedores foram descobertos no consulado francês.

Os gafanhotos invadem o país. Jamel Pachá prendeu muitos membros do partido da oposição. O Conselho de Guerra declarou-os culpados e foram enforcados em Beirute. Os outros conspiradores fugiram por mar e por terra. Entre os proscritos estava Adônis, que vimos, no princípio desta narrativa, despedindo-se de sua mãe e da sua vila, para fugir das garras da morte.

CAPÍTULO VI

DESPEDIDA DOLOROSA E FUGA FANTÁSTICA

Chegou Adônis à casa de sua noiva, que o esperava com ânsia e impaciência. Ambos sentiam que seus corações choravam, porém a fria máscara exterior demonstrava indiferença. A mãe de Eva acudiu ao aposento, separado da casa, para informar-se dos acontecimentos.

— E agora, Adônis, que pensas fazer? — perguntou a senhora.

— Veremos, minha mãe — respondeu o jovem, dando à mãe de Eva esse tratamento, segundo o costume adquirido, desde que ela manifestou seu amor para com ele. — No momento nada penso fazer, pois quero passar estes últimos instantes consigo e com minha adorada Eva.

A jovem perguntou:

— É verdade, Adônis, que já sobe a dez o número dos enforcados, em Beirute?

— Dez ou vinte, a conta é a mesma. — E, suplicante, implorou: — Não me olvides, Eva!

A moça olhou para seu namorado com os olhos cheios de lágrimas e não respondeu.

— Não chores, meu amor! — consolou-a Adônis. — Eu estava apenas brincando. Porém vou dizer-te uma coisa.

— Oxalá que não seja algum dos teus sonhos.

— É precisamente a isso que me refiro. Nas últimas noites, eu te vi abraçada com outro homem.

— Adônis! — protestou ela num tom ao mesmo tempo imperioso e terno — por que queres mortificar-me?

— Não, querida de minha alma, não quero mortificar-te. Eu mesmo não creio neste sonho, porque muitos anteriores não se realizaram.

Calou-se um instante, pensativo, e continuou:

— Contei-te aquele sonho do ancião que me dizia: "Isto é natural"? Sim?.. . Pois bem, ontem o vi de novo e me disse: "Vem logo, estou te esperando; vou morrer, porém devo, antes, deixar-te o segredo. Espero-te. Já vês que em minhas visões há algo de alucinação... Que segredo será esse? Eu creio que este homem não existe.

— Diga-me, Adônis, tens dinheiro suficiente para a viagem?

— Dinheiro? Donde vou tirá-lo, nesta época em que todos morrem de fome? Entretanto, isso não me preocupa. Chegando a Chipre, posso empregar-me com os ingleses ou com os franceses. O principal é sair do país para poder conservar minha cabeça.

Eva saiu, seguida por sua mãe.

Adônis, entretanto, meditava sobre o seu passado, o presente que ia enfrentar e o futuro desconhecido que o esperava.

Passados cinco minutos, voltou Eva sozinha, com um lenço em que havia algo de valor.

— Adônis, gostas de mim? — perguntou, beijando-o ternamente no rosto.

— A que vem esta pergunta?

— Responda-me — insistiu ela, procurando conter as lágrimas — tu me amas?

— Eva, estás louca? Acaso as palavras gostar e amar podem exprimir o que meu coração sente por ti?

— Então dá-me uma prova do teu sentir.

— Que queres como prova? Minha vida? Meu sangue?... Diga-me o que queres.

— Não repelirás meu pedido?.. . Responde categoricamente.

Adônis olhou-a com estranheza, depois respondeu com ênfase:

— Juro-te, Eva, que aceitarei tudo o que vier de ti, mesmo que seja a morte. Que me pedes?

— Recorda o teu juramento.

— Não o esquecerei.

— Então, aceita isto.

E colocou em seu bolso o lenço atado. Tirou-o Adônis e ouviu um ruído metálico. Ao desatá-lo, viu o resplendor das joias de Eva e de sua mãe.

Meditava silenciosamente. Mãe e filha entregavam-lhe suas joias para que ele as vendesse e pudesse viajar. Sentiu-se ele ofendido? Aceitaria esta caridade de sua futura esposa? Sentia ferver lhe o sangue. Seus ouvidos percebiam mil sons atordoadores, e sua vista se turvava.

Para o ocidental, este proceder das mulheres pode parecer muito natural, porém perante o homem oriental isso significa uma ofensa, uma ignomínia.

Adônis quis atenuar a dor evocando o amor de Eva e o carinho de sua mãe. Sua oferta realmente era o fruto do amor verdadeiro e do sacrifício. .. Quis falar, porém não soube o que dizer. Eva adivinhava, ao contemplá-lo, a luta que se travava cm seu ser.

— Adônis — murmurou ela — ouve-me. Devolvo-te o teu juramento, pois não quero que sejas perjuro nem que o cumpras contra tua vontade. Porém, presta atenção. Se eu te dei minha alma e meu coração e logo te darei também meu corpo, por que sofres e me fazes sofrer por motivos imaginários? Quantas vezes me deste presentes e eu nunca recusei? Por que rejeitas agora esta insignificância, que para mim é mais um estorvo, porque já está fora da moda? Tua cabeça está a premio e és um fugitivo. Como podes fugir sem dinheiro? Não, Adônis. Teu orgulho me fere o coração, porém és livre de fazer o que quiseres.

— Eva, deusa minha, não chores. Perdoa a rudeza do meu caráter. Para comprazer-te, aceitarei isto... — e começou a procurar no meio das joias — somente isto.

E tomou um pequeno anel de ouro, com duas pequenas pérolas em torno de um brilhante. Colocou-o no dedo anular da mão direita e continuou dizendo:

— Não chores mais. Tu me livraste do meu juramento e agora satisfaço teu desejo.

Assumindo um ar sombrio, disse:

— É hora de partir. Vem a meus braços!

— Não, ainda é cedo — objetou ela, com a esperança dos que sabem que a realidade é outra.

— Não, amada. Devo chegar a Beirute antes da aurora, para não ser descoberto durante o dia.

Entrou no aposento a mãe de Eva. Os três mantiveram-se em doloroso silêncio, impossível de ser descrito. As mulheres choravam. Adônis calava, porque o silêncio, no homem, equivale às lágrimas na mulher.

Por fim, Adônis se desprendeu dos braços das duas mulheres e começou a correr aos saltos, como se fugisse de um lugar comprometedor. Não quis voltar a cabeça; não quis olhar para trás, não quis deter-se um só instante, como a criança que corre de um fantasma. Por mais de uma hora continuou sua fuga. Sentia o suor escorrer-lhe pelo rosto, não obstante a frescura da noite. Meteu a mão no bolso para tirar o lenço e enxugar o rosto, e encontrou um corpo pesado. Era o lenço de Eva com todas as suas joias, que ela, enquanto abraçava Adônis, introduziu sorrateiramente na algibeira de seu amado.

— Agora é tarde — murmurou Adônis, com lágrimas nos olhos. E prosseguiu sua carreira.

* * *

Eram quatro da manhã. Nos subúrbios de Beirute, um homem batia numa porta, dirigindo, de segundo em segundo, o seu olhar em todas as direções.

— Quem é? — perguntou uma voz no interior.

— Sou eu, Adélia. Abre.

Abriu-se a porta e o fugitivo entrou precipitadamente.

— Tu, Adônis? — exclamou Adélia, estupefata. — Ainda estás aqui?

— Como? Que queres dizer? Onde está teu irmão?

— Ah, meu Deus! Julguei que estivesses com os outros.

— Que há? Responde!

— Ontem prenderam José el Heni e os demais foram obrigados a antecipar de um dia a sua fuga.. . Esta noite, desde doze horas, estão em alto mar, rumo a Chipre.

Adônis, mudo e pálido, não podia falar.

— Que vais fazer agora?... E como pudeste chegar até aqui? A casa está vigiada...

Adônis sentiu um calafrio percorrer lhe todo o seu corpo. Tremeu. . . Sua mente suspeitou uma cilada: os gendarmes deixaram-no entrar para prendê-lo na saída.

Quis sair. Escutou atentamente atrás da porta e não ouviu nada. Porém, logo pensou em outro problema. Se a casa estiver vigiada, amanhã prenderão Adélia, por dar abrigo a um prófugo da lei. Devia sair quanto antes.

Com afetada calma, disse à mulher:

— Adeus, Adélia. Roga a Deus por mim. . .

Abriu a porta, aguçou o ouvido e lançou-se na imensidade das trevas.

* * *

Muito tempo depois, atravessava um corredor escuro, fracamente iluminado pela luz longínqua de uma lâmpada elétrica, que desembocava em outro corredor, no fim do qual morava uma parenta afastada. Pensava Adônis ir à sua casa e passar ali o resto da noite. Porém, ao virar precipitadamente uma esquina para entrar no dito corredor, chocou-se com um gendarme que, retrocedendo, gritou:

— Narda Uacica? Tua caderneta de identidade?.. .

Em idioma turco, "Narda Uacica" é o espantalho da juventude. É a espada da maldição suspensa sobre as cabeças. Que documentos pode apresentar um fugitivo, perseguido pelas autoridades? Adônis sentiu que seu coração ameaçava parar e nada pôde responder. Porém, instantaneamente retrocedeu um pouco e avançou, tomando impulso. Então, com um formidável pontapé, lançou o policial, que estava de pé, na parte inclinada da rua, a vários metros de distância.

Com as asas fornecidas pelo medo e pelo instinto do perigo, Adônis voltou pelo caminho percorrido. Passou por diversos corredores e perdeu-se, através de escuros caminhos, no labirinto da noite. Corria fugindo da morte.

Chegou a uma rua dos subúrbios, um pouco mais iluminada, e, encontrando uma porta entreaberta, entrou. No salão, recostada num sofá, cochilava uma jovem, cansada de esperar uma vítima. Ao ver entrar um homem, levantou-se rapidamente, esfregou os olhos e saudou o recém-chegado.

Um pouco mais calmo, falou-lhe Adônis:

— Vamos repousar.

Entrou e foi logo para o leito, dizendo:

— Vamos dormir. Depois conversaremos.

Quis objetar a mulher, porém Adônis fechou-lhe a boca com uma libra turca.

Há um provérbio árabe que diz: "São três os que não podem dormir: o medroso, o faminto e o friorento." Com efeito, Adônis não pôde cerrar os olhos, ao passo que a mulher dormia a seu lado tranquilamente.

* * *

Durante o dia, Adônis não se atrevia a sair, pois era muito conhecido em Beirute. Às dez horas acordou sua companheira, dizendo-lhe, depois de uma pausa:

— Olha, linda, como te chamas?

— Josefina, para servir-te.

— Obrigado, Fininha. Hoje me farás companhia o dia todo.. . Toma mais esta

libra para ti e aqui tens outra para comprares algo que se comer.

— Imediatamente — respondeu a mulher com alegria. E chamou sua criada e ordenou que servisse o café para os dois.

* * *

Nunca Adônis tinha conhecido um ambiente daqueles, cujo nome e os das mulheres que nele habitavam lhe produziam uma tal repugnância interna que chegavam a causar-lhe, às vezes, movimentos de horror, sem saber a causa. Porém, naquele dia bendisse todos os que existem no mundo. Que melhor refúgio para um fugitivo do que aquele lugar? Ali ninguém iria procurá-lo e até à noite poderia resolver sua situação.

Admirada a mulher pela generosidade de Adônis, respeitava seu silêncio e sua meditação. Só falava quando era interrogada. Adônis estava desesperado e as horas do dia eram intermináveis.

— De onde és, Finita?

— De Saida (Sidon), senhor.

— De Saida!

O rosto de Adônis iluminou-se: acabava de conceber uma ideia salvadora. Iria a Saida, pois ninguém ali o conhecia.

* * *

Naquela noite, uma carruagem fechada conduziu o jovem a Saida. Ali passou uma noite, partindo, no dia seguinte, para Nabatie, onde se reuniu a uma caravana que viajava para Huran. O desejo de Adônis era atingir o território dos Drusos, porque, uma vez com eles, não mais poderia alcançá-lo a justiça turca.

CAPÍTULO VII

ENTRE OS DRUSOS

Os drusos são um povo que habita, conjuntamente com os maronitas e os chitas, o Líbano, Ante-Líbano e Djabul de Huran, a parte sul da Síria. Não há documento algum sobre a origem precisa dos Drusos. Uns creem que são originários de Jarzen; outros, ao contrário, afirmam que são de raça árabe. Sua religião foi ensinada no século XI por Mohammed ben Ismail Eddarazi, enviado por Hamsa, vizir do Kalifa Fatimita el-Hakem — Biamarilla (996-1.021).

Essa religião ensinava a reencarnação e a divindade da pessoa do Kalifa, El Hakem.

Eddarazi desagradou Hamsa e foi substituído por Nektana Beha Edin, porém este não pôde destruir a obra do seu antecessor. Os drusos, graças ao seu heroísmo e a sua inexpugnabilidade, conferida por suas montanhas, conservaram sua fé e sua autonomia até depois da conquista da Síria pelos turcos. Continuaram independentes, elegiam os chefes que os governavam, segundo seus costumes antigos, mantendo sua organização feudal. A dinastia Maan e depois a dinastia Chehab exerceram a sua autoridade no Líbano. Até 1813, a estreita aliança que unia os maronitas aos drusos, assegurava a liberdade das povoações libanesas; porque naquela época nasceram os primeiros germes de rivalidade. Depois de 1840, quando Mahomed-Ali evacuou a Síria, acentuou-se a luta entre maronitas (católicos do rito oriental) e os drusos. Os turcos, com o desejo de dominar essa parte da Síria, que sempre se mostrou rebelde, excitaram os drusos contra os maronitas.

Depois de sangrentas lutas, veio o massacre de 1860, ano em que a França desembarcou na Síria um corpo do seu exército para restabelecer a ordem.

Apesar das medidas tomadas pela comissão européia em 1861 e da declaração da independência do Líbano, a Turquia aspirava sempre a conquista dos libaneses e apenas esperava a ocasião, que se apresentou em 1914.

Dominou o Líbano pela fome e pelo terror; porém, não pôde fazer o mesmo com

os drusos de Djabel, ao sul da Síria. Por isso, esse lugar foi sempre o refúgio dos famintos e dos perseguidos pelos turcos.

* * *

A religião dos drusos é uma mistura de várias crenças.

Admitem a existência de um Deus único, que já se apresentou dez vezes aos homens sob a forma humana; mas eles esperavam a undécima e última vez. O Kalifa El-Hakem foi a décima encarnação da divindade, sob o nome de Aibar.

Segundo sua crença, Deus tem sob suas ordens oito ministros, que são suas emanações diretas e desempenham o papel dos bons Génios. Encarnam-se sob diversos nomes e vieram ao mundo em épocas diferentes. Um deles, Hamsa, é o principal e representa exatamente o anjo Gabriel, que trouxe à terra o Islamismo e o Cristianismo, aparecendo a Cristo sob o nome de Eleazar (Lázaro), e a Maomé sob o nome de Selman el Faresi (o persa).

Ao lado dos bons Génios existem também os maus Génios, que corrompem os homens; mas apenas aparecem estes, acorrem logo aqueles e restabelecem a verdadeira fé.

Sete revoluções deste género tiveram lugar. Para os drusos não existem o céu e o inferno. Igualmente não acreditam no pecado original nem tão pouco na redenção... O homem que morre volta à vida sob uma nova forma, onde encontra a recompensa de seus atos da vida anterior, obtendo, assim, uma condição espiritual mais elevada que a precedente; até que, por suas reencarnações e peregrinações, chegue a um estado de perfeição tal, que lhe permita confundir-se com o Ser Supremo, na morada de luz. Então, não voltará mais a reencanar-se, até a undécima encarnação da divindade.

As almas purificadas voltarão a habitar a terra e gozarão de todos os bens terrestres, ao passo que os infiéis estão condenados a servir-lhes. Antes de chegar ao estado de perfeição, o simples fiel ou neófito deve vir a ser Cheik ou Aqquel, mestre, por meio de privações e sacrifícios.

Os drusos não praticam a circuncisão. Como os cristãos, comem de tudo e bebem vinho. São monógamos, porém podem divorciar-se com facilidade, pois consideram o matrimónio uma aliança passageira. Todavia, uma vez repudiada a esposa, o marido não pode mais voltar a ela. Suas mulheres gozam de muita

liberdade e apresentam-se em público com um véu que lhes cobre apenas o rosto.

Os drusos são valentes e generosos e sua extrema suscetibilidade as faz sempre andar armados. Suas lutas com os beduínos são constantes. Com relação à religião drusa, isso é tudo o que o vulgo e os historiadores conhecem. Mas na ocasião oportuna voltaremos a falar dessa religião, na parte que ninguém jamais penetrou, nem sonhou.

* * *

O povo druso tem costumes muito diferentes, no resto da Síria e no Líbano. Como em Huran escasseiam as fontes e os rios, sendo bastante notícia a falta de limpeza entre seus habitantes. Cada aldeia constrói um grande tanque ou lagoa artificial, onde se recolhem as águas pluviais, que são utilizadas durante todo o ano, bebendo dela homens e animais. As mulheres se banham nas proximidades desse grande depósito. O povo bebe água filtrada, por uma espécie de urna, especialmente construída para este fim; porém, para evitar moléstias, misturam alcatrão na água.

* * *

Os drusos são também chamados "Bani Mahruf" que significa filhos da generosidade. Para eles, o hóspede é sagrado e pode permanecer indefinidamente no "madafe", salão de hóspedes, comer, beber e dormir sem que ninguém o moleste nem pergunte de onde veio e para onde vai. Estas perguntas, a seu ver, cheiram a avarícia e desvirtuam sua generosidade. Por aquela época eram analfabetos, pois acreditavam que o estudo desmerecia o homem rico. Os únicos obrigados a saber ler e escrever eram os Mestres.

Quando um hóspede penetra no salão geral, a primeira coisa que se lhe oferece é uma xícara de café árabe, amargo. Esse café é preparado no momento e é servido numa xícara sem asa, que nunca se enche, porque deve ser sorvido de um único gole. O hóspede, segundo sua categoria, deve tomar três ou sete doses e, depois dele, todos os presentes tomam um gole. Logo depois, repetem nova dose, menos o recém-chegado. A generosidade dos drusos assume grandes proporções na hora do almoço. Para cada hóspede se degolam dois ou três carneiros, segundo as circunstâncias; estes carneiros são cozidos em um grande recipiente e, no caldo, deitam uma quantidade de arroz suficiente para a refeição dos

presentes. Quando o arroz já está cozido, é colocado no "mansef", grande recipiente de metal, e, por cima do arroz, os pedaços de carneiro. Por último, derramam por cima manteiga de vaca derretida e misturada com açúcar. De cócoras, se reuniam todos ou a maioria dos habitantes da vila e faziam companhia ao hóspede em sua refeição. Nessas refeições não eram usados talheres, isto é, garfos, colheres e facas. A comida era tomada com os dedos, porém com tal maestria que nunca sujavam suas roupas.

O autor desta narrativa presenciou, certa ocasião, em casa do Chefe geral dos drusos, uma refeição durante a qual o Chefe, trepado numa cadeira, cravou uma lança de ferro no arroz contido no grande recipiente metálico. Todos os presentes comeram e a lança permaneceu cravada. Isso dá uma ideia do tamanho do recipiente e da quantidade de arroz preparado. Perguntando a um companheiro o que significava aquela atitude, respondeu que era o símbolo da generosidade e da abundância.

* * *

A maior afronta para um druso é a covardia. Morrer em seu leito de velhice, era também mal visto. Como guerreiro que é, o druso deve morrer no campo de batalha. Sua maior diversão é a corrida de cavalos, em que se quebravam lanças. Vários dias na semana reúnem-se em seus cavalos árabes puro sangue, para disputarem essas corridas.

À noite, sua diversão consiste em ouvir os cantos heróicos alusivos aos seus antepassados e às suas operações bélicas.

Às vezes chega um beduíno trovador, com uma "rabada" (guzla) e canta diante do Cheik, elogiando-o. Este gratifica-o com o "punhado", que é a quantidade de moedas que cabem na mão fechada, sem contá-las.

* * *

A mulher drusa é muito formosa. Como esposa é, por natureza, obediente e fiel a seu esposo, recebendo dele maus tratos sem desgostar-se e até mesmo com prazer. Mas com os estranhos é muito altiva e mesmo cruel.

Talvez a cega obediência ao marido, a induza a ser altaneira para com os inferiores, porém, no fundo, é muito generosa.

Houve casos em que drusos e cristãos contraíram matrimónio entre si.

Os drusos vestem-se segundo o mesmo estilo dos beduínos; alguns deixam crescer os cabelos, e outros a barba. Esses dois povos estão em luta constante. Os drusos atacam os beduínos para obter cavalos e gado lanígero e estes atacam aqueles, na época das colheitas, para conseguir alimento.

Naquele bendito povo não há juízes, advogados nem médicos. Contudo, vivem sadios e felizes. Quando há alguma desavença entre as pessoas é o Cheik quem resolve, sendo ele o único juiz. Porém, como ele é considerado o pai de todos da aldeia, julga-os com benevolência e amor. Às vezes gasta de seu próprio bolso para harmonizar os contendores; e a disputa termina quando estes se dão as mãos.

A Turquia criou um tribunal de justiça na Montanha dos drusos, porém, depois de seis meses, teve de retirá-lo, porque em todo esse tempo não teve um só caso a julgar.

A família mais nobre é a "El Atrash", cujos componentes são os governadores da Montanha. Cada membro reside numa aldeia; é o mais rico, sendo o chefe da mesma. Essa família se diz descendente do rei árabe Munzer-Ibn-Ennaman. Os drusos obedecem cegamente seus chefes, que os tratam com carinho e justiça.

CAPÍTULO VIII

SONHO REALIZADO

Em meados do mês de maio de 1916, um jovem, extenuado pela fadiga, viajava de um povoado a outro na Montanha dos drusos, sem rumo certo: era Adônis. Quem o conhecera três meses antes, não o reconheceria, agora, nesse homem de cabelo e barba crescidos e rosto tostado pelo sol. Nestes três meses de sofrimento viveu ele vários anos. Tinha tragado a taça da sua juventude até a última gota. Agora está convertido num homem maduro, como se tivesse já quarenta anos. Sua dignidade não lhe permitia viver mais de dois ou três dias como hóspede, em um lar druso; queria encontrar trabalho para viver dignamente.

Alguns chefes dos povoados quiseram que ele fosse mestre de seus filhos; porém, ao saberem que era cristão, desistiam de seu intento, pois a lei dizia terminantemente: "O infiel não pode possuir o Livro, e este é o Corão."

Quis empregar-se nos trabalhos do campo, mas não lhe foi possível, porque era hóspede e um "jatib" ou mestre, para quem não é permitido esse duro trabalho. Entretanto, todos lhe ofereciam, com todo prazer, o que necessitava para satisfazer às suas necessidades.. . Até a ciência foi um obstáculo para Adônis, uma vez que estava convertido num moderno judeu errante.

Na segunda quinzena de maio, depois do meio-dia, chegou Adônis a um povoado chamado Saljad. Procurava a casa do Chefe da aldeia para hospedar-se, segundo o costume, e encontrou uma casa elegante e espaçosa. "Deve ser esta", pensou ele, e dirigindo-se para o edifício, atravessou o pátio, chegou à porta e chamou.

— Entre — respondeu uma voz.

Adônis entrou, pronunciando a saudação em uso:

— "Alaicom essolam." (A paz esteja convosco.)

— E também contigo.

A principio, Adónis não pode distinguir a pessoa que falava, pois ao passar do sol à sombra do aposento, suas pupilas não tinham ainda se acostumado a ela para poder distinguir os objetos. Admirado o viandante pelo carinho daquela voz, fez o possível para ver quem era. Fechou e abriu sucessivamente os olhos, até que, afinal, percebeu um homem sentado à mesa, como quem espera um companheiro para a refeição. Vestia uma túnica cor de rosa. Usava o cabelo solto e sua barba era branca. Era impossível calcular sua idade: tanto podia ter 40 anos como 100.. . Olhava profundamente Adônis e seu olhar parecia querer penetrar no fundo do seu coração. Seu rosto parecia o de um Deus esculpido; sua fronte serena seria invejada por qualquer jovem formosa da nossa sociedade e da nossa época, tão delicada e branca era a tez. Seu olhar era inconfundível e exprimia piedade e ternura.

Adônis se deteve diante desse olhar e fazia a si mesmo a seguinte pergunta: "Onde terei visto antes esse rosto angélico?" O homem falou:

— Senta-te, meu filho. Não vês que estou te esperando?

— A mim, senhor? — perguntou Adônis, cada vez mais surpreendido.

— Sim, a ti, a ti. .. Deves ter muita fome; vamos ao almoço.

Assentou-se o recém-chegado, porém não podia tirar o seu olhar daquele ser extraordinário.

Adônis sentia uma fome devoradora e acumulada. Começaram a refeição, que se compunha de pratos simples, porém substanciais.

Passados cinco minutos, o jovem cessou de comer.

— Por que não comes, filho?

— Coisa estranha! Tinha muita fome, mas agora já me sinto satisfeito.

Sorriu o dono da casa, dizendo:

— Tens razão. Absorveste a alma do alimento.

Adônis não se atreveu a investigar o significado dessas palavras. O ancião, que continuava a olhá-lo docemente, com olhos saturados de paz, disse-lhe a seguir,

com voz carinhosa:

— Estás muito cansado e tua mente não pode reter nada. Vem, vou conduzir-te à tua cama; amanhã falaremos.

Com efeito, as pálpebras de Adônis caíam de sono... O desconhecido tomou-o pelo braço e conduziu-o a um quarto separado. Desceu as colchas do leito, fez Adônis sentar-se e abaixou-se para desamarrar seus sapatos. O jovem fugitivo quis protestar, mas não pôde pronunciar uma só palavra. Sentiu, em seguida, que dois braços o levantaram e o depositaram docemente no leito, bem preparado, cobrindo-o carinhosamente. A seguir, entrou no mundo desconhecido dos sonhos.

* * *

No dia seguinte, Adônis despertou e, com indizível surpresa, viu, sentado à sua cabeceira, o ancião, que, ao vê-lo desperto, perguntou-lhe:

— Como te sentes, meu filho?

Passaram-se alguns instantes antes que Adônis pudesse refazer-se da sua surpresa para responder.

— Bem. Sinto-me perfeitamente bem, senhor, e peço-vos perdão pelo incómodo que estou vos causando.

— Chamas tu incómodo o cumprimento do dever? Não, filhinho, é um grande prazer servir e ajudar. . . Levanta-te, agora, pois necessitas de um banho.

Adônis levantou-se e foi conduzido a outro aposento, onde havia uma grande tina com água. Seu benfeitor disse:

— Banha-te bem. Depois deves vestir esta roupa nova, porque a tua não serve mais e vai ser queimada.

Dito isso, saiu e fechou a porta. Antes de despir-se, Adônis contemplou sua roupa nova, que se compunha de uma túnica branca de seda com mangas largas, um calção bem amplo, um manto de lã de camelo e, por último, um par de sandálias, cuja sola era feita de uma matéria semelhante à lona, porém muito grossa, as quais se atavam aos pés com cordões de seda.

* * *

Rememorando as gratas impressões do dia anterior, Adônis entrou na tina. Depois de ensaboar-se por várias vezes, saiu daquele rústico e, possivelmente, recém-improvisado banho; com água pura de outro recipiente enxaguou todo o corpo, da cabeça aos pés. Em seguida, enxugou-se com uma toalha felpuda, vestiu sua roupa nova e pôs nos bolsos seus papéis e documentos que tirou do vestuário velho, tais como: cartões com seu nome, cartas de Eva e alguns poemas de sua autoria. Quando se dispunha a sair, entrou novamente o ancião acompanhado de um criado, a quem ordenou:

— Leva esta roupa e queima-a.

O criado, que era um homem maduro, de barba negra e tez morena, inclinou-se, enrolou a roupa e saiu silencioso.

Voltando-se, então, para Adônis o amo, disse-lhe:

— Vamos, o café está na mesa.

Adônis quis agradecer-lhe pelas vestimentas que lhe dera, porém não encontrou palavras adequadas. Mas, chegando ao refeitório, ergueu seu olhar para ele, dizendo-lhe:

— Senhor, desejo saber vosso nome, para bendizê-lo.

— No momento, chama-me Aristóteles.

— E eu me chamo. . .

Calou-se, sem saber o que dizer. Não sabia se devia dar seu verdadeiro nome ou um nome suposto, para despistar os agentes turcos. Porém, diante desse homem extraordinário, não queria mentir. Todavia este, observando, aliás adivinhando sua luta interna, disse carinhosamente:

— Não perguntei por teu nome, jovem.

— Eu me chamo Adônis, senhor, e sou muito grato por esta roupa com que me presenteastes.

— Sou eu quem devo agradecer-te. Agora vamos ao café, porque deves ter fome.

— Para dizer a verdade, não tenho muito apetite.

— Não importa. Coma, pois deves recuperar tuas forças, porque um trabalho árduo e longo te aguarda.

Adônis perguntou alegremente:

— Posso trabalhar aqui, senhor?

— Muito, muito... Agora, depois do café, vou conduzir-te ao Chefe e te colocarei como contador em sua casa. Lá, aparentemente, deves trabalhar; porém, o verdadeiro trabalho é comigo, enquanto eu estiver aqui.

Em seguida, estendeu ambas as mãos sobre os alimentos servidos, permaneceu alguns segundos nesta atitude e depois ofereceu a Adônis um copo de leite.

CAPÍTULO IX

MESTRE E DISCÍPULO

A família de Aristóteles se compunha de um criado, que já vimos no capítulo anterior, e uma gata branca. Os aposentos que ocupavam eram decentes, limpos e amplos. Seu dormitório comunicava com um terraço, espécie de mirante, que oferecia uma vista magnífica. Durante muitos dias, Adônis exerceu as funções de contador, em casa de Jadallah Bey el Astrash, trabalhando aí apenas alguns minutos; depois voltava para a casa de Aristóteles, onde passava o resto do dia. Desde sua chegada a esta morada, sentiu Adônis um bem-estar indizível. Somente uma ideia o torturava: era a pergunta que constantemente repetia a si mesmo: "Onde terei eu visto antes este homem?"

* * *

Um dia, Aristóteles lhe disse:

— Vem, meu filho, já é hora de trabalhar. Senta-te, escuta, olha-me bem nos olhos e retém o que te vou dizer:

"Antes de tudo, saiba que esta não é a primeira vez que nos encontramos no Infinito, nem será a última.

"Meu filho, meus dias estão contados, mas são suficientes para poder iniciar-te na Ciência das Ciências, que te entregará as chaves misteriosas do Amor e do Poder. Não disponho de tempo para ensinar-te a teoria, mas somente o necessário para iniciar-te na prática... Algum dia, a tua mente carnal compreenderá todo o mistério. Esse dia não será amanhã nem depois, mas certamente chegará... Sei que, no momento, não vais compreender minhas palavras, porém os fatos te levarão a acreditar nelas."

"Os homens são degraus na cadeia da Divindade; cada degrau sustenta um e é sustentado por outro. Parece que os dois degraus que nós dois representamos estão unidos há milhões de anos e, por esse motivo, sempre nos encontramos em nossas existências."

"Antes de tudo, devo fazer-te compreender Deus. Deus não existe... Ele é. Quisera apagar de tua mente a palavra Deus, que designa um ser pessoal, e substituído por outra que designe algo universal, como Energia Divina, Vida Criadora ou outra do mesmo género. Essa Força-Vida é tudo e essa Energia-Lei não se aborrece nem encoleriza, porque é como o sol. Em todas as religiões se fala de pecados contra Deus, mas isto é falso, meu filho. O pecador peca contra si mesmo e só ofende a si mesmo. É como aquele que quisesse cuspir no sol: longe de sujar o Astro-Rei, sujaria a si próprio. Portanto, o homem não deve pecar para não manchar-se. Tal é a lei dos profetas."

"O elo anterior da cadeia de que te falei, comunicou a mim o Poder, e eu devo transmiti-lo a ti, antes da minha viagem. Tu, por tua vez, o transmitirás a quem te suceder. Esta é a lei infalível: Dar para receber e receber para dar."

"O corpo de Deus é o Cosmo e nele operam as mesmas leis que no corpo humano. O homem, para viver, necessita dos pulmões, do estômago, do cérebro, etc.... Às células do cérebro indubitavelmente são mais nobres que as do estômago, porém que é que seria dos neuroses se as células estomacais não funcionassem perfeitamente? Que é que seria do coração se os rins não cumprissem sua tarefa de purificar o sangue?"

"Perante a divindade, no homem ou no Universo, o trabalho de uma célula nervosa é tão importante como o de uma célula intestinal. Da mesma forma, perante Deus, tanto vale um homem bom como um mau, a santa como a prostituta, o grande como o pequeno."

"A diferença entre o homem evolucionado e o não evolucionado é relativa à cadeia da humanidade: o primeiro trata de limpar e polir seu degrau e os dos outros, para que nada de feio se veja na cadeia, ao passo que o segundo deixa seu degrau sujar-se e essa sujeira se reflete sobre toda a gigantesca cadeia, sem contribuir para nada."

"Todo homem que trata de comunicar aos demais o que ele sabe, é um homem egoísta. O verdadeiro altruísta é aquele que desperta nos demais o que neles está dormindo. E isto não se consegue obrigando-os a pensar e agir como ele próprio pensa e age, porque cada ser humano representa um degrau na escala que conduz a Deus e cada degrau tem sua função."

"Que seria do organismo humano se as células cerebrais quisessem convencer as

células estomacais de se dedicarem a pensar ao invés de digerir? Não, meu filho. A verdadeira sabedoria consiste em ajudar a Inteligência Suprema e não ir contra Ela. . . Tu nasceste cristão e eu druso. Ambos somos células: tu de um órgão e eu de outro. Ambos devemos trabalhar para o conjunto, a fim de fazer dele um conjunto melhor. Ambos devemos desempenhar nossas funções e cumprir a missão que nos foi confiada, da melhor maneira possível."

Ao chegar neste ponto, Aristóteles levantou-se e, aproximando-se de Adônis, colocou três dedos da sua mão direita em uma das vértebras do jovem, dizendo:

— Já te disse que só tenho tempo para ensinar-te a prática. Agora, cede-me teu pensamento e vamos juntos a teu Centro Divino, a fim de contemplares comigo a Verdade.

* * *

Adônis obedeceu. Sentiu uma profunda languidez e logo, sem perder o conhecimento, teve a impressão de que era um foco de luz, do qual irradiavam milhões de raios luminosos; cada raio era a vida de um ser, de um átomo, de um anjo e todos trabalhavam e vibravam com uma harmonia prodigiosa. Viu (permitam-nos usar essa expressão) que ele era todos, que a unidade de todos os seres estava nele. Viu que umas células destruíam outras, que uns homens destruíam outros homens; porém esta destruição era uma obra que tendia a conservar e construir, em vez de destruir. .. Viu também que esta lei é universal e compreendeu que onde não há luta não há vida, e onde não há vida não há consciência, e onde não há consciência não há evolução.

Então compreendeu que o ser evolucionado, o verdadeiro santo, ainda que não se meta em lutas politicas, sociais ou religiosas, é o centro de todas elas. Viu, sentiu e comprovou muita coisa que ele nunca supôs que existissem nele.

* * *

Deixando-o livre, Aristóteles voltou novamente a seu posto e continuou:

— Viste, meu filho, o que outros não podem ver, porém chegará o dia em que todos verão. Deves ser a lei, a partir de hoje; deves vivê-la, mas não ditá-la! Nós não podemos melhorar a humanidade, ditando leis, mas sim vivendo-as em nossos pensamentos e atos. Não é, por acaso, o ato o reflexo do pensamento que está atrás dele? Como pretender que um ladrão não roube se a lei o priva dos

meios necessários para satisfazer as suas necessidades? Poderá o cárcere evitar que um homem seja mau? Ditar uma lei sem cumpri-la é querer que um leão faminto não devore sua presa... Ensina o homem a ser bom com teu pensamento e tua conduta; as leis de nada servirão. Todos somos elos da cadeia. Buscar em tudo a unidade é chegar à Vida, é chegar à Suprema Verdade. Esta noite podes repetir a experiência, antes de dormir, e amanhã estarás perfeitamente ao par desses novos ensinamentos. Medita bem neles, porque amanhã terás outra lição.

* * *

Adônis permaneceu calado e pensativo diante daquele sábio formidável e poderoso. Não pôde compreender, a princípio, o fenómeno que se passou com ele, porque sentiu que era algo natural nele, como se recordasse alguma coisa sucedida em tempos remotos.

CAPÍTULO X

PRIMEIRA LIÇÃO DE SABEDORIA

No dia seguinte, à mesma hora, no mesmo aposento, se achavam sentados Aristóteles e Adônis. O primeiro perguntou ao discípulo:

— Qual foi o resultado de tua experiência esta noite? Comovido, Adônis respondeu:

— Senhor, não tenho palavras para agradecer-vos nem para expressar o que se passa em mim.

— Já o expressaste muito bem, meu filho. O idioma dos homens é incapaz de materializar um sentimento; tem isso como certo. . . O sentir interno é o idioma dos deuses. Antes de começar tua Iniciação Interna, devo esclarecer-te um fato importante: nada na vida é casual. Tu vieste a mim porque eu te esperava. Para que o compreendas, vamos lançar um olhar retrospectivo sobre a tua vida atual; então veremos a lei da sequência. Depois da Iniciação Interna, verás o passado mais afastado.

"Não foi por acaso que nasceste dos teus pais atuais: teus merecimentos te conduziram a um pai fanático em matéria de estudos, que te legou uma parte de suas vibrações, ao passo que tua bondosa mãe te deu por herança a doçura e a bondade. Porém, filho meu, também o saber unido à bondade traz sempre o sofrimento neste mundo. Entretanto, a ninguém deves culpar porque tu escolheste este caminho e ninguém te obrigou a segui-lo."

"Recorda-te de que não foste compreendido por teus companheiros, teus mestres e até mesmo por teus pais, mas tudo isso tem uma finalidade. Quando o homem sofre, busca um remédio para o seu sofrimento e tu estás destinado, na vida, a procurar alívio para a dor que continuarás sentindo. Até agora não me reconheceste e continuarás perguntando a ti mesmo onde me viste, não é verdade? Pois bem, tu me tens visto em sonho desde criança. Lembra-te daquela noite em que eu te disse: "Isto é natural?"

Adônis, como quem desperta de um sonho, recordou-se de tudo. O Mestre,

depois de uma pausa, continuou:

— Agora que te recordas, podes compreender que, assim como nesta vida podemos esquecer, e de fato esquecemos, muitas coisas, também podemos esquecer, com muito maior razão, as nossas existências passadas, embora sua memória não esteja perdida e possamos, por certos meios, recuperá-la. E eu te farei recordar depois; por enquanto devo continuar as minhas explicações. Portanto, não te esqueças, nada é casual. Podes entrar numa biblioteca que contenha mil volumes, porém só lerás o livro que mereces ler. Da mesma forma estás vivendo entre milhões de seres de que se compõe a humanidade, porém só entrarás em contato com aqueles com quem tiveres formado uma relação qualquer no passado, tais como: pais, irmãos, filhos, esposa, amantes, namorados, amigos, inimigos.. . Todos estão sujeitos a esta lei.

Calou-se novamente Aristóteles. Adônis pensava em Eva, porém não se atreveu a perguntar nada.

O sábio, lendo no pensamento do discípulo, continuou:

— Teu amor?... Tem dois objetivos: sofrer e agir. Sofrer porque teu sonho não se realizará. No dia em que perderes estas cartas que guardas no bolso, neste mesmo dia perderás o teu amor. Mas não será realmente uma perda, porque nada se perde no Cosmo. Ao contrário, este amor que ocupa teu coração abriu-te o caminho para a arte e para o saber. Teu atual amor por uma só pessoa germinará como a semente de trigo e dará 30, 40, 70 ou 100 para os homens privados de amor.. .

"Vejo que choras, meu filho, porém tuas lágrimas serão como o orvalho para as flores que estão murchando; o sangue que verte de teu coração dará vida aos demais. Agora o golpe é duro para a tua sensibilidade, porém o fogo da dor purifica teu metal inferior, transformando-o em ouro puro."

"Aprender a sofrer é triunfar. Tua vida será uma cadeia de sofrimentos e triunfos. A semente que não rompe dolorosamente os seus invólucros, não é digna do beijo do sol. A necessidade de dinheiro obriga o homem a agir e, agindo, cumpre seu dever. Cada vez que precises de dinheiro pensa que outros precisam de ti, porque raras vezes o rico cumpre seu dever. E uma vez que ele não o cumpre, tu o cumpres em seu lugar. Cada vez que queiras perguntar: "Que proveito terei eu?" — dirige a ti mesmo esta outra pergunta: "Que seria de meu corpo se uma

só célula deixasse de funcionar e que lucram as células de meu organismo em manter a vida do todo? Não é um sacrifício para elas? Não seria melhor que vivessem só para si?". . . Então compreenderás tua missão na vida."

"Além disso, que te pede o sol pelo calor, luz e vida que te dá? Que te pede a terra em recompensa de tudo o que obténs dela? Que te pede a macieira por seus frutos? A vaca por seu leite? A galinha por seus ovos?.. . Asseguro-te que, às vezes, a galinha presta mais serviço que muitos homens."

"Há outro ponto ainda mais importante que deves compreender: nenhuma religião é melhor que outra, porque todas têm o mesmo espírito. Tratar de adquirir adeptos para uma religião é o mesmo que procurar fazer com que o estômago funcione como a cabeça. Nem todo cristão que leu os Evangelhos chegou a compreender o espírito da religião cristã, assim como nem todo druso que leu o catecismo atingiu o espírito da religião drusa..."

"Aqui tens o nosso catecismo druso — concluiu ele, entregando-Ihe um manuscrito. Lerás atentamente as asneiras contidas nele; porém, essas tolices, explicadas à luz do espírito da religião, quando terminares a sua leitura, te deixarão na dúvida se são budistas, maometanas, cristãs ou judaicas. E por hoje basta... Agora, toca a estudar.

CAPÍTULO XI

O CATECISMO DA RELIGIÃO DRUSA

A primeira parte do código da religião drusa provocou gargalhadas em Adônis, pois estava escrita em forma de perguntas e respostas "estúpidas", como as qualificou Aristóteles. O espaço de que dispõe esta obra não permite traduzi-las integralmente; nós somente citaremos algumas:

P. — És druso?

R. — Sim, pela graça de Deus.

P. — Quem é Deus?

R. — É Hakem Biamrillah.

P. — Como podes provar que és druso?

R. — Fazendo o bem e evitando o mal.

Seguem várias perguntas sobre Hakem: quando nasceu, como declarou sua divindade; quando apareceu e, finalmente, quando desapareceu e como e quando voltará para castigar os maus e premiar os bons.

P. — Por que ocultamos nossa religião aos demais?

R. — Porque é necessário enganar a todos e, por isso, nos apoiamos na falsa religião de Mafoma.

P. — E que dizes dos cristãos e maometanos que afirmam possuir a verdadeira religião?

R. — Basta que Hamsa a negue para que seja falsa, e guarda-te de duvidar das palavras do Hamsa. Devemos afastar de nós tudo o que dizem os cristãos, maometanos e judeus.

P. — E como sabemos que são verdadeiras as palavras de Hamsa?

R. — Pelo que diz de si mesmo na epístola da prevenção: "Eu sou a mais formosa das criaturas de Deus; eu conheço Deus; eu sou seu livro e sua lei; eu ressuscito e sopro em todos os peitos; eu anulo as leis; eu sou o fogo que brilha em todos os corações.

P. — Qual é a religião dos unitários?

R. — Regar e repelir tudo que os outros crêem.

P. — E se algum estranho quiser crer e praticar nossa religião, terá salvação?

R. — Não. Não terá salvação porque se fechou a porta e aqueles que ficaram fora já não poderão mais entrar, e quando morrerem voltarão à sua própria religião.

P. — Quando foram criadas as almas?

R. — Depois do engendramento da razão, que é Hamsa, de cujo brilho nasceram as almas, cujo número não aumenta nem diminui.

P. — É permitido iniciar as mulheres?

R. — Sim, porque elas acudiram ao chamado de Hakem Biamseh, conforme está escrito na epístola das mulheres.

P. — Que dizes das pessoas que pretendem adorar Deus, criador do céu e da terra?

R. — Mesmo que o digam, não deves acreditar, porque a adoração sem conhecimento não serve. Se eles dizem que adoram Deus e não sabem que Deus é Hakem, a adoração não é autêntica.

P. — Quem são os iluminados que definiram a sabedoria de Nosso Senhor, que é a base da nossa religião?

R. — São três: Hamsa, Ismail, e Baah-Edin.

P. — Em quantas partes se divide a ciência?

R. — Em cinco partes, que se subdividem em diversas outras partes: duas delas tratam das religiões; duas reúnem todas as ciências naturais; porém, a quinta, que é indivisível e é a maior, trata da sabedoria de Nosso Senhor Hamsa, que é nossa religião.

P. — Como podemos conhecer um irmão que diz ser um dos nossos?

R. — Após a conversação e a saudação, perguntamos: "Há em vosso país lavradores que cultivam a árvore sagrada?" Se responder: "Sim, semeiam-na no coração dos fiéis", então perguntamos sobre os iluminados limitadores, e responde é um irmão, senão é um estranho.

P. — Quem são os iluminados limitadores?

R. — São os cinco filhos ou emanações de El Hakem Biamrillah: 1.°) Hamsa; 2.°) Ismail; 3.°) Mahomeh, o verbo; 4.°) Baah Edin; 5 o) Alen Eljair.

P. — E os drusos profanos têm salvação ou alguma posição perante El Hakem?

R. — Não. Eles serão como os demais, se não chegarem a ser mestres.

p. — Qual é o centro do compasso?

R. — É Hamsa Ben Ali.

P. — Qual é o reto caminho?

R. — É Hamsa, a causa das causas.

p. — Que é o princípio e que é o fim? (eternidade).

R. — O princípio é Hamsa e o fim é seu irmão Ismail (eternidade).

P. — Quais são os homens da prédica?

R. — São os três evangelistas: João, Marcos e Mateus.

P. — Quanto tempo durou a pregação?

R. — Vinte e um anos (Sete anos cada um).

P. — Como pregavam?

R. — Evangelizavam o mundo, ensinando a eternidade do verdadeiro Cristo.

P. — Quantas são as letras da fidelidade?

R. — São 164 que compõem os profetas.

P. — Quantas são as letras da mentira?

R. — São 26, que designam os maus profetas, como Mahomeh, Ali e outros.

P. — Quais são os três selos limitadores que, em toda eternidade, só Hamsa pode abrir?

R. — São o poder, a vontade e a palavra. No tempo de Cristo são: João, Marcos e Mateus... São também Almekdad, Sanun Iben Yacha e Yared el Inadi... No tempo de Hamsa são: Ismail, Mahomeh, a palavra e Baah Edin.

P. — Que significa o fato de Nosso Senhor montar o burro sem arreio?

R. — Significa a revogação da lei interna ou exotérica dos profetas.

P. — Por que as vestes de Nosso Senhor eram de lã preta?

R. — Não significava tristeza, porém igualdade entre os fiéis.

P. — Quem construiu a pirâmide do holocausto?

R. — Foi Nosso Senhor Hakem Biamreh quem a construiu segundo sua sabedoria.

P. — Que sabedoria há nela?

R. — A promessa e o ponto de peregrinação para a nova vinda.

P. — Que nos deixou Nosso Senhor antes de partir?

R. — Escreveu um texto e o pendurou na porta da mesquita, chamando-o "o arquivo suspenso".

P. — Como afirmamos que Mahomeh é o filho de Nosso Senhor, se já dissemos que é um falso profeta?

R. — Não se trata de Mahomeh, o filho de Abdulla que é ilegítimo, mas sim do filho de Hakem, com o mesmo nome, que é o verdadeiro.

P. — Que significam as fadas, os anjos e os demônios?

R. — Uns são espíritos daqueles que acudiram à chamada de Hakem e outros não.

P. — Quais são os ciclos?

R. — São as leis dos primeiros profetas, como Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus, Mahomeh, Sahid, e todos eles são reencarnações de Adão, que foi expulso do paraíso ou dos Unitários.

P. — Quem foi Iblis?

R. — Iblis, o demónio, era um mau servo de Nosso Senhor, porém quando desobedeceu a Hamsa, Deus o maldisse e o expulsou da Unidade.

P. — Quais são os arcanjos que sustentam o trono de Deus?

R. — São os cinco libertadores: Hamsa, Israfil, Ismail, Mitratton e Baah Edin.

P. — Que diz o Evangelho cristão?

R. — O verdadeiro Evangelho é a palavra de Cristo, que é Hamsa e não a do falso Cristo que nasceu de Maria e José.

E seguem outras perguntas sobre Jesus.

P. — Quem ressuscitou do túmulo e entrou, através de portas fechadas, no recinto onde se achavam os discípulos?

R. — É o verdadeiro Cristo Hamsa, o servidor de Nosso Senhor e seu anjo.

P. — Quem pregou o Evangelho?

R. — João, Marcos, Mateus e Lucas.

P. — E por que não creram no Evangelho?

R. — Já o disse o Corão: "Reconheceu alguns e separou outros."

* * *

Até este lugar de sua leitura, Adônis encontrou certos sinais, sobre perguntas e respostas, que chamavam sua atenção com as seguintes palavras: "É proibida a divulgação."

O segundo capítulo do código religioso druso contém o juramento dos unitários, que é verdadeiramente tremendo e ocupa várias páginas.

O terceiro capítulo encerra a epístola aos Neófitos e suas obrigações para obterem a iniciação, terminando com muitas perguntas e respostas. Tudo o que se pode dizer desse capítulo, que trata do período preparatório, é que é muito rigoroso. Quantas privações, quanto segredo e quanto sofrimento!

O quarto capítulo trata da vida do iniciado, depois da iniciação, la rigidez da conduta do pensamento e da palavra.

CAPÍTULO XII

REVELAÇÃO

A mesma hora do dia seguinte, Aristóteles perguntou a Adônis:

— Que te parece o código dos Unitários?

— Senhor, se me permitirdes falar com franqueza, eu vos direi que não é mau.

— Como? — perguntou o sábio, levantando o olhar para o seu interlocutor.

— Vós mesmo me havíeis ensinado a buscar o espírito em cada religião e é o que eu fiz... A princípio me ri bastante, porém depois compreendi muitas coisas. O espírito da religião drusa foi intencionalmente tergiversado, principalmente os sete artigos verdadeiros do Código, que estão na última página e são os seguintes:

E abrindo o manuscrito, Adônis continuou:

— Aqui diz: 1.°) Unidade de Deus, mas a ordem sucessiva está alterada... O segundo artigo diz: Excelência essencial da verdade, em frente: Veracidade nas palavras, porém é lícito mentir aos homens das demais religiões a respeito da religião verdadeira. . . O terceiro: Tolerância. Liberdade de expor livremente as opiniões religiosas e analizá-Ias por meio da razão. Entretanto, mais adiante encontramos: Repudiar todas as religiões estranhas. O quarto diz: Respeito a todos os homens segundo seu caráter e sua conduta. E logo continua: Separar-se, de coração, de todos os infiéis de qualquer linhagem... O quinto, o sexto e o sétimo capítulos também estão alterados, porém não é tão má a alteração. Tais alterações são propositais, portanto a comunidade ou religião drusa deve voltar ao seu primitivo brilho e valor.

Aristóteles se levantou calmamente e, colocando suas mãos na cabeça de Adônis, enquanto levantava seus olhos para o céu, exclamou:

— Eu vos bendigo, Amor Universal, e, ao mesmo tempo, voluntariamente, me constituo um canal vosso para que possais derramar vossos dons sobre este

irmão.

A princípio, o discípulo não pôde articular uma palavra: sentia que seu sangue fervia em suas veias, como se em seu coração se houvesse acendido uma fogueira, cujas chamas queimavam seu sangue e sua cabeça. Porém, substituindo seu involuntário mutismo pelo gesto, abraçou com amor filial o homem que tinha diante de si.. . E ambos ficaram abraçados durante alguns segundos.

* * *

Momentos depois, o hierofante druso tomou assento na frente de Adônis e disse:

— Meu irmão. Já fiz descer sobre ti o fluxo cósmico. Assim como me iniciaram, eu te iniciei, mas não vás supor que aqui termina nosso árduo e terrível trabalho. Eu sou o sol poente e tu és o sol nascente. Diante de ti está o mundo, com todos os seus atrativos e dentro de ti está o demónio com todas as suas tentações e enganos. .. De antemão vejo que vais sucumbir, porém vejo também que, na última metade de tua vida, vais levantar-te. Entretanto, não deves te inquietar, porque as tuas quedas são necessárias para que possas saborear a dor do erro e a doçura do triunfo. O mundo está diante de ti e o demónio dentro de ti. Deves derrotar ambos... Sê forte, irmão meu. A partir de hoje, me afastarei de ti e passarás tua vida lendo em casa de Jadallah. Ali tens que te dedicar ao estudo e ao sofrimento. Deves suportar com valor e em silêncio tudo o que te suceder. Deves ler todos os livros mais importantes desta biblioteca e todas as obras são manuscritas. Sei que tens uma prodigiosa memória e poderás reter, portanto, tudo o que leres. Assim, o teu despertar será rápido e encurtarás o tempo das provas.

E, passados alguns momentos, chamou o criado e disse-lhe:

— Transporta esta seção ao quarto do teu senhor Adônis, na casa do Bey.

O criado inclinou-se silencioso e começou sua tarefa.

Quando ele se retirou, Aristóteles continuou:

— Os drusos, meu irmão, não formam uma seita nem possuem uma religião especial. Segundo verificaste, procuram possuir o mais elevado em cada religião. Seus hierofantes são estudantes ardorosos que raras vezes saem do seu mutismo para falar com um profano e entre nós os há de todas as nacionalidades. Nossos

hierofantes pertencem ao verdadeiro Colégio dos Magos, cujo segredo sempre foi atacado pelas perseguições religiosas até o ponto, na atualidade, de darmos à humanidade certas frases de religião absurdas, para agradar o materialismo que reina no mundo.

"O Colégio dos Santos Magos tem suas raízes em todas as partes do mundo: no Egito, na índia, na América, etc., tomando em cada lugar um nome apropriado como: Nazarenos, Rosacruzes, Ioguis, Sufis, Martinistas, etc... . Muitos quiseram levantar o véu do nosso Colégio e penetrar o mistério do mundo físico, porém fracassaram. A Ciência da Magia não se pode possuir com o estudo unicamente; é preciso a prática e sem ela nada se consegue. A iniciação em nosso Colégio não se realiza no mundo material, mas sim no mundo espiritual, pelo êxtase."

"Conforme já disse, o Colégio dos Magos tem vários ramos e cada um possui um nome conveniente. Todos eles são bons, porque seu objeto é conduzir o discípulo ao mundo interno, ao silêncio e à obra subjetiva. Nós, os drusos, somos os continuadores dos Nazarenos. Adoramos Deus, porém não sob uma forma humana. . . Ninguém suspeita que a Irmandade de Luxor, na América do Norte, é puramente drusa. . . Nunca procuramos prosélitos, evitamos a notoriedade e mantemos relações com todas as religiões, ainda que não acreditemos em nenhuma religião exotérica."

"Os missionários procuram sempre, em vão, penetrar nossos mistérios, ora com dádivas, ora com ameaças, porém nenhum profano jamais vislumbrou coisa alguma de nossa seita, nem ninguém pôde ver os nossos livros sagrados... E tudo o que dizem de nós os livros e enciclopédias é mentira, é falsidade. Temos nossa hierarquia sacerdotal, temos também nossos signos e estes podem ser divulgados como sucedeu com os da Maçonaria e outras escolas."

"Porém, o Signo dos Signos e o Mistério dos Mistérios está no homem e ninguém pode alcançá-los, a não ser o verdadeiro Mago. Por isso nunca nos equivocamos ao escolhermos os nossos discípulos.

Em que consiste este signo? Isto verás tu mesmo depois, porque nem eu nem ninguém poderá definir com palavras humanas o que é abstrato. Nem mesmo São João, em sua revelação, pôde fazer-se compreender."

"Hamsa, para os esoteristas drusos, é o verdadeiro Messias e a personificação da Sabedoria Universal. Cento e sessenta e quatro discípulos tem o Messias e os

drusos os chamam as letras da lealdade. A décima manifestação do Messias é chamada Hakem Biamrillah, que, como sabes, significa aquele que governa por ordem de Deus. Não é o Cristo que governa por ordem de Deus? O nome de Kalifa nada mais é que o véu da verdade."

"Para chegar a Mago, o Iniciado deve sofrer cinco provas muito dolorosas que correspondem aos cinco graus da Iniciação. Os três primeiros estão simbolizados pelos três pés do candelabro do santuário interno, que sustenta a luz dos cinco elementos que correspondem aos cinco graus. Os dois últimos são os mais terríveis porque correspondem à ordem superior da Iniciação."

"No dia em que venceres teu corpo, que é o ministro do mal personificado, as escolas esotéricas te iniciarão com Fogo, Ar, Água e Terra, elementos que simbolizam a natureza do homem. Os Magos, em vez de se limitarem aos símbolos, vão diretamente à realidade; por isso te digo que muitos sofrimentos te esperam... Logo serás provado pelo sangue, pelo fogo da paixão, pela tua animalidade terrestre e pela tua mente que representa o elemento ar."

"Para os Magos, a reencarnação é a pedra fundamental de todas as ciências. Tu podes duvidar, porém antes de te convenceres por ti mesmo, quando chegares às quarta e quinta fases da iniciação, eu te pergunto agora:

"Por que teus companheiros te anteciparam na fuga? Por que te meteste em política, em teu país, apesar de odiá-la? Por que te enamoraste e as circunstâncias te obrigaram a abandonar teu amor para sempre?"

Adônis não pôde conter-se e perguntou atónito:

— Mestre, como "para sempre"? Então não tornarei a vê-la?

— Sim, meu filho, hás de encontrá-la, porém nos braços de outro homem... Teu amor por ela não foi senão um despertar para o sentido da Vida Universal. Não é mais que o teu primeiro despertar para

Deus. Este amor será uma chama permanente em teu coração e, porque amas muito, muito te será dado. A lei fez com que teu amor fracassasse, para que a chama, em vez de ser dirigida para um só ser, abrace o mundo inteiro e se estenda a todos os seres...

"O que os maometanos chamam "El Kadar" e os cristãos destino, não é senão a

lei da causa e efeito da reencarnação. . . Eu posso assegurar-te que esta lei muitas vezes impede o matrimónio de um iniciado com uma iniciada ou com o ser que seu coração adora, porque essa união é egoísta e o egoísmo não é patrimônio dos iniciados."

"O Iniciado deve procurar elevar a seu nível outros seres. O Cristo não veio para os sãos, mas sim para os enfermos, que necessitam do médico. Deves saber que tua obra não está neste país e sim em outro; e as forças superiores estão preparando, em ti, o terreno para que lances tu as sementes que deverão germinar e frutificar. Eu te explico estas coisas para convencer-te de que a lei da causa e efeito vem das existências passadas... Oxalá que Hamsa (Cristo), que está em ti, te ilumine!"

"Nos manuscritos que vais ler encontrarás muitas coisas novas; porém, sobretudo deves praticar as virtudes teológicas dos drusos, que são: caridade, justiça, mansidão, misericórdia, além de outras que são indicadas para a iniciação. Sê como a flor que perfuma o pé de quem a pisa, e algum dia serão teus companheiros os melhores sentimentos e serás um canal digno da Divindade. O período das tuas provas é longo e rigoroso, porém farei para ti certa exceção, não por favoritismo, mas sim por merecimento."

"Antes de terminar, dou-te quatro conselhos; grava-os em tua mente, em teu coração e em tua própria vida:

1°) Estuda e pratica.

2°) Em todos os momentos, considera-te como se fosses Jesus, o Cristo, em amor e mansidão.

3°) Em tuas provas, não deixes que a Natureza prevaleça contra tua vontade.

4°) Em tuas provas, não te queixes a ninguém, guarda as tuas dores no fundo do teu coração.

Agora, adeus, meu filho.. . Tem cuidado, porque muitos olhos te espreitam... Até a vista!

CAPÍTULO XIII

PROVAS

A casa de Jadallah Bey El Astrash está em festa. Preparam-se solenes festejos. Dezenas e dezenas de carneiros foram sacrificados. Quarenta mulheres preparam o pão. Um convite geral foi enviado a todos os parentes e amigos, espalhados pela Montanha dos Drusos. Os guerreiros, atendendo ao convite, se reuniram desde cedo, a cavalo, com os seus modernos rifles automáticos. E Jadallah, como um druso rico e generoso, abriu de par em par as portas de sua casa e de seu coração para receber seus hóspedes. O objeto daquela reunião não era festejar um casamento nem um aniversário. Era simplesmente para ir a Dahra esperar Astaruth El Astrash, filha única de Jadallah Bey, que regressava de Damasco, onde passou alguns anos, estudando num colégio de freiras. Era a primeira mulher drusa que transpunha os muros de um colégio; sabia ler, escrever e conhecia até o francês.

Por que Jadallah abandonou toda tradição e permitiu que sua filha estudasse? É por que Jadallah viveu algum tempo em Constantinopla, no tempo de Abul-Amid, e depois no Líbano e lá observou que seus correligionários, homens e mulheres, cultivavam as ciências. Um dia consultou também Aristóteles sobre este particular e este respondeu: "É um dever dos pais educar os filhos."

* * *

Então enviou Astaruth para o colégio, e os drusos, seguindo o seu exemplo, começaram a procurar mestres para seus filhos e filhas. Às 7 da manhã, dois mil cavaleiros, envoltos num manto de pó, entre as canções guerreiras e as detonações de fuzis e revólveres, encaminhavam-se para Dahra, que dista, mais ou menos, 20 quilómetros do lugar.

Às 12 horas estavam de volta e à 1 hora os cavaleiros almoçavam na vasta praça, em frente à casa principal, e os cavalos comiam também nas arcas de trigo.

Era um dia cheio de humor e alegria.

* * *

Dois dias depois, Astaruth disse a seu pai:

— Papai, tu me disseste que tens um "jatib", um mestre, que maneja tuas contas e se encarrega da correspondência?

— Sim, filhinha. No dia de tua chegada, ele te saudou.

— Não me recordo, porém quero conhecê-lo.

— Vou mandá-lo aqui imediatamente.

Cinco minutos depois, estava Adônis na presença da filha de Bey. Ela era de uma beleza deslumbrante e vestia à moderna. Seu orgulho racial, em vez de ser diminuído pela vida colegial, pelo contrário, aumentou de uma maneira refinada. Sua riqueza, sua nobreza e sua educação fizeram dela uma mulher tirana, embora seu coração não fosse mau nem estivesse pervertido. Em sua casa e no colégio, havia sido mimada e temida até a devoção, o que desenvolveu nela um intenso desejo de poderio e mando. Era capaz de pedir a seu interlocutor que alcançasse a lua e desgraçado dele se não satisfizesse seu capricho!

Tinha 17 anos e montava como o melhor cavaleiro. Provava todos os disparos no alvo da sua vontade e o seu olhar feria todos os corações, para conquistá-los e convertê-los em súditos e vassalos. Ela se comprazia em mortificar a todos, para depois rir às gargalhadas. Porém, quando via uma lágrima nos olhos da sua vítima, se ajoelhava a seu lado, chorava com ela, limpava seu pranto e gratificava-a com generosidade. Caprichos da natureza feminina!

Desde que a conheceu, sentiu Adônis uma mistura de agrado e desagrado. Quando a observava, competindo a cavalo com qualquer cavaleiro guerreiro, via nela a mulher que alcançou a sua independência e liberdade. Porém, vendo-a repreender seus servos com dureza, doía-lhe muito o mau uso que esta mulher fazia da sua liberdade e da sua independência. Perguntava, então, a si mesmo: "É esta a mulher livre? Não seria uma maldição para a humanidade se a mulher alcançasse este estado?..."

Todavia, logo se contradizia, dizendo para si só. "Não. Uma vez que se a eduque bem e quando é inspirada pelo seu coração, a mulher é uma bênção para o homem."

* * *

Quando o Bey ordenou que ele comparecesse perante sua filha, sentiu Adônis temor e desgosto. Porém tinha que obedecer: ela era sua ama. Chegado à presença de Astaruth, saudou-a, dizendo:

— Senhorita, vosso pai ordenou que eu viesse à vossa presença.

— Quem és tu? — perguntou ela, com altivez.

— Sou vosso humilde servidor Adônis, secretário de vosso pai.

Astaruth executou com a boca um movimento de visível decepção, enquanto Adônis observava detidamente todos os seus movimentos.

— De onde és tu?

— Do Líbano, senhorita.

— És druso?

— Não. Sou cristão.

— Por que motivo veio para o nosso país, "jatib"?

— A pobreza, senhorita, obriga o homem, muitas vezes, a fazer o que não deseja.

A filha do Bey, orgulhosa e altiva, olhou um instante para Adônis e disse-lhe:

— Por que não trabalhaste para ganhar a vida?

Adônis calou-se, porém sentiu o calor do sangue e o grito do coração que se revoltava.

— Por que não respondes?

— Não sei, senhorita, o que quereis significar com a palavra trabalho. Creio que estou trabalhando.

— Tu, trabalhando? — exclamou ela, rindo sarcasticamente. — Que coisa engraçada!. . . Chamas tu trabalhar escrever uma ou duas cartas por semana e alinhar alguns números num livro, durante um quarto de hora por dia?

Novamente guardou silêncio Adônis. Ele também achava que era um parasita naquela casa e era verdade o que ela dizia. Porém nunca havia esperado receber de alguém aquela ferida. . . E sentiu que o sangue daquela chaga ia brotar de seus olhos, transformado em lágrimas.

— Quê!.. novamente calado? — gritou Astaruth.

— Sim... senhorita, porque vejo que tendes razão.

— Que eu tenha razão não importa, o que não queremos nesta casa é folgazões.

— Podeis, senhorita, designar-me algum outro trabalho? — perguntou lentamente Adônis, esforçando-se por conter as lágrimas.

— Por que não?... Amanhã mesmo poderás ir com os trabalhadores cortar cevada.

— Pensarei nisso, senhorita.. . Desejais mais alguma coisa de mim?

Sem responder, ela continuou:

— Em que sabes trabalhar?

— Quase nada, senhorita, pois deixei recentemente a Universidade.

— A Universidade? E como me dizes que és pobre? Haverá, no Líbano, Universidades para pobres?

— Não, senhorita, porém tinha-se o suficiente para se poder estudar.

— Sim, sim — afirmou ela. — No Líbano tem-se uma mania: o lavrador vende sua junta de bois para educar seu filho em um colégio. E para quê? Para fazer dele um folgazão!. . .

Esta outra verdade foi dirigida diretamente ao coração de Adônis. Astaruth, vendo a submissão e o silêncio do infeliz jovem, buscava outra arma para feri-lo.

— Como me disseste que te chamavas?

— Adônis, para vos servir.

— Adônis!!.. . Ai, ai, ai! — e caiu numa gargalhada histérica. — Adônis era o namorado de Astaruth. Que barbaridade!. . . Olha, deves mudar de nome imediatamente...

E ajuntou, Iamentando-se:

— Que desgraça! Eu, Astaruth, tenho a meu lado Adônis! É o cúmulo! Deves mudar de nome, agora mesmo.

Adônis sentia que lhe faltava o ar. Não podia respirar. . . Queria fugir para longe daquela bárbara mulher, fugir depois de esbofeteá-la. Sentia um desejo terrível de fazê-lo, ainda que isso lhe custasse a vida; porém recordou o juramento feito a seu mestre e procurou dominar-se, readquirindo a serenidade.

— Que te parece o nome de "folgazão"?

— Não é mau, senhorita. Na escola me chamavam "o louco".. .

Esta resposta arrancou nova gargalhada de sua ama.

— Interessante, hein? E por que mudaste de nome?

— Foram eles próprios que me devolveram o original.

— Pois enquanto viveres nesta casa não te devolverei teu nome. Tu te chamarás, doravante, Folgazão.

Calou-se Adônis, dizendo em seguida:

— E se eu me retirar desta casa?

— Como?! Tu não podes sair daqui sem ordem minha e de meu pai. Salvo se quiseres ser tratado a pauladas como os demais servidores.

{Devemos notar aqui que o Chefe druso é amo e dono da vida dos habitantes do seu povoado.)

— E vós, senhorita? Acreditais que vossas palavras são menos duras que o pau, com que me ameaçais?

Esta pergunta saiu dos lábios do jovem saturada de veneno. Ao ouvi-la, Astaruth

não soube o que dizer nem o que fazer. E tirando do pé o seu sapato se lançou contra Adônis, que, ao vê-la como uma leoa ferida, tomou a resolução de não se mover de seu posto e de não dizer uma palavra. Cruzou os braços em serena atitude, levantou a cabeça e cravou nela um olhar de desafio. Sua postura se assemelhava à de um rei. Ao vê-lo naquela "pose", Astaruth baixou sua mão, que já se achava na altura do rosto de Adónis, olhou-o com desprezo e voltou a recostar-se no luxuoso divã oriental. Ela meditava e seu servo a contemplava.

Passados uns dois minutos, a filha do Bey rompeu o silêncio, dizendo-lhe:

— Retira-te, Folgazão. Depois te darei teu castigo.

Inclinou-se Adônis com respeito e saiu. Chegando a seu quarto, correu os ferrolhos da porta e lançou-se no leito, murmurando:

— Aristóteles! Aristóteles! Vós me aniquilais...

* * *

Passaram-se dois dias, sem que nenhum acontecimento perturbasse a rotina. Adônis passava as horas e os dias entregue a seus livros e a suas meditações. Queria abandonar essa casa, porém não podia faltar à palavra dada a seu Mestre. Quis contar o sucedido a Aristóteles, mas lhe disseram que estava ausente por tempo indeterminado. Finalmente, tratou de esquecer tudo, dizendo a si mesmo que ele era secretário e contador do pai e, portanto, a filha nada tinha que ver com ele.

No terceiro dia, fora de todo costume, o jovem que o servia não lhe trouxe o café. Adônis julgou que fosse esquecimento do rapaz, mas este não lhe levou também o almoço e nem o jantar. À noite, ao sair do salão de hóspedes, encontrou-se com ele e o interrogou:

— Ouve, jovem, por que não me levaste comida hoje?

O rapaz, olhando-o com insolência, respondeu:

— Vai trabalhar, Folgazão, para mereceres alimento.

Adônis imediatamente compreendeu donde lhe vinha o golpe. A dor e o desespero de que foi presa, o submeteram a horríveis convulsões internas, e a

incerteza de sua situação lhe arrancava dolorosos queixumes no silêncio do seu quarto.

Que devia fazer? Abandonar a casa?. .. Não era possível, pois Aristóteles lhe havia dito várias vezes:

— "Nunca deves sair desta casa."

Deveria apresentar suas queixas ao pai? E ele aceitaria queixas contra a sua adorada filha? Não lhe havia dito também seu Mestre que "seus sofrimentos serão tremendos, porém não deveria queixar-se a ninguém, mas tão somente ao seu coração, pois esta era a sua prova"? Abandonar a Iniciação? Isso seria indigno e covarde. . .

Depois de meditar por longo tempo, concordou:

— Tantas vezes tenho sofrido fome que não faz diferença alguns dias mais.

E dedicou-se profundamente a seus estudos.

* * *

Os manuscritos que Aristóteles lhe tinha dado eram escritos por ele e continham ciências e segredos filosóficos muito raros. Entre as obras, havia algumas que traziam os seguintes títulos: "Antes do Nascimento", "O Mistério Fundamental das Religiões", "O Dever do Mago e o Direito do Homem", "A Saúde do Espírito e da Mente", "A Vontade como Arma", "O Poder da Doçura", "O Domínio que o Mago deve evitar", "Deus e o Homem", "Magia"...

Depois de cada capítulo das obras citadas, se encontravam sempre duas palavras escritas com tinta vermelha, entre parênteses: (Medita e pratica).

Diante de cada sofrimento, Adônis procurava o livro que necessitava e escolhia um capítulo especial; lia-o, meditava e seguia seus conselhos. Após a prática dos conselhos que encontrava nos manuscritos, sentia um grande alívio, e compreendia, cada vez melhor a intenção de Aristóteles e a necessidade dos sofrimentos. E naquela noite disse a si mesmo:

— Ainda que o mundo inteiro se converta em Astaruth El Astrash, não poderá influir no meu ânimo. Continuarei aqui, mesmo sem comer.

* * *

No dia seguinte, saiu cedo de casa, em busca de algum alimento. Seguiu por uma rua onde morava Feres Ezibau, homem rico, que não estava em boas graças com o Chefe Jadallah, por causa de uma velha rixa. Por casualidade, no momento em que Adônis passava pela casa de Feres, este entrava e, vendo o jovem, chamou sua atenção:

— Onde vais, "jatib"?

— Sem rumo fixo, senhor.

— Entra um momento. Conversaremos um pouco... Já tomaste café?

— Ainda não.

— Então entra e toma comigo.

E entraram juntos. Enquanto o dono ordenava que se preparasse um bom tira-jejum, Adônis esperava impaciente; o odor dos ovos fritos no azeite, que vinha da cozinha, aumentava e excitava o seu apetite. Alguns momentos depois, ambos comiam e o dono da casa servia solícito seu hóspede.

Quando já estavam satisfeitos, Feres perguntou a Adônis:

— Estás satisfeito na casa de Jadallah?

— Não me queixo — respondeu o "jatib", evasivamente.

— Ouve, "jatib", eu tenho um filho de doze anos e desejo que ele aprenda a ler. Queres ser seu mestre?

— Não há inconveniente. . . Quanto me podeis pagar?

— Duas libras mensais e a comida.

— É muito pouco, Excelência.

Ao ouvir este tratamento, o dono da casa se sentiu lisonjeado e disse, sorrindo:

— Dar-te-ei três libras.

— Dai-me quatro e está feito o negócio.

— Combinado, "jatib".

— Porém, com uma condição — comentou Adônis.

— Qual?

— Duas horas pela manhã e uma à tarde.

— Está bem. Se quiseres morar aqui, mandarei arranjar-te uma habitação cómoda.

— Não, obrigado. Não posso deixar a casa do Bey.

E ao chamado de Feres acudiu o filho, que começou a entrar na intimidade de Adônis, colocando, assim, o primeiro fio no tecido da amizade.

Cerca de três horas da tarde, voltou Adônis para casa. No pátio, encontrou Astaruth com seis moças, primas e amigas. Vendo-as, saudou-as sem se deter e continuou seu caminho.

— Olá jovem! Vem cá! — ordenou imperiosamente Astaruth.

Aproximou-se Adônis e saudou com a cabeça, sem mover os lábios.

— Perdeste a fala?

— O silêncio é ouro, senhorita.

— Então — falou ela, sarcasticamente — vende-nos um pouco do teu silêncio, senhor Folgazão.

Uma gargalhada juvenil e feminina ressoou entre os muros do pátio. Adônis nada disse, porém seu rosto tornou-se lívido. Astaruth mordeu os lábios e, com tom autoritário, exclamou, dirigindo-se a uma habitação:

— Entremos.

Entraram todas as mulheres e Adônis permaneceu em seu posto, como se seus pés estivessem presos ao lugar que ocupava.

— Vem cá! — ordenou a filha do Bey.

Com passos lentos, encaminhou-se Adônis para o sítio onde se achavam reunidas as moças.

— Senta-te!

— Que novo martírio me estais preparando, senhorita?

As palavras do "jatib", o tom doloroso e humilde com que as havia pronunciado, parece que despertaram nela a voz da consciência. Seu semblante se tornou sombrio, porém logo recobrou sua lucidez. O orgulho amordaçava a voz que nascia. Voltou-se para suas companheiras, dizendo:

— Eu, Astaruth, apresento-lhe o meu adorado Adônis. . .

E pronunciou estas palavras com a graça satírica de uma perfeita comediante, provocando o riso em todas as jovens.

— Vem — continuou falando com Adônis, com ridícula ternura — senta-te, meu amor.. . Não tens fome?

— Não, senhorita, o Folgazão não merece comer.

— Não te disse que saberia castigar-te?

— Eu vos digo, senhorita, que este Folgazão está em vossa casa por sua própria vontade; serve aqui porque quer, sem que ninguém o obrigue. . . Talvez amanhã ou depois irei para sempre.

— Ah! Já te nomearam Ministro? Ou por acaso te chama o Emir Faisal?

Ao ouvir esse nome, Adônis sentiu um despertar interno e nem prestou atenção às manifestações de alegria das amigas e primas de sua ama.

— Não gostas de morar conosco? Falta-te alguma coisa?. . . Vives comendo, bebendo e dormindo, sem nada fazeres. . .

— Pois bem, de hoje em diante não comerei nem beberei em vossa casa, senhorita.

— Vais jejuar?

— Não, senhorita. Trabalharei onde apreciam o meu trabalho.

Astaruth ficou um momento pensativa, perguntando em seguida:

— E onde dormirás?

— Basta uma ordem vossa e eu desocuparei o quarto.

A filha de Jadallah foi tentada a dizer a palavra que Adônis esperava, porém se deteve. Uma das jovens companheiras de Astaruth aproximou-se e disse:

— Deixa-o, Astaruth! Pobre moço!

E assim se interrompeu esse diálogo que estava se tornando sombrio.

— Vai-te. E toma cuidado de não deixares esta casa.

* * *

No dia seguinte, pela manhã, o criado levou a Adônis o café. Porém, ao vê-lo, lembrando-se o "jatib" do insulto recebido no dia anterior e a promessa feita a Astaruth, disse-lhe:

— Leva isso e vai dizer à senhorita que eu agradeço a sua esmola, porque não me é mais necessária.

* * *

Passaram-se oito dias. Adônis passou a ser o mestre de um rapazinho inteligente, porém demasiadamente inquieto.

Soube Jadallah Bey, por intermédio de sua filha, das novas funções do seu "jatib", e, enfurecido, mandou chamá-lo. Adônis apresentou-se e encontrou-o passeando ao longo do aposento, enquanto sua filha estava assentada, em atitude pensativa.

— De onde vens?

— Senhor, vendo da casa de Feres Bey, onde acabo de dar a seu filho uma lição

de leitura.

— De Feres Bey?! Como? Não sabes que somos inimigos?. . . Meu secretário servindo em casa do meu inimigo!. . . Não faltava mais nada.

— Perdão, senhor; eu não conhecia esse particular, mas mesmo que soubesse, não vejo mal algum em ensinar a ler a uma criança inocente.

— Pois, senhor "jatib", deves saber que aqui não consentimos isso.

— Perdão, senhor — disse Adônis olhando para Astaruth — como aqui tenho bastante folga, quis ocupar-me com alguma coisa.

— Não, isso eu não permito. Se necessitas dinheiro ou qualquer outra coisa, por que não pedes?

— Eu nada peço, senhor, porque nada necessito.

— Como não necessitas? Desde que estás aqui, nunca te paguei nada...

— Nada me faltou, Bey — respondeu Adônis, calmamente— por isso nada pedi.

Jadallah Bey estava desgostoso consigo mesmo e, como se false sozinho, sem que ninguém o ouvisse, murmurou:

— Tanto tempo sem receber um único centavo! Que calamidade!.. .

— Sua bondade para comigo, senhor — declarou Adônis, m sinceridade — vale mais que todo o dinheiro do mundo.

— Basta. Vai agora mesmo dizer a Feres Ezibau que não pes mais continuar a dar aulas a seu filho.

— Está bem, porém com uma condição.

— Qual?

— Que eu vá, durante o dia, cortar cevada e trigo com os trabalhadores.

O Bey olhou-o estupefato, moveu a cabeça e exclamou:

— Este homem enlouqueceu. . .

E saiu para assistir a um enterro num povoado algo distante, deixando sozinho o "jatib" e sua filha.

Astaruth levantou-se do seu assento e se dirigiu a Adônis. Este quis sair e abandonar o recinto, porém ela o reteve, censurando-o:

— Estás nos vendendo ao inimigo, hein?

Adônis sentiu o sangue afluir-lhe à cabeça, martelando terrivelmente seu cérebro, enquanto as lágrimas mareavam os seus olho.. Mas nada respondeu, deixando que a moça prosseguisse:

— Agora que já não podes cobrar o preço da tua traição, que pretendes fazer?

— Para não ver-te, irei trabalhar no campo, com os lavradores.

Astaruth tremeu de indignação. Seu orgulho e poderio foram feridos por estas palavras de Adônis e sangravam. Ele, um servidor, tratando-a por tu? Ele, um miserável Folgazão, injuriando-a? Intimamente desejava que a terra se abrisse para tragar o monstro que tinha diante de si. No auge da sua cólera, no espasmo supremo da sua indignação, não sabia que atitude tomar. Nem mesmo procurava em sua mente o meio de castigá-lo, pois sentia em seu íntimo que nada seria suficientemente duro e grave para punir o infeliz.

Enquanto se entregava à sua cólera, viu, através da janela mais próxima, seu pai que se afastava com seu séquito. Ela, que foi sempre livre de fazer o que quis; ela, que sempre dominou e desejou agir de acordo com os seus impulsos, agora era mais livre, agora podia dominar mais ainda. Febril e fora de si, viu entrar, neste momento preciso, um lavrador forte e musculoso, como uma estátua de bronze, que perguntava pelo Bey. Levava na mão uma corrente de ferro, para os cavalos. Quando o viu, Astaruth correu para ele gritando:

— José, este homem me insultou!

E antes que ela terminasse suas palavras, o escravo levantou o braço musculoso e golpeou, com a corrente, a cabeça de Adônis, que caiu sem sentidos, banhado em sangue, rolando pelo chão e deixando no pavimento um rastilho de sangue, que corria de sua cabeça. ..

No mesmo momento, a figura venerável e imponente de Aristóteles apareceu no vão da porta. Aproximou-se do ferido e, dirigindo seu olhar severo e grave para a jovem, disse:

— Mulher cruel, muito caro pagarás o que acabas de fazer.. .

Ergueu o discípulo em seus braços e o levou para o seu quarto.

Fez um curativo em sua cabeça e ordenou ao ferido ainda desmaiado:

— Dorme até que tua ferida se cicatrize por completo.

Depois voltou ao salão e ao agigantado trabalhador e a Astaruth disse com autoridade:

— Ninguém deve saber que eu estive aqui.

— Sim, senhor — responderam ao mesmo tempo.

— Ninguém deve molestar o ferido.

— Sim, senhor.

— Agora, cada um a suas ocupações.

— Sim, senhor.

Aristóteles retirou-se. Astaruth perguntava a si mesma:

— O Grande Hierofante Aristóteles! Que relação terá ele com Adônis?... Deus meu, livra-me da maldição do hierofante!

Retido por assuntos pessoais, o Bey demorou oito dias a regressar.

Adônis continuava no leito, com alta temperatura e delirando. Recriminava Astaruth e outras vezes Eva, que chamava de traidora por haver se casado com outro homem.

Cantava versos e, às vezes, dizia:

— Não, não, Mestre: eu não sou digno de tua iniciação, porque não posso

suportar mais.

Astaruth chorava arrependida, ao constatar sua impotência para aliviar o ferido. Ouvia-o queixar-se e procurava distrair-se lendo as cartas do "jatib", seus poemas e, outras vezes, os manuscritos que estavam sobre a mesa.

Ao terceiro dia, Adônis melhorou e abriu os olhos admirado, mas vendo a jovem a seu lado, ocultou seu rosto e chorou.

* * *

A primeira notícia que deram a Jadallah, ao regressar, foi o fato ocorrido no momento da sua partida. E aquele bondoso homem transformou-se numa fera. Queria ordenar que comparecessem o trabalhador, o "jatib" e sua filha; porém, louco de cólera, não conseguia pronunciar nenhum dos nomes. Maltratar o hóspede de um druso em sua própria casa? Deus meu, isso nunca havia acontecido na história do seu povoado! Ele, um druso, um Chefe dos drusos, que se julgava descendente do Rei Mansur Ibn Ennaman; que pretendia ser o herdeiro de toda a glória dos árabes? Não, não podia suportar aquele golpe. Quantas vezes, dizia a tradição do seu povo, um assassino se ocultava na casa do pai da sua vítima e era tratado com respeito e defendido da justiça? E agora, em sua própria casa, um hóspede, um "jatib", chorava e gemia, ferido por um escravo, por um trabalhador do campo?

* * *

Passado o primeiro assomo de cólera, o primeiro que, por sua ordem, foi arrastado ao salão foi o trabalhador. O pobre homem tinha a fisionomia decomposta e o rosto cadavérico. O Bey ordenou a seus homens que lhe desnudassem o busto, pois o infeliz devia ser açoitado. E, nesta classe de castigo, raramente saía o infeliz com vida.

* * *

Adônis já estava curado de seu ferimento na cabeça. Porém, a ferida feita em seu coração ainda vertia sangue. Estava embrulhando os manuscritos para devolvê-los a Aristóteles, pensando e falando consigo mesmo, quando entrou o jovem que costumava servir-lhe, dizendo:

— O Bey chama-o, senhor.

Muita admiração lhe causou o chamado do Chefe, pois fazia apenas meia hora que tinha chegado. Dispunha-se a sair, quando o deteve o jovem, ajoelhado a seus pés e abraçando-lhe as pernas, suplicava:

— Senhor, sede indulgente para comigo! Não conteis ao Bey o que vos disse há dias! Perdoai-me! O Bey me matará como está matando agora o infeliz que vos feriu.

Tremeu Adônis e, de um salto, atravessou o pátio e correu para o salão geral. Ao transpor a porta, ouviu o primeiro grito do infeliz trabalhador que recebia a primeira chicotada. Adônis sentiu como se o látego caísse sobre suas próprias espáduas e mais ainda se abriu a ferida do seu coração. Abriu rapidamente caminho entre os presentes e precipitou-se aos pés do Chefe druso e, de joelhos, suplicou-lhe:

— Por Hamsa, Jadallah Bey, por Hamsa, por Muktana, ouvi-me!

O nome de Hamsa, pronunciado por um cristão, petrificou os que estavam presentes. O Bey, ao ouvi-lo, retrocedeu dois passos e, vendo o quadro que se apresentava à sua vista, disse comovido:

— Por Hamsa e El Muktana, pede-me o que quiseres, "jatib"!

— Primeiro peço-vos que solteis este inocente e, depois, que me escuteis!

Os assistentes olharam surpreendidos e atónitos.

— Inocente? — perguntou o Bey, com acentuada dúvida.

— Sim, senhor, o único culpado sou eu.. .

Esta segunda frase de Adônis levou ao cúmulo a estupefação geral.

— Que dizes, homem?

— A verdade, senhor, e se alguém merece esse castigo e esses golpes, esse alguém sou eu...

Estas palavras produziram uma confusão incrível, pois ninguém compreendia mais nada, e Jadallah não sabia o que fazer e nem o que dizer... Quando e onde

se tinha visto um homem confessar sua culpa para salvar outro homem, um miserável escravo? Por fim, o Chefe disse solenemente:

— "Jatib", tu sabes que o castigo não atinge o hóspede, porém tu abusaste do teu privilégio.

— Não nego, senhor, minha culpa. Realmente abusei, porém recordo vosso juramento: por Hamsa, a Luz.

— Bem, mas dize-me que é que se passou?

— Fui grosseiro para com sua digna filha e faltei-lhe com o devido respeito, e este homem castigou minha falta.

Adônis, com suas palavras, jogava com a emoção dos presentes, que passavam de uma surpresa a outra.

— Faltaste com o respeito à minha filha?.. . Que te fez ela?

— Nada, senhor, somente me repreendeu por uma falta cometida e eu não pude suportar a admoestação.

— Por Hamsa!... Não sei o que fazer...

— Cumprir o juramento — respondeu Adônis.

O Bey ordenou, com um gesto de sua mão, desatar o infeliz lavrador que a tudo assistia, tonto, com as pupilas dilatadas e sem acreditar que se livrava daquela situação.

— Agora, senhor — murmurou Adônis — recebi os meus eternos agradecimentos e, ao mesmo tempo, peço-vos permissão para demitir-me do cargo que ocupo em vossa honorável casa.

— Devagar, senhor — interrompeu Jadallah — tenho antes que falar com minha filha. .. Senhores — ajuntou — cada um ao seu trabalho.

E saiu por uma porta lateral que conduzia aos seus aposentos.

* * *

Os assistentes, admirados pelo espetáculo inédito que acabavam de presenciar, saíram sem dizer palavra.

Adônis dirigiu-se a seu quarto, pálido e enfraquecido. Ao entrar, ouviu atrás de si uma voz que lhe dizia:

— Senhor, obrigado, eu vos devo a vida...

Adônis voltou-se e viu, ajoelhado e chorando, a vítima. Olhou para ele e disse:

— Levanta-te, homem; nada me deves. Porém, em outra ocasião, que teus golpes não sejam tão mortais.

* * *

Não há dúvida que o homem é bom por natureza. O mal nele é acidental e transitório. Astaruth, durante aqueles oito dias, se transformou por completo. Dir-se-ia que nasceu de novo. Diante da gravidade da ferida de Adônis, não o abandonou um só instante e, mesmo à noite, velava a seu lado durante várias horas.

Adônis, em seu delírio, sempre a recriminava e divulgava certos segredos de sua vida, que poderiam comprometê-lo. Falava de conspirações, forcas, fugas, de amor e poesia. Sua imaginação enferma parecia um corpo ôco que devolvia o eco do passado. Falava de Aristóteles, chamando-o algumas vezes Mestre outras Pai.

Astaruth queria ocultar tudo isso e, se possível fosse, apagar de sua mente essas lembranças. Enquanto o via no leito, febril, prometia a Deus que, se melhorasse logo, mudaria sua conduta e seu proceder, não só para com ele, como até para com os gatos e galinhas. Quando Adônis começou a convalescer, abandonou-o, pois não podia suportar seu olhar, deixando-o aos cuidados de um casal, com a recomendação de cuidar dele, dia e noite.

Afinal, cicatrizou a ferida e Adônis pôde deixar o leito. Porém, todos os servidores da casa estavam a par do sucedido.

* * *

Quando seu pai regressou, ela se achava ausente, tendo ido visitar uma prima sua

em Zibin, povoado que dista alguns quilómetros. Assim, os últimos acontecimentos não foram por ela presenciados. Quando regressou, à tarde, ouviu da boca dos criados a narrativa dos acontecimentos, sem omitirem o menor detalhe, com exclamações e observações próprias. Os comentários eram sempre favoráveis a Adônis. Quando perguntou por seu pai, disseram que se achava em seus aposentos, e ela foi imediatamente vê-lo. Não se pôde saber o que conversaram, naquela noite, pai e filha.

À hora do jantar, apresentou-se o servo a Adônis, dizendo-lhe que o Bey esperava-o no refeitório particular. Ignorando o motivo do chamado, o jovem para lá se dirigiu. Ao entrar, encontrou o Bey e a filha sentados à mesa. Astaruth vestia ainda seus trajes de montaria.

— Senta-te e janta conosco, "jatib" — convidou o pai.

— Obrigado, senhor.

— Minha filha contou-me tudo o que sucedeu; toda a culpa foi dela. . . Por pouco teria cometido uma injustiça. . . Agradeço-te por teres detido meu braço.

E, metendo a mão no bolso, tirou um punhado de libras esterlinas que colocou na mesa, diante de Adônis, dizendo-lhe:

— Materialmente, isto é uma prova da minha gratidão e não uma recompensa. Tua resignação e teu procedimento hoje à tarde nos deixaram a todos admirados... Aristóteles jamais se engana: uma vez que ele te recomendou é porque mereces a sua confiança e, portanto, também a nossa.

— Sou-vos muito grato, Bey, mas não mereço tanto ouro.

— Cuidado! Conheces nossos costumes e já sabes que um presente recusado é uma dupla ofensa.

— Então aceito, senhor, e fico-vos muito grato.

— Minha filha se comprometeu, de hoje em diante, a tratar-te como um membro da família.

— Agradeço-vos infinitamente, porém resolvi partir, senhor. Já é tempo.

— Ouve, "jatib", não esgotes minha paciência... Tu não podes sair daqui porque estás condenado à forca. Além disso, tenho que dar conta de ti ao Hierofante. Sê, portanto, razoável: fico aqui e viveremos todos em paz.

— Sabe, senhor, onde esta Aristóteles?

— Ninguém sabe para onde vai nem quando volta. Ele é o único ser que tem o direito de fiscalizar os demais, quando lhe apraz, mas nenhum ser tem o direito de averiguar seus atos.

Voltou a alegria ao coração de Adônis. Por insinuação do Chefe druso, relatou Adônis sua fuga do Líbano, suas aventuras e como conseguiu escapar da justiça; como foi posto nu, por várias vezes, pelos beduínos. Todas essas narrativas arrancaram muitas gargalhadas ao Bey e sua filha.

Quando se retiraram para dormir, já passava de uma hora da madrugada.

CAPÍTULO XIV

CARTA DE ARISTÓTELES A ADÔNIS

"Felicito-te e me alegro pelo teu triunfo. Os últimos acontecimentos reduziram à metade o tempo das tuas provas; porque as provas de doçura virão logo e são mais perigosas que as da dor, que acabas de suportar. Deves saber que o teu procedimento para com aquele homem que te feriu, te elevou à dignidade de um Deus e em todo o povoado só se fala de ti. Jadallah te quer como um filho e Astaruth te adora. Tens em redor de ti uma aura de atração formidável e se não chegares a neutralizá-la, tudo estará perdido. O homem em sua dor procura Deus; porém, no prazer se esquece de tudo, menos de sua alegria. Pois quanto mais ignorante é o homem, mais fátuo e tolo é, pelo seu egoísmo.

O aspirante a ser Mago não pode dar um único passo no caminho da Magia, se não tiver seu próprio coração como guia. Dia e noite, deves ouvir essa voz silenciosa e executar suas ordens. Nas provas de dor, às vezes até o medo e o instinto de conservação bastam para salvar um homem. Mas nas provas de prazer, a própria paixão conduz o homem ao seu completo aniquilamento, com alegria e gozo, à semelhança do gato que lambia uma lima de ferro e bebia satisfeito seu próprio sangue.

Quanto mais alto se sobe, mais formidável é a queda. A energia vital que está em ti começa, atualmente, a impelir-te para o amor que influencia teu corpo, aformoseando teu rosto e enobrecendo teu caráter. Deves seguir o caminho do amor espiritual, que nada tem de impuro em seu fervor ideal e evitar a degradação do amor, impedindo que a energia criadora desça ao ponto mais baixo da sua escala.

A força vital e criadora é o caminho da iniciação interna de um aspirante. Em sua jornada, partindo de sua origem espiritual, se transforma logo numa idéia; em seguida, num sentimento emocional e, finalmente, numa sensação física nos órgãos genitais. Se queres ser um filósofo, mantenha-a em sua primeira fase, a fase espiritual; se quiseres ser artista, na segunda; porém, se quiseres chegar a ser Deus, deves manejá-la na sua terceira fase.

Toda energia é Una e Una é sua fonte, e se empregares uma grande quantidade de tua força vital numa única direção, dirigindo-a para um único objetivo, pouco te restará para outras atividades mais nobres. Assim, se empregares a maior parte para a tua satisfação pessoal, prejudicarás o Eu Superior Impessoal, restringindo seus meios de manifestação.

A força criadora pertence ao Cosmo e não ao indivíduo; à raça e não à pessoa: portanto, deve ser devolvida ao Cosmo e à raça. Não deves materializar teus pensamentos divinos se quiseres evitar a queda; deves, ao contrário, espiritualizar toda sensação, para poderes entrar novamente no Éden. Não deves vender toda a tua vida por um minuto de prazer, nem tua primogenitura por um prato de lentilhas.

Pelos manuscritos que estão em teu poder já sabes quais são as provas que o aspirante deve sofrer. Já passaste por três e agora virá a quarta, que é mais difícil. Deves, contudo, entregar-te ao fogo, mas não te exponhas a ele. Para rasgar o véu é necessário que a tua alma seja excitada pelo fogo, esse fogo que deve queimar tudo o que for impuro e indesejável para chegares a ver Deus face a face.

A castidade é a porta da iniciação, pela qual o homem pode passar a seu mundo interno, onde permanece uma comunicação constante com as inteligências que possuem a memória da Natureza. Quando a energia criadora, por meio da castidade, invade a medula espinal, sintoniza todos os centros do homem para abrir caminho para o Reino da Realidade.

O Cristo em ti tem que ir ao Pai, para abrir-te o caminho. Para encurtar o tempo de duração de tuas provas, temos que colocar-te à beira de um precipício. . . Temos que nos valermos de alguém para acender em ti o fogo do altar; esse fogo produz luz e fumaça, mas és tu que deves escolher entre uma ou outra. Esse fogo, uma vez aceso em teu sangue gasoso, te porá em contato com a alma do mundo "e é neste estado que deves receber a iniciação". Tudo depende de tua imaginação e de tua força de vontade. Atualmente és o Filho do Homem; porém, pelo fogo, serás o Filho de Deus e um sacerdote da Ordem de Melquisedek.

Tu necessitas da mulher para divinizar-te, mas "cuidado com a mulher!" Busca a mulher para que acenda em ti o fogo sagrado, porém procura a mulher que tem o poder de apagá-lo. Ama-a sem desejo e adora-a sem profanação, e então serás digno da Grande Iniciação. A mulher te conduz para o Cristo (Hamsa) que está

em ti, porém pode também conduzir-te ao demónio, que também está em ti. O fogo aceso pela mulher consumirá todo obstáculo que se encontre entre ti e teu Salvador, mas a fumaça pode cegar-te. .. Esse fogo deve subir a teu cérebro, mas nunca deve sair pelos teus órgãos sexuais.

Meu filho, tens que acender em ti a sarsa de Horeb para que possas falar com Deus... À luz desse fogo podes aprender os mistérios da Natureza, que não se acham nos livros. E todos esses mistérios se encontram na própria mulher. Ama-a e protege-a de ti mesmo.

No ventre da mulher se acha oculta a máxima sabedoria; porém, essa sabedoria se encontra no fundo de um abismo escuro e perigoso. Tens que descer com luz, ao contrário a fumaça te fará perder a razão e podes despedaçar-te no fundo do precipício. Serás sempre bendito se vires sempre Deus no ventre da mulher.

Os anjos te trarão do céu o pólen da árvore da vida, cuja semente não é, nem deve ser masculina ou feminina, mas sim possuir as duas naturezas. Para voltares à divindade, "deves ter uma mulher em ti e não uma mulher para ti".

CAPÍTULO XV

UMA VISÃO TERRÍVEL

Tenho um primo, sábio e santo sacerdote, que, um dia, me relatou a seguinte história:

"Estando no confessionário, ajoelhou-se diante de mim uma jovem; fez o sinal da cruz e permaneceu em silêncio. Após um minuto de espera, disse-lhe:

— Confessa, filha, teus pecados.

Olhou-me surpreendida e perguntou:

— Que é pecado, padre?

Esta interrogação deixou-me mudo, mas logo repliquei:

— Não sabes o que é pecado?

— Não, senhor.

— Pois pecado é cometer um ato tolo e pueril, em tua idade; por exemplo, comer palha.

— Padre, eu nunca comi palha.

— Então, levanta-te, minha filha. Tu não tens pecado.

Porém, no terceiro dia, com surpresa, vi novamente a mesma jovem ajoelhada no confessionário e foi logo dizendo:

— Perdoai-me, padre, eu comi palha.

— E que tal te pareceu o pecar?

— É tal como vós dissestes: uma tolice.

— Pois bem, filha, de hoje em diante, cada vez que queiras cometer um pecado, lembra-te disso e pensa em teu coração, dizendo: "Esta é outra asneira, como comer palha. . ." Agora podes ir e, como penitência, reza um Padre-nosso."

* * *

A carta de Aristóteles despertou em Adônis muitas idéias novas e uma grande surpresa. Onde iria buscar aquela mulher e para quê? Uma vez que ele amava Eva com toda a felicidade do seu coração, como poderia chegar até ela para amá-la sem profanação? Poderá haver um amor sem desejo? Como poderia entregar-se ao fogo, sem se expor a ele?

— Astaruth me adora! — meditava. — Não tenho disso a menor dúvida, pois com meu próprio sangue conquistei sua adoração por mim,

Entretanto, apesar de todas as objeções que surgiam dentro de si mesmo, nasceu-lhe o desejo de cometer também uma "tolice": desejou comer palha, isto é, amar sem desejo.

Porém, quem iria ele amar? E esse amor não seria uma traição a Eva? Eva, o alvo dos seus pensamentos! Fazia algum tempo que não a via em sonhos como antes. Que seria dela? Por que não voltou a vê-la em seus sonhos. Seguramente seus sofrimentos recentes ocuparam todos os seus pensamentos e sonhos. Sentiu desejo de vê-la ou, antes, não era somente desejo, era ânsia, ardor, um fogo que calcinava seu coração. Esse fogo o sufocava. Suspirou fortemente, deixou a carta na gaveta da mesa e saiu para desafogar-se na frescura da tarde.

* * *

Meditando, caminhava sem rumo certo. Logo chegou a um poço artificial, fora da povoação e, por curiosidade, se inclinou sobre a pedra, em forma de argola, que cobria o poçô. Contemplava sua imagem refletida na água profunda. Porém, enquanto se achava distraído nesta posição, vendo seu rosto, do amplo bolso do gibão caíram todos os seus papéis: cartas e retrato de Eva, versos, apontamentos, etc.

— Ai! — gritou.

Que dor e que tristeza! E enquanto seu rosto refletia a angústia que lhe ia na alma, recordou, como se um eco longínquo tivesse avivado sua memória, as

palavras de Aristóteles:

"Quando perderes estes papéis que estão cm teu bolso, perderás também o teu amor."

— Deus meu! — gritou, meio louco. — Será possível? Será verdade? Que mão me guiou para este poço fatal?

Desesperado, tomou o caminho de volta ao povoado e, à luz morteira do crepúsculo, as lágrimas brilhavam em sua face.

* * *

Ouviu atrás de si o galope de um cavalo, acompanhando com o ouvido a sua marcha, porém sem voltar a cabeça.

Logo ouviu uma voz que o chamava:

— Adônis, que tens?

Era Astaruth, que regressava de seu passeio diário.

Tratou o "jatib" de serenar-se e respondeu sem olhar para ela:

— Nada, senhorita.

Ela apeou do cavalo e, colocando-se a seu lado, disse-lhe:

— Ouve, Adônis: eu sei que me odeias e com razão. . . Mas agora eu estou muito arrependida dos meus atos. Por várias vezes quis ir ao teu quarto para pedir-te perdão, mas meus pés se recusaram a obedecer-me. .. Não nego que sou orgulhosa. Mas esta é a educação que recebi de meu pai, pois minha mãe morreu quando eu nasci. É por este motivo que cresci altaneira e grosseira. . . Depois dos últimos acontecimentos, despertei para uma vida nova e estou tratando de reformar meu caráter. . . Se em teu coração conservas algum rancor por mim, eu, Astaruth El Astrash, peço-te perdão. Estás satisfeito, agora?

As palavras da filha do Chefe druso consolaram um pouco Adônis, que respondeu:

— Acreditai, senhorita, que nunca me inspiraste rancor. Mas, se quiserdes que eu fale com franqueza, confesso que. ..

E Adônis calou-se.

— Quê? — perguntou Astaruth, anelante e curiosa.

— Não vos aborreceis pelo que vou dizer-vos?

— Juro-te por minha honra.

— Pois confesso que sentia por vós lástima e compaixão.

— Quê? Tu te compadecias de mim?

— Vejo — disse Adônis sorrindo — que vos aborrecestes.

Sorrindo também, ela respondeu:

— Não, Adônis. Não estou aborrecida. .. Porém, continua. Por que te compadecias de mim?

— Porque vós sois uma mulher que procura usurpar os direitos do homem. A mulher, senhorita, deve ser uma rosa e não um espinho; um perfume que embriaga o coração e não um veneno que perturba a vida.. . Deus vos dotou de uma beleza angélica, de uma nobreza indiscutível e de uma fortuna fabulosa; três dons que raramente se encontram na mesma pessoa. Porém, infelizmente, há dentro de vosso peito um coração duro, para não dizer pervertido. Com estes três dons poderíeis conquistar o mundo, sem necessidade do insulto e do látego. A mulher, senhorita, nasceu para ser amada e não para ser temida. Todos os servidores da casa vos temem, em vez de amar-vos... Todas as vezes que eu vos via a cavalo, dizia a mim mesmo: "Que desgraça! Esta mulher podia dominar sobre os corpos, corações e almas com a doçura e o carinho, e, entretanto, procura inspirar ódio a todos". . . Por várias vezes quis arrojar-me a vossos pés e pedir-vos para mudardes o vosso modo de proceder. Mas não o fiz por que sabia, de antemão, que tudo seria inútil, se Deus não tocasse vosso coração com um milagre ou algo sobrenatural... Certa vez disse a mim mesmo: "Para mudar o caráter desta mulher seria capaz de dar o meu sangue."

Dizendo isto, Adônis calou-se, recordando-se de uma promessa feita a si mesmo;

enquanto Astaruth, surpreendida, arregalou os olhos como se visse ainda o sangue escorrendo da cabeça do seu servidor.

— Tu pediste isto, Adônis? E por quê?

— Porque o homem, senhorita, tem cinco sentidos e todos exigem harmonia. Nunca experimentastes um mau estar profundo, uma repugnância, quando uma voz desafinada perturba a harmonia de uma orquestra ou de uma canção? Pois era justamente o que eu sentia ao ver uma jovem rica, bela e nobre, com um coração tão duro e uma alma tão inacessível aos sentimentos de ternura e piedade. Havia, portanto, uma grande dissonância. Este era o motivo.

— Adônis, és um filósofo e um ser digno de todo respeito — falou ela. — Portanto, dize-me: como se consegue essa harmonia de que falaste?

— Com o amor, senhorita. Somente com o amor.

— Com o amor? Acaso posso eu amar um homem?

— Vós não podeis amar? Então eu me compadeço mais ainda de vós. .. Não podeis amar vosso pai, ou mesmo um gato ou um cão? Ou, melhor ainda, não podeis amar um ideal?

— Não sei o que responder-te, Adônis. Esta noite pensarei em tuas palavras.

Haviam chegado diante da casa e Adônis despediu-se de sua ama.

* * *

Naquela tarde, Adônis não jantou. Encerrou-se em seu quarto, acabrunhado pela perda das cartas que, para ele, representavam uma perda maior ainda. Não podia dormir e todos os seus pensamentos convergiam para um vértice que era Eva. Que lhe teria sucedido? Em sua imaginação, evocava os momentos passados, vislumbrava todos os acontecimentos, procurando, de olhos fechados, ver com o espírito, romper o véu do tempo e sondar o futuro.

De repente, Adônis sentiu tremer tudo o seu corpo; seu semblante se transformou. Que era isto? Via realmente ou era sua imaginação exaltada que criava fantasmas? Era verdade o que viu ou simplesmente uma ilusão, uma alucinação?

Não. Não podia ser. Não estava dormindo, pois conservava toda a sua lucidez e o domínio de si mesmo; estava, portanto, acordado e via tudo perfeitamente claro.

— Não! Não pode ser! — gritou mentalmente. — É um pesadelo ...

Mas ele via e ah estava, como uma testemunha muda daquela cena:

O homem que estava junto de Eva beijava sua longa cabeleira, enquanto ela dormia tranquilamente. Seus cabelos, atados na nuca por uma faixa branca, desciam por suas espáduas numa trança espessa. Depois ouviu uma voz que o chamava, uma voz delicada, débil, quase inaudível:

— Adônis!

O jovem volveu o olhar em redor, mas não viu ninguém. Porém percebeu logo o corpo etéreo de Eva, que se separava do seu envoltório carnal.

— Adônis, onde estavas?

— Eva, onde estás?

Ela olhou para o leito e viu, ao lado de seu corpo físico, um homem que a beijava, deitado no mesmo leito.

Sentiu um tremor convulso, frio e murmurou tristemente:

— Oh, que horror!. . . Agora recordo. . .

Adônis continuava calado, observando a cena.

— Todos me asseguraram que estavas morto, e eu, obrigada e dominada pelo desespero, casei-me.

— Que dizes, Eva? Estás casada?

Ela não pôde falar e lançou-se, desesperada, nos braços de Adônis. Ambos choravam e, ao cabo de alguns momentos de silêncio, interrompido apenas pelos soluços, Eva murmurou:

— Que faremos agora?

— Que poderemos fazer, Eva? — perguntou por sua vez Adônis, sentindo seu coração sangrar. — Eu não posso amar a mulher do meu próximo.

Com surpresa, a voz dela interrogou:

— Diga-me, Adônis, é verdade que continuas vivo?

— Sim, infelizmente.

— E onde estás agora?

— Estou aqui.

— Eu me refiro ao teu corpo.

— Aqui está também.

E naquele momento desapareceu da cena o quarto nupcial e, em seu lugar, apareceu a alcova de Adônis, em cujo leito se achava seu corpo, umedecendo a almofada com suas lágrimas.

— Meu amor, como sofres!

— Cala-te, mulher, por Deus ! Fizeste de mim o ser mais infeliz da terra, porém já não há remédio: este é meu destino.

— Por que não permaneceremos neste estado? — perguntou Eva. E logo ajuntou categoricamente: — Não há necessidade de voltarmos ao primeiro estado.

— Creio que o homem não chegou ainda a obter um tal poder — respondeu Adônis.

Diante daquelas palavras, a mulher se desesperou e, ato contínuo, os dois se acharam diante do corpo de Eva, que começou a agitar-se. O marido tratou de despertá-la.

— Cula-te, Eva, por favor — suplicou Adônis. — Uma vez desperta, está tudo perdido... Deixa-me ver-te pela última vez.. . pois quando estás acordada não te lembras de mais nada.

— Como, pela última vez? Acaso pensas abandonar-me? — E com voz sepulcral

acrescentou: — Eu porei fim à minha vida!

— Tu não podes fazer tal coisa. Não podes fazer infeliz este pobre homem que te quer. Devemos nos resignarmos e submetermo-nos à mão implacável do destino.

— Tu podes resignar-te porque não me amas, porque nunca me amaste. Porém, eu não posso esquecer. Para que serve agora minha vida?... Tu foste tudo para mim e deves seguir comigo. — E como se estas palavras a houvessem convencido da sua afirmação, repetiu: — Não, tu não me amas!

Adônis sentiu que seu coração sofria os terríveis suplícios do inferno e, enfraquecido e com a voz debilitada pela angústia, respondeu:

— Ouve-me, Eva. Todos os teus sofrimentos são apenas escassas gotas no mar da minha dor. É essa a proporção. Eu sou daqueles que amam uma única vez na vida. Poderei ter dezenas de mulheres; poderei ter um harém em minha própria casa, porém o verdadeiro amor não poderá mais brotar em mim, porque tu o arrancaste com a raiz. Tu me fizeste nascer de novo; causaste o meu segundo nascimento, e na página branca e vazia da minha vida escreveste a Palavra. Fizeste-me ver os anjos do céu brincar alegremente em tuas pupilas e fizeste brotar em meu coração as fontes do saber. Minha alma sem ti será como o Espírito de Deus que pairava sobre as águas; porém, contigo abraçou todo o universo. Deus te concedeu a formosura da alma e do corpo e foste para mim uma verdade oculta, que descobri pelo amor e pela pureza. Foste, és e serás para mim o canto do rouxinol, o perfume da rosa e a luz da aurora. És para mim o maná que Deus enviou no deserto da minha vida. Tu és para meu espírito a recordação feliz do seu longínquo mundo divino. Tua formosura porá em minhas mãos o pincel milagroso para traçar as belezas da revelação e do sonho. Tua voz colocará em meus braços o alaúde para interpretar a formosa língua dos deuses. Teus beijos se traduzirão no porvir, sob minha pena, em poemas elevados, em imagens e contos eternos. Tu és e serás o espelho em que se refletem minhas idéias e meus sonhos; e em teus olhos verei sempre a sombra dos meus pensamentos e anelos. Em meus sonhos chorei sempre a teu lado e agora compreendo porque tu não podias chorar. Estou condenado pela tristeza a vestir-me de seriedade e ninguém poderá ver através do meu rosto o que sente meu coração. Porém, o amor que se banha nas lágrimas do coração, permanecerá formoso, puro e eterno... Compreendes agora, Eva, a intensidade do meu amor?

— Sim, querido Adônis...

— Pois de hoje em diante — continuou ele — meus olhos já não contemplarão a formosura das primaveras, mas tão somente o furor dos furacões e das tormentas; meus ouvidos não ouvirão mais o canto da juventude, mas sim os lamentos da velhice; finalmente, minha alma não voltará mais a sentir a glória da humanidade, porém unicamente a dor das desilusões e a miséria dos pobres. . . Eva, eu não te culpo, mas devias conservar-te de luto, pelo menos um ano, pela minha suposta morte...

Eva chorava e não respondia às palavras de Adônis, que continuou:

— Contudo, há um remédio — propôs ele para tentá-la. — Podes esperar meu regresso para levar-te a um lugar longínquo, onde não nos conheçam e possamos viver tranquilos o resto da nossa vida, envolta no amor e coroada pelo carinho?

Então Eva levantou a cabeça, dizendo:

— Adônis, eu não te mereço nem nunca te mereci. Tu quiseste e queres ainda conduzir-me aos píncaros do saber e da glória, porém eu te prendo à terra. Não, Adônis, eu prefiro o suicídio a perder-te, mas não cortarei tuas asas, porque a mulher deve ser um par de asas para seu esposo e não um peso que o impeça de subir. Algum dia encontrarás outra mulher mais formosa, mais inteligente e mais digna que eu, porém nunca poderá igualar-me em carinho. . . E agora que minha desgraça não tem remédio, quero que meu amor por ti seja uma couraça que te defenda contra a desdita; quero que meu amor eterno desça sobre ti, como o orvalho da noite, para vivificar-te e reconfortar-te das agruras do dia. Se bem que eu não me recorde, ao acordar, dos meus encontros contigo, juro-te que meu espírito te acompanhará todas as noites, enquanto durar minha vida, para consolar-te em tuas penas e aliviar tuas dores. Minha existência será dividida em duas partes: o dia para chorar minha desgraça e a noite para aliviar a tua.

E dizendo isto, Eva se aproximou do jovem, abraçando-o com todo o amor de sua alma e beijou-o com um beijo diferente de todos os que lhe havia dado, um beijo longo, apaixonado e ardente, que despertou a vida no corpo de Adônis e o fogo em seu coração.

Em tal atitude, sentiu que a sua natureza de homem ia vencer, e de um salto livrou-se dos braços de sua amada. Sua alma reintegrou seu invólucro físico e ela sentou-se no leito que compartilhava com seu esposo; este, vendo-a banhada em pranto, assustado, perguntou-lhe:

— Meu amor, que houve?

Adônis abriu os olhos e viu-se de pé, ao lado do seu leito, consciente de tudo o que sucedia. Imediatamente foi atraído para seu corpo, gemendo:

— Adeus, felicidade!

CAPÍTULO XVI

ADÔNIS, ENSINA-ME A AMAR!

Durante oito dias, Adônis evitou sempre encontrar-se com gente estranha à sua dor, porque a desgraça, antípoda da felicidade, tende a ocultar-se aos olhos dos homens para roer em segredo um coração. Também Astaruth, durante esse espaço de tempo, evitou encontrar-se com Adônis, pois suas últimas frases produziram nela uma amálgama de inquietude e desgosto, ao lado de um desejo sem objeto.

Amar? A quem? Ela sempre amou a si mesma, mas que sensação produziria o amor a outrem? Sempre lhe falava seu pai de um primo seu, como um futuro esposo, porém Astaruth não queria casar-se. Que sentirá a mulher no amor? E por que Adônis lhe recomendou o amor?

Ele, sim, amava, e ela o sabia, porque tinha lido as cartas de Eva. Por que uma mulher escreve e dirige a um homem palavras como estas: "Meu adorado", "Vida de minha vida" e outras frases ocas, que não encontravam eco em seu coração? Que sente o namorado? E esta pergunta cravou nela o espinho inquisidor da dúvida e ela desejou arrancá-lo. Porém, como?

Afinal decidiu que o amor é uma ciência como outra qualquer e se aprende na escola.

* * *

Coração egoísta, sentimentos duros. Nela tudo consistia em gastar seu dinheiro para satisfazer seus absurdos caprichos. Na escola e no colégio, ninguém gostava dela pelo seu orgulho e ela sabia pagar com a mesma moeda, odiando suas companheiras e professoras. Seu pai suportava todos os seus defeitos e satisfazia seus caprichos, na esperança de que o tempo seria para ela o melhor reformador.

— "O amor, senhorita, o amor!"

Estas palavras de Adônis ressoavam incessantemente em seus ouvidos, em todas as horas do dia e da noite.

* * *

No nono dia do seu passeio com Adônis, ela amanheceu doente, com um abatimento geral em todo o seu corpo. Seu pai estava ausente e ela mesma não sabia que é que tinha. Os servidores não sabiam que fazer para acalmar o seu mau humor, que era sempre o prelúdio de uma tormenta.

A jovem levantou-se da cama por alguns instantes, porém deitou-se novamente:

— Vai chamar o "jatib" — ordenou a uma das suas servas.

Às 10 horas da manhã apresentou-se o "jatib", encontrando-a no leito. Seus braços, bem torneados, se escapavam por entre as colchas; seu colo, cor de leite, se mostrava seminu e a cabeleira negra e abundante sombreava a almofada, em cachos desfeitos e espalhados. Depois de saudá-la, sentou-se numa cadeira bastante afastada do leito.

— Estou enferma, "jatib".

— Que tendes, senhorita?

— Para dizer-te a verdade, não sei. Sinto-me tão abatida como se tivesse sido fustigada em todo o corpo; a cabeça está pesada e creio que tenho febre...

— Permitis tomar-vos o pulso e tocar vossa fronte?

— Sim, vem, aproxima-te.

Adônis levantou-se e, uma vez junto dela, colocou sua mão na fronte da enferma, que tremeu imperceptivelmente; em seguida, tomando-lhe o pulso, sentenciou:

— Não tendes febre, portanto, não deve ser nada grave.

— É provável, porém não me sinto bem.

— Posso ser-vos útil em alguma coisa? — perguntou ele, levantando-se para despedir-se.

— Ouve, Adônis — exclamou ela. — Por que és tão vingativo? Por que foges de

mim? Eu, Astaruth, nunca pedi perdão a meu pai e a ti eu pedi. . . Por que vieste a esta casa?. . . Teu comportamento e tuas palavras perturbaram a tranquilidade da minha vida. Dize-me, Adônis, quem és?

— Eu, senhorita, sou um pobre homem a quem feriu o destino e pisou a desgraça. Sou vosso humilde servidor, mas se minha presença vos enfada. . .

Ela não o deixou terminar. Moveu a cabeça com tristeza, dizendo:

— És insuportável. Chamei-te para distrair-me e vens aumentar o meu mal-estar.

— Deus é testemunha, senhorita, de que eu daria minha vida para evitar-vos um desgosto.

— Cala, homem, cala! És um hipócrita que não tem a coragem suficiente para confessar o ódio que me vota.

— Eu não minto, senhorita — responde Adônis, desgostoso. — O que meu coração sente está na palma da minha mão.

— Basta, basta. Eu creio, não te aborreças. Hoje não tenho desejo de discutir.

Adônis envergonhou-se de ter se mostrado impulsivo e, aproximando sua cadeira da cama, exclamou:

— Perdoai-me, senhorita Astaruth. Eu também tenho passado dias e horas muito negros e dolorosos, e estou espiritualmente mais doente do que vós. . . Não quero causar-vos nenhum desgosto; ao contrário, como lhe disse, daria meu sangue para ver-vos feliz. E se não credes, pedi-me uma prova. . .

Enquanto ele falava, a jovem olhava-o detidamente. Nunca tinha ouvido de ninguém tais palavras e sentia um prazer infinito.

— Obrigado, Adônis. Necessito algo, porém. . . eu mesma não sei o que preciso. Nunca te sucedeu isso?

— Tendes razão, senhorita. Frequentemente sinto o mesmo sintoma, e eu atribuo isso a uma ansiedade espiritual, interna.

— Bem, agora dize-me: por que tens passado dias tão tristes?

— Ah, senhorita! Não desejo amargurar vossa vida com as minhas queixas. . .

— Não importa. Quisera saber a causa dos teus padecimentos.

— Perdi minha felicidade, meu amor! Perdi a mulher que o meu coração adora...

— Eva?

Adônis abriu largamente os olhos, admirado, perguntando-lhe com ânsia:

— Como sabeis que se chama Eva?

Sorriu Astaruth maliciosamente e respondeu:

— Quando estavas ferido e com febre, falavas de muitas coisas e, sobretudo, de Eva, chamando-a "meu amor", "minha adorada" e outros nomes carinhosos. Ah, Adônis! Muitas vezes me fizeste chorar, vendo-te chorar. .. Depois, minha curiosidade me induziu a ler teus papéis. Sabia que meu proceder era incorreto, porém queria saber de tudo. Tal é meu caráter e, como todas as mulheres, para satisfazer minha curiosidade, sou capaz de tudo.. .

Meditava Adônis sobre aquela mulher. Não era louca nem má, nem tão pouco boa; ele não sabia como qualificá-la.

— Estás triste? — perguntou ela.

— Acaso vos importa minha tristeza?

— Às vezes creio que sim... Mas dize-me: era Eva como aparece nos retratos?

Sorriu Adônis pela curiosidade de Astaruth e respondeu tristemente:

— Todos os retratos do mundo não poderiam reproduzir um só dos traços de Eva.

Astaruth escutava-o pensativa. Repetia-se o mesmo fenómeno, estudado anteriormente, diante de Adônis: O homem pode passar de joelhos toda a sua vida, aos pés de uma mulher, dizendo-lhe: "És bela", "És formosa", "Eu te amo", e, entretanto, pode acontecer que ela não preste nenhuma atenção a estas palavras. Porém, basta dizer-lhe: "Como fulana é bela!", para que preste toda

atenção e concentre todos os seus sentidos em suas palavras.

— E Sobretudo — continuou Adônis — sua bondade, seu carinho! . Era boa e doce como um anjo.

Astaruth começava a enfastiar-se e perguntou bruscamente:

— Por que não te casaste com ela?

— Porque não pude.

— E como pode existir um amor sem casamento? Pelo menos, aqui se acredita que o matrimonio é o amor.

— É falso, senhorita. Na verdade, o objetivo do amor é conduzir ao casamento, porém nem sempre sucede assim. . . Nunca lestes alguma novela?

— Não, apenas estudava minhas lições e isso com dificuldade. . . Dize-me: como pode se dar isso?.. . Aqui, entre nós, o pai diz à filha: "Tens que casar com tal homem", e isso é tudo, porque ela não tem o direito de escolher livremente. . .

Adônis ficou calado, não sabendo que responder à sua interlocutora. Enquanto buscava em sua mente uma resposta, ela perguntou:

— E que sucedeu com Eva?

— Casou-se.

— Casou-se? Como dizes que é boa e te amava?

— Também eu disse, senhorita, que nem todo amor leva ao casamento.

— Até agora nada compreendo. . .

— Vou explicar-vos, senhorita: várias vezes eu vos vi regar um vaso que contém uma roseira. Para que o fazeis?

— Para que floresça.

— Muito bem. E que fruto lhe dá a flor?

— Nenhum.

— Pois assim é o amor. É um jardim que contém várias árvores e várias plantas: umas dão frutos e outras somente flores... Compreendeis-me agora?

— Sim.

— Agora, outra comparação. O amor às vezes começa em flor e termina em flor. Porém, se um homem apanhar a flor e colocá-la no álcool, não terá a essência desta flor, para aspirar de vez em quando?

— Assim é.

— Enquanto a essência perdura, onde está a flor?

— Certamente estará morta.

— Realmente. Este é o verdadeiro amor, senhorita Astaruth. Pode não dar frutos, porém dá essência. Pode não conduzir ao matrimónio para dar filhos, porém dá compaixão na desgraça e resignação na pobreza, ajudando o homem a suportar suas penas. Abre a inteligência na dor e faz do homem um verdadeiro Deus.

Astaruth escutava e meditava. Às vezes fechava os olhos lentamente e os abria de novo, como se estivesse com sono.

Adônis estava satisfeito por haver podido exprimir os seus pensamentos. Instantes depois, a filha de Jadallah Bey ergueu-se bruscamente no leito e exclamou, como se estivesse ordenando:

— Adônis, ensina-me a amar em flor!

O "jatib" assustou-se diante daquela expressão inesperada da jovem, que tinha em seu olhar um brilho diferente, e respondeu:

— Senhorita! Será que perdestes a razão?

— Louca ou não, desejo sentir amor. Quero saborear esse amor. .. esse amor aromático que embriaga, que faz feliz, que dá compaixão na desgraça e faz do homem um Deus!

— Senhorita, o que pedis é impossível!

— Por quê?

— Porque ninguém pode ensinar a amar: o amor nasce do coração.

Ela calou-se, desiludida, mas logo acrescentou:

— Então eu não posso sentir amor, porque não tenho coração?

— Não é isso. Vós tendes coração, porém ele não despertou ainda para o amor.

— Bem — disse Astaruth aborrecida e com vontade de chorar. — Esperarei até que se desperte.. .

E tornou a deitar-se, silenciosa e pensativa.

* * *

Adônis levantou-se da sua cadeira e começou a passear pelo quarto. Que devia fazer com aquela mulher? Teria ele a missão, o direito e o poder de despertar seu coração?

Subitamente lembrou-se de um trecho da carta de Aristóteles: "Astaruth te adora."

— Será que aquela mulher gosta de mim e não sabe como manifestar o seu afeto?

Não quis Adônis repelir esta idéia; ao contrário, sentiu prazer em acalentá-la. Contudo, seu coração não podia amar, pois sangrava ainda de sua recente ferida. Porém, não seria bom fazer uma tentativa para sua tranquilidade e sossego dessa jovem inquieta? Que diria, porém, Jadallah Bey? Seria capaz de esfolá-lo vivo... Todavia, a idéia de ser amado por Astaruth, essa jovem orgulhosa, altaneira e altiva, apoderou-se dele e consolava seu coração.

E que diria Aristóteles se viesse a sabê-lo?.. . Por que lhe tinha dito o Mestre "que precisava de uma mulher para divinizar-se" e "que devia ter cuidado com a mulher"? Por que lhe disse: "Busca a mulher para que acenda em ti o fogo sagrado, porém procura a mulher que tem o poder de apagá-lo"? E ainda: "Ama-

a sem desejo e adora-a sem profanação." Seria Astaruth a mulher com que tinha que por em prática tais conselhos? Seria ela a indicada para submetê-lo a tantas provas e prepará-lo para a Iniciação?

E Adônis repetia mentalmente toda a carta de seu Mestre e sempre se detinha nas palavras: "Astaruth te adora!"

Dirigindo, então, seu olhar para ela, viu-a triste e suas lágrimas procuravam caminho por entre as pálpebras cerradas. Que fazer?. . . Aproximou-se novamente dela, sentou-se na cadeira que tinha abandonado, tomou uma de suas mãos entre as suas e disse-lhe docemente:

— Por que sofres, Astaruth, e me fazes sofrer? Não sabes que prefiro receber cem chicotadas de tuas mãos do que ver-te chorar?

Ela não respondeu, nem retirou sua mão, nem se mostrou zangada, ao ser tratada por "tu". Adônis continuou:

— Teu pai seria capaz de matar-me se chegasse a saber que eu te declarei amor...

Sorriu a filha de Jadallah, mas continuou calada.

— Astaruth.. . Vou beijar-te, mas não te aborreças e dize-me o que sentes. ..

E Adônis beijou-a na fronte com ternura. Ela abriu desmesuradamente os olhos, cheios de lágrimas.

— Que sentes, minha linda? — perguntou ele.

Sorrindo, a moça respondeu:

— Um calor estranho, porém muito agradável. . .

Novamente beijou-a Adônis, porém desta vez no olho direito. Ela tremeu e, ao ser-lhe dirigida a mesma pergunta, respondeu:

— Sinto algo, mas não sei como definir. . .

Adônis, então, com ambas as mãos segurou seus cabelos e beijou-o apaixonadamente na boca. Astaruth foi tomada de um tremor convulso; seu

corpo se retorcia sobre o leito; conteve a respiração e seu peito executaya rápidos movimentos respiratórios, de fluxo e refluxo, com bastante violência.

Adônis perguntou-lhe, então, novamente:

— E agora, querida, que sentes?

Como única resposta, Astaruth cravou em Adônis o seu olhar hipnótico, passou a língua pelos lábios, como se estivessem embebidos de mel e os saboreasse lentamente. De súbito, como se tivesse enlouquecida, como se fora uma leoa selvagem, apertou Adônis em seus braços e calou sua boca na dele, com tal violência que chegou a magoar o lábio superior do "jatib", causando-lhe dor; e este, só com esforço, pôde separar-se dela, dizendo-lhe:

— Astaruth, tu me feres o lábio, querida!

Ela não falou, porém atraiu a cabeça de Adônis para o seu peito, como uma mãe amorosa aperta em seu regaço o fruto de suas entranhas, e começou a beijá-lo ardentemente.

Ele, por sua vez, deixava que ela o fizesse, sem opor-se, enquanto fazia a si mesmo a seguinte pergunta: "É esta a iniciação que me espera?" Em seguida, exclamou:

— Calma, Astaruth, calma para conversarmos.

— Para que queres falar? Acaso os beijos não são mais que as palavras? Ouve-me... — e procurava com sua boca os lábios de Adônis.

Ele sentia que essa mulher o fascinava; seu corpo ardia num fogo que, seguramente, ele nunca conheceu; suas forças diminuíam e teve a impressão de que ia ficar à sua mercê, como o pássaro atraído pela serpente... Mas então se lembrou das palavras de Aristóteles: "Cuida da mulher que pode apagar esse fogo!" Com um movimento decidido, mas suave, rompeu a cadeia formada pelos braços de Astaruth e, pondo-se de pé, respirou profundamente, dizendo:

— Quase me afogas, querida!

Ela saltava alegremente no leito, como uma criança que recebe um mimo há muito tempo desejado.

— Adônis, tu és meu Deus! Escuta-me... mas como devo começar para exprimir-te minha felicidade? Fui muito infeliz por ter vivido tantos anos sem conhecer o amor. Como pude viver até agora sem esta felicidade? Sim, como? Não posso compreender... Ouve, eu quisera dar-te um tratamento especial inventado por mim. Em suas cartas, Eva te dizia: "Meu amado", "Vida minha. . ." Porém, eu não quero usar palavras que já foram empregadas por outra. Como te chamarei?.. . Oh! Agora não posso pensar!... Procurarei em outra ocasião!. . . Ah! odeio Eva!...

E, como se refletisse, continuou:

— Não, não a odeio; ela já está casada e é de outro. Não pode mais voltar para ti.. . Tu serás meu, somente meu! Serás só para mim!

E depois de uma pausa, continuou:

— Agora sim, sei muitas coisas. Agora recobrei a vista, após tantos anos de cegueira... És meu Deus e não deves zombar de mim. . . Não, não me importo que zombes, uma vez que me ames. Dize-me, Adônis: tu me amas como eu te amo? Ai de mim! Não!... Não se gasta o amor com o tempo e quando um homem ou uma mulher ama duas vezes, não é o segundo amor menor que o primeiro?

E sem dar tempo a Adônis de responder, suspirou e continuou dizendo:

— Antes queria dominar a todas e agora quero ser tua serva, tua escrava. Ah! Como és cruel! Ah, meu Deus! Tu sabias disto e, por esse motivo, me falaste de amor para humilhar-me. .. Porém, não importa, pois minha felicidade é humilhar-me a teus pés.. .

Tomou alento e continuou:

— Dize-me, Adônis, que queres? Dinheiro? Que posso eu dar-te? Eu tenho milhares de libras e nunca me senti feliz. Que posso eu dar-te para que sintas a minha felicidade?

E com uma mudança brusca na tonalidade de sua voz e na sua fisionomia, quase gritou:

— Ah! Já sei que não podes amar-me, porque eu te maltratei, te insultei,

derramei teu sangue, eu, eu a infeliz, eu...

E, largando a mão do jovem, ocultou seu rosto sob os lençóis e desatou a chorar. Por sobre as colchas via-se seu corpo agitado pelos soluços. Adônis, estupefato, tinha ouvido o discurso de Astaruth. Com um beijo, ele havia amansado aquela fera; logo, não era má de coração: só lhe faltava amor e carinho para que se transformasse no que era agora, dócil e meiga. Ela não conhecera sua mãe e Jadallah a educara a seu modo. A princípio sentiu ele tristeza pelo que tinha feito, pensando em sua iniciação, porém logo se consolou ao contemplar sua obra, dizendo a si mesmo:

— Basta-me o mérito de ter feito desta mulher um anjo.

Mas como era possível que aquela moça, com tão poucos anos de estudos, falasse com tanta eloquência? Seria o próprio amor que abria assim a inteligência da jovem? Bendito seja o amor, que é a manifestação mais perfeita da divindade!

Quando a viu chorando, presa de tão profunda dor, aproximou-se dela e disse:

— Basta de tolices, amor! Sabe que eu já me tinha esquecido completamente do teu proceder para comigo. Por que queres recordá-lo? Para fazer-me sofrer?

— Adônis querido, se me prometes olvidar e perdoar-me, juro-te que serei tão obediente como uma ovelha, como um cão.

— Cala-te! Não me repitas outra vez essa palavra! Dize antes, tão obediente como uma namorada. . .

— Sim, Adônis, como tua namorada. Ordena-me: que devo fazer?

— Examinemos cada coisa por sua vez. Antes de tudo, vejamos: como te sentes agora?

— Até parece um milagre! — exclamou ela, admirada. — Minha indisposição desapareceu como por encanto!

E começou a apalpar a cabeça, as mãos.. .

Adônis observava seu embaraço e ria, dizendo-lhe por fim:

— Quero, como namorada, uma mulher suave, doce, delicada para com todo o mundo, para que seja amada sem ser temida.

— Em tudo te obedeço.

Disse isso e voltou a beijá-lo com ternura, e afastando-se dele bruscamente, perguntou-lhe:

— Adônis, por que o beijo não satisfaz?

Assombrado diante deste despertar psíquico tão repentino, meditou um instante e explicou:

— Eu comparo o beijo a uma chama de fósforo, que pode acender fogo, mas, por si mesma, não é suficiente para assar uma carne... O beijo, para mim, é como a ânsia de perfeição infinita: tem princípio, mas não tem fim. É o caminho para a Divindade, mas não é a própria Divindade. É o caminho da felicidade, como disse o poeta. O beijo é a graça eterna indefinida, o puro afeto que se muda em flor; elo que prende uma vida a outra vida, numa grinalda de vermelha cor. Não achas, querida, que o poeta tem razão e que o beijo conduz ao ignoto?

— Então a felicidade reside além do beijo?

Esta nova pergunta emudeceu novamente Adônis; mas respondeu logo:

— Isto depende da tua concepção da felicidade. Se compreendes por felicidade fazer o bem aos demais, está bem. Fora disso, eu só encontro para ela um nome: desgraça.

Ela permaneceu pensativa e retrucou:

— Esta é a primeira vez que não queres explicar-me claramente o teu pensamento.

— Por ora, querida, tens que te contentares com isto. Com o tempo, é bem possível que mereças uma explicação melhor.

— Eu me conformo. Mas, dize-me, não vais abandonar-me, não é verdade?

Adônis suspirou antes de responder:

— Olha, Astaruth: eu sou um homem que tem muitos deveres a cumprir. Tenho meus pais, meus irmãos, meus. ..

Ela não o deixou terminar e, tapando-lhe a boca com a mão, disse-lhe:

— Cala-te! Cala-te se quiseres que eu viva! Teus pais e irmãos virão aqui e serão os meus. .. Tenho ouro, muito ouro e não sei o que fazer com ele. Tudo deponho a teus pés e fico à tua disposição, porém não penses em deixar-me!

Neste momento, alguém bateu na porta. De um salto, Adônis ganhou a cadeira que se achava distante do leito de Astaruth, enquanto esta dizia em voz alta:

— Entra!

Entrou sua criada de quarto.

— Esma — perguntou a jovem — que queres, filha?

— O almoço está pronto, senhorita.

— Olha, queres fazer-me um favor, Esma?

A criada, que nunca tinha ouvido palavras tão amáveis dos lábios de sua ama, respondeu mecanicamente:

— Ordenai, senhorita.

— Vai dizer que mandem almoço para dois: para mim e o "jatib", que almoçará comigo.

— Imediatamente, senhorita... E continua enferma?

— Não, Esma. Estou quase boa. Obrigada.

* * *

Veio o almoço e ficaram a sós novamente.

— Adônis, eu não tenho apetite. Aproxima-te que eu te servirei.

— Eu também estou sem fome.

Franzindo as sobrancelhas, permaneceu ela triste e pensativa.

— Que tens, Astaruth?

— Meu Deus! Que sofrimento!

— Por quê? Que tens?

— Adônis, não sou digna de ti! Não deves amar-me!

Estas palavras foram para Adônis o presságio da fatalidade. Eram as mesmas que tempos atrás havia ouvido dos lábios de Eva. Sentiu como se a morte, o anjo das asas negras, voasse sobre eles. .. Era verdade que ele não amava essa moça como amou a outra, a primeira, porém era também verdade que seu coração estava longe de lhe ser indiferente. Por que sofria agora como havia sofrido antes, diante de Eva?

— Que queres dizer com isto — murmurou ele, com voz quase imperceptível.

— Adônis, eu sou má. Privei-te da comida, ordenando ao criado que te dissesse aquelas palavras... E tu és nobre, grande de alma, de inteligência e de coração. Ai, Adônis! Por minha culpa padeceste fome em minha casa e foste mendigar o alimento em casa alheia! Deus meu, eu não deveria existir! E tu, meu adorado, tudo suportaste sem um queixume! Adônis, como és admirável! A tua grandeza me aniquila! ...

Ao recordar aqueles dias, Adônis sentiu profunda tristeza invadir-lhe a alma, mas não culpou Astaruth, porque ele agora compreendia que ela era apenas o instrumento de forças superiores, de insondáveis desígnios.

Procurando distrair Astaruth, disse-lhe:

— Bom aperitivo para o almoço, querida. Como posso almoçar, vendo-te chorar? Não te recordas que, antes, eu comia como um camelo, para depois ruminar?

Mas estas palavras cómicas não produziram nenhum efeito sobre ela. Sua dor, demasiado intensa, não admitia chistes.

Para mudar o curso da conversação, ele chamou-a:

— Vem, querida, um beijo teu me abrirá o apetite.

E ela se lançou avidamente nos seus braços, num longo e apaixonado beijo.

* * *

À tarde, ela propôs:

— Adônis, quero ensinar-te equitação e fazer de ti um grande cavaleiro.

Obedeceu o "jatib", dizendo a si mesmo: "Um dia isto terá um fim... e, então, pobre menina!..." Ambos, a cavalo, saíram do povoado. Não era Adônis um grande cavaleiro, mas montava corretamente. Avançaram os dois corcéis, a princípio a trote e depois a galope.

— Meu querido, tu sabes montar muito bem.

— Apenas regularmente, nada mais.

— O que te falta é manter o busto ereto, quando vais a galope ou a trote. . . Assim, assim, muito bem. . . Doravante, sairemos todas as tardes, para te exercitares. Amanhã traremos as lanças para ensinar-te um jogo muito divertido. Sabes que certa vez quase mato um primo meu?. . . Agora vamos apear para descansarmos um pouco. . .

Depois de apearem, ela perguntou-lhe:

— Sabes atirar ao alvo com revólver?

— Não, somente com espingarda de caça.

— Sim? Manejas bem a espingarda? Quando meu pai regressar iremos caçar perdizes.

E Astaruth, sacando o revólver, começou a dar lições ao seu companheiro, dizendo-lhe:

— É muito simples. Pega o revólver com pulso firme e aponta bem. Assim...

E a arma sustida por sua mão, vomitou cinco balas seguidas, que atingiram plenamente o alvo, produzindo um estrondo monótono. Adônis errou os três

primeiros tiros, porém acertou os dois últimos. Astaruth, cheia de alegria, beijou-o ternamente, dizendo-lhe:

— Tu nasceste mestre em tudo. Experimenta de novo.

Desta vez, ele acertou maior número de disparos.

— Amanhã te darei o meu outro revólver. . . Agora dá-me um beijo e vamo-nos embora.

Montaram novamente em seus ginetes.

— Aposto que eu posso fazer algo que tu não podes imitar.

— Que é, querida?

— A toda carreira do meu cavalo, eu te beijarei.

— Não, por Deus! — protestou ele. — Não o faças!. . . Não! Não! É perigoso!

— Perigoso? — replicou sua amada com ar de mofa.

E com toda a fúria de seu sangue, gritou com o seu cavalo árabe, que partiu como uma bala, afastando-se rapidamente de Adônis, que seguia a passo. Em seguida, de uma grande distância, voltou a toda velocidade, como se fora uma flecha, disparada por um arco gigantesco e invisível. Ao passar por Adônis, ela inclinou-se sobre sua montaria, com uma elasticidade assombrosa, deixando sobre sua face um beijo fugitivo.

— Isto, querido, por hora, não és capaz de fazer.

Adônis, então, compreendeu a gravidade do seu próprio ato. Esta moça, graças a ele, tinha despertado para a vida e para o amor e só viveria para amar e amaria para viver. Temeroso e preocupado, interrogou-se:

— Que será dela, quando lhe faltar o amor?

Neste momento, já estava novamente Astaruth a seu lado e interrompeu o curso dos seus pensamentos.

CAPÍTULO XVII

ADÔNIS, ABRE A PORTA!

As recordações do dia são os tormentos da noite. Muitos atos do homem são executados como se estivesse em estado de embriaguez.

Mas o travesseiro é o pior despertar. "Por que fiz isso? — perguntava a si mesmo Adônis. — Agora, que partido devo tomar? Esta menina despertou bruscamente para o amor e, em sua idade, é perigoso. Amanhã ou depois, ébria de felicidade, divulgará seu amor. E qual será o resultado? Por que me colocou Aristóteles nesta casa e me ordenou que não a abandonasse? Deve haver um motivo."

Tomou a carta de Aristóteles e leu-a demoradamente, frase por frase, com a atenção de um químico que pesa substâncias explosivas ou tóxicas. Depois de ler a carta inteira, deduziu:

— Aristóteles está me tentando com esta jovem. Que grande diferença existe entre ela e Eva! Astaruth punha toda a sua alma num beijo e Eva absorvia, ao beijar, a alma de quem a beijava. Astaruth sem amor se suicidaria, enquanto Eva se consumiria, se evaporaria. Nas veias de Astaruth corre mais sangue árabe; portanto, tem mais fugacidade. Porém, Eva tem no coração um lago de águas profundas e tranquilas, que tudo refletem com infinita doçura. Que farei agora? Eu não posso amá-la e, ainda que pudesse, de que me serve o que fiz hoje?. . . Querer chegar a ela é o mesmo que pretender apanhar a lua com a mão. Adônis! Adônis! És um néscio. Mas por que me preocupo tanto assim, se apenas a toquei com uns beijos? E esses beijos eram puros. Entretanto, isto não deverá suceder novamente. Estou abusando da hospitalidade e da confiança de seu pai. Que lhe direi amanhã? Como a convencerei de que isto é incorreto? Acaso o amor tem olhos para ver e ouvidos para escutar? Não! Não é mais possível convencê-la! Quem poderá deter a pedra, atirada do alto da montanha?!. . . Sim! Tenho que ir até o fim, e queimar-me, talvez, na chama que eu mesmo acendi.

E assim, entre recriminações e desculpas silenciosas, passavam-se as horas da noite, sem que Adônis pudesse conciliar o sono.

* * *

Em seu leito, também Astaruth não dormia e cansava seu cérebro, pensando como agradar a Adônis.

— Serei boa e doce como ele. Aprenderei seus modos e suas palavras! Que suavidade e que arrogância no seu modo de falar! Dar-lhe-ei dinheiro.. . porém ele nunca pede nada. Isto não importa. Pobre amor! Nem sequer tem roupa suficiente!. . . Que homem tão estranho e tão doce!. . . Acaso ele me ama? Por que não me beija como eu o beijo?... £ Eva quem tem a culpa!... Eu, eu a odeio!. . . Ela produz um desgaste em seu amor e, por sua causa, ele sofre. Por isso... seu sorriso parece pranto. .. Se ele amar Eva como eu o amo, como poderá viver?... Eu não posso viver sem ele. Deus meu! Serei o que Tu quiseres, mas não o separes de mim!

E, em seu delírio, Astaruth via Adônis partir, talvez dentro de um mês, de uma semana, ou mesmo amanhã. . .

— Não! — gritou, lançando-se fora da sua cama; mas deteve-se um momento e tornou a deitar. — Isto é o amor?... Não. É a vida, a existência, a loucura... Com razão chamavam "Kais" "o louco de Leila"... Ele morreu, minado por seu amor, e ela seguiu-o ao túmulo, impotente diante da sua dor. Sepultaram-nos na mesma cripta e juntos partiram para a eternidade. Oh, Adônis! Tu serás a causa da minha morte!. . . Não, isto não, porque antes que eu morra, te matarei. Depois.. . Mas que estou dizendo?. . . Quase o matei uma vez e tive que sofrer dois dias em sua cabeceira. . . Pobre amor meu! Quanto tem sofrido e quanto tem sido oprimido pela dor!... Não. Ninguém tocará num só cabelo de sua cabeça, enquanto eu viver. .. Eu me afogo com este calor. .. Não posso viver sem ele. É claro. .. Mas que farei para que ele não me abandone?... Ah, sim, já sei! Casar-me-ei com ele. ..

— É a única solução — continuou, enquanto um leve tremor agitava seu corpo. — Porém. . . e meu pai?. . . "Se teu pai souber que eu te declarei amor é capaz de me esfolar vivo!".. . Sim, ele disse isto. . . Que farei, então? Quero resolver este problema, mas não posso... Oh! Deus meu!... Não posso conseguir uma solução! Adônis deve encontrá-la. Ele é sábio e inteligente. . . Achei! Aristóteles!... Sim, o Hierofante. . . Meu pai obedece-lhe como uma criança... Irei arrojar-me a seus pés, pedindo que convença meu pai. . . Acederá ele?... Ai, Deus meu! Que quis ele dizer-me com aquelas palavras: "Mulher cruel, caro pagarás pelo que

fizeste!" Separará Adônis de mim?

Levantou-se novamente do leito. Este último pensamento tomou corpo em sua mente. Viu imaginariamente que Adônis se levantava, vestia-se e abria a porta para fugir dela.

Não pôde esperar mais, a tortura desse amor a impelia: de camisa de dormir, descalça, abriu a porta, desceu as escadas, atravessou correndo o pátio e subiu outra escada que levava ao quarto de Adônis; através da pequena janela, viu a luz da lâmpada a óleo.

Cresceram seus temores, acreditando ver nesta luz morteira a justificação das suas apreensões.

Desesperada, Astaruth procurou abrir a porta empurrando-a; porém, ao encontrá-la aferrolhada, chamou insistentemente.

— Quem é? — perguntou Adônis, atónito.

— Adônis, abre a porta!

O jovem assustou-se. Que iria fazer em seu quarto aquela hora a filha de Jadallah Bey?

— Que sucedeu? Que há?

— Abre, Adônis!

A voz que vinha de fora era suplicante. Cobriu seu corpo com um grande manto e abriu a porta. Ela precipitou-se para dentro, como uma louca e não dava crédito a seus olhos, pois, apesar de ter ouvido a voz do seu amado, julgava não encontrá-lo. Lançou-se em seus braços, beijando-o com delírio. Adônis fê-la sentar-se à beira do leito, sentando-se a seu lado.

— Que houve contigo, Astaruth?

Ela permaneceu silenciosa, deixando escapar de seus olhos grossas lágrimas, que lhe escorriam pelo rosto.

— Estás doente, querida! — afirmou ele, assustado.

Ela, não podendo suportar por mais tempo sua agonia, chorava e proferia gritos lastimosos. Adônis perguntava-lhe as causas de seu pranto, mas a única resposta que obtinha eram os gemidos de Astaruth.

Procurava consolá-la, pensando temeroso: — E se alguém chegar aqui agora? E se alguém estiver espiando de fora?,. .

Para certificar-se, deixou-a um momento, abriu cautelosamente a porta e escutou. Tudo estava no mais absoluto silêncio. Fechando novamente a porta, voltou ao lado da jovem aflita, inquirindo de novo sobre a causa do seu tão sentido pranto e, como ela se obstinasse em não responder, recorreu ao único meio que julgava eficaz, embora um momento antes tivesse jurado que nunca mais beijaria a jovem. Ao sentir em sua boca o contato dos lábios do seu namorado, ela reanimou-se e estreitou-o fortemente contra seu peito. Enquanto ele se encontrava nos braços de sua amada, seu coração chorava lágrimas de sangue e parecia dizer-lhe: — Esta é tua obra, Adônis. Podes estar satisfeito.

Sua preocupação era tal, que só agora notou que Astaruth vestia somente uma camisa de dormir, deixando a nu seus pés descalços e suas pernas bem torneadas, como duas colunas de marfim. Sentiu um estremecimento em todo o corpo e um raio de fogo que percorria, como uma seta, a sua coluna vertebral. Temia por seu estado, seus pés tremeram, ao passo que sua chorosa namorada continuava abraçada ao seu pescoço, como se os dois formassem um só corpo. Sua vontade desfalecia. Em seus ouvidos, uma mistura de sons surdos se sucediam e acreditou que ia ter uma vertigem. Seu coração batia com tanta força que podia ouvir o som das suas pulsações. Contudo conservava o domínio dos seus sentidos e meditava. Neste estado, durante o curto lapso de tempo de vinte segundos, sentiu e rememorou todo o mistério e o curso da sua vida e ouviu então uma voz clara que lhe dizia:

— Ama-a sem desejo e adora-a sem profanação.

Desconcertado por esta voz, desprendeu-se bruscamente dos braços da jovem e, com a fisionomia decomposta, perguntou:

— Ouviste?

— Quê?

— Não, meu amor. Não ouvi nada.

Serenada pelo eficaz calmante dos beijos, Astaruth abaixou-se e cobria de beijos seus pés, regando-os com suas lágrimas. Adônis olhava-a cheio de admiração e profunda simpatia; depois, levantou-a com ternura, fazendo-a sentar-se de novo a seu lado.

— Astaruth, podes ouvir-me?

— Sim, já estou calma.

— Por que vieste ao meu quarto a esta hora?

— Passei aqui muitas noites durante tua enfermidade.

— Bem, querida, mas agora estou são.

— Sim, e por isso tenho medo.

— Medo? De quê?

— De me abandonares enquanto durmo.

— Tu me perderás, Astaruth.

— E eu? Já estou perdida por ti.

— Que dizes, mulher?

— É a verdade... E já não posso mais nem poderei dormir uma única noite sem ti.

— Estás louca, Astaruth?

— Pode ser. Mas a verdade é que, quando estou longe de ti, falta-me a respiração e me sufoco. . . Faltou-te alguma vez a respiração?

Adônis evocou, então, os tempos passados, quando sentia a mesma coisa, estando longe de Eva.

— Adônis — continuou a jovem — peço-te um favor muito pequeno. Tu me atenderás?

— Qual é?

— Quando quiseres deixar-me, avisa-me um dia antes.

— Mas para que me fazes este pedido?

— Para que assistas ao meu enterro antes de partires. ..

Adônis sofreu horrivelmente com estas palavras. Ela falava com calma, porém com perfeita segurança, denotando firmeza no seu propósito. E ele sentia constrangimento, como se um hálito fúnebre os rodeasse.

— Adorada mulher, anjo querido, luz dos meus olhos, eu não mereço tanto carinho. Porém tenho a esperança de que, com o tempo, este grande amor fará de ti o que fez de mim.

— Oh, meu Deus ! Só tenho dois caminhos a escolher: Adônis ou a morte.

— Por favor, querida, amada do meu coração, não me repitas a palavra morte.

— Tens medo da morte?... Eu não.

— Isto não é um remédio.

— Se não é um remédio, pelo menos é um descanso... Acaso um homem ou uma mulher pode viver sem o amor/ e sem a pessoa amada?

— Que sabes tu de amor, querida? Quando amaste?

— Para morrer basta uma pequena bala e para amar basta um beijo.

— Voltas outra vez a falar em morte, Astaruth...

— É o fim de tudo.

— Linda, algum dia te enamorarás de outro, mais nobre, mais rico, mais. ..

Ela tapou-lhe a boca e não o deixou terminar.

— Não me mates, querido! Quero viver algum tempo mais a teu lado.

Adônis meditou um instante, pensando: "Quão pequeno sou diante deste amor imenso!"

— Que pensas fazer quando teu pai voltar?

— Não sei, nem quero saber. Por que pensar na desgraça antes da hora? Por ora sei que estou a teu lado e sou feliz, é o quanto basta.

Adônis fazia o possível para conduzir a conversação para um outro tema que não fosse o amor, porém ela obstinava-se nele e dizia inquieta:

— Quisera saber uma coisa: quando os namorados se casam, continuam a ser felizes?

— Não sei, porque não tenho nunca me casado, não posso responder-te.

— Aqui entre nós, os drusos, a mulher sofre muito (creio eu), porém se cala. .. Certo dia, vi meu tio esbofetear sua esposa diante de quarenta hóspedes e ela nada disse, como se fosse algo mui natural.

— É isto o que tu temes, Astaruth?

— Eu nada temo, porque não me casarei com um druso. Meu marido será cristão.

E abraçou Adônis ternamente. Depois ela deu um salto como quem se lembra de alguma coisa há muito procurada, e disse:

— Nunca aconteceu uma drusa casar-se com um cristão?

— No Líbano sim, mas aqui no Huran. . . creio que nunca — respondeu Adônis, movendo negativamente a cabeça.

— Então iremos ao Líbano.

— Não, Astaruth, não posso voltar lá.

— Por que, meu Deus?... Ah, já me lembro... Ouvi meu pai falar a este respeito: — estás condenado à forca por crime político, não é assim?

Adônis respondeu com um movimento afirmativo da cabeça. Ela meditou um

momento e, repentinamente, tomada de alegria, começou a saltar como uma menina. Adônis não compreendia o motivo da sua satisfação súbita, mas ela o tirou de dúvidas, dizendo:

— Graças, Deus meu! Agora sei que não podes abandonar-me...

E aproximou-se dele para beijá-lo. Adônis, sabendo que seria inútil esquivar-se, deixou que ela o fizesse. Quando se acalmou, tornou-se pensativa:

— Em que pensas, Astaruth?

— Tanta felicidade me dá medo, Adônis.

— De que tens medo?

— Não sei. .. Eu não temo a morte, porém uma voz interna me diz: "Aproveita a vida porque é a única coisa que presta."

— Não sejas pessimista, amor.

— Tem razão.. . Pensemos em outra coisa. Ah! Tu me disseste que o beijo é a porta para a felicidade... Como será a felicidade depois do beijo?

O jovem procurou recordar-se do que tinha dito e, uma vez lembrado, esquivou-se a responder, dizendo:

— Astaruth, eu não te disse isto hoje, mas sim ontem. Não ouves o gorjeio das aves anunciando a saída do sol?. . . Não dormiste e nem eu tão pouco. Cuidado, Astaruth! Se isto continuar, tua saúde não resistirá.

— É verdade, Deus meu! Porém, dize-me, quando amavas Eva, podias dormir?

— Claro que sim.

— Então, ou tu não amavas ou o amor não produz em ti o mesmo efeito que em mim.

— Que produz em ti o amor, louquinha?

— Quisera poder exprimir o que tenho aqui dentro do meu peito, porém não posso. A única coisa que te posso dizer é que eu não sou eu... Eu não sei como. .

. não encontro termos para exprimir o que quero dizer. . . não posso fazer-te entender-me. Por Deus, Adônis, procura ver e ouvir aqui dentro (leva a mão ao peito), procura sentir o que eu sinto. Que tortura! Como te farei sentir o que sinto? E se é certo que me amas, por que não sentes o mesmo?. . . Vê, quando te abraço, quisera confundir-me contigo e nunca mais me separar. E quando me separo, vejo que a pequena distância entre tua boca e a minha é a causa de todo o meu tormento. . . Dize, tu me compreendes?

Enquanto ela falava, Adônis, extasiado, dizia mentalmente: "Vinde, filósofos do mundo, e ouvi dessa boca ignorante a mais sublime definição do amor ! Oh, Astaruth! Como és sublime!"

E, em voz alta, respondeu sorrindo à pergunta da sua namorada:

— Sim, querida, compreendo-te algo.

— Tu ris de mim porque não sei falar bem. Não importa, podes rir; um dia saberei expressar-me melhor.

— Mulher angélica, onde estavas oculta?

— Estava adormecida, e tu me despertaste, ó meu Príncipe Encantado! ... Porém, dize-me, querido, tu me entendeste?

— Sim, Astaruth, sim, tudo, tudo.

— Então, tu me amas?

— Sinto que te amo com ardor. . .

— Bem, esta é minha última pergunta — e interrompeu-se para explicar: — Que noite tão curta!. . . Agora dize-me: Não haverá para os que amam um estado mais refinado e isento de ansiedade e de tormentos?

Adônis a olhava com interesse.

— Não, Astaruth, porque quando os namorados estão isentos de tormento e ânsia, o amor não existe mais para eles, pelo menos tal qual nós o conhecemos.

— Então ficarei aqui.

Ao ouvir estas palavras, o "jatib" objetou em tom de brincadeira:

— Aqui não podes ficar. Olha a luz do dia...

— É verdade... Já me vou. . . Dá-me um beijo. . . Até logo...

E desapareceu como uma sombra diante da aurora.

CAPÍTULO XVIII

À BEIRA DO PRECIPÍCIO

Adônis passou aquela manhã sonolento e indisposto pela falta do sono. Estava pensativo e procurando encontrar uma solução para o problema que o preocupava. Ao passo que Astaruth, desde às 7 da manhã, montava seu cavalo árabe e dirigia os trabalhos, na ausência de seu pai. Os dois almoçaram juntos, ela alegre e ele pensativo. Depois do almoço, disse Astaruth:

— Desejo dormir um pouco. Queres velar o meu sono?

— Eu também estou com tanto sono que mal posso suster-me de pé.

— Então vai dormir, para poderes velar à noite.

— Como? Também vais esta noite? — perguntou ele, num tom sério.

Ela riu e disse:

— Eu saberei regular esse assunto.

— Por Deus, Astaruth, volta a ti, não sejas louca! Isto já é arriscar demais.

— Não te assustes — retrucou ela, beijando-lhe a mão. — Agora deixa-me dormir.

E abandonou o aposento.

* * *

Às 7 da noite, ambos jantaram no refeitório particular e passaram logo ao salão privado da família. Ele quis sentar-se numa cadeira, mas ela o conduziu para um divã, um sofá oriental, comprido e largo, onde ele sentou-se e ela deitou-se, repousando sobre o seu regaço a sua linda cabeça.

— Este será meu colchão por esta noite — disse ela, sorrindo.

— E eu velarei, não é assim?

— Quem te disse que vou dormir?

E com modos próprios de mulher, começou a fazer perguntas triviais e, às vezes, tolas. Outras vezes falava de angústias e dores, mas ele a acalmava com abraços e beijos.

— Adônis, que tem teu hálito?

— Meu hálito? Não sei o que queres dizer. . .

Juntou sua boca à dele e permaneceu nesta posição por um momento, aspirando com prazer e com toda a força dos seus pulmões, enquanto ele esvaziava todo o ar contido em seu peito nas narinas e na boca de sua amada.

— É algo surpreendente! — exclamou Astaruth. — Várias vezes, por casualidade, tenho aspirado o hálito de algumas pessoas, como meu pai, minhas primas, meu primo que pretende ser meu esposo e outras pessoas mais, e sempre senti repugnância. Até mesmo procurava reter a minha respiração para não aspirar a deles. Contigo sucede precisamente o contrário: aspiro teu hálito com todas as minhas forças e nunca fico satisfeita. . . Quisera explicar-te o que sinto: produz-me um doce formigueiro na espinha dorsal, desde a nuca até a ponta dos pés, acompanhado de um estremecimento ou cócega, que me obriga a erigir o busto involuntariamente, como quem procura trocar uma posição desagradável por outra mais cómoda, que, entretanto, não encontra. É como alguma coisa que esperamos intuitivamente e, como não vem, volta o corpo novamente ao estado primitivo, como se esperasse outra carga. .. Por isso, eu te pergunto: — Que tem o teu hálito?

Adônis, que experimentava sempre aquela sensação, nunca havia pensado em dar uma definição tão clara e precisa, como a que acabava de ouvir. E agora, mais do que nunca, percebia a proximidade do perigo. Sentiu que seu sangue fervia em suas veias e que uma onda de calor invadia todo o seu corpo. .. Quis morder as rosadas faces de sua amada e absorver seus lábios provocantes.. . Sentiu o desejo de apertar com todas as suas forças, em seus braços, aquele corpo delicado. Tremia e batia os dentes como se estivesse no paroxismo. Sua respiração se tornou lenta e fatigada. Seus olhos quase fora das órbitas estavam cravados nos dela, e mais pareciam duas centelhas ou duas brasas ardentes. Nunca na sua vida tinha se sentido tão atraído para uma mulher, como naquela

ocasião. E, enquanto se debatia em terrível luta interna, Astaruth olhava-o silenciosamente.

Os lábios de Adônis tremiam, pedindo, na linguagem da paixão, outros lábios. E, pela primeira vez na sua vida, iam dar o verdadeiro beijo, o beijo que aniquila, o beijo que derrete o coração, o beijo que, com letras de fogo, traça nas frontes o drama e a tragédia eternos. Sentia Adônis que estava à beira de um abismo e que milhões de mãos o empurravam para o fundo. Enquanto isto, uma voz silenciosa dizia-lhe: "Aproxima mais um passo, um passo só, e a vida será tua, será teu o mundo, será teu o prazer."

Seus dedos crisparam, sua cabeça se inclinou para dar aquele beijo que abre as portas da paraíso a todo homem que veste um corpo de carne. Mas para Adônis aquele beijo seria fatal, pois fecharia para ele as portas da Iniciação, na presente vida. Porém, o homem nunca é abandonado nos momentos decisivos de sua existência. E, neste momento, uma voz interna se fez ouvir, dizendo-lhe: "Cuidado! Retrocede! ..."

Em tempo se deteve Adônis. E o prazer deixou escapar sua presa. O demónio perdeu a partida.

* * *

Há pessoas que julgam o demónio muito astuto. Pode ser. Mas aqui o anjo mau se portou como um estúpido, um tolo. Se, durante a luta interna de Adônis, tivesse sugerido a Astaruth que lhe oferecesse um daqueles beijos que ela tanto apreciava, até agora estaríamos ainda ouvindo a gargalhada vitoriosa de Satã. Mas desta vez falhou a estratégia do demónio: atacou pelo flanco direito, mas esqueceu-se do esquerdo. E graças ao seu erro estratégico, Adônis pôde contra-atacar e repelir o inimigo, retrocedendo a tempo, antes que fosse tarde demais.

Adônis triunfou sobre seu desejo, mas não sobre sua excitação. Sentiu o ardor da fogueira, mas não se precipitou nela.

* * *

Com ternura e suavidade, obrigou Astaruth a sentar-se, dizendo-lhe:

— Senta-te, linda, um momento.

— Que tens? — perguntou-lhe ela, vendo a fronte do seu amado banhada em suor.

— Não é nada de importante. Deixa-me descansar um pouco.

Ela obedeceu com a docilidade de uma criança, enquanto ele meditava no perigo que acabava de evitar.

No silêncio completo que reinava, passados cinco minutos, a calma voltou ao agitado corpo de Adônis. Aprumou-se e ia dizer algo à sua companheira, porém sentiu como se uma garra se lhe cravasse na medula espinhal e procurasse arrancá-la. Deu um grito surdo e caiu sobre o tapete do salão, presa de dores atrozes. Astaruth precipitou-se, solícita e alarmada, para socorrê-o. Ele contorcia-se de dor, como se já sentisse a agonia da morte. Era tão violento o seu sofrimento, que ele a desejava e chamava a cada instante, pois era mil vezes preferível morrer do que suportar tamanha dor.

Astaruth chorava, abraçava-o, beijava-o e chamava-o angustiosamente. Porém ele, apesar de tudo ouvir e tudo ver, nada podia responder. Quanto tempo durou esta angústia? Para os dois namorados, foi uma eternidade.

Finalmente cessou a impressão de descolamento, mas foi substituída por uma sensação igual a que produziria um ferro em brasa, introduzido na espinha dorsal, debaixo para cima, queimando-lhe vértebra por vértebra. O suor banhava todo seu corpo; olhava para a sua companheira desesperada e, apesar da suprema dor, tinha conhecimento perfeito do lugar onde se achava. Compreendia que a sua situação, se fosse surpreendido a sós com ela, seria horrível.

Fez um esforço para sentar-se, ajudado pela jovem; cruzou as pernas e endireitou o busto, forçado pela dor. Teve a sensação de que o fogo que torturava suas vértebras chegava agora à sua cabeça e se desvanecia. A dor continuava, porém com menos intensidade.

Uma palidez mortal cobria o rosto de Astaruth, e Adônis, para acalmá-la, beijou-a na fronte com todo o carinho da sua alma. Ela tranqiiilizou-se um instante e logo o acossou com perguntas que sua angústia lhe ditava.

— Ouve! — disse-lhe Adônis — não posso explicar-te o que se passou comigo, pois é a primeira vez na minha vida que sinto tal coisa. . . Porém acredito que, para o bem de ambos, não deves aproximar-te muito de mim.

— Fui eu a causa? — inquiriu ela em tom triste.

— Não, não foste a causadora. A causa está em mim mesmo.. .

Calou-se Astaruth, sem nada ter compreendido, mas, pela primeira vez, não se atreveu a fazer perguntas para satisfazer a sua curiosidade.

Acabava de se passar com Adónis um fenómeno misterioso, que constitui uma fase importante da iniciação: o despertar de Kundalini, a serpente de fogo que, segundo a filosofia tantrica, dorme na base da espinha dorsal, no "chacra" fundamental ou plexo sagrado.

* * *

Cinco dias se passaram.

O amor da moça aumentava com as horas que se passavam. Porém já não era o mesmo amor de antes. Já não formulava aquelas perguntas carinhosas, pois o seu amor estava envolto numa cortina de tristeza. Amava, porém calava.

Adônis interrogou-a várias vezes sobre a causa do seu pesar. Ela sorria tristemente e levantava os ombros como se dissesse: "Não sei."

Porém, esta tristeza mudou o demónio em anjo. . . Desde o primeiro beijo que recebeu de Adônis, Astaruth, a mulher altaneira e orgulhosa, caprichosa e impetuosa que era, se transformou na doçura encarnada. Um dia disse a Adônis:

— Agora estás sempre presente diante dos meus olhos. . . Ontem ia castigar um lavrador por uma falta que havia cometido e, ao levantar o braço, senti que a chicotada ia recair em teu rosto e me detive.

* * *

Os servidores da casa não sabiam a que atribuir uma mudança tão profunda no caráter de sua ama e já em seus corações pressentiam a alvorada do carinho que nascia para aquela que antes odiavam.

Na véspera do regresso de Jadallah Bey, Astaruth não quis separar-se de Adônis um só instante, como se pressentisse algum acontecimento funesto. Naquele dia, fez-lhe muitas perguntas, como esta:

— Adônis, crês na reencarnação?

— Sim.

— Então, não quero nascer drusa outra vez.

Compreendeu o "jatib" a causa da reflexão de sua amada e respondeu:

— Querida, o mal não está em nascer druso ou cristão, mas sim na falta de compreensão da Lei Natural.

— Que é a Lei Natural?

— É a lei do coração.

— É verdade. — E calou-se para acrescentar logo, como se falasse consigo mesma: — E toda lei que não sai do coração deve ser falsa.

Astaruth sofria. Adônis começou a sentir por ela um amor diferente de quantos havia sentido ou poderia sentir. Amava-a como o pintor ama a sua obra prima e o poeta a sua melhor composição, porque sentia que ela era sua obra; havia modelado sua alma e feito dela uma obra de arte de grande beleza espiritual.

O Iniciado não pode se entregar ao amor de uma mulher, porque o seu amor pertence à humanidade; mas se ela o amar, ele fará de sua alma uma obra sublime, como o escultor genial, de um bloco de mármore informe, faz surgir uma estátua magnífica.

* * *

— Amanhã chegará meu pai. Como poderei viver sem ti?

— Isto preocupa a mim também e até me sinto culpado perante ele.

— Não digas tolices! — atalhou ela. — Culpado, tu? Culpado de quê?... De qualquer maneira, não discutamos agora esta questão de culpabilidade e procuremos um meio de nos vermos com a frequência de antes.

Ele calou-se como se não tivesse desejo de vê-la ou não encontrasse uma solução para o caso.

Astaruth, entretanto, continuava:

— Eu idealizarei algum plano. Direi, por exemplo, que eu quero aperfeiçoar os meus conhecimentos de francês e que tu poderás ser o meu professor.

* * *

Às vezes, Astaruth levantava-se bruscamente e chegava à janela, como se necessitasse de ar, e respirava profundamente para expulsar a opressão que comprimia seu peito. Logo voltava ao lado de seu namorado ... Lamentava-se:

— Maldita seja essa guerra que me corta as asas!. .. Além, além do horizonte pode-se viver sem leis.

Então Adônis acalmava-a com um abraço ou um beijo. .. Mas tudo o que Adônis fazia para vê-la alegre e feliz era em vão; ela continuava sempre triste.

— Não me abandones, Adônis! Tem compaixão de mim!

Escutando estas palavras, o "jatib" sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos, e murmurou:

— Se depender de mim, minha doce amada, eu te prometo que não te deixarei; porém, muitas vezes, há certas circunstâncias que pairam acima de nossa vontade...

— Deixa-me resolver este assunto; caso eu não encontre uma solução, eu mesma te direi: "Vai-te!", se até então eu ainda estiver viva...

— Astaruth, hoje tu te propuseste fazer-me sofrer...

— Sofrer! Sofrer!... Que é o teu sofrimento diante do meu próprio aniquilamento?

— Não me disseste, uma vez, que não se deve pensar na desgraça antes da hora? — perguntou Adônis.

— Quem te disse que estou pensando na desgraça? Isso nem sequer me inquieta.

— Então, em que estás pensando?

— Adônis ou a libertação!.. .

Estas palavras produziram em Adônis um frio de morte e a tristeza invadiu seu coração.

— Esta noite irei ao teu quarto — avisou ela.

Adônis não pôde responder: Sua dor e sua admiração paralisavam sua língua.

— Até logo, meu Deus.

E, como despedida, um beijo longo e profundo uniu seus lábios ardentes.

* * *

Naquela noite houve muitas lágrimas e inúmeras palavras de amor uniam os namorados.

Às 4 da manhã, ela deixou Adônis, que, apenas ficou sozinho, começou a sentir novamente as terríveis dores na espinha dorsal. Não tinha a agudeza e a intensidade anteriores, porém o forçaram a guardar o leito até meio-dia. Então ouviu o relinchar dos cavalos no pátio. Era Jadallah El Astrash que regressava de sua viagem.

CAPÍTULO XIX

DÚVIDAS E SOFRIMENTOS

Há quinze dias que o Bey está em casa. Mil pequenos ardis que lhe ditava a imaginação, Astaruth pôs em prática para poder ver Adônis. .. Ela sofria intensamente. Várias vezes quis confessar a seu pai a paixão que a consumia, porém temia que o autor de seus dias, irado, despedisse Adônis. Mas ela sentia que, longe dele, a vida era-lhe impossível.

Adônis, entretanto, via-se acossado por suas dores, embora, dia e dia, decrescessem em força. Muitos disseram-lhe que era reumatismo e que devia abster-se de carne, e ele tornou-se vegetariano.

Todos os de casa e todos os habitantes do povoado notaram a transformação sofrida por Astaruth e crescia a incerteza quanto à causa que a havia motivado. Ela tinha sido uma mulher cheia de orgulho, que, muitas vezes, nem sequer correspondia à saudação, e agora era ela a primeira a cumprimentar a pessoa, chamando-a pelo nome batismal.

Um dia assistiu, com seu pai, à celebração de um casamento pobre. Este fato chamou a atenção de todos. Até o pai, feliz e contente, observava a sua "nova filha" e a contemplava admirado. Porém, devido à sua superstição, nunca lhe perguntou a causa da sua regeneração, temendo que uma tal pergunta desfizesse o encanto.

Certa ocasião, Astaruth encontrou uma viúva que chorava a recente morte de seu esposo. Ela consolou-a um momento e, depois, depositou em suas mãos dez ou doze libras, que constituíam uma pequena fortuna. Aquela pobre mulher foi ao jornal do povoado e contou o sucedido, exagerando fatos, levada por sua emoção e gratidão. Pouco depois, todos saudavam a filha do Bey com um carinhoso sorriso nos lábios.

— Adônis — perguntou um dia Astaruth — qual é a maior felicidade do homem nesta vida?

— Fazer os outros felizes.

— É verdade! — confirmou Astaruth, e calou-se.

Instantes depois, em um tom de profunda dor, perguntou:

— Haverá alguém que possa fazer-me feliz?

Adônis sorriu e, maliciosamente, respondeu:

— Algum dia chegará esse homem.. .

— Olha, quando trocas o sentido das minhas palavras, tenho ímpetos de morder teus lábios até sangrarem.

E como Adônis risse, mordeu-lhe as bochechas e correu para a cozinha.

* * *

Dia de caça. Adônis atraiu a atenção de todos os caçadores e fez aumentar a admiração de Astaruth. Quando, à tarde, voltavam ao povoado, Adônis levava consigo quarenta e duas perdizes, que repartiu pelos menos afortunados da casa.

Não era costume dos drusos, por falta de perícia ou de técnica no esporte, abater a ave em pleno vôo: esperavam que pousasse para atirar. Adônis, ao contrário, com plena segurança e controle de si próprio, nunca disparava quando o pássaro estava no solo, mas com um grito obrigava-o a alçar o vôo e então atirava.

No dia seguinte comentava-se no povoado: — O cristão não é traiçoeiro para com a presa: ele a adverte antes de atirar ([1]).

Nesse dia, Astaruth recebeu em cheio o primeiro golpe desferido por seu pai contra a sua felicidade:

— Astaruth, tu estás dando demasiada confiança a esse "jatib". Vejo-te sempre ao lado dele.

— Que mal há nisso, papai?

— Nenhum. Porém, teu primo, teu noivo, não verá isso com bons olhos.

— Papai — suplicou ela, chorosa — se quiseres que eu viva alguns dias mais, não me fales em casamento com meu primo. . .

Cheio de surpresa, soou a voz do Bey:

— Por que, filhinha?

— Papai, por que dizer-lhe as razões? Nossas leis e costumes não as aceitariam. Então, por que amargurar-te e amargurar minha vida, explicando-te os sintomas de minha enfermidade, para a qual, no momento atual, não existe remédio?

— Isto quer dizer que algum dia poderá aparecer esse remédio?

— Talvez! — limitou-se a responder sua filha.

— Desde minha volta, Astaruth, noto que estás muito mudada! Por Hamsa, eu te digo que esta mudança me alegrou muito! Agora, todo o povo fala de ti, como de uma "ualie", uma santa. Todos os nossos servidores e trabalhadores morreriam para contentar-te... Fui ontem vigiar os segadores e foi incalculável a minha surpresa ao constatar que haviam colhido todos aqueles trigais em um só dia, ao passo que, no ano passado, a colheita durou dois dias e meio. E quando lhes perguntei como se havia operado aquele milagre, responderam-me: "Pela amizade que votamos à nossa ama. Juramos, pela manhã, não tomar alimento algum antes de terminarmos a nossa tarefa. . . Ah, Bey! A cada cinco minutos gritávamos: — Por Astaruth! — e o cansaço desaparecia."

Astaruth acompanhava com atenção o relato e uma torrente de lágrimas brotava dos seus olhos.

Ao ver chorar sua filha, o Cheik saltou do seu assento, ao mesmo tempo admirado e triste:

— Por Alá, Astaruth, que tens? Tu, tu sabes chorar? Deve ser algo grave... Filhinha, dize-me o que necessitas e o obterei para ti, ainda mesmo que tenha de ir buscá-lo no inferno... Dize-me, minha Astaruth, dize-me. ..

Astaruth, ao ver seu pai preocupado e desesperado como uma criança, ele que tinha passado toda a sua vida sobre o lombo dos cavalos e no meio do fragor das batalhas, ele que tinha sido criado entre o fogo das armas e o reluzir das espadas, sentiu-se tentada a revelar-lhe seu segredo. Teve a ideia de contar-lhe tudo. E ia já pronunciar as primeiras palavras, quando sua imaginação superexcitada lhe fez ver seu pai, com o revólver em punho, descarregando seus cinco projéteis no peito de Adônis. . . Deu um grito aterrador e ocultou sua cabeça entre as mãos.

O Bey moveu os ombros e permaneceu silencioso.

Instantes depois, sua filha voltou a si e disse:

— Perdoa-me, papai. Sou uma tola e faço-te sofrer sem motivo. Nada há que justifique este sofrimento. O que há comigo é que, por ora, não quero casar-me. Fora disso, nada necessito.

— Bem. Se é só isso, não te falarei em casamento por enquanto. Temos muito tempo para isso, porque tu és ainda muito jovem. Todavia... Estás satisfeita?

— Sim, papai, obrigada.

È consigo mesma dizia:

— Alguma coisa já consegui.

À tarde, sentada aos pés de Adônis, contava-lhe o sucedido.

No dia seguinte, Jadallah Bey perguntou ao seu secretário:

— Que se passa com minha filha, "jatib"?

Adônis olhou para ele calmamente e respondeu:

— Senhor, acaso posso eu saber o que tem a senhorita?

— Não, não é isso. Fiz-lhe essa pergunta porque noto que, quando está a teu lado, sente-se mais tranquila.

— É engano, senhor. Nem mesmo junto de mim está sossegada.

— Qual era o objeto da conversação entre ambos?

— Muitas, senhor. Falávamos de poesia, de literatura, de viagens.. .

— E de amores?

Adônis quis penetrar a significação desta pergunta e estudava atentamente os menores movimentos dos músculos faciais do seu interlocutor. E, com um riso forçado, respondeu:

— Ainda tenho necessidade de minha vida, senhor. . . Vós, os drusos, não quereis mudar vossas leis e costumes e eu não vim para fazê-lo. . . Entretanto, podeis estar tranquilo, porque o vosso "jatib" não abusará da vossa confiança, pois ele sabe até onde pode chegar e conhece sua posição.

Jadallah olhou para ele com carinho e falou:

— Olha, "jatib", lastimo que não sejas druso: eu te estimo e te aprecio. Primeiro foste o objeto da admiração do povo e agora o és da minha filhinha. . . Aristóteles falou-me de ti em termos muito elogiosos, dizendo, além disso, que és um sábio como ele. . . embora ninguém seja igual ao Hierofante. . . Não podes tu dizer-me a que se deve a mudança operada em minha filha? Deixei uma leoa e encontro uma ovelha. .. Que significa isso?

— Antes de responder, posso perguntar se sabeis algo sobre o paradeiro de Aristóteles?

— Creio que está atualmente no Líbano, porém não sei quando voltará. Agora responde à minha pergunta.

Adônis deixou de lado o seu livro de contas e, voltando-se para seu amo, disse:

— Dissestes que me apreciais, não é assim?

— Sim, é uma verdade.

— E por quê?

— Homem, não sei ao certo. Mas creio que é pelo teu proceder para com aquele pobre homem; pelo teu comportamento sempre correto e. . . por simpatia.

— Bem. E se eu lhe disser: "Jadallah Bey, fazei-me o fávor de emprestar-me, ou mesmo dar-me, uma libra", que é que responderíeis?

— Que é um favor insignificante para te ser negado.

— Obrigado. . . Agora suponhamos que a senhorita Astaruth, depois de tratar-me mal, depois de atentar contra minha vida, depois de ver que eu nunca vos dirigi uma queixa, nem a ela uma palavra de recriminação, apesar dos seus insultos, chegasse a apreciar-me, assim, como um parente. Eu então lhe digo: "Ouvi,

senhorita Astaruth: eu vos estimo e, por isso, dói-me muito ver-vos como objeto de ódio por parte dos seus servidores e de gracejo por parte do povo. . . A mulher deve ser uma flor que perfume o ambiente em que vive e aromatize todos os transeuntes. . . No seu coração deve morar a doçura e não o despotismo." Em seguida, procuro despertar nela os sentimentos adormecidos em seu nobre coração e digo muitas coisas mais, ..

Calou-se Adônis. O Chefe escutava-o com atenção e bebia com avidez suas palavras.

— Continua, por favor.

— Pois bem, se vós, um homem que passou toda a sua vida a cavalo e combatendo, um homem cujo coração — perdoai-me a expressão — está um tanto endurecido pelas circunstâncias e pelo ambiente, estimais o vosso secretário até o ponto de dar-Ihe uma forte soma em dinheiro, sem que ele nada vos pedisse, por que a senhorita Astaruth, que possui um coração muito mais sensível, pelo fato de ser mulher, para satisfazer a uma pessoa que a estima, não mudaria seu caráter, para ser o que deve ser?

— Mas, "jatib", é um milagre o que fizeste com minha filha! Quantas vezes procurei modificar o seu caráter, mas tudo em vão.

— É porque não soubestes encontrar o caminho do seu coração.

— Magnífico! Soberbo! Neste caso vou pedir-te um favor e, em troca, pedes o que quiseres.

— Senhor, as circunstâncias da minha vida me obrigam a vender os meus serviços, mas não os meus favores. ., Que desejais?

— Vê se podes convencê-la de casar-se com seu primo Ab- dullah...

— Sinto muito, senhor, mas isto não é possível.

— Por quê?

— Porque, para minha desgraça, vossa filha está enamorada de mim...

O Bey acreditou ter ouvido mal.

— Como? .. . Que dissestes?...

— Não vos assusteis, senhor. Está enamorada do vosso "jatib"...

Saltou Jadallah, empunhando o revólver e gritando:

— De ti, miserável cristão!. . .

Porém, ao terminar a frase, dissipou-se sua fúria, movendo a cabeça com tristeza e arrependimento.

— Escutai-me com calma, senhor.

— Perdoa-me, "jatib", és meu hóspede e, portanto, sagrado.

— Não, Excelência, isso não importa, porém ouvi o que vou dizer-vos. Quando Hamsa, a Luz, criou os drusos, criou também os cristãos, e se os primeiros vão contra os segundos, estão agindo contra os desígnios de Hamsa, que os criou. Que culpa tenho eu se Hamsa me criou cristão para vir servir a vós e vossa filha? Se eu sou culpado em qualquer coisa, não trato de fugir ao castigo. Além disso, tenho sofrido muito nesta casa e nunca me queixei a vós, nem mesmo a Deus. Portanto, não deveis pedir perdão a mim, vosso hóspede, mas sim a Hamsa, meu criador. Digo-vos estas palavras para que vos convençais de que não estou aqui por meu desejo nem por minha vontade, mas sim obedecendo a uma vontade superior, à vontade de Aristóteles. .. Porém, basta uma palavra vossa para que eu abandone vossa casa neste momento...

Jadallah Bey, arrependido e admirado pela franqueza de Adônis, quis dizer-lhe muitas coisas, porém só lhe perguntou:

— Como sabes tantas coisas da nossa religião, que ordena matar todo infiel que a penetra?

— Não é verdade, senhor. Vossa religião é como todas as outras: nunca ordena um mal.

Não sabendo o que responder, calou-se o Bey para que Adônis continuasse:

— Voltemos ao nosso primeiro assunto, pois não acabamos de falar a respeito de vossa filha, que me ama, mas eu não posso amá-la.

— Como não podes amar a minha adorada Astaruth? Quem és tu que não podes amar minha filha?

O Bey pronunciou estas palavras, fazendo esforços para conter-se, pois as palavras do seu secretário feriram sua dignidade e orgulho de pai e chefe.

— Sempre interpretais mal minhas palavras e, por isso, vos encolerizais.

— Então, que queres dizer.

— O seguinte: Primeira razão: vossa filha é drusa e eu um miserável cristão.

O Bey levantou-se novamente furioso, mas Adônis o deteve, dizendo:

— Não me refiro ao vosso insulto, senhor, mas sim à crença geral de vossa raça, que "um miserável cristão" não pode casar-se com uma drusa, embora no Líbano isto aconteça, como vós sabeis.

— Sim, é certo.

— Segunda razão — continuou Adônis — ou estou em sua casa na qualidade de servente e um servente nunca pode levantar os olhos para a sua ama. Terceira razão; eu sou um rapaz pobre e a senhorita é milionária. Quarta razão: eu não desejo morer agora, principalmente sabendo que minha morte não beneficiaria ninguém, pois sei que, se conquistasse vossa filha, vós me mataríeis com certeza. Quinta razão: eu não sou um traidor para abusar da vossa confiança e bondade e do conforto que encontrei em vossa casa, na qualidade de hóspede. Compreendeis vós, agora, as razões pelas quais não posso amar vossa filha?

O Bey se achava comovido pelas palavras do seu secretário. E falou como engasgado pela comoção:

— Como é irónico o destino! Cada vez que o homem decide alguma coisa, El Kadar, as circunstâncias, se levantam contra ele.

Adônis acreditou que o Bey se referia ao casamento de sua filha com o primo e tratou de consolá-lo.

— Não vos preocupeis, Bey, tudo sairá bem no devido tempo. Vossa filha se casará de acordo com os vossos desejos.

— Escuta, "jatib", haverá muitos cristãos que te igualem em nobreza?

Adônis continuou, sem responder:

— Ainda não chegamos à solução do problema. Amastes alguma vez?

O Chefe fechou tristemente os olhos e, com um amargo sorriso nos lábios, respondeu:

— Sim, Adônis — era esta a primeira vez que chamava o seu secretário pelo nome, e o fazia com carinho. — Amei e, por este amor, fui infeliz durante toda a minha vida.

— Perdoai-me. Não sabia que minha pergunta ia causar-vos tristeza.

— Não importa. Nessa tristeza há sempre uma grata recordação. Era jovem ainda, quando o Sultão Abdal Amid, depois de nossa guerra com a Turquia, convidou meu pai para ir a Constantinopla. Lá me enamorei de uma moça, que se apoderou de todas as minhas faculdades e sentidos. Era uma jovem pura e eu amei-a loucamente. Meu pai veio a saber e ef. ..

Ao dizer isso, o Bey levou a mão aos lábios e soprou sobre os dedos, continuando em seguida:

— De uma noite para o dia, ela desapareceu com seus pais e até com os móveis da casa.

Esta recordação de um fato passado há 30 anos, fazia sofrer aquele férreo druso. Adônis, que o contemplava detidamente, perguntou:

— Que fizestes, depois?

— Cala-te, homem. Quase me suicido. . . Porém, deixemos essas recordações: são brasas cobertas de cinzas.

— Não, senhor, sou forçado a avivar esse fogo para vosso bem e de vossa filha.

— Ah! É verdade. Estamos falando dela, Astaruth.

— Sim. Vossa filha nada deve saber do que conversamos, pois se chegai a perder

sua ilusão de amor é capaz de matar-se.

— Por Deus, "jatib"! Tu me matas!

— Efetivamente é dura a realidade. Porém, diante das contrariedades, devemos ser homens. Eu quis convencê-la com razões lógicas de que estava em erro, pois nunca poderei ser seu esposo. Porém ela recusou todas as minhas ponderações e vive unicamente da esperança. Agora, se quiserdes desfazer essa ilusão, não posso responsabilizar-me pelas consequências que poderão advir.

— Que devemos fazer?

— Eu pensei o seguinte: talvez o Hierofante Aristóteles não volte logo e, em vista do sucedido, eu não posso esperá-lo por mais tempo.

Vós o poreis a par de tudo e eu escrevo-lhe uma carta pedindo perdão pelo meu procedimento. E eu irei para sempre. . .

— Para onde?

— Procurarei o Emir Faisal, pois sei que está pedindo voluntários.

— Estás louco, "jatib"! Tua idéia é descabida. Primeiro: tenho que dar conta de ti ao Hierofante e entregar-te a ele são e salvo. .. Segundo: tu, com teu corpo tão delicado, não poderias fazer uma viagem através do deserto.. . Além disso, não serves para soldado.

— Porém, posso servir como escriturário.

— Terceiro: não quero que aconteça nada com minha filha. Deves ficar aqui até curá-la da sua loucura.

— E se não o conseguir?

— Depois veremos.

— Bem. Agora que já conheceis o nosso segredo, podeis dizer-me qual deve ser meu comportamento para com ela?

— O mesmo. Deves comportar-te como tens te comportado até agora.

— Combinado. Porém, pelo que possa suceder, quisera enviar uma carta ao Emir Faisal.

— Conhece-te ele pessoalmente?

— Não, porém minha carta será minha recomendação.

— Podes escrever a carta e eu me encarrego de enviá-la pela caravana que partirá dentro de oito dias.

— Obrigado.

— Mas peço-te — suplicou o pai — trata bem minha filha e não a faças sofrer.

[1] Na Montanha dos Drusos, a caça era uma necessidade, porque do contrário a população não poderia subsistir, em virtude da escassez de produtos alimentares. — (Nota do tradutor.)

CAPÍTULO XX

PREPARAÇÃO

Foram vãos os esforços de Adônis. Astaruth não se convencia ou não queria convencer-se, por melhores que fossem os dias e sua paixão aumentava, mas seu corpo ia se aniquilando lentamente. O Bey acompanhava em silêncio os acontecimentos e, com amargura, constatava que sua filha ia aos poucos se consumindo. Via como seu corpo delicado refletia os sofrimentos do seu espírito. Era visível também a dor de Adônis. O "jatib" indeciso sobre o que devia fazer, teve, afinal, este pensamento:

— Por que fazer sofrer esta moça? Não seria melhor alimentar sua esperança, em vez de matá-la, como estou fazendo?

Astaruth então começou a construir castelos de cartas em sua imaginação, e os oferecia ao seu amado. O maior deles era fugir para o exterior, depois de terminada a guerra, para se casarem e viverem felizes, longe das tradições drusas. Com essa esperança, a filha do Bey reanimou-se novamente, como a rosa que se murcha com o calor e recebe o orvalho da noite.

* * *

Enquanto Adônis estudava e amava, chegou Aristóteles. O "jatib" muito se alegrou pela sua tão esperada volta, mas ao mesmo tempo temia por sua iniciação. Quando se apresentou ao Hierofante, este o acolheu com ternura, dizendo-lhe:

— Muito me alegrou teu triunfo.

— Que triunfo, Mestre?

— O triunfo sobre ti mesmo e sobre os demais. Deves saber, Adônis, que uma só pessoa pode mudar a situação do mundo, quer para o bem ou para o mal. Compreendes o que fizeste? Primeiro, os fanáticos drusos, habitantes deste povoado, acreditavam que o "miserável cristão" não pode possuir nenhum mérito, por isso odiavam os que não eram drusos. Fiz tudo para modificar este

conceito, porém sem resultado, porque era necessário um sacrifício e tu foste a vítima. As forças superiores te haviam escolhido para semear no meio deste povo a semente do sacrifício e do amor. Logo esta semente será regada por todos e muito breve chegará o dia em que drusos e cristãos compreenderão que são irmãos. Além disso, teu sacrifício era necessário para redimir Astaruth, esse anjo de níveas asas que se achava preso nas malhas da ignorância e do ódio. Hoje ela voltou à sua pureza original e tu foste o lapidário que deu brilho a esse magnífico diamante. Cabe também a ela outro sacrifício e muito grande por certo, cujo objetivo é restituir a fraternidade aos drusos e cristãos. E está bem perto o dia em que tu, longe daqui, saberás que a mulher drusa já pode ser esposa do cristão e vice-versa.

— Então — perguntou Adônis, deslumbrado — devo eu casar-me com Astaruth?

— Não, meu filho, isto não seria sacrifício algum. Astaruth deve morrer por seu amor, para que os pais drusos compreendam seu erro. Deve ela sacrificar-se por suas irmãs de raça.. .

— Por Deus, Mestre! Não posso eu sacrificar-me em lugar dela?

— O sacrifício pode ser pela morte ou em vida. A ela corresponde o primeiro e a ti o segundo. Já te disse, desde o princípio, que tua vida será uma série de sacrifícios. Este é nosso dever, meu filho, e temos que cumpri-lo. Falta-te muito pouco tempo para a iniciação, pois o Fogo Sagrado, o Fogo Serpentino, o Fogo Criador, já rasgou tua espinha dorsal, abrindo o caminho que conduz ao pai. Tuas dores foram tremendas, porém tu as suportaste. Porém, daqui por diante, terás que suportar outras ainda, que são necessárias para chegares à meta. Ouve-me: o Mago deve sempre colocar-se no meio ,para poder sempre conservar o equilíbrio. Na política, na religião e nas ciências, o homem comum nunca se mantém no centro, nunca conserva o termo médio. Porque todo homem é um dos pratos da balança, porém o Mago é o fiel, o juiz que pesa as coisas segundo a Lei. Depois da iniciação, hás de ter muitos erros, porque teu corpo não pode responder ainda aos apelos do teu Eu Superior. Porém, quando chegares à Idade da Religião do Pai, então se despertarão em ti os efeitos da Iniciação Interna. Ouve-me, Adônis, e deixa-te de pensar em Eva e Astaruth. ..

— Perdão, Mestre — desculpou-se o discípulo com lágrimas nos olhos.

— Sabe que há uma terceira mulher que ocupará outra parte da tua vida. A primeira, Eva, fez nascer em tua alma o amor da arte. A segunda, Astaruth, te vigiará do outro mundo, dando-te saber e poder. E a terceira equilibrará, com suas orações, o teu saber e o teu poder. Todas três te são necessárias e servirão de escada para subires ao teu trono interno. Na atual condição do mundo a dor deve prevalecer sobre o prazer. Por esta razão, ninguém pode chegar à verdadeira iniciação a não ser por meio da dor e do sacrifício, que purificam as paixões e elevam os desejos.

"A dor dessas três mulheres por tua causa te conduzirá pelo caminho árduo e longo, ao passo que tua dor por elas será a luz que as guiará. Uma vez completamente livre de tuas cadeias, começaremos a tua iniciação, que será por meio do sonho. Todo conhecimento vem ao homem em estado de êxtase, em que ele se desprende dos seus sentidos. É então que o Eu Superior começa a agir por si mesmo em seu veículo próprio, livre de sua prisão: o corpo, e de suas cadeias: os sentidos.

"São três os mistérios da iniciação: 1.°) Donde viemos; 2.°) Onde estamos; 3.°) Para onde vamos.

"Explicar-te com palavras estes mistérios seria perder tempo. Tu deves ver e investigar por ti mesmo. Não devemos adiantar as coisas: em seu devido tempo, tudo compreenderás. Tens 30 dias de preparação, a partir de hoje. Todos os teus esforços devem ser dedicados à obra. Tua preparação consiste em três coisas: Trabalhar; Meditar; Acender em ti, cada vez mais, o fogo sagrado para queimar todos os detritos.

Continuou Aristóteles dando conselhos a seu discípulo pelo espaço de uma hora. Finalmente, entreeou-lhe certos trabalhos para 30 dias, despedindo-se com estas frases:

— Há certas escolas que aconselham matar as paixões e mortificar a carne. Teu caminho será outro, meu filho. Deves despertar em ti as paixões, escutá-las e refutá-las com a Sabedoria. Deves ser tentado várias vezes, e nunca deves fugir da tentação. Espero, à minha volta, encontrar-te preparado.

— Mestre, que farei com Astaruth?

— Ama-a. .. Adeus. .. Até a volta.

CAPÍTULO XXI

APETECIDO, PORÉM PROIBIDO

O primeiro amor é como uma semente: uma vez semeada, nasce, cresce e, com o tempo, se transforma numa árvore frondosa, onde se aninham as aves do céu. O verdadeiro amor é único. Porém, da unidade nascem todos os demais números. Adônis amou Eva como o poeta ama sua poesia e o pintor o seu quadro. Hoje sente por Astaruth um amor semelhante à do sábio pela sua teoria, criada por ele e incompreensível para os demais.

Porém, o mais surpreendente é que não encontrava diferença entre estes dois amores: amou Eva como o idealista o seu ideal, e amou Astaruth como o escultor a estátua que modelou. Eva tinha do amor a doçura e Astaruth sua tempestade e furor. Eva sofria calada e Astaruth falava para sofrer. Uma sofria com resignação e a outra com rebelião. A primeira queria que a vontade de Deus se cumprisse nela e a segunda queria cumprir a vontade de Deus no homem.

* * *

Naqueles dias, Jamel Bajá convidou a Damasco todos os chefes drusos, para tratar de alguns pontos importantes da política interna. Queria ganhá-los para sua causa, por temor do Emir Faisal, que, como o Simoun do deserto, onde combatia, repelia turcos e alemães, como sucedia com as dunas e colinas de areia.

Já dissemos que a Turquia temia também o leão druso.

Aquela reunião durou 20 dias e os chefes drusos regressaram com altas condecorações turcas. Jadallah Bey, como Chefe Geral da Montanha, obteve o mais alto galardão turco. Já não era Jadallah Bey, mas sim Jadallah Bajá el Pacha: com a condecoração de Majide primeiro.

* * *

Porém, que sucedeu durante sua ausência? Astaruth deu rédea solta ao seu amor. Adônis sentia crescer seu amor por esta moça que era obra sua. Ela não podia

dormir sozinha e, como Adônis não ia ao seu quarto, ela procurava mil pretextos e maneiras para ir ao dele. Entretanto, aquela jovem, que se consumia de amor, nunca havia maliciado os seus desenganos e baixezas. Adônis estudava todos os seus ademanes e palavras como se fora uma nova lição imposta por um mestre. E cada vez que descobria nela nova manifestação de amor, sentia que se cravava em suas entranhas uma seta dolorosa. Então dizia a si mesmo:

— Como poderei eu sacrificar esse anjo que me adora? Como poderei salvá-la do implacável destino?

E, ao pensar nisso, seu rosto se cobria de um véu de tristeza que fazia com que Astaruth se ajoelhasse a seus pés, beijando-os e perguntando:

— Sou eu a causa da tua tristeza?.. . Adônis, em que te ofendo? . . . Adônis, meu Deus, o meu amor é recente. . . Tem paciência um pouco mais e chegarei a desafiar todos os teus enigmas e segredos, adivinhando teus desejos para realizá-los, mesmo os mais insignificantes... Estás agora satisfeito comigo, meu Deus, dize-me?

Adônis chorava sangue interiormente. E quando a via tão amorosa e tão pura, com profunda dor pensava:

— Ai de mim!.. . Sou um ingrato.

Raras vezes ele dirigia-lhe a palavra, sempre preocupado com o futuro dela. Era Astaruth quem mantinha e orientava a conversação.

* * *

Uma noite em que ela estava deitada ao lado dele, na mesma cama, em silêncio, levantou-se bruscamente, dizendo:

— Adônis, não me disseste tu que Deus, o Ser Supremo, Criador do Universo, era a suma bondade?

— Sim, eu o disse, Astarutb.

— Então por que criou drusos, cristãos, maometanos, etc. e cada seita vai contra outra?

Adônis compreendeu onde ela queria chegar com tal pergunta e respondeu:

— Contemplaste alguma vez uma árvore?. . . Pois assim é a humanidade: cada raça é um ramo e cada religião uma folha. Todos estes ramos deviam trabalhar para dar o mesmo fruto e as religiões deveriam ser folhas da religião universal. Porém, desgraçadamente, os homens egoístas não querem pensar nisso e tratam de estragar o fruto com suas leis, seus costumes e seu egoísmo. E assim, Deus é bom e os homens maus.

Astaruth meditou um instante e exclamou com alegria:

— Meu amor, tu e eu havemos de praticar a verdadeira religião e ensiná-la aos outros. Então não haverá, para todos os homens, senão uma única religião que é o amor. E assim apagaremos as palavras "druso e cristão".

Adônis surpreendeu-se ao ouvir estas deduções; refletiu um instante e objetou:

— E se toda a árvore estiver carcomida?

Ela calou-se diante do peso da pergunta, mas logo solucionou:

— Semearemos outra.

— E onde está a semente?

— Eu e tu seremos a semente.

Adônis então recordou-se das palavras do Evangelho e do Hierofante e suspirou.

— Que tens, amor? Por que suspiras? — perguntou ela.

Ele replicou tristemente:

— A semente deve morrer primeiro, antes de dar frutos.

Astaruth emudeceu. Sua mente não podia compreender o alcance de tais palavras. Recostou sua cabeça no peito de Adônis e ambos guardaram profundo silêncio.

* * *

— Adônis, tu me amas realmente?

— Por que duvidas do meu amor?

— Não sei e até agora não tenho motivo algum. Porém, tuas relações com Aristóteles me aterram; ele é o único ser a quem respeito com medo. Cada vez que penso que és amigo dele, vejo-me no fundo de um vale e tu no pico de uma montanha. Não podes descer para mim nem eu subir para ti.

Meditou Adônis no poder intrínseco da jovem e sentiu por ela um pesar profundo e seu coração a amou mais. Abraçou-a fortemente como se quisesse defendê-la de algum perigo. E ela, como se tivesse sido invadida pelo mesmo temor, pôs toda a sua alma num beijo. Depois olhou atentamente ao redor, murmurando:

— Que horrível sensação! Senti um calafrio percorrer-me todo o corpo e tenho medo.

Adônis nada disse. Beijou-a triste e pensativo.

— Este teu beijo é diferente, Adônis. É um beijo de tristeza e de dor. Por acaso te molesto, meu Deus?

— Nunca, nunca, minha Deusa!

Astaruth tranquilizou-se.

* * *

— Adônis, tenho uma ideia...

— Qual é?

— Agora que meu pai está ausente, podemos fugir para a Palestina. . . Encherei de libras um alforje e, com seis cavalos de reserva, estaremos lá em quatro dias.

Sorriu Adônis, perguntando:

— Tens tanto dinheiro assim?

— Temos 18 boiões de querosene repletos de libras.

— És uma louquinha, Astaruth. Vais roubar por minha causa?

— Roubar? Por quê? A metade me pertence e eu só tomarei uma parte.

— Esqueces que esta fuga faria de mim um traidor, por ter abusado da confiança que teu pai deposita em mim? Não, Astaruth, porque mais tarde tu mesma reprovarias o meu procedimento. Além disso, creio que tu não te casarás com um covarde.. .

Aquela resposta fez a jovem voltar à realidade, depois de ter sonhado tanto. Meditou muito até chegar à seguinte conclusão: — Se

a fuga é uma traição, que seu namorado não quer cometer, e, ficando, seu pai não consente no seu enlace com ele, então sua felicidade junto dele é impossível. — Chegando a esta conclusão final, gritou cheia de profunda dor:

— Ai, Deus meu! Então estou sentenciada a morrer!

E caiu como se as suas próprias palavras a tivessem fulminado. Assustado, sem conhecer a causa do seu desmaio, Adônis correu a abraçá-la. Apertando-a nos braços, após muitos beijos e palavras ternas, ela voltou a si. Porém, despertou sob o domínio de duas dores: uma psíquica e outra física, ambas alojadas no seu coração.

— Adônis — disse ela, colocando a mão no lado esquerdo do peito — sinto aqui como se uma garra de ferro me arrancasse o coração.

— Não, minha linda, meu doce amor, não é nada.. . Oh! Astaruth, como me fazes sofrer! Tem piedade de mim e de ti. Teu desmaio me assustou. Que houve?

— Vi a realidade meu amor. Como não pensei nisto antes? Agora sei que a minha sentença de morte foi decretada, uma vez que tu não queres fugir comigo e meu pai não consentirá na nossa união.

— Querida, não disseste tu mesma que não se deve pensar na desgraça antes da hora?

— Sim, porém a perda da ilusão já é a própria desgraça.

Querendo aliviar seu espírito combalido, Adônis sentenciou:

— Enquanto o homem viver, deve esperar.

— Sim, enquanto o homem viver. . . Mas e aquela que já está com um pé na sepultura?

— Não digas tolices. Não posso suportar mais o teu sofrimento...

E as lágrimas contidas afogavam sua voz. Vendo como suas palavras torturavam Adónis, Astaruth reanimou-se um pouco para dizer-lhe:

— Meu amor, meu primeiro e último amor, agradeço tua ternura e perdoa-me... Ai!. .. meu coração!

— Vou levar-te ao teu quarto Astaruth.

— Sim, Adônis, porém não me deixes sozinha, sim?

— Não, meu amor.

Conduzíu-a ao seu quarto e deitou-a no leito. Ela tomou uma de suas mãos e suplicou:

— Deixa-me dormir um pouco. . .

Enquanto ela dormia, Adônis velava seu sono, sem atrever-se a produzir o mais leve ruído. Seu sono era fatigado e intranquilo. Quatro horas de sono aliviaram a jovem. Mas quatro horas de vigília, além da noite, aniquilaram Adônis.

Astaruth sofria horrivelmente, mas a dor de Adônis não tinha limites. Ver morrer lentamente aquela inocente menina que ele amava e que o adorava, sendo que sua morte estava resolvida e que nenhuma força humana, nem mesmo o seu amor, poderia salvá-la, era uma tortura que só mesmo um espírito forte como o seu poderia suportar.

CAPÍTULO XXII

A DOR DE VIVER

Desde aquela noite, Astaruth sentiu intimamente que a morte agitava em torno dela as suas asas negras. Todos os esforços de Adônis para afastar de sua mente tão funestos pensamentos foram inúteis. Astaruth era um desses seres que só amam uma vez na vida e só vivem do amor e para o amor.

Aquela manhã levantou-se tranquila, porém bastante abatida. Depois do café, disse ao seu "jatib".

— Adônis, quero pedir-te dois favores: um, que não te separes de mim um só momento, e o outro, que recebas o meu último alento...

— Creio, querida Astaruth, que procuras todos os meios de mortificar-te e, com isto, tu me matas, ó minha amada!

— Não importa, querido do meu coração... Será por pouco tempo. . .

— Cala-te, por Deus, Astaruth!

— Ouve-me, Adônis, tu me conheces muito bem. Eu nada temo e ninguém temo. Porém, hoje temo a vida e nada mais. Tu evitaste, o mais possível, a minha presença, porque sabias que o nosso matrimónio era impossível. Todavia, eu, louca de amor e obcecada por ele, construía castelos no ar, confiando demasiado na sua solidez. .. Agora, todos eles ruíram, como se fossem feitos de fumaça. Agora estou diante da realidade nua e cruel. Porém, mesmo que essa realidade acarrete minha morte, seja ela bendita, porque assim poderei tomar minhas medidas. Agora compreendo a causa do adiantamento da Europa: lá não existem separações impostas pelas religiões ou pelas raças. Ao passo que, em nosso país, cada família tem diversidade de costumes e até de religião. Nosso povo nunca progredirá.

"Mas, neste momento, quero esquecer-me de tudo isto para dedicar-me unicamente ao nosso amor. Meu amor por ti é como a respiração, sem a qual não posso viver. . . Teu amor é como o ar que aspiro e minha vida como o ar que

expiro. Necessito de ambos, pois com um só posso viver.. . Meu pai obriga-me a casar com meu primo. Sinto que este matrimónio seria como o ar introduzido artificialmente nos pulmões fechados: poderia prolongar por alguns minutos a existência, porém seria para mim a completa asfixia.

"Tu és tudo, és meu ar e minha vida. Teu hálito, ao penetrar nos meus pulmões, dá-me força para continuar vivendo e respirando. Tu não podes ainda fazer uma ideia de como te sou grata por me haveres proporcionado, embora por pouco tempo, a felicidade pura e completa. Muitas vezes, pergunto a mim mesma: "Como poderei recompensar o meu Adônis?" Porém, nunca encontrei nada digno de ti. O dinheiro, o deus do mundo, está muito abaixo de ti.

"Depois, pensei no amor e acreditei que, com isso, poderia recompensar-te.. Tratei, de viver tuas palavras e adivinhar teus desejos. Por isso, minha mudança de caráter foi radical! Porém, infelizmente, só agora compreendo que nossas raças, religiões e costumes se levantam entre nós como uma muralha tão alta que impede o passo livre ao nosso amor. . . Chegados a este ponto, eu me perguntei: Astaruth, que te resta na vida?" Nada!... Então resolvi dar-te minha vida.

"Não me interrompas, peço-te. . . Quero continuar, porque amanhã ou depois talvez não tenha tempo nem ocasião de falar. Assim, portanto, tenho que te dar minha vida, que me é muito preciosa quando estou a teu lado, porém sem nenhum valor quando me afasto de ti - .. Pois bem, se minha vida, longe de ti, nada vale, não serei tão estúpida a ponto de dar-te a minha vida quando estiveres ausente, sem mesmo ter a esperança de que voltes. Por esse motivo, pedi-te, há poucos dias, que recolhas o meu último alento. .. Tu me compreendes agora?..."

Adônis parecia desfalecer de dor. Em sua mente produziu-se um vácuo que o impedia de pensar e falar. Conteve seu pranto por alguns instantes, mas não pôde mais suportar e entregou-se ao mais profundo desespero. Chorava e falava:

— Não! não! Por Deus, Astaruth, por mim...! Não quero nada! Não quero a vida se te acontecer alguma coisa!

Admirada de vê-lo chorar, ela disse:

— Meu amor, agora sei que me amas de verdade.

— Vamos agora mesmo para onde quiseres, contanto que te veja sã e feliz... Ouves? Não quero ouvir de novo de teus lábios a palavra morte.. .

Depois de calar-se um instante, respondeu ela:

— Bem, queimarei o último cartucho. . . Agora vamos passear um pouco.

* * *

Caminhavam lentamente. Astaruth sentiu-se fatigada e disse ao seu companheiro:

— Não sei o que tenho agora. Sempre me falta a respiração. ..

— Voltemos para casa.

— Não. Prefiro sentarmos aqui, e descansarmos enquanto contemplamos este grupo de mulheres que lavam roupa.

Sentaram-se, apreciando as lavadeiras, enquanto uma delas cantava uma canção de amor.

— Adônis — propôs ela — por que não fazes uma composição sobre o nosso amor?

— É esse teu desejo?

— Sim, sim. Faze-a já.

— Bem, vou tentar.

Ela se alegrou e indicou logo como queria os versos:

— A poesia deverá ser muito sentimental, porém de um estilo simples, para que todos a compreendam.

— Ao teu inteiro dispor — concordou Adônis, alegrando-se por ver contente sua amada.

Ela olhou para ele com doçura e enviou-lhe um beijo com a mão.

— Quando me entregas a poesia?

— Agora mesmo. . .

— Como? Já está feita?

— Não, mas tu podes escrevê-la. Toma lápis e papel.

Radiante de alegria, Astaruth colocou o papel sobre seus joelhos e disse:

— Estou esperando.

Adônis meditou alguns segundos e, com melancolia, começou:

Do seio do amor,

Como uma flor

Se desliza Astaruth...

E ela o interrompeu, acrescentando:

...em busca de Adônis.

— Boa telepatia, querida. ..

— Continua, meu amor.

A voz dele soava triste:

Um dia, no caminho,

Se encontraram os dois.

Sombriamente, com voz repassada de tristeza, Astaruth terminou a estrofe:

...Porém um fatal destino

Impôs-lhes Deus depois.

Adônis, querendo dissipar a tristeza que embriagava sua amada, prosseguiu:

Confiam na sorte

Com férrea vontade.

E quis terminar com os dois seguintes versos:

Derribando a morte

Atrás da liberdade. . .

Porém, Astaruth adiantou-se, dizendo, como se exprimisse o sentir de sua alma:

Mas ninguém ante a morte

Possui liberdade.

Calou-se Adônis e protestou com doçura:

— Não posso mais, Astaruth. Tu me arrebatas a inspiração. . .

— Mas, em troca, tu me transmitistes, Adônis.

E, ao vê-lo mergulhado em sua tristeza, consolou-o:

— Não te aflijas, meu poeta. Algum dia, longe de mim, hás de continuá-la. Eu fico com estes.. . Agora, vamos para casa.

* * *

Ao terceiro dia, todos os trovadores do povoado, até os servos da casa, cantavam:

Em busca de Adônis,

Do seio do amor

Se desliza Astaruth,

Como uma flor.

Um dia no caminho

Se encontraram os dois,

Porém um fatal destino

Impôs-lhes Deus depois.

Confiam na sorte

Com férrea vontade.

Mas ninguém ante a morte

Possui liberdade.

Adônis não gostou. Quis recriminar Astaruth, mas não se atreveu, em vista do estado precário da sua saúde. Ela compreendeu e disse:

— Não queres a minha felicidade? Assim sou tão feliz!

CAPÍTULO XXIII

INICIAÇÃO

— Por Deus, Mestre, salvai Astaruth!

— Meu filho, ninguém poderá salvá-la. Deve consumar o seu sacrifício.

— Porém, eu me sinto responsável pela sua morte, perante minha consciência e perante Deus.. .

— Deus sabe o que faz. . . Entretanto, depois de tua iniciação, compreenderás o teu egoísmo deste momento. Por que queres impedir a felicidade desse anjo que volve para o seio da luz?. .. Acreditas ainda na morte? Várias vezes já te disse que a morte não existe. Não te culpo, meu filho, porque desde criança, inculcaram este erro em tua mente, misturado com o horror da morte. Precisamente em tua iniciação, deves morrer em vida para compreenderes o mistério da morte. Reconhecerás, então, que o homem não deve temer a morte, mas sim a própria vida.. . A vida, jovem, a vida é a causadora de tantas desgraças. Agora, tranquiliza-te a prepara-te. Já se aproxima o momento... Despe tua roupa e veste esta túnica de linho.

E Aristóteles passou sua mão direita, ao longo da espinha dorsal do discípulo, enquanto pronunciava umas palavras num idioma desconhecido.

* * *

— Abre esta porta! — ordenou.

Na biblioteca havia uma porta, oculta detrás de uma cortina, fechada com três cadeados. Ao abri-la, nada pôde ver Adônis, pois o aposento que se abria diante dele estava envolto nas mais profundas trevas. O Mestre perguntou:

— Tens medo?

— Não, senhor, uma vez que estais comigo.

— Mas eu não estarei contigo durante todo o tempo. .. Entremos . ..

Após um momento, tornou a falar:

— Esta é a porta do coração. Daqui tens que descer ao teu inferno.

Adônis sentiu que, dentro de seu peito, seu coração saltava. Porém não pronunciou uma só palavra. Começou, então, a ouvir uma harmonia de cantos suaves, como se viessem de muito longe, do centro da terra.

E caminhavam no sótão escuro; o Mestre, na frente, levava pela mão o discípulo, que vinha atrás. Adônis calculou o tempo decorrido em três minutos. Viu uma luz débil, morteira, e depois outras, porém todas débeis e pálidas.

— Estas luzes são as luzes dos teus conhecimentos. Vamos ver se podem dissipar tuas trevas. Agora deves descer sozinho, à tua natureza, por esta escada. Tem cuidado!

E com estas palavras, soltou-lhe a mão e afastou-se.

Apalpando na semi-escuridão, Adônis encontrou um corrimão. Começou a descer com muito cuidado, porém ao chegar ao último degrau, todas as luzes se apagaram. Quis continuar nas trevas e avançou, com lentidão e cautela, o pé direito, à procura do próximo degrau, mas só encontrou o vácuo. Estendeu bastante a perna, mas nada de degrau: tudo era vácuo. Sentou-se no degrau superior e começou a meditar nas palavras de Aristóteles: "Esta é a porta do teu coração. Daqui deves descer ao teu inferno. Estas luzes são as dos teus conhecimentos. Vamos ver se podem dissipar tuas trevas... Agora tens que descer só, à tua natureza, por esta escada. Tem cuidado!"

— Que natureza tão obscura e profunda! — disse o jovem a si mesmo. — Que devo fazer agora?

Pensou em regressar. Porém como, se a escuridão era absoluta?

— Que inferno tão escuro e silencioso!

Antes de terminar a coordenação dos seus pensamentos, ouviu um assovio igual ao produzido pelo vento de janeiro, quando penetra pelas frestas de uma janela. Escutava atento e o assovio aumentava. Compreendeu, então, que o tempo

passava em veloz carreira. Começou a chover. Sentia palpavelmente as gotas de água. Deduziu, portanto, que não se achava num aposento, mas sim ao ar livre.

— Também isso não pode ser — afirmou — pois as luzes estavam suspensas; logo havia um teto. Por conseguinte, a chuva e o vento deviam ser artificiais...

A quem devia dar crédito? A sua vista, aos seus ouvidos ou ao seu tato?

— Que fazer? Deve haver uma solução para este problema.

Subiu seis degraus, mas no último havia uma parede contra a qual se chocou. O medo ameaçou invadir seu coração e até mesmo começou a desconfiar desta classe de iniciação. Desceu novamente os degraus e começou a rememorar todas as cenas, desde o seu encontro com Aristóteles. Nunca, em seu proceder, houve um deslize que pudesse motivar desconfiança; esta, portanto, era infundada.

Continuava o vento com mais fúria e chovia com maior intensidade. Outra vez tratou de sondar o abismo, mas seu intento foi vão. Seu medo não era da morte, mas sim da escuridão.

— Da porta do coração ao inferno, à natureza — pensou. — Então estou na natureza agora, porque no inferno há fogo e aqui só há vento e chuva.

Neste instante, reboou um trovão formidável, que fez tremer a escada.

— Mais outro fenómeno.. . Seguramente estou ao relento e suspenso sobre um abismo... Já deve ser tarde.

Sentiu que seu corpo estava gelado pela chuva que caía e o vento frio que soprava. Esperar que chegasse o dia, naquele estado?... Isso seria muito longo. Quis o arrependimento invadir sua mente, porém logo raciocinou:

— Agora não é hora de arrependimento. Devo procurar uma solução para livrar-me desta situação embaraçosa.

* * *

A chuva e o frio aumentavam. O trovão ensurdecia. As horas passavam lentas e sombrias. .. Finalmente, sua paciência se esgotava. Mais de trinta vezes sondou o abismo e outras tantas apalpou a parede. Afinal, que estavam fazendo com ele?

Por que faziam-no sofrer tanto? Que relação teria este sofrimento com a iniciação?

Seu temor aumentou. O medo e o desespero invadiram, afinal, todo o seu ser. Quis gritar e chamar alguém. Porém a quem e quem o ouviria com semelhante tempestade? Talvez fosse um castigo preparado por Jadallah Bey, de acordo com Aristóteles.. . Mas por quê? Talvez devido às suas relações com Astaruth. Pobre Astaruth!. . . Ela, que acreditava morrer logo.. . Entretanto, ele trilharia primeiro que sua amada o caminho da eternidade.

E sua natureza humana reagiu diante do perigo. Mentalmente dirigiu um olhar retrospectivo sobre o seu passado. Desfilavam agora, diante dele, Aristóteles, Astaruth e seus pais, que estavam distantes...

— Pobres velhos! Como estarão agora? ...

A cada momento, interrompendo a corrente dos seus pensamentos, interrogava-se:

— Que fazer?

Se era Aristóteles quem o castigava, não poderia compadecer-se dele. Mas esta idéia não podia tomar corpo em sua mente, pois julgava Aristóteles incapaz de uma tal atrocidade.

Buscando no passado o motivo para tal tormento, meditava sobre sua conduta anterior.

* * *

Entretanto, as horas corriam. Ele se desesperava cada vez mais. A fome e a sede vieram aumentar seus padecimentos. Quis recolher um pouco d’água para refrescar sua boca e abriu os lábios para receber as gotas de chuva. Entretanto, nem uma gota penetrava em sua boca seca e ardente; contudo, a água molhava seu rosto e seu corpo.. . Absorveu então, desesperado, a água que havia ensopado sua camisa. Porém, isto aumentou mais ainda sua sede abrasadora.

Fome e sede?.. . Então havia já muitas horas que estava naquela prisão.. . Tratou então de imaginar e visualizar sua prisão. Meditava:

— Do quarto de Aristóteles parte um corredor que vem até aqui, onde deve haver um poço profundo. Na parede existe uma escada de sete degraus, onde colocam o condenado, até que morra de fome e de frio.. . Ao morrer, por si mesmo precipita-se no fundo do poço, onde permanecerá até o dia da ressurreição. ..

Meditava ainda:

— Poço?... Sim, deve ser.

E lembrou-se que, quando menino, se inclinava sobre o poço do pátio de sua casa, e ele respondia, com o eco, os seus gritos, e isto o divertia.

— Tiremos a prova!

E vocalizou fortemente.

— Eeeeiiii!

E o eco respondeu-lhe da mesma maneira.

— Agora estou convencido que é um poço.

Pensava:

— A chuva continua e a fome aumenta. . . Já deve ser dia e talvez muito tarde.. . Porém a cobertura do poço deve estar hermeticamente fechada. . . Morrer na escuridão deve ser horrível. . .

Começou a calcular o tempo decorrido. Para ter tanta fome, dois dias deviam ter decorrido, ou pelo menos um dia e uma noite, como naquela ocasião em que Astaruth o privou de alimentação.

— Seria capaz Aristóteles de matar-me de fome?. . . Não, não pode ser. Aquele homem tão bondoso, que se inclinou para desatar os cordões dos meus sapatos, não pode ter um coração tão cruel.

E pensava na tortura de morrer de fome. Sentiu que seu cérebro já não obedecia ao pensamento. Então teve receio de desmaiar e, pela perda da consciência, rolar para o fundo do poço. Segurou-se então fortemente ao corrimão da escada. E

meditava sempre. . .

Os trovões rugiam com maior estrondo. A chuva aumentava cada vez mais. E sentia a fome roer suas entranhas, com suas garras de ferro.. . Crescia sua fraqueza.

* * *

Agora já não tinha dúvidas. Seu fim era imediato... Alguns dias já teriam se passado, enquanto ele permanecia num tal estado de abandono. ..

Para ele não havia salvação possível. E voltou a recordar o seu passado.

* * *

Relatar esses fatos com poucas frases seria enganar o leitor. Aqui cabe a citação de um ditado árabe: "Não é o mesmo receber os açoites do que contá-los."

— Mas pode durar tantos dias uma tempestade? — perguntava ele a si mesmo. — Não, não pode ser. . . Então, o que é isso?

Meditou, tratando de resolver esse problema e chegou à conclusão de que não era uma tempestade, mas sim uma queda d'água, uma vertente que caía sobre aquele abismo, e que, devido à grande altura e à resistência do ar, as águas rolavam em forma de grossas gotas. Depois de tantos dias — pelo menos quatro, pelos seus cálculos — sofrendo fome, sede e mil torturas, depois daqueles dias que lhe pareciam milénios, lembrou-se de Deus. Então sua garganta ressequida deixou escapar uma gargalhada e um rouco gemido:

— Como é infeliz o homem! Nunca pensa em Deus senão nos últimos momentos da vida. Quantas vezes já pensei Nele durante todos os anos da minha miserável vida?... E depois a humanidade se queixa da morte e dos perigos... Deus sabe há quantos dias estou aqui, e eu só agora me lembro Dele.. . Vejamos com que cara vou me apresentar diante de Deus! E que Lhe direi, depois de tantos anos de vida?... Que presente digno Dele levarei?... Eu não tenho sido muito mau, porém nem tão pouco bom. Mas como descarregar a minha consciência de suas culpas?.. . Bem. .. Eu perdoo a Aristóteles por me haver encerrado aqui para matar-me. . . Perdoo a Astaruth o que me fez e peço-lhe perdão pelo meu procedimento para com ela... Perdoo a Turquia e a Jamel Pachá por haver-me condenado à forca. . .

Aqui se deteve, pensando como seria preferível ter morrido enforcado. Que são três ou quatro minutos de sofrimento em comparação com os dias de tortura a que estava submetido?

— Porém — refletia ele — que corpo tão duro o meu! Tantos dias debaixo de chuva e com esta fome torturante!. . . Dir-se-ia que a morte tem medo de mim. A morte. Que haverá após a morte? Que queria dizer Aristóteles com as palavras: "A morte não existe... deves morrer em vida. . . nunca se deve temer a morte, porém a vida"? Acaso teria ele morrido em vida e continuado vivendo? Ai! Deus meu! Basta de recordações de coisas passadas. . . Nestes últimos instantes, só devo pensar em Deus.

* * *

Apesar das trevas reinantes, fechou os olhos para não distrair-se de sua meditação. Então, recordou-se de uma frase lida em um dos manuscritos: "Deus está em todas as partes e, portanto, também no homem."

Apesar do frio e da chuva, inclinou a cabeça sobre o peito e meditou em Deus dentro do seu coração. É impossível fixar o tempo que durou aquela meditação. Sentia que ia adormecer. Acreditou então que era a morte, porém a morte em vida. . .

Estava já totalmente extenuado. Nunca na sua vida tinha sentido tão próxima a sua hora final. Já não tinha medo, pelo contrário, estava ansioso para desligar-se do seu corpo. Pensou em precipitar-se logo no abismo a fim de aproximar a chegada da morte, porém se deteve. E, aproveitando as suas últimas forças, gritou:

— Meu Pai! Em tuas mãos encomendo meu espírito!

Dito isto, como um fruto que se desprende de uma árvore, o corpo de Adônis se inclinou e rodou para o Abismo.

* * *

Que sucedia? Ele continuava pensando, vendo e ouvindo. É esta a morte? ... É assim que deve ser?. . .

— Mas que luz é esta?. . . Estarei no céu ou inferno? Não perdi o conhecimento

um só instante. Já não sinto frio nem fome. ..

Percebeu então que se achava num local iluminado. Levantou o olhar e viu que o aposento era de forma oval, como a cúpula de uma

igreja. Tudo brilhava como ouro puro. Havia ali um luxo oriental fantástico. Não pôde descobrir o teto, que se perdia nas alturas ou na escuridão. Sentiu que estava deitado num colchão muito macio:

— Isto não deve ser o céu nem o inferno. Onde estou, então?

E logo ajuntou:

— Afinal de contas, estou vivo ou morto?

Ao pronunciar em voz alta as últimas palavras, viu sair de uma parede uma mulher seminua; seu corpo estava coberto por uma túnica branca muito transparente, como se fora de cristal. Adônis contemplou-a com atenção e perplexidade. Parecia muito com Astaruth aquela mulher, mas não era ela.

Novamente pensou que estava morto e que essa jovem era a própria Astaruth, também morta. Atribuiu a sua vestimenta ao estado da sua alma no mundo dos espíritos. Mecanicamente, sem pensar nas suas palavras, exclamou:

— Pobre Astaruth! Tu também estás morta?

A mulher aproximou-se, com um sorriso zombeteiro nos lábios e disse:

— Não sejas tolo. Tu estás tão vivo quanto eu e os demais...

— Onde estou?

— Em minha casa.

Assentou-se a seu lado com maneiras de requintada "coqueterie" e disse:

— Já sei que vais me dirigir muitas perguntas e que terei que satisfazer tua curiosidade. Ouve bem: Tu foste condenado pelos drusos a uma morte horrível, não sei por qual motivo. Fiz todo o possível para salvar-te. Não me perguntas como, porque seria muito longo contar-te agora. Salvei-te para que me faças um

favor, e eu te gratificarei com generosidade. Antes de tudo, devo explicar-te o fato: Sou uma mulher maometana e casei-me com um homem que não gosta muito de mim, porém.. . o que está feito, está feito. Há alguns dias, tivemos uma séria desavença, na ocasião em que íamos sair para fazermos uma visita. Ele então, já fora da porta, muito aborrecido, fez o seguinte juramento: "Estás repudiada três vezes pelas quatro leis, desde o momento em que eu volte a entrar por esta porta..." Sabes o que significa este juramento?

— Sim, senhora — respondeu Adônis. — Já não pode viver com ele.

— És maometano?

— Não, senhora, porém estudei vossas leis.

— Alegro-me com isso, porque me evita o trabalho de explicar. — E continuou: — Depois, meu marido se arrependeu do juramento feito em um momento de cólera, porque agora não adianta arrepender-se. Aqui não temos o "Mufti", juiz religioso, para consultá-lo. Meu marido não pode voltar ao lar. Para que não me repudie, de acordo com a lei, devo casar-me novamente com outro homem, para poder voltar depois ao meu primeiro marido. Entendes?

— Sim, senhora. E escolheu-me para seu segundo marido, não é assim?

— Realmente. És inteligente. .. Como condenado à morte, eu te salvei e como forasteiro, posso gratificar-te para que saias do povoado imediatamente, depois de me repudiares em presença de duas testemunhas.

Adônis mal ouvia, pois pensava em coisas muito diferentes. Porém, ao ouvir as últimas palavras, desatou a rir.

— Por que ris? Estás louco?

Fazendo grande esforço para conter-se, respondeu:

— Quisera ser louco, senhora! Quá! Quá! Quá! A maior desgraça é o que nos faz rir.. . Não, senhora. Eu não posso prestar-lhe este favor. Entregue-me novamente aos meus verdugos.

— E por que, infeliz?

— Porque, senhora, eu não sou um escravo que se compra e vende. Além disso, tenho estado diversas vezes frente a frente com a morte e até agora nunca senti desejos de cometer asneiras.

Ela, então, acariciou-lhe o rosto com as mãos, dizendo:

— Por quê? Acaso não te agrado?

E deu-lhe um beijo ardente na boca. Adônis não se esquivou, porém não estava satisfeito. Para provocá-lo, ela se levantou e começou a exibir seu corpo à luz, convidando-o:

— Olha-me bem.. . Não sou feia. ..

— Não nego, senhora. Sua beleza me deslumbra e muitos homens dariam a vida por um beijo seu, porém eu não posso satisfazer seu desejo.

Vendo fracassada sua tentativa de conquista, a bela mulher voltou-se novamente para ele, sentando-se a seu lado. Houve um silêncio que ela rompeu, perguntando:

— Como te chamas?

— Adônis, para servi-la.

— Para servir-me e te negas a prestar-me um tão pequeno serviço?

— A senhora chama isso um pequeno serviço?! Como é infeliz a humanidade e como sou infeliz! Acaso o matrimónio, senhora, é um brinquedo de crianças, para ser desfeito assim, por uma estúpida cólera ou meia dúzia de palavras tolas? Até quando viverão na ignorância, sem querer compreender esta razão e esta lei? Saiba, portanto, senhora, que se eu me casar, seja pelas leis maometanas, drusas ou cristãs, será o matrimónio para mim sempre sagrado e minha esposa me acompanhará até a morte, seja ela boa ou má. É por esse motivo que eu não posso satisfazer seu pedido, porque, se me casasse consigo, nunca a repudiaria e teria que ser minha para sempre. ..

A mulher olhava-o perplexa. A dignidade com que falava Adônis a fascinava. Depois de uma pausa, disse:

— Neste caso, ficarei contigo sem casamento. Acaso o matrimónio consiste na bênção do Cheik ou do sacerdote?

— Em que consiste, então?

— Em quê? Na união do homem com a mulher no mesmo leito. Isto é o matrimónio e não outras tolices.

Dizendo estas palavras, a jovem abraçou fortemente Adônis, dizendo:

— E sendo assim, tu serás meu esta noite mesma e para sempre. ..

Quis o discípulo de Aristóteles livrar-se da prisão daqueles lindos braços, porém foi inútil seu esforço. Ela começou a murmurar em seus ouvidos doces palavras de amor, palavras quentes e fascinantes, beijando-o várias vezes na boca, com ardente paixão. Em seguida, começou a despir-lhe a túnica.

Adônis sentia-se desfalecer, pelo esforço mental no sentido de afastar os pensamentos excitantes. Tinha diante de si uma mulher formosa e insinuante, em um aposento isolado, em meia escuridão. Tudo isso aliado à sua juventude, era o suficiente para fazer qualquer homem perder o domínio. . . Porém há sempre, nestas ocasiões, dentro do homem, uma voz que adverte: "Cuidado!" E o importante é saber ouvir esta voz silenciosa. Adônis tudo fazia para resistir, ao passo que ela buscava novos meios de excitá-lo ainda mais.

— Sou tua! Tudo te darei! Abraça-me! Beija-me! E te darei a alegria, a felicidade e a fortuna! Tudo te darei, tudo, tudo. . .

Adônis respirava com dificuldade e começou a suar. Resistia à tentação, enquanto defendia a sua túnica: não queria que ela a tirasse. Ouvia a voz que lhe dizia: "Cuidado!" E ouvia também outra voz que insinuava: "Não sejas tolo! Aproveita a ocasião!"

A mulher tentadora o estreitava cada vez mais. A luz se tornava mais débil... O cérebro de Adônis representava uma cena confusa. Sua voz interna gritava com força: "Cuidado! Cuidado com o abismo!" Esta última palavra produziu sobre ele um efeito mágico: "Abismo!" Ele estava à beira de um abismo. . . E como se achava agora aqui? E repentinamente teve medo daquele colchão macio, temeu as sedas, temeu o luxo fantástico do ambiente muito mais que o abismo. Teve medo de si mesmo, mais do que da morte...

E de uma maneira brusca, quase selvagem desprendeu-se dos braços daquela mulher e deu um salto desesperado fora do leito. A luz se extinguiu por completo e Adônis se achou novamente na escuridão absoluta. Teve medo e perguntou a si mesmo: "Que me espera agora?"

Sentiu que sua natureza foi dominada. Porém, naquele mesmo instante, sentiu outra vez aquelas terríveis dores na coluna vertebral, como se sua espinha dorsal fosse atravessada por um ferro em brasa. Mas desta vez essa dor, segundo seu próprio dizer, era mil vezes mais intensa. Gritava terrivelmente, como um gato cuja cauda era esmagada. Procurou a cama para deitar-se, mas não a encontrando, rolou pelo solo, gemendo:

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

Sua voz foi-se tornando cada vez mais fraca, a ponto de ser quase inaudível.

— Ai... Deus. . . meu!

Quase não ouvia suas próprias palavras.

Quanto tempo permaneceu neste estado?.. . Há alguém capaz de medir a duração do desespero e da dor?

* * *

Passado algum tempo, segundos, minutos ou horas, começou a diminuir a dor. Pôde, então, sentar-se. Tateou com a mão e percebeu que estava sobre um tapete.

— Deus meu, como este corpo pode suportar tantos sofrimentos?

E logo, em voz alta, pronunciava a seguinte invocação:

— Deus meu! Encomendei-Te meu espírito e não quiseste recebê-lo. Agora peço-Te que me livres deste corpo e desta vida.

* * *

Sua voz produzia eco no aposento. Levantou-se para apalpar, às escuras, o quarto onde se achava. Mas neste momento ouviu a música de um canto coral ao redor de si. Logo se acenderam muitas lâmpadas, como se obedecessem a uma

mão invisível. Imóvel, procurava com o olhar os cantores. As lâmpadas foram aumentando em número e intensidade, até que o aposento ficou tão claro como a luz do dia.

Que viu então?

* * *

Era a câmara de visão. A parte inferior era a "sala cinzenta", decorada com essa cor tétrica, ao passo que a parte superior da sala era de um branco imaculado. Havia adornos de grande riqueza e valiosas jóias artisticamente cinzeladas. Cobria o solo um rico tapete persa. Aquela sala, por sua construção, dava a impressão de que os olhos viam um corpo humano, de pé, tal era o formato da parte interna do aposento.

O perímetro do oval inferior podia ter sete metros e a medida que as paredes se elevavam, suas dimensões se reduziam, até medirem apenas cinco metros. Dali para cima se estreitavam sensivelmente, deixando um espaço em forma de garganta ou colo, que conduzia a uma cúpula iluminada. Era, nada mais nem menos, o abdómen, a caixa toráxica, o pescoço e a cabeça. Cinco cinturões de lâmpadas estavam colocados em distâncias uniformes e cada um deles dava uma luz de cor diferente.

Na cúpula brilhavam outras duas cores diferentes. As lâmpadas não se acendiam todas simultaneamente, mas sim por meio de um fio de luz que corria de uma a outra e as acendia. Quando se iluminou o cinturão inferior, que dava uma luz vermelha, foi subindo o fio e acendeu as luzes alaranjadas, verdes, amarelas, azuis, à medida que avançava para a cúpula, onde brilhavam duas cores: rosa e violáceo. Todas as lâmpadas eram de espelho, na parte interna, de maneira a impedir que o facho se espalhasse. Todas se refletiam, portanto, na parte inferior da sala.

Da parede nascia uma escada de sete degraus, presos por duas hastes de ferro, fixas na parede. Os sete degraus se achavam suspensos no ar e, debaixo deles, havia um leito cómodo, sustentado por uma rede estendida e esticada por suas quatro extremidades, presas em quatro ganchos de ferro, cravados no solo. Do leito ao último degrau havia a distância de um metro ou um metro e quarenta centímetros.

* * *

O coro, com vozes suaves, continuava interpretando um salmo de Davi. Ao redor da sala havia treze tronos, em frente a cada um dos quais permanecia de pé um homem vestido com uma túnica amarela, exceto um, que vestia túnica branca. Este tinha seu trono assentado sobre sete degraus, ao passo que os dos outros doze, menos elevados, só tinham três.

O de túnica branca era Aristóteles. Diante do seu trono se achavam sentadas sete mulheres, vestidas com uma tela vaporosa, semelhante à da mulher maometana.

Adônis, estupefato e desconcertado, tudo observava em silêncio. Enquanto todos os presentes cantavam, o Hierofante contemplava uma esfera de cristal, em que se achava desenhado o mapa do globo terrestre.

* * *

Cessou o canto e, a um sinal da mão de Aristóteles, todos sentaram-se. O Hierofante levantou-se com uma majestade quase divina; levantou o braço e traçou no ar uma figura, como sinal de bênção. Adônis acreditou ver se desprenderem de seus dedos, raios de luz que iluminaram ainda mais o aposento.

Aristóteles levantou os olhos e falou:

CAPÍTULO XXIV

CERIMÔNIAS DE INICIAÇÃO

— Nós Vos damos graças, ó Ser Supremo! por nossa glória triunfante no coração do Vosso filho e nosso irmão Adônis! — disse o

Hierofante. O coro respondeu: — Glória ao Todo Poderoso no coração do homem!

— Irmão Adônis — começou o Hierofante — desceste pela porta de teu coração à tua natureza. Foste guiado pelos teus sentidos e conhecimentos terrestres. Porém, uma vez frente à frente com tua natureza, teus sentidos te enganaram, como a qualquer homem que pede auxílio ao seu egoísmo. As luzes dos teus sentidos, em vez de dissipar tuas trevas internas e externas, as aumentaram. Quiseste te apoiar na matéria, porém esta não te ofereceu apoio a não ser por poucos instantes. Teu desespero foi terrível, todos os teus sentidos te enganavam: vias trevas, escutavas furacões, sentias chuva e frio, dentro de um aposento relativamente pequeno, fechado e que se acha abaixo da superfície da terra, onde não podem, portanto, chegar as chuvas, os ventos nem as tempestades.

"A cada instante buscavas a solução dos teus problemas por meio do intelecto, porque confiavas, até há poucos minutos, como todos os homens, em tuas investigações e em teus sentidos. Foste submetido a várias provas para ver se tua natureza podia prevalecer contra tua vontade. Isto indica o grau de evolução a que chegaste nesta vida... Tiveste tuas dúvidas porque teu coração de jovem não está completamente livre de preconceitos. Entretanto, triunfaste galhardamente.

"Há dez anos que não temos uma casa semelhante, porque os neófitos se entregavam a suas dúvidas e as provas eram adiadas para o ano seguinte. Tu pudeste vencer a dúvida. O tempo, que te pareceu uma eternidade, era somente um; poucos minutos. Como deves recordar-te, às 11 horas em ponto foste introduzido pela porta secreta e agora são 11 horas e 35 minutos. Isto prova o engano a que teus sentidos te induziram e o tormento daqueles que se crêem no inferno...

O jovem iniciado não podia crer nas palavras do Mestre e chegava até a supor que ele, Adônis, não se achava no seu juízo perfeito. Aristóteles continuou:

— A água, o vento e os trovões estão em tua própria natureza. O fogo passional existe em teu inferno. Todos esses elementos, unidos a teu corpo terrestre, constituem teu corpo obscuro. A luz brota do teu fogo, mantido em teu corpo, altar do Eterno. Porém, para que a luz brote, como o diz a Bíblia "que a luz se faça", o homem deve eliminar, graças à sua férrea vontade, a fumaça do fogo. O único ser

que pode manter o fogo do altar é a vestal, a mulher. Era necessário que fosses tentado pela mulher, pelos seguintes motivos: 1.°) para que ela acendesse em ti o fogo; 2.°) para que tua Vontade eliminasse em ti a fumaça; 3.°) para que a Luz suba e te abra o caminho para os mundos superiores, onde deves penetrar com consciência. Talvez possas perguntar: "Para que são todas essas preparações?" — E eu te respondo: para chegar a ser um Mago, o homem deve possuir a Magia. E que é a Magia? É o saber para poder agir. O marinheiro sem bússsola não pode atravessar os mares e o Mago sem a consciência perfeita não pode penetrar no mundo invisível.

"Os homens acreditam que a Magia é poder sobrenatural. Elés estão equivocados e nós não podemos convencê-los do contrário. A Magia é a ciência da Lei Natural. Todo homem é Mago, porém nem todo Mago é consciente de sua Magia. Amar o próximo é uma lei. Perdoar e amar os inimigos é Magia, porque aquele que perdoa e ama é um Mago consciente da Lei. A Saúde é a Lei, mas curar um enfermo é Magia, porque o curador guia o doente no caminho da Lei. Tudo na vida é Magia, e Magia é saber agir segundo as leis cósmicas. De maneira que, para poderes entrar no mundo invisível, conscientemente, era necessário eliminar primeiro os entraves que te separavam dele, como a tua natureza ignorante e teu fumo sufocante. Então o fogo consome os detritos internos e a energia te abre o caminho em teu próprio sistema nervoso, que é a ponte lançada sobre o abismo que separa o homem do seu Deus interno.

"Em tuas provas não te lembraste de Deus senão nos últimos momentos, ao passo que o Mago começa e termina todos os seus atos, pensando sempre em Deus e guiado por Ele. Cada Mago deve ser um canal para o seu Eu Superior e, portanto, deve possuir um nome, cujas letras vibrem em harmonia com o Ser Interno.

"No batismo da água foste chamado Adônis, e hoje, no batismo do fogo, serás ADONAI. A Ciência Espiritual, chamada Magia, é a prática da Lei que rege o interior do homem. Para poder conhecer e praticar esta Lei é necessário penetrar o mundo interno e aprender em seus Colégios e Universidades. Para poder entrar no mundo interno ou invisível é necessário abandonar o mundo externo; como disse o Cristo, é preciso fechar as portas externas para ver o Pai.

"Todas as religiões têm o mesmo caminho, que é a meditação. Nós, em nosso Colégio, temos certas chaves, cujo mecanismo é certamente algo distinto que o das demais religiões, e são mais fáceis e mais práticas. Estas chaves são: umas para fechar o mundo exterior e outras para abrir o mundo interior. Agora, já que o fogo criador abriu o corredor que comunica com as sete portas de teu mundo interno, vamos fechar as externas para abrir as internas.

Quando o Hierofante acabou de falar, desceu do seu docel e se encaminhou para Adônis, que se achava no centro da sala. Seguiram-no as sete mulheres, desfilando uma a uma. Uma delas estendeu aos pés de Adônis um manto branco. Outra colocou uma cadeira, sem espaldar, sobre o manto, no meio certo. Uma terceira acendeu fogo num queima-perfumes. A quarta lançou sobre o fogo uma pastilha aromática. A quinta, que era a mulher maometana que o havia tentado, tomou-o pelo braço e fê-lo assentar-se na cadeira. As duas últimas esperaram perto do Hierofante.

Depois dessa preparação, cada uma colocou um altar em distâncias diferentes do neófito e sobre cada altar uma lâmpada acesa. Cada lâmpada tinha uma cor diferente, focalizada para o jovem, no estilo da lâmpada mágica.

Cada uma das mulheres sentou-se e o Hierofante permaneceu de pé atrás de Adônis. Os doze iniciados se puseram de pé... A fumaça perfumada que se desprendia do perfumador enchia o aposento. Os cinturões de luzes, colocados nas paredes, se apagaram sucessivamente. O aroma da resina começou a produzir seu efeito sobre o cérebro de Adônis.

Possivelmente Aristóteles deu algum sinal, pois uma vestal começou a cantar com uma voz muito doce e suave, vocalizando somente algumas sílabas, ao passo que um iniciado respondia ao canto com outras sílabas. Enquanto isso, Aristóteles continuava atrás do novo iniciado, com as mãos colocadas sobre a sua cabeça e invocava em voz baixa.

Adônis começou a sentir uma sonolência agradável. Não dormia nem estava acordado, sendo o seu estado muito semelhante àquele que os psicólogos chamam de "hipnagógico", que liga a vigília ao sono. O canto continuou ainda durante alguns instantes. Então ouviu-se a voz do Mestre que dizia:

— Meu irmão, desce comigo.

E, com uma das mãos, percorreu a coluna vertebral do jovem, desde o occipital até o sacro, detendo ali os seus dedos. Logo em seguida, acrescentou:

— Agora sim, já podes ver.

CAPÍTULO XXV

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS?

O SABER. — Adônis via claramente, apesar de ter os olhos fechados. Via a si mesmo, dentro de si mesmo. Clara e conscientemente recordava ou lia como quem sonha e tem consciência de que está sonhando. Via a si mesmo, porém não era o mesmo. É impossível descrever aquele estado com palavras. A única comparação que se pode apresentar é o reflexo de uma pessoa ou das coisas em um grande espelho. Tudo estava presente diante dele, embora as coisas percebidas estivessem longe. Via todo o conjunto nele ou era ele todo o conjunto? Não eram as coisas em si que ele via, mas sim a causa das coisas. Adivinhava ou percebia por intuição. Ele sentia:

Que era a "Luz" na "Luz" e a "Luz" no "sexo" e o "sexo" era O Todo que contém tudo.

Que todas as religiões têm a mesma origem e a origem de tudo o que existe está na Luz e no fogo, e a Luz e o fogo estão no sexo.

Que Deus, o criador, manifesta, pelos órgãos criadores, o fogo sagrado e a luz, que criaram o Cosmo e todas as coisas visíveis e invisíveis.

Que esta luz é a imortalidade da alma.

Que este mistério é a chave da Iniciação Interna, é a porta do céu.

Que a Luz é a panacéia da saúde, da felicidade e da santidade.

Que o homem e a mulher formam a divindade una, binária e triuna.

Que para ver Deus e falar com Ele, devem ser unidos por Ele e Nele.

Que quando se unem, Ele e Ela, pelo pensamento e pela sensação, forma-se a criação.

Que o verdadeiro Deus reside na luz do Fogo Sagrado e que a adoração a Deus deve ser neste Fogo.

Que todas as religiões, não podendo conservar a Luz do Fogo, procuraram simbolizá-lo por meio de milhares de símbolos e invenções mentais.

Que a verdadeira religião não está naquilo que o homem pode ver ou ouvir, mas sim naquilo que pode sentir sem os sentidos. E aquele que quiser chegar a Deus deve buscar o caminho da sensação e não o caminho da oração.

Que o único ser que pode dar ao homem a sensação é a mulher.

Que o homem, ao adorar a Deus, intuitivamente adora também a mulher, e esta o homem. O homem adora a mulher para produzir a sensação e a mulher adora o homem para gerar o pensamento.

Que o sexo é a força sensitiva que gera o mundo, o homem e a ação, para depois, pelo pensamento, regenerar o mundo e o homem, imortalizando sua alma.

Que o Universo se sustém e mantém pelo Fogo — Luz do sexo, como também pode ser destruído por ele.

Que o sexo condena e salva, regenera e destrói, segundo o uso, seja para a salvação ou destruição.

Que o salvador do homem ou do mundo é o sexo, assim como também é a perdição ou o demónio de ambos, mas o homem tem a liberdade de escolher entre a salvação e a condenação.

Que todas as religiões, ao adorarem Deus, sem o saberem, o estão adorando sob uma forma sexual e, como já foi dito, o sexo é o produtor do Fogo e da Luz, nas cerimónias, ritos e símbolos. E o propósito de todas elas é manter sempre aceso o fogo até obter a luz; os símbolos externos, com suas cerimónias, têm por objeto auxiliar a sensação e o pensamento, ambos debilitados pelos sentidos externos.

Que o instinto sexual é o impulso da Divindade Criadora, o pensamento apenas modula a criação em harmonia ou desarmonia, em bem ou mal, em anjo ou demónio.

Que a maior desgraça do homem e do mundo está na degeneração do impulso criador e divino pelo pensamento. Por este motivo, o homem que se fez Deus no Éden morreu.

Que assim como o sexo é a origem de todas as religiões, é também a base de todo esforço, afeto, amor, fé, caridade, compaixão, santidade, arte, poesia e de todas as coisas sublimes que a mente humana pode criar.

Que todo reino, poder e domínio nascem no impulso criador e, por sua ausência, se extinguem.

Que o céu é a Luz do sexo, o inferno é sua fumaça e a vida é seu fogo.

Que o amor é uma manifestação do sexo e Deus é amor.

Que sem sexo não há amor e sem amor Deus não existe nem pode existir.

Que o sexo, em sua fonte de manifestação, é puro como a luz; porém, como gratificação baixa, é ignóbil, e a nobreza reside no pensamento.

Que o sexo é a fonte de tudo o que é criado pelo amor. Porém, o amor não pode existir na impotência, nem a imortalidade na degeneração. Porque na degeneração não há aspiração, sem esta não há geração e sem geração não há regeneração. Com a pureza do sexo, o homem pode conceber o amor que o conduz a Deus, ao passo que, com sua impureza, fabrica um Deus que tem os mesmos desejos do homem. Os deuses vingativos, os deuses que castigam pelo pecado e pelo mal, são deuses impotentes, obra dos-homens, que chegaram à impotência sexual, e quem chega à impotência não pode ver a realidade única.

Que Cristo, Hamsa, Buda, Hermes, Zoroastro, nada mais são que indivíduos nos quais se manifestou a Luz Divina e esta Luz, em cada um deles, os transformou em salvadores do mundo.

Que estes Cristos virão pela segunda vez — segunda vinda em cada um de nós, isto é, que, depois da descida ao sexo ou inferno da geração física, elevam o princípio da geração à regeneração. Então se realiza o mistério da transfiguração do Cristo no Homem.

Que todo Salvador deve nascer de uma virgem (a Luz Inefável), Mãe pura e casta, antes e depois de dar à luz seu filho.

Que a adoração do sol é a adoração a Deus-Homem, como pai que funda seu fogo criador na natureza da mulher. E a adoração da lua é a da mulher que, como a lua, influi sobre o crescimento e geração dos seres vivos.

Que os sete anjos do Senhor são sete entidades celestes emanadas do Fogo Interno e residem diante do trono do Inefável, no corpo humano.

Que os doze signos são as doze faculdades da Luz que se encontram no homem, Salvador do Mundo.

Que cada Salvador é a personificação da Luz do Pai e todo homem, para salvar-se e ser Salvador, deve chegar à estatura do Cristo, isto é, chegar à fonte da Luz. Todos os elementos do mal se desencadearam contra os deuses, filhos do homem-Deus: fogo, ar, terra e água (o Dilúvio) se encontram no corpo, que se salvou graças à Arca de Noé (útero da mulher). A primeira coisa que Noé fez, ao sair da arca, foi acendi r o fogo sobre um altar para dar graças a Deus (acender o fogo sagrado no altar da mulher, para cumprir a missão de Deus).

Que o mistério da iniciação, com todos os seus símbolos, é o mistério do fogo e da luz, que faz o homem iluminado ou identificado com o Sol, isto é, que recebeu a luz e se converteu em Padre, como se intitulam os sacerdotes, ou Padres Sagrados. Pelo Fogo Sagrado todos os homens são filhos de Deus e, portanto, irmãos.

Que o batismo da água é a imersão do homem na mulher, pela geração, e o batismo do Fogo é a retenção do fogo em si para fazê-lo acender e produzir a regeneração; a imortalidade consciente é a Iluminação do Espírito Santo. O Pão é o símbolo do Sol ou Fogo-Luz do homem e o vinho no cálix é a mulher-mãe. O primeiro desce da espinha dorsal e o segundo se acha na matriz sagrada. E quando o Iniciado toma o vinho e o pão com seus discípulos internos, o Fogo do Espírito Santo invade todo o corpo e o filho sobe ao Pai, origem da Luz.

Que a invocação e oração dirigidas a Deus ou ao anjo é a vibração de um pensamento que produz certo despertar, avivando a Luz interna. Cada dia da semana, pela Lei harmónica, produz um avivamento do Fogo em um centro particular dos sete que se encontram no corpo. (A filosofia Ioga os chama "chacras": segunda-feira aviva o "chacra" frontal; têrça-feira, o esplêndido; quarta-feira, o faríngeo; quinta-feira, o umiblical (plexo solar); sexta-feira, o cardíaco; sábado, o fundamental (plexo sagrado), e, finalmente, domingo, o co-

ronário.)

Que o nome de Jesus significa o Sol e o nascer na gruta significa a matriz da mulher.

Que o caos onde nasceu Osíris é a mesma matriz feminina ou caverna do útero; portanto, a mesma história de Jesus se aplica a Osíris.

Que ísis e Maria, ambas a personificação dá mulher ideal, perfeita, podem dizer, cada uma de per si: "Eu sou a Deusa cujo véu nenhum mortal ousou levantar, porque sob o meu véu se acham ocultos todos os mistérios.

Que José e Maria, Isis e Osíris, Adão e Eva são os símbolos da Divindade e pais de todos os deuses, porque os dois produzem o Filho, símbolo da Luz.

Que Vénus, Ceres, Vesta, ísis, Maria, etc.. . . todas simbolizam a mulher, a lua e a água, que recebe a Luz do Pai para gerar o Filho, e os três formam a Trindade em todas as religiões.

Que o fogo usado em todas as religiões antigas e modernas é o símbolo do Sol e este é símbolo do Fogo Criador no homem.

Que a cruz é o símbolo da união do homem e da mulher, que é um ato de salvação.

Que o culto da Virgem Maria é a adoração ao aspecto feminino de Deus, que está sintetizado na mulher. O parto é a criação, o mistério incompreensível, que era atribuído diretamente ao Homem-Deus; e Maria, mãe de Jesus, é a figura de Vénus, Urânia, Maia, Prosérpina, Ceres, íris, etc.

Que o lírio nas mãos de José e, às vezes, nas de Maria, é o símbolo do filho que brota do seio da mãe, como brota a flor da terra e o lótus da água.

Que a vara de Aarão ou de José é o símbolo do Poder Criador.

Que Isis, Vénus, Maria, etc. têm o título de "rainha do Céu", como a lua que regenera.

Que a virgem deve, finalmente, pisar a Lua (elevar e dignificar o Poder Criador), para ser coroada com doze estrelas (as doze faculdades do Espírito).

Que os obeliscos e capitéis dos templos são emblemas do falo.

Que o Salvador, em cada religião, é Quem simboliza o Fogo Criador, que cria um corpo para ser habitado por uma alma e logo regenerá-la, porque tal alma tem a oportunidade de salvar-se por si mesma.

Que o Salvador (o espírito) vem ao seio da mulher por intermédio do homem, que é o representante de Deus, por intermédio do seu órgão criador e, por isso, a humanidade antiga era mais pura, porque no ato da procriação via unicamente Deus.

Que o falo é o signo da aliança entre Deus e o homem, por meio do rito da circuncisão.

Que quando o homem lança, vã e estupidamente, sua semente, nunca pode conhecer o Reino dos Céus, porque perde a substância sagrada para a produção do Fogo Criador, que o conduz a Deus por regeneração.

Que sendo o homem templo do Deus vivo, dentro deste templo deve habitar o Fogo do Inefável.

Que o nome de todos os salvadores são derivados e associados com o Fogo-Luz, criador, aquela Luz mística e espiritual invisível: Júpiter, Apolo, Hermes, Mitra, Baco, Adin, Buda, Krishna, Zoroastro, Fo-hi, Iáo, Vixnú, Xiva, Agni, Bálder, Hiram, Abiff, Moisés, Sansão, Jasão, Vulcano, Urano, Alá, Osíris, Ra, Bel, Baal, Neho, Serópus, Salomão, Jesus, todos eles têm um nome que indica relações com a luz e o Fogo Criador. Prometeu, por amor à humanidade, procurou atrair ao homem o fogo divino que o fez imortal, pois nem os deuses puderam destruí-lo. Porém, os homens egoístas tomaram o fogo divino e o empregaram para a destruição mútua e desafiaram os deuses, que não podiam destrui-los porque possuíam o fogo sagrado. Prometeu (Lúcifer), por castigo, foi encadeado a uma montanha, onde um abutre vinha devorar seu fígado (a natureza passional e emocional, que consomem o homem), até que um ser humano lograsse dominar o fogo (passional) e se fizesse perfeito. Esta profecia realizam-na Jesus, Hércules, Mitra, Krishna e todos os iniciados que salvam, pela regeneração, Prometeu, veículo do sexo, onde reside a energia solar.

Que todos os fogos dos altares são símbolos do Fogo ígneo do sexo, e assim como a chama consome o incenso, assim também o fogo sagrado, pela regeneração, consome a natureza inferior, espiritualizando-a, como a fumaça

perfumada que se eleva, como as nuvens ao céu, até o trono do Senhor.

Que o homem é o criador ou o gerador e a mulher é o elemento amor ou regenerador, e, por seu intermédio, pode o fogo subir ao altar para alcançar a Luz.

Que sem o contato da mulher não há manifestação divina. E que todas as religiões são a imitação e símbolo do homem com a mulher, a fim de poderem encontrar novamente Deus.

Que o objetivo de todas as escolas herméticas, antigas e modernas, e sobretudo a Iniciação no Colégio dos Magos, era e é regenerar o homem por meio da Energia Criadora Sexual.

* * *

Este é o resumo, que se pode relatar, do que sentiu e compreendeu Adônis, na primeira fase da iniciação: "O Poder do Saber."

O PODER DE OUSAR. — A segunda fase da iniciação corresponde ao ousar no terror. Adônis sentiu que se achava num estado de angústia indefinível. Encontrava-se frente a frente com sua consciência, enfrentando todos os seus atos do passado, que, com o correr do tempo, formaram um mundo separado dos demais, onde habitam seres de horripilante semelhança entre si. Porém, todos vivem e se alimentam em seu próprio ventre, devorando-o, como os filhos da aranha devoram sua própria mãe. O que sentia não era medo, nem terror, porém angústia e dor intensas. Tudo era trevas; não obstante percebia até os menores movimentos e detalhes daqueles seres. Naquele mundo tudo era destruição e remorso. Intuitivamente sentiu que todos aqueles seres formavam parte de seu ser e que o acompanhavam havia séculos e séculos.

Enquanto meditava, naquele estado desolador, subitamente apareceu-lhe um fantasma — empregamos esta denominação na falta de outra melhor — cuja cabeça era bem parecida com a do jovem iniciado. Aquela sombra estava coberta de formas capazes de fazer gelar o sangue do mais valente dos homens. Aquelas formas vivas emanavam cores e odores que horrorizavam: umas pareciam ganchos, outras serpentes, lanças; outras assumiam formas desconhecidas no nosso mundo terrestre. Aquele fantasma se arrastava como um réptil e ria de maneira infernal. Quem seria capaz de desenhar a figura daquele monstro? Que pincel poderia reproduzir o aspecto horrível daquele olhar? Porém, o terror de

Adônis chegou ao auge, quando ouviu dizer-lhe, aquela figura dantesca:

— Abraça-nos, Pai nosso, somos vossos filhos. . . Por que viestes a nós, se não quereis prodigalizar-nos o vosso amor e carinho? Por que temeis vossos queridos filhos? Vós sacrificastes todos os prazeres para fazer-nos uma visita. Vinde, Pai, vinde, nosso amor por vós é grande. Não nos credes, pai? Pois recordai conosco, consultai vossa boa memória: somos entidades vivas, nascidas de vós, e em vós vivemos. Somos filhos de vossa mente e de vossa vontade. Somos as sementes oriundas da vossa energia criadora. Olhai esta e vossa filha, a fornicação; este é o egoísmo, aquele é a ira; os outros são o ódio, o roubo, a gula, a mentira, a hipocrisia, a paixão. . . Ultimamente, pai, nos abandonastes para rasgar o véu das trevas e agora viestes ao nosso reino... Pedi-nos o que for do vosso agrado, pois somos os arquivos da vossa memória milenária e todos os mistérios das idades estão escritos em nós... Beijai-nos, querido pai!

E aquele monstro, ao mesmo tempo infernal e humano, arrastava-se para Adônis ou pelo menos assim o acreditava ele.

Há certos minutos de tempo que são mais longos do que a eternidade. Adônis se sentia desfalecer, mais de arrependimento do que de medo. Diante dele, desfilaram todas as suas vítimas de todos os tempos. Lia efetivamente naqueles seres demoníacos o seu passado e sentia que eram seus filhos e sua obra.

— Então, é este o inferno — dizia a si mesmo. — Estes são os demônios atraídos, por meus pensamentos, para esta região... Que horror!

— Tirai-nos daqui e voltai conosco ao mundo exterior, à procura do gozo e do prazer. Já temos sede e fome... — disse o fantasma.

— Jamais! É suficiente o que já fiz! — acreditou dizer Adônis. — Mas antes de terminar a frase, ouviu ele gritos desesperados que clamavam:

— Salva-nos destes tormentos!

Olhou e viu muitas almas desesperadas que estavam ali, condenadas por ele.. . E sentiu, então, que ele havia criado este inferno e nele havia colocado aqueles seres, por seus pensamentos e desejos.

Num primeiro impulso, quis correr para salvá-los. . . Porém, vendo a desigualdade da luta, começou a estudar um meio de anular todos aqueles males.

Enquanto pensava, via aproximar-se dele, cada vez mais, aquela aparição horrível que lhe suplicava um beijo e o convidava a voltar à vida material e mundana.

— Para trás! — julgou ele gritar. — Tu és minha obra e, assim como te criei, posso também destruir-te.

Ouviu, então, a voz interna que estava acostumado a ouvir. Elevou seu pensamento aquela voz silenciosa e invocou. Percebeu que de seu coração se abriu uma porta pela qual saíram seres de luz... e, ajudado por eles, empreendeu sua obra salvadora.

Não se pode dizer quanto tempo esteve dedicado a esses trabalhos ... O arrependimento e o amor foram seus guias, e começou a ver, pouco a pouco, a destruição daqueles seres demoníacos, quando dirigia para eles aquele manancial de luz que brotava do seu coração. Enquanto isso, lançava um olhar retrospectivo ao seu passado, desde o momento atual até a mais remota antiguidade do mundo. Tudo isto estava escrito no seu sistema nervoso do Grande Simpático e desfilava diante dele, como uma projeção cinematográfica.

Naquele inferno verificou a Lei que toda dor causada aos outros redunda em sofrimento para quem a causou, porque ali teve de identificar-se com seus habitantes, sofrendo as consequências dos seus atos. Foi horrível o tormento. .. Porém, a invocação e a consciência divina alivia toda dor.

Nesse mundo aprende o Iniciado como anular o trabalho dos magos negros, que utilizam os anjos das trevas para influenciar e dominar o mundo com as armas do mal. Muitos oferecimentos tem o aspirante nessa região: de poder, de fortuna, etc., se consentir em aliar-se ao demónio interno, porém a voz interna nunca o abandona.

Uma vez triunfante sobre essas tentações, o invadem sentimentos de justiça e sacrifício. Nessas esferas sente a dor causada por ele e busca o remédio para aliviá-la. Tem que salvar do tormentoso sofrimento as almas que, por sua causa,- sofrem, nesse lugar, o indizível. . .

Adônis via suas vidas passadas, que desfilavam como caravanas diante do seu olhar interno, com todos os horrores sofridos. Viu suas relações anteriores com Aristóteles, com Astaruth, com Eva, com seus pais, irmãos, amigos e inimigos... Em distintos lugares e ocasiões havia se encontrado com eles e com outros mais:

na Espanha, na França, na Grécia, no Egito, na Caldéia, na índia, etc.. . . A falta de espaço não nos permite relatar essas relações, que por si só constituiriam assunto para vários livros... Só podemos dizer que, em diversas vidas anteriores, Adônis e Aristóteles foram muito conhecidos no mundo do saber e da espiritualidade. Na Espanha, Aristóteles foi governante do país e Adônis foi um médico filósofo, cujo saber representou um importante papel na Igreja romana. . . Na França, como pai e filho, foram muito conhecidos no século VI. Na Grécia, Mestre e discípulo, no fim do século IV antes de Cristo. E assim sucessivamente nos demais lugares e países, sempre houve uma relação íntima entre os dois.

Adônis via tudo isso no seu sistema simpático que, como uma imensa, galeria, reunia todos os fatos desde o Génese até o momento atual. Tudo estava diante dele, porém não era possível trazer tudo à mente, nem guardar tudo na memória. Naquele estado assemelhava-se a um namorado que sente em seu peito o fogo consumidor da paixão amorosa, porém não pode expressá-lo com palavras, porque não as encontra adequadas.

E enquanto meditava na maneira de conservar na memória tudo o que se apresentava diante dele, produziu-se um fenómeno inesperado. Sentiu na raiz de sua espinha dorsal um movimento estranho. Depois julgou ver uma espécie de vapor que invadia aquela região e logo se transformava em fogo. Porém um fogo sem fumaça, como o produzido por uma centelha elétrica; e, fin-almente, este fogo transformou-se numa luz mais brilhante que a do Sol.

Intuitivamente compreendeu que aquele fogo-luz era emanado do seu sêmem e que ia se produzir um fenómeno desconhecido para ele. Sentiu uma profunda veneração por aquela luz-fogo e, com todo o amor de sua alma e do seu Espírito, a adorou... E compreendeu muitas coisas. Aquela luz foi subindo, perfurando sua espinha dorsal; porém, ao contrário do que sucedeu nas vezes anteriores, não sentiu dor alguma e sim uma sensação agradável.

Era aquela luz que dava vida aos anjos que pululavam nela ou eram os anjos que acendiam e formavam aquela luz? Ninguém poderá resolver esse problema, uma vez que ambos possuem uma só natureza. Aquela luz invadiu, por fim, todo o seu sangue e o novo iniciado acreditou ver, em redor de si, uma espécie de couraça luminosa que impedia toda relação com o mundo exterior. E quando desapareceram diante dele, como por encanto, todos os demônios e fantasmas do inferno, o jovem sentiu-se só consigo mesmo. Diante daquela maravilha, sentiu-se forte e valoroso, com uma penetração única para compreender as coisas e com

um atrevimento que nunca havia experimentado antes. Avivou-se sua imaginação de tal maneira que podia atravessar o passado e o futuro à vontade. Sentiu que era a fonte de uma saúde inesgotável e que era capaz de dar de beber a todo o mundo desta fonte, e ardia de desejo de o fazer.

* * *

A luz continuava subindo, por etapas, na medula.

Quando chegou à região do baço, Adônis começou a sentir e compreender o significado do equilíbrio de todo o sistema nervoso. Conselho, justiça e caridade foram as qualidades que se apoderaram dele. Ao mesmo tempo que se sentia uma fonte de saúde, julgava-se também depositário dos pensamentos puros, tendo o dever de derramar esses tesouros sobre todo ser. Não tinha mais necessidade de dominar as paixões, porque estas não existiam mais nele. Compreendeu que, neste estado, corpo, alma e Espírito se achavam em harmonia, sendo, portanto, fácil comunicar-se com seres que habitavam regiões superiores.

A luz subiu mais um grau, mais uma porta se abriu e brilhou um sol, iluminando o fígado e os intestinos. O talento brota na mente, adquirindo a prudência e a cordura. Este fenómeno se produziu como o despertar gradual para a compreensão, e logo começou a ver as formas do pensamento que foram as criadoras dos anjos e dos demônios.

* * *

Sempre subindo, a luz chegou no coração, que começou a brilhar como um sol. Aqui a vitalidade e a atividade mental aumentaram. E todo o sistema glandular iniciou um trabalho excessivo. Neste estado, Adônis percebia, com sua. mente, as coisas e identificava-as por suas qualidades. Diante da grandeza desse fenómeno, sentiu-se modesto e humilde. Agora podia concentrar sua vontade num só objeto. Sentiu a estabilidade, a perseverança, a paciência, a verdadeira fé e o equilíbrio entre a dor e o prazer.

* * *

Ao chegar a luz à garganta, abriu-se uma porta mais. Tudo o que se pode dizer deste estado é repetir o axioma: — "Quem sabe não pode falar e quem fala não sabe." Somente algumas palavras podemos dedicar às sensações externas e às

suas qualidades. Estimulou-se o seu sistema simpático, onde se acham as causas e os efeitos das coisas. Aqui reside o verdadeiro entendimento, a esperança e a generosidade. Aqui se despertam a lógica, a resolução, a veracidade, o agir corretamente; a harmonia no viver; a superação; o proveito da experiência e, sobretudo, o poder de estudar a natureza interna, ouvindo sempre a voz do silêncio, que guia o homem em todos os seus trabalhos e atos, sem equivocar-se jamais.

* * *

Quando a luz atingiu a metade da cabeça, abriu-se um olho, cujas pálpebras estavam cerradas e começou a ver o que nenhum olho humano havia jamais visto, e a ouvir o que ninguém nunca tinha ouvido. Sentiu-se dono de tudo e o Senhor dos espíritos e dos corpos.

* * *

Enquanto Adônis se achava contemplando e discorrendo, neste estado, experimentou algo parecido com um desfalecimento, sentindo-se logo identificado com a luz, e ambos, ele e a luz, se escaparam pelo vértice da cabeça. Era a luz, era o mundo, era a vida e o saber... Adônis sentiu que podia sair à vontade por aquela porta e voltar a seu corpo, sem interrupção.

* * *

Voltou agora a perceber o ambiente que o rodeava.

Abriu os olhos e viu o Hierofante, as sete mulheres e os doze homens ajoelhados ao redor dele, com profunda veneração.

Consciente do que fazia, levantou sua mão direita e traçou, sobre o grupo prostrado à sua frente, o mesmo signo que antes fizera Aristóteles. E viu que de seus dedos emanava luz. . .

AGIR E CALAR. — Uma vez todos sentados em seus lugares, Aristóteles disse:

— Adonai, tua iniciação foi completa e perfeita. Nosso dever foi ensinar-te o saber e ousar. Teu dever pessoal consiste em agir e calar. Não podemos aumentar uma só palavra mais ao que tu já sabes; não podemos tão pouco ensinar-te a agir e calar... O mundo está diante de ti e é aí que tens de agir. Já és um Criador e um

Construtor e o que deves criar tem que viver sempre.. . És Deus Pai, Pensador que cria. És Deus Filho, que recebe. És Deus Espírito Santo, que manifesta. Teu corpo já é um canal da Divindade. Procura não obstruir novamente este canal, para não impedires a manifestação do Pai em suas criaturas.. .

Ao terminar estas palavras, Aristóteles beijou-o na fronte e abra- çou-o com ternura. Em seguida, aproximaram-se, primeiro os homens, depois as mulheres, e beijaram-no na face. Quando chegou a vez da maometana que havia representado o papel de tentadora, esta lhe disse:

— Agora já podes beijar-me sem receio.

Riram todos e Adonai respondeu:

— Com muito gosto, irmã, porém em outra ocasião tem mais compaixão da tua vítima.

Riram novamente e Adonai interrogou:

— E que é feito desse suposto marido?

— Não é suposto, querido irmão. Tudo o que eu te disse é verdade. . . Só a tentação foi fictícia.

Recordando-se do juramento do esposo da maometana, Adonai replicou:

— Neste caso, teu problema está resolvido. Dize a teu marido que abra uma abertura no telhado e entre por ela na casa. Desta maneira não quebrará o juramento que fez de repudiar-te três vezes pelas quatro leis, no momento em que entrar novamente pela porta. E voltará a ti como marido.

Todos os presentes se admiraram do engenho e argúcia de espírito de Adonai, e a mulher, tomando-lhe a mão, disse:

— Obrigada, querido irmão e mestre.

Vieram depois as apresentações dos diversos membros da irmandade, com seus verdadeiros nomes e apelidos, bem como os nomes adotados. Eram de diferentes regiões e raças. Afinal, por uma porta secreta, penetraram na casa de um irmão que tinha mandado preparar um ligeiro almoço para todos.

CAPÍTULO XXVI

DESFILE DE ACONTECIMENTOS

Na tarde daquele dia chegou uma carta do Emir Faisal para Aristóteles, rogando-lhe facilitar a viagem de Adônis (hoje Adonai) através do deserto, até sua casa. Todas as despesas correriam por conta do Emir. Aristóteles comunicou a Adonai o desejo de Faisal. Após um instante de reflexão, o interessado respondeu:

— Tenho que cumprir uma promessa feita a Astaruth até...

— Até que, Adonai?

Adonai dirigiu a Aristóteles um olhar significativo, nublado por duas lágrimas que assomaram a seus olhos, escorrendo pelas faces. Aristóteles sorriu com ternura e disse:

— Tens razão, Adonai. . . Faze o que te diz o coração.

— Obrigado, Mestre. Parto imediatamente para o lado dela, pois sinto que me chama e necessita de mim.

O Hierofante moveu afirmativamente a cabeça e, com um triste sorriso, acrescentou:

— Sim, filho. Vai logo, ela sofre.

* * *

Chegou Adonai à casa de Jadallah Pacha el Astrash e não encontrou ninguém no pátio. Reinava em toda a casa um silêncio profundo que lhe fez pressentir algo funesto. Neste momento saiu correndo um jovem servidor e, ao passar por Adonai, disse com voz alterada:

— A patroa morre... Vou em busca de Aristóteles.

* * *

Dois dias haviam passado sem que Astaruth visse o seu amado. Estava desesperada e vivia com a eterna tortura de pensar que ele a abandonaria um dia. . . Perguntava por Adônis a cada instante e, por fim, responderam-lhe que estava ocupado com Aristóteles. Foi pessoalmente à casa do Hierofante; este não estava em casa e o criado lhe disse que, tanto ele como Adônis, tinham sido convidados para um almoço. Astaruth regressou ainda mais triste e desesperada. Cada vez mais, sentia que não lhe era possível viver sem Adônis. Agora, desligada dos seus sonhos românticos, experimentava a crueza da vida sem ele.

O Pacha, vendo-a triste, pálida e nervosa, quis evitar feri-la ainda mais e não lhe pedia esclarecimentos. Seu coração de pai sofria em silêncio; suspeitava o motivo da dor de sua filha, embora não tivesse plena certeza nem conhecesse os detalhes. Às duas horas da tarde, seu pai achava-se pensativo, em seus aposentos, quando entrou Astaruth. A mortal palidez de sua filha assustou o chefe druso, que lhe perguntou aflito:

— Que tens, Astaruth?

Esta, ajoelhando-se diante dele, respondeu:

— Pai, eu amo o "jatib".

O Pacha guardou silêncio, mas o tremor dos seus bigodes deixara transparecer sua cólera.

— Pai, se não me casar com ele, suicido-me.. .

— Seria 'preferível, filha de... — gritou ele encolerizado, mas antes de terminar sua frase estava ela no chão, desmaiada.

Então teve medo. Inclinou-se e ergueu, carinhosamente, seu corpo delicado e levou-a para o leito. Chamou todos os criados, porém ninguém conseguiu fazê-la voltar a si. Vendo que ela já estava sem sentidos há bastante tempo, mandou a toda pressa chamar Aristóteles. Poucos minutos depois, entrou Adonai, também pálido, porém sereno. Com um olhar penetrante e voz autoritária, ordenou:

— Retirem-se todos!

Somente o pai e a moça permaneceram na alcova.

Adonai aproximou-se da cama. Acariciou com a mão direita a fronte de Astaruth desmaiada e, com voz suave, contendo as lágrimas, murmurou:

— Vamos, Astaruth, desperta-te.

— Já estás aqui?

— Sim, querida.

— Não me abandonarás?

— Não. . . Eu te prometo.

Astaruth pareceu tranquilizar-se e, depois de alguns instantes de silêncio, voltou a falar:

— Tenho sono.

— Dorme, linda... Eu estou a teu lado.

Dormia a filha de Jadallah Pacha. Este e seu secretário saíram do aposento na ponta dos pés, sem o menor ruído.

Adonai, então, disse ao chefe:

— Senhor, mandai buscar um médico em Damasco.

Havia em sua voz uma mistura de mando e de súplica.

— Está grave?

Não respondeu o "jatib", porque neste momento entrava Aristóteles que perguntou a Jadallah:

— Já mandaste buscar o médico?

Assombrado por esta pergunta, o Pacha fez um gesto de desespero e correu para expedir ordens.

No terceiro dia chegaram dois médicos de Damasco. Receitaram calmantes, cobraram uma fortuna e ... regressaram.

O caso era fatal. A jovem estava sofrendo do coração. Não havia para ela a menor esperança de vida.

* * *

Jadallah El Astrash estava desesperado. Diante do implacável poder do destino e da natureza, ora blasfemava, ora caía de joelhos e implorava a Deus. A cada momento, só uma palavra tinha para Aristóteles e Adonai:

— Salva-a!

Astaruth só estava tranquila quando via a seu lado o "jatib" e várias vezes ele teve que dormir na cadeira onde sempre se sentava, para vigiar o sono da sua amada.

* * *

Era um sábado. Astaruth acordou. Contemplou Adonai dormindo na cadeira e, como se o olhar da moribunda o despertasse, ele abriu os olhos e perguntou:

— Como amanheceste hoje, minha linda?

— Hoje estou bastante tranquila. . . Quero perguntar-te uma coisa.

— Qual é?

— Por que brilha tanto teu rosto? Não te incomoda o sol?

Sorriu Adonai, sorriu para tranquilizá-la e respondeu com meiquice:

— São os olhos do amor, querida, que vêm estas coisas.

— Ah! Meu Deus! Que amargo é o amor, porém como é agradável a sua amargura!

— Não deves pensar em amargura. . . Teu pai consentiu no nosso enlace.

Ela sorriu amargamente. Fechou os olhos e exclamou:

— Agora é tarde! Muito tarde!

— Por que és tão pessimista, Astaruth?

Guardou novamente silêncio; depois murmurou:

— Como és belo, meu amado, e que luz divina emana da tua fronte! Parece que segue a mesma direção do teu olhar.. . Olha-me nos olhos!. .. Assim, assim, querido! Como sou feliz, porque vou dar-te o que nunca ninguém pensou em oferecer-te jamais!

Adonai lia no pensamento de sua amada; porém, dissimulando sua dor, interrogou com um sorriso melancólico:

— Vamos ver o que vais me dar?

— Aproxima-te mais... mais. Agora abraça-me e beija-me...

— Não, Astaruth. Isto pode fazer-te mal. Pode causar-te dano à saúde.

Porém ela, sem dar ouvidos ao que dizia Adonai, levantou-se do leito com grande agilidade. Enlaçou o pescoço do namorado com seus braços descarnados e pálidos, dizendo:

— Uma vez eu disse que ia te dar. . .

E sem terminar, colou seu lábios aos dele, num beijo profundo e longo. Afastou-se um pouco para continuar:

— .. ,minh'alma!

E novamente beijou-o. . . pela última vez.

Adonai quis protestar, porém sentiu que os braços de Astaruth se afrouxavam e sua cabeça se inclinava para trás.

Assim separou o destino, de uma maneira cruel, seus corpos e suas vidas. E pela segunda vez o coração de Adonai experimentava a dor de uma separação. Aquela mulher que ele adorava, tinha-lhe entregue sua alma num beijo.

Enquanto Astaruth mergulhava no seio da eternidade, ao longe soavam as notas de uma canção. Era um camponês, alheio à tragédia, que cantava:

Era busca de Adônis,

Do seio do amor

Se desliza Astaruth,

Como uma flor.

Um dia no caminho

Se encontraram os dois,

Porém um fatal destino

Impôs-Ihes Deus depois.

Confiavam na sorte

Com férrea vontade,

Mas ninguém ante a morte

Possui a liberdade.. .

E ao extinguir-se a canção longínqua, só ficaram os soluços do namorado, que chorava seu amor perdido. A mulher que tanto amara havia partido, com um rival mais poderoso do que ele: o destino.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

DAMASCO

Damasco é uma das cidades mais antigas da história. Dela falou a Bíblia. Dela se apoderaram, sucessivamente, os assírios, os babilónios, os egípcios, os persas, os gregos e os romanos. Conquistaram-na também os árabes, no começo do islamismo. Foi a capital dos omíadas durante um século, a fonte do poder e o centro do mundo árabe.

Quando triunfaram os abasitas e escolheram Bagdá por capital, Damasco ficou sendo uma província do seu califado. Depois voltou aos Tulônides do Egito e, mais tarde, a Bagdá novamente. Pertenceu também aos Selêucidas.

Muitas vezes, os cruzados quiseram apoderar-se de Damasco, mas não o conseguiram. Quando triunfou Nur Eddin ZeZuki, em 1154, foi capital do seu reino e depois do de seu filho Saladino, onde morreu e foi sepultado.

Conquistaram-na os mongóis, voltando depois aos mamelucos. Em 1401, Timerlenk derrotou o exército egípcio e seus soldados saquearam a cidade, levando muitos dos seus industriais e artistas para Samar- kand.

Em 1516, o Sultão Salim, da Turquia, conquistou-a, ficando em poder dos turcos até 1918, ano em que o Emir Faisal a conquistou e nela estabeleceu a sede do seu governo.

Damasco chegou ao ápice da sua glória no tempo dos omíadas. Foi a cidade do saber e da arte. Reuniu em seu seio os mais famosos poetas árabes da época, como Jarir Elforrazdak, El Ajtal, Kacir, El Argi e muitos outros, contando-se entre eles a famosa poetisa Layla. O período dos omíadas foi a idade de ouro de Damasco.

* * *

Damasco é a única no mundo por sua arquitetura. Em todas as cidades, os jardins se encontram adiante, atrás e ao lado das casas. Em Damasco, os jardins ocupam o interior das vivendas. Quando um visitante entra em uma residência, encontra

uma fonte, cujos repuxos lançam água a grande distância, ao redor da qual se encontram árvores frutíferas e flores aromáticas. Muitas vezes, o viajante se enfastia de andar pelos corredores estreitos, escuros e tortuosos, pelas vielas da cidade, mas quando entra numa residência, fica surpreso pelo gosto refinado e delicadeza artística.

A várias milhas de distância, rodeando a cidade, se encontra o seu famoso e histórico parque, chamado o Grande Jardim frutífero.

Olhando-se do "Salehie", um bairro de Damasco, construído no peito da montanha Aramon, a cidade que se estende a seus pés, a imaginação acredita ver Damasco como um palácio, cujo jardim, o parque, se estende algumas milhas ao redor, atravessando-o rios e canais, enquanto as árvores se unem num abraço estreito.

* * *

A grande relíquia de Damasco é a Mesquita Omíada, que é a mais importante recordação deixada por aquela dinastia.

Era essa Mesquita um Templo romano, porém quando Teodósio se converteu ao Cristianismo, transformou-o em templo cristão, batizando-o com o nome de São João. E assim existiu até quando os maometanos se apoderaram de Damasco, no começo do islamismo. Então os generais Abn-Ubida e Jaled ibn el Valid dividiram o templo em duas partes: uma para os cristãos e outra para os discípulos de Maomé. Assim, as duas religiões eram praticadas no mesmo templo, até o tempo de El Valid ibn el Abd el Malek. Porém, este califa obteve o setor cristão em troca de outras igrejas, ficando, portanto, a mesquita inteiramente para os adeptos de Maomé. O califa a restaurou e reconstruiu com a colaboração de 1200 arquitetos e pedreiros de Constantinopla, que a adornaram com mosaicos e pedras preciosas. Era iluminada por 600 candelabros de ouro.

Muitas desgraças feriram essa maravilhosa Mesquita: foi incendiada e destruída em 1893; depois foi reconstruída tal como a conhecemos hoje, com os vestígios das mudanças operadas nela desde o Islão até a atualidade. É uma coleção de modificações realizadas pelas idades.

O pátio tem 430 pés por 130. As colunas, que se elevam uns 23 pés do solo, terminam em belíssimos arcos. Existem no pátio três criptas: a primeira é a cripta do tesouro; a segunda, da ablução, e a terceira, do relógio. Na primeira

estavam encerrados antiquíssimos documentos religiosos e, entre eles, uma parte da Bíblia em ciríaco, e outros documentos escritos sobre couro, em grego, latim, hebraico, aramaico, arménio, samaritano, árabe e cufi, desde o século V depois de Cristo.

Ao lado da cúpula está o túmulo de São João Batista. Perto da Mesquita se acha também o túmulo de Saladino. A tradição obriga a tirar os sapatos antes de entrar neste maravilhoso templo.

* * *

Os damascenos são muito agradáveis, bons e hospitaleiros. O viajante estranho sente-se entre eles como se estivesse entre amigos ou pessoas de sua família. Gostam de viver comodamente, o que não é difícil, dado a barateza das utilidades e víveres. Uma hora antes do ocaso, todos fecham os armazéns e vão para os jardins com suas famílias, dedicando aquelas horas ao canto e à música.

CAPÍTULO II

TRÊS PRÍNCIPES EM DAMASCO

Em fins de 1918, entrou triunfante em Damasco o Emir Faisal, depois de derrotar os turcos. Quem foi o Emir Faisal? A paixão é cega. O termo médio é um árbitro prudente que se deve tomar em todas as coisas; porém, o termo médio não existe no homem apaixonado. E quantos são os homens que dominam a paixão? Em minha presença pediram a opinião de dois indivíduos sobre a personalidade do Emir Faisal. Um deles respondeu: "Como é semelhante a Jesus Cristo!", enquanto o outro exclamava: "Beduíno sem calção!"

Agora toca minha vez de apresentar aos leitores o Emir ou Príncipe Faisal. Estarei eu despido de paixões e isento de erro? Não, porém procurarei ser imparcial.

O Emir Faisal daquele tempo, depois Faisal I, rei da Mesopotâmia e hoje o finado Faisal, tinha, no começo da nossa história, 45 anos.

* * *

Era de alta estatura, cor morena, como todo árabe; fronte alta, sobrancelhas juntas; olhos negros e grandes; nariz aquilado, boca grande, lábios grossos, barba espessa e negra; ombros inclinados para a frente, como se sentisse o peso dos seus deveres. Vestia a túnica e o "gumbaz" de todo beduíno e até na sala dos espelhos, em Versalhes, entrou com essa indumentária, para firmar a paz.

Há duas pessoas que podem vangloriar-se de sua nobreza: a primeira é o imperador da Etiópia, que descende diretamente do rei Salomão e a segunda é o Emir Faisal, cuja genealogia vem do profeta Maomé, passando por Ismael, filho de Abraão.

O Rei de Hedjaz, Husain Cherif, de Meca, teve quatro filhos: Ali, Faisal, Abdulah e Zaid. Quando Jamal Bajá, general turco, entrou na Síria, começou a enforcar os chefes sírios. Husain enviou Faisal a Jamal Bajá para interceder pelos condenados. Mas o sanguinário general respondeu-lhe:

— E quem intercederia por você?

Ato contínuo, mandou prendê-lo. Sabendo disso, o pai do Emir recorreu à astúcia. Telegrafou ao generalíssimo turco nos seguintes termos: "Quarenta mil guerreiros esperam meu filho, a fim de conduzi-lo ao canal de Suez, contra os ingleses."

Jamal Bajá enguliu o anzol. Foi pessoalmente à prisão do Emir e disse-lhe:

— Vosso patriotismo corre paralelo com vossa nobreza. Em nome de Sua Majestade, o Sultão, eu vos condecoro com o mais alto galardão e espero de vós e de vosso digno pai o auxílio contra nossos inimigos.

Nesse mesmo dia, o Emir embarcou com todas as honras.

* * *

Efetivamente, voltou a Meca. Porém, em lugar dos quarenta mil guerreiros, encontrou somente vinte mil. Assumiu o seu comando e marchou, não contra os ingleses, mas sim contra os turcos. A este novo aliado, os ingleses deram todo auxílio monetário e bélico. Sim, a revolução árabe contra os turcos e sem a aliança com a Grã Bretanha, o triunfo não teria sido tão rápido. O exército árabe inutilizou quarenta mil soldados turcos e os despojou do seu material de guerra. Este exército era destinado aos ingleses na Palestina e duas testemunhas afirmam a veracidade desta história. A primeira é a carta do general Allamby, que diz:

"Agradeço a Sua Majestade El Husain ibn Ali, rei de Hedjaz, sua inestimável lealdade pela causa dos aliados e não posso deixar de dirigir todos os meus elogios a Sua Alteza, o Príncipe Faisal, por sua habilidade estratégica, por sua lealdade e pelo heroísmo do exército árabe, que proporcionou grande ajuda aos aliados para chegarem ao triunfo final da grande guerra."

A segunda é o testemunho do General Mordak, chefe do Estado Maior francês, que diz:

"Faisal é um príncipe que pode ser apontado com o dedo. É cheio de ardor e heroísmo; ajudou com toda a energia do seu caráter a causa de seu pai, Sua Majestade, o rei de Hedjaz, desde o ano de 1916, para derrotar os turcos e ajudar os aliados. Sempre acompanhava seus soldados; preparou várias ofensivas importantes contra a estrada de ferro Damasco-Medina. Dirigiu pessoalmente o

seu exército, conquistou Acaha e Elwaji, tomou Mahau e várias estações; fez milhares de prisioneiros turcos; ajudou a dispersar e derrotar os exércitos quarto, sétimo, segundo e oitavo, cortando suas comunicações com o norte, sul e ocidente de Darha. Depois, entrou em Damasco. Os feitos de Faisal demonstraram o seu incalculável valor e energia."

Boletim Oficial do Ministério da Guerra Britânico, em agosto de 1917:

"O plano árabe, desde o seu levantamento, encerra habilidade, valor e génio. Destruíram uma parte da estrada de ferro, apoderaram-se dos pontos estratégicos turcos de ambos os lados da linha; e seu grande heroísmo lhes forneceu os meios de triunfar sobre um exército mais numeroso e melhor equipado."

Já dissemos quem era Faisal pessoalmente. Agora vamos analisá-lo psiquicamente.

* * *

Era uma pessoa muito prudente e instruída. Não se encolerizava facilmente. Era místico em vez de ser religioso. Porém, infelizmente, tinha um coração muito bondoso, uma veracidade e lealdade exageradas. Pode o leitor escandalizar-se com estas frases, porém tal é a verdade. Em nosso tempo e em todos os tempos, a bondade do coração, a veracidade e a lealdade são os piores vícios em política. É absurdo dizer-se que uma política é bondosa. Porém se diz constantemente que é uma política proveitosa e engenhosa. Política e bondade, como o dia e a noite, são dois extremos que nunca poderão juntar-se. É uma verdade de Maquiavel.

O Emir não mentia e não podia conceber um político que mentisse. Era leal e cumpria suas promessas. Portanto, nunca suspeitava que o enganassem ou deixassem de cumprir as promessas que faziam os outros políticos. O homem de coração bondoso crê na bondade de todos os homens. Estes, entretanto, aproveitam de sua credulidade para, na primeira ocasião, feri-lo ou roubá-lo. Faisal jamais quis seguir o génio da política, Mohanya. Mas, sim, o génio da bondade de Ali ibn Abi Taleb. A bondade de Ali matou-o e a bondade de Faisal destronou-o na Síria. Contudo, o Emir era um adorador do seu ideal.

* * *

O segundo príncipe é o da religião católica em Damasco, e vamos apresentá-lo ao leitor. Era o Bispo maronita Elias Echemali, vigário do Patriarca maronita.

Este se diferenciava dos seus colegas porque não se lhe tinha desenvolvido o ventre. Morreu ele pobre. (Q.E.P.D.). Era inteligente discípulo dos jesuítas e maronitas. Dois fatores importantíssimos para odiar tudo o que não é francês e não é a França. Temia, como o seu Patriarca do Líbano, que um maometano viesse governar e ansiava pelo mandato da França.

O homem que perde a confiança em si mesmo faz-se inepto, assim como aquele que nasce pequeno de espírito e cresce sem desejos, tem de desaparecer, porque a lei da evolução não admite impedimento em sua marcha. O Bispo era um homem inepto. Não agia nem deixava agir os outros.

Não sabemos com segurança se ele atacou o Emir Faisal, em algumas de suas práticas, porém é certo que o Emir disse uma vez: "Se este Bispo não quiser calar-se, terei que amordaçá-lo."

* * *

Agora, podemos apresentar o terceiro príncipe, que não era governante mundano nem religioso, mas sim um príncipe dono de si mesmo. Era Adonai.

Uma coisa, mais do que tudo, causava admiração a todos os habitantes de Damasco, principalmente aos maometanos: o Emir Faisal, sendo maometano, tinha a seu serviço cristãos e libaneses, como eram o Edecan, o Chefe do Divã, o tesoureiro, os amanuenses e, finalmente,

Adonai, que era seu secretário particular. Será este Adonai o mesmo que conhecemos em outra parte desta obra? Não pode ser. E se for ele, devemos, então, confessar que sofreu uma mudança radical em seu físico. Esse cabelo comprido, que descia até os ombros, aquela barba e, sobretudo, aquele olhar límpido, doce e triste, davam o pressentimento de haver colhido uma fruta antes do tempo e que não amadureceu ao sol. Seus lábios estavam quase sempre amordaçados pelo silêncio. Eram os olhos que falavam nele, com uma linguagem de doçura e tristeza, mais eloquente do que todas as palavras. Mas, às vezes, esse olhar adquiria um estranho fulgor que penetrava até o coração, produzindo um efeito incapaz de ser analisado e que jamais se pode esquecer. Sua fronte serena e seus olhos brilhantes dissipavam a dúvida e inoculavam valor.

O Emir Faisal depositava nele muita confiança e dizia-lhe repetidas vezes:

— Tu és meu remorso.

Adonai calava.

— Que te parece a delegação libanesa que veio ontem?

— Mentirosa e hipócrita, senhor.

— Por Deus, Adonai! És insuportável com os teus preconceitos.

— Cobarde e traidora — continuou sem responder às palavras do Emir.

— Podes dizer-me por quê?

— Não, senhor. Nada posso dizer, porém assim é.

Faisal meditava e, por fim, perguntou novamente:

— Que me dizes deste Bispo maronita?

— Não deveis temê-lo, senhor. É como um cão que ladra, mas não morde.

— Como o sabes?

— Não sei, senhor, mas assim é.

— O que mais me desagrada em ti é esta frase que já ouvi mil vezes, embora tenha sido sempre correta e profética. Afinal, queres ir a essa missão em Beirute?

— Se Vossa Alteza mandar, eu irei. Porém, estou certo do fracasso.

— Já compreendo — concluiu Faisal, aborrecido: — Não sei por que, mas assim é, não é verdade?

Em seguida, golpeando com o punho a secretária, levantou-se e saiu do aposento.

* * *

Certa manhã, dizia Faisal ao seu secretário:

— Ouve Adonai. Vou fazer-te uma pergunta, mas não quero ouvir a tua desenxabida frase. Que te parece a marcha da política?

— Vai mal, senhor.

— Por quê?

— Porque vós não sois um político. Vós dizeis sempre a verdade e a verdade não agrada a todos... A missão francesa que veio ontem vos enganou facilmente. Vosso peito foi de cristal, podendo-se ler claramente em vosso coração.

Faisal meditou longamente, enquanto a tristeza ia invadindo seu rosto. Afinal disse:

— Adonai, não obstante tua curta idade, vou nomear-te meu conselheiro.

— Não, senhor. Não sirvo para este cargo, porque um conselheiro deve raciocinar e o vosso servidor concebe por intuição e não por raciocínio.

— Que me aconselhas sobre o tratado que apresentou o primeiro ministro?

— Não deveis pedir-me um conselho que não pretendeis seguir. Além disso, estais de antemão convencido dos benefícios de semelhante tratado.

— E tu não estás?

— Não, Alteza. Este tratado é apenas tinta sobre papel. O governo que esse ministro representa, nunca pensou em cumpri-lo... A oferta do general G. . . é muito mais convincente e vantajosa. Porém...

— Por que te calas?

Adonai ergueu a cabeça e seu olhar triste se fixou no Emir. Quase com lágrimas nos olhos, sacudindo a cabeça, disse:

— Porém, para que precipitar os acontecimentos? O Divino Mestre disse: "Não deveis preocupar-vos com o dia de amanhã, porque cada dia tem seu afã." Além disso, conhecer o futuro não significa evitá-lo.

— Eu exijo que me digas tudo.

— Pois bem, a assinatura desse tratado e a recusa daquela oferta causarão a queda do reino árabe que pensas formar. ..

Faisal levantou-se bruscamente, com os olhos quase fora das órbitas e dirigiu-se ao seu secretário quase gritando:

— Que dizes? Quem te disse tudo isto?... Se a tua fidelidade não pairasse acima de qualquer suspeita, diria que és um espião perigoso.

— Eu, espião, Alteza? — respondeu Adonai, com um sorriso que se assemelhava a uma punhalada no peito de um morto.

O Emir começou a passear no aposento com largos passos; porém, ao ouvir bater na porta, deteve-se e ordenou:

— Entra.

Entrou o porteiro, anunciando:

— Sua Excelência El Bakri e sua reverendíssima o cura Estefan.

— Que esperem um momento. Eu os atenderei logo.

Saiu o porteiro e fechou a porta. E Faisal dirigiu-se com tristeza ao seu secretário:

— Adonai!

Este levantou a cabeça. O Emir tomou-o pela barba e, brincando carinhosamente com ela, disse:

— Adonai, meu filho. És muito bom, suporta-me.. . Ando muito nervoso. Efetivamente parece que o destino me arrasta a um precipício.. . Sabes o motivo da visita do ministro e do cura?

— Suspeito que seja por causa do tratado.

— É certo. E não crês que o ministro é um bom patriota?

— Sim, ele o é. Porém é muito presunçoso e não enxerga um palmo diante do nariz; enganam-no como uma criança e o pior é que acredita ser ele quem

maneja a política, a política do mundo.

— E o cura?

— É uma rã cuja força está na garganta e só sabe coaxar.. .

— E agora, que se deve fazer?

— Eu vos suplico que não assineis esse tratado. Eu irei a Beirute para reatar o outro.

— Não, Adonai. Prometi e cumprirei minha promessa.

— Está bem, Alteza. Oxalá cumpram também o que vos prometeram. .. Agora permiti que eu me retire.

— Por quê?

— Porque não quero assistir à assinatura de um documento que precipita nossa queda.

— Vai. És um mau agouro.

— Obrigado, senhor, pelo favor.

CAPÍTULO III

ADONAI E O BISPO

Disse o oráculo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo." Eu digo: "Conhece teu dever, porque quem conhece seu dever, também se conhece." O conhecimento de si mesmo é muito difícil para os filósofos, ao passo que o conhecimento do dever é fácil para os analfabetos. É o único meio que conduz o homem à felicidade, à tranquilidade, ao progresso e à riqueza.

Se todo homem cumprisse seu dever, sem meter-se na vida dos outros, o mundo seria um paraíso. Toda virtude é inútil, sem o cumprimento do dever. E se os governantes inculcassem em seus súditos esses princípios, em vez de cumulá-los com leis e prescrições, não haveria necessidade de prisões e os cárceres desapareceriam.

* * *

Quando Adonai soube da ameaça do Emir Faisal contra o Bispo maronita, quis cumprir três deveres ao mesmo tempo: aconselhar o Bispo; obrigá-lo a refreiar sua língua e seu ímpeto; e evitar que o Príncipe cometesse um ato rigoroso que, naquelas circunstâncias, poderia ser fatal. Traçou rapidamente seu plano e saiu do palácio, que estava situado em El Salahie.

No ônibus, viu um Bispo maronita que rezava seu breviário. O secretário do Emir olhou-o longamente e não se recordou de tê-lo visto antes. Quis perguntar a um dos passageiros o nome do Bispo, mas não o fez, porque tinha a intuição de que era ele a pessoa que procurava. Chegou o veículo à praça de Marte. Ia Adonai descer, quando viu o Bispo levantar-se e apear em companhia de um homem, que chamou imediatamente um coche. Ambos entraram nele e os cavalos partiram a trote.

— É ele mesmo — pensou Adonai.

E continuou seu caminho a pé. Atravessou a praça, que hoje é chamada "Praça dos Mártires", e, ao chegar à Mesquita Omíada, teve que se dirigir para a esquerda, porque a rua ia ter à Mesquita, que ocupa um quarteirão inteiro.

Depois de dar uma grande volta, seguiu diretamente pela rua chamada Bale Tuma, onde se achava o Palácio do Bispo.

Quando chegou, a porta episcopal estava aberta. Entrou no vestíbulo, mas como não encontrou ninguém, bateu palmas para chamar o porteiro. Passados alguns segundos, apareceu o lacaio do Bispo e examinou com o olhar o recém-chegado, como um alfaiate que experimenta em seu cliente um traje novo. Esse olhar daquele beduíno civilizado significava admiração ou temor? Talvez ambos ao mesmo tempo.

— Que deseja "el sayed" (senhor)?

Nessa época, a palavra "sayed" só se aplicava aos maometanos.

— Desejo ver Monsenhor.

— Quer "el sayed" dizer-me seu nome, para comunicá-lo a Monsenhor?

— O meu nome nada adiantará, visto como Monsenhor não me conhece. Dize-lhe que um homem deseja vê-lo, para tratar de assunto muito importante.

— Queira entrar no salão.

Adonai entrou. Os móveis do salão eram modestos, porém limpos. Um tapete cobria o assoalho, onde havia duas dúzias de cadeiras e algumas poltronas. No centro havia uma grande mesa de cedro e do teto pendia um lustre luxuoso. Algumas oleografias da Virgem e de Jesus adornavam as paredes.

O visitante sentou-se, pensando como começar sua conversação com o Bispo. Após alguns minutos, este entrou. Era o mesmo que o jovem tinha visto no ônibus.

Adonai levantou-se. O Bispo falou primeiro:

— Benvindo seja o senhor. — E estendeu-lhe a mão.

O secretário do Emir desculpou-se, ao apertar a mão do Bispo, dizendo:

— Perdoai-me o incómodo, Monsenhor.

— Ao contrário, é um prazer. Em que posso servir-lhe?

— Em muita coisa, Monsenhor — exclamou Adonai, tomando assento em frente do Bispo. — Vim pedir-lhe um favor, que espero não me negará. Trata-se do seguinte: Peço-vos encarecidamente, Monsenhor, que deixeis o Emir em paz. Não provoqueis o leão em sua guarida. Sua Alteza o Emir ameaçou-vos porque soube que vós, em vossas práticas, o atacais e criticais... Suplico-vos, Monsenhor, não volteis a envolver o nome de Sua Alteza, porque ele pode derramar sobre vossa cabeça o caliz da sua cólera e, desta maneira, lançareis sobre os ombros de todos os cristãos de Damasco uma parte dessa desgraça...

Enquanto o jovem falava, o Bispo ia empalidecendo. Finalmente, respondeu:

— Pode ser que meus caluniadores tenham exagerado.

— Não sei, mas meu conselho é que deveis retratar-vos publicamente, desmentir as suspeitas e ter muito cuidado convosco mesmo, principalmente com a língua, que é a causa de todas as nossas desgraças... E agora — interrompeu bruscamente — até à vista, Monsenhor.

E levantou-se para retirar-se.

— Devo tomar suas palavras como ameaça ou como advertência?

— Vim em meu próprio nome e por minha livre e espontânea vontade, acreditando cumprir o que eu julgo ser, para mim, um dever.

— Diga-me então seu nome, a fim de ficar conhecendo a quem devo este favor.

— Nada me deveis, Monsenhor. Porém, se quiserdes saber o meu nome, eu me chamo Adonai.

— A-d-o-n-a-i! Bendito seja Deus! O senhor é católico, libanês e secretário de Sua Alteza?

— Isso mesmo, Monsenhor, para vos servir.

— Mas, meu filho, senta-te... Não queres almoçar comigo? Dá-me esse prazer.. .

Após um momento de meditação, Adonai exclamou:

— A palavra almoço deu-me uma idéia: Tomo a liberdade de sugerir-vos que vades amanhã mesmo, à casa do Emir, pedir-lhe uma audiência. Eu estarei lá. Apresentai-lhe vossos respeitos e convidai-o para um chá aqui em vossa casa. Sabeis que quando um árabe compartilha o pão em casa dessa pessoa, perdoa todas as ofensas, mesmo que fossem inimigos.

— Aceitará Sua Alteza?

— Sem dúvida alguma. É um homem de coração nobre e não recusa nada a ninguém.

— Então irei amanhã.

Em seguida encaminharam-se para a sala de jantar.

CAPÍTULO IV

COISAS INCRÍVEIS PORÉM CERTAS

Era sexta-feira, dia santificado para os maometanos, como é o domingo para os cristãos. Adonai dirigiu-se ao palácio do Emir, que encontrou no salão, conversando intimamente com várias pessoas que ali se achavam. O secretário saudou todos. O Emir Faisal convidou-o a sentar-se e, dirigindo-se a seu vizinho, Cheik (sacerdote) maometano, disse-lhe:

— Continua.

— Como dizia a Vossa Alteza, esse Cheik Eshanty é maravilhoso. Ele diz que é sua fé. E, muitas vezes, realiza milagres surpreendentes... Certa ocasião encontrou na rua uma jovem, vítima de um ataque de epilepsia. Aproximou-se, colocou o polegar da sua mão direita na raiz do nariz da paciente e, soprando no rosto dela, esta voltou a si. Se não tivesse estado presente, não acreditaria.

— Uma vez — interveio um homem que estava sentado ao lado do que acabava de falar — minha mulher se queixava de uma forte dor de cabeça crónica. Usou vários analgésicos, mas não sentiu alívio algum. Consultei, então, Eshanty sobre o caso e ele veio comigo vê-la. Colocou ambas as mãos sobre a cabeça de minha esposa e a dor se foi para sempre.

Um Cheik presente afirmou que o indivíduo em questão era capaz de alimentar-se tanto quanto vinte ou mais pessoas.

— Esse homem deve ser um "uali" (santo) — disse uma voz.

O Emir, sem dar ouvidos a essa sentença, perguntou:

— Porém, como pode comer tal quantidade?

Um que se achava mais próximo respondeu:

— Eu também não sei. Porém Vossa Alteza poderá certificar-se por si mesmo, quando ele vier.

— É algo incrível! — sentenciou o Emir.

Outro Cheik falou:

— O mais surpreendente é que nunca guarda nem dinheiro nem alimentos para o dia seguinte. Mesmo as sobras de sua própria família divide-as entre os necessitados.

— Como? — indagou Faisal, — E no dia seguinte, que é que come?

— Tem tanta confiança na Divindade! E realmente parece que Deus não o abandona nunca... Suas palavras favoritas são: "Recebo para dar e, quando dou, recebo novamente."

Após estas palavras, todos guardaram silêncio. O Emir meditava. Adonai estudava aqueles rostos um por um.

Um velho Cheik que estava a seu lado, disse finalmente:

— E aquele famoso processo entre Sua Excelência Eshamba com El Azim, que durou mais de dez anos? Não houve possibilidade de um acordo, apesar da intervenção de Nazim Bacha. Para Eshanty bastaram dois minutos. Procurou ambos e disse a cada um deles: "Irmão, que a paz esteja em teu coração. Tens que solucionar esse pleito com teu contendor neste mundo, e não levá-lo para o além..." Sua Excelência El Azim contou-me: "Quando ouvi as palavras do Cheik, senti desejos de procurar o meu adversário, Sua Excelência Eshamba, e pro- por-lhe um acordo. Mas qual não foi o meu espanto ao constatar que ele também se dirigia para a minha casa com a mesma disposição. Em menos de cinco minutos tudo foi resolvido e nos tornamos bons amigos desde aquele momento."

Enquanto todos os presentes refletiam, admirados, sobre este fato extraordinário, o porteiro anunciou:

— O Cheik Eshanty!

— Que entre! — ordenou o Emir.

Cruzou os portais um homem cuja estatura media pelo menos um metro e noventa. Cobria sua cabeça um turbante branco e na barba se notavam alguns

fios prateados. Era delgado e simpático, apesar da fealdade do seu rosto. Vestia um velho manto negro, descorado e até sujo. Seu cabelo estava despenteado e sua barba emaranhada. Andou com passos firmes e exclamou com voz sonora:

— "Saiam kalaicom!" (A paz seja convosco!)

— "Kalaik asalam!" (E contigo!) — responderam os presentes.

Aproximou-se do Emir e beijou-lhe a mão. Afavelmente convidou-o Faisal a sentar-se. Com uma inclinação de cabeça, ele disse:

— Permite Vossa Alteza que eu trave conhecimento com todos os presentes? — E dirigia a cada um seu olhar penetrante.

— Conheço todos, menos este cavalheiro — e cravou seu olhar sobre Adonai.

Este sustentou seu olhar investigador com outro olhar muito suave e doce. O Cheik aproximou-se dele com passos lentos e o Emir apresentou:

— É meu secretário, Cheik.

— Adonai, para servir-lhe — respondeu o jovem.

Sem retirar seu olhar do jovem, o Cheik estendeu-lhe a mão, que Adônis, Ievantando-se, apertou amavelmente. Ambos calaram e ambos se olharam nos olhos. Nem uma palavra pronunciaram, porém parece que se entenderam perfeitamente.

* * *

O Cheik voltou-se para o Emir, dizendo-lhe:

— Às suas ordens, Alteza.

— Vem — disse o Príncipe. — Senta-te a meu lado. É verdade o que me contaram de ti? É verdade que curas as enfermidades pela simples imposição das mãos?

— Sim, é uma coisa muito simples, Alteza. Todos os presentes podem fazer o mesmo.

— De que maneira? Isso não é um dom divino?

— Sim, Alteza. Mas esse dom é um patrimônio de todos os filhos de Deus.

— Por que, então, eu e outros não podemos fazer o mesmo?

— O segredo consiste em crer e querer, Alteza. Se os homens não podem curar é porque não sabem querer nem crer.. . Há aqui, entre os presentes, um irmão que cura unicamente pela força e pelo poder do seu desejo, do seu olhar, e, entretanto, ninguém sabe, nem suspeita sequer que ele tem esse poder. . .

— Que maravilha! — exclamaram algumas vozes do grupo. O Emir procurou com o olhar, entre os presentes, para ver se descobria aquele de quem falava o Cheik, porém, não o conseguindo, perguntou:

— E tu não podes dizer quem é para recompensá-lo?

— Não, Alteza, porque esse irmão nada pede nem aceita recompensas, pelas suas curas.

Reinou profundo silêncio entre os presentes e alguns adotaram uma postura orgulhosa, como se quisessem significar: "Sou eu." Adonai, olhava para o Cheik como quem ouvisse pela primeira vez em sua vida uma tal dissertação.

Novamente o Emir reatou o fio da conversa:

— Diga-me: é verdade que podes comer tanto quanto vinte pessoas?

— Diga Vossa Alteza melhor: como quarenta ou cinquenta... — respondeu simplesmente o Cheik.

— És capaz de comer um "mansef"?

— Faremos a prova, pelo menos. ..

O Emir, então, deu uma ordem. Não eram passados dez minutos, quando entraram 6 homens carregando uma enorme panela, sustentada pelas asas, a qual estava cheia de arroz cozido, tendo por cima um carneiro bem assado. O tacho foi colocado no salão. Continha 45 ou 60 quilos de arroz, imerso em vinte libras de manteiga de vaca.

O Emir convidou-o então, sorrindo:

— É servido?

O Cheik adiantou-se. Sentou-se de cócoras, em frente à vasilha e, estendendo sua mão sobre o alimento, invocou:

— Em nome de Alá Todo Poderoso!

E começou a comer ou antes a tragar, porque mastigava pouco. Em completo silêncio, todos o devoravam com o olhar, como ele fazia com o arroz e a carne. Pouco a pouco, o assombro do Emir e dos assistentes chegou ao máximo. Que fenómeno seria aquele? Ilusionismo? Engano? Não, era realidade visível, incontestável.

Enquanto isso, parecia que o Cheik tinha cada vez mais apetite, à medida que comia. Um bocado chamava outro, sempre com mais avidez e desejo. Os minutos corriam e a comida diminuía com rapidez. Então, ouviu-se um rumor parecido a um cochicho, a uma conversa em tom muito baixo.

O gastrônomo não prestava atenção a nada e a ninguém. Seu olhar fixo no alimento recordava o de um faquir em êxtase.

Decorrida uma hora, só restavam os ossos brancos daquilo que foi um carneiro e um terço do arroz. Contudo, o Cheik continuava como se começasse a comer agora. Mais meia hora e a vasilha ficou completamente vazia, com os ossos no fundo.

Com grande naturalidade, o Cheik olhou para os presentes e pediu:

— Um pouco de água, por favor, para lavar as mãos.

Ninguém se atrevia a romper o silêncio. Porém, um que se achava

ao lado de Adonai, murmurou:

— Este homem deve ter demônios no seu ventre. . .

Adonai não respondeu. O Emir exclamou:

— É incrível! Surpreendente!... E podes comer mais?

— Alteza — respondeu o Cheik com grande seriedade — ainda não comecei o meu almoço. ..

Em todo o palácio ressoaram gargalhadas, em coro, dos presentes. Somente Adonai continuava triste, com as sobrancelhas franzidas. Quando cessaram as risadas, Faisal perguntou novamente:

— Em tua casa comes assim?

— Não, Alteza. Um pão e um copo de leite, pela manhã, são meu único alimento durante todo o dia.

— Nada mais?

— Nada mais.. . Palavra que é assim.

O Emir entregou ao Cheik um maço de notas, dizendo com um sorriso:

— Senhores, é hora de almoçar. Oxalá o apetite do Cheik vos tenha contagiado...

— E a mim, Vossa Alteza não convida? Eu vim em jejum. . . — disse Eshanty.

Novamente riram todos, enquanto o Emir dizia:

— Acompanha-nos, filho, mas duvido que haja alimento suficiente para ti. ..

* * *

Entraram todos no refeitório. O Emir pronunciou uma curta invocação e todos sentaram-se. O Cheik, que estava à direita do Príncipe, pediu um prato de leite coalhado.

— Quê? — perguntou o Emir — não te agrada a comida?

— Não é isso, Alteza, porém já lhe disse que meu alimento durante o dia é um pão e um copo de leite.

— E o que comeste há pouco?

— Porém. . . eu comi? — perguntou o Cheik como se falasse consigo mesmo.

Um dos convidados interveio:

— O caso do Cheik é como o do gato do avarento.

— Como é a história? — perguntou interessado o Emir.

— Conta-se, Alteza, que um avaro enviou o seu servidor ao mercado para comprar três libras de carne. O servidor, que estava com grande apetite, comeu toda a carne. Mas quando o seu amo perguntou

por ela, respondeu: "O gato comeu-a." O amo pegou o gato e colocou-o na balança. O pobre animal pesava duas libras e meia. . . Furioso, o avaro gritou: "Ladrão! Se este é o peso do gato, onde está a carne? E se este for o peso da carne, onde está o gato?"

A gargalhada foi geral. Em seguida, o mesmo narrador continuou:

— Agora podemos pesar o Cheik, pois seu peso deve ter aumentado pelo menos cem libras...

— Estais equivocado — interrompeu o Cheik — eu não peso mais de 154 libras, senhor.

— Falas sério? — perguntou o Emir, surpreendido.

— Eu não minto nunca, senhor.

Admirado o Príncipe, pelo tom sério do Cheik, pediu uma balança e, terminado o almoço, disse-lhe sorrindo:

— Podes colocar-te na balança?

— Às suas ordens — respondeu.

E subiu para a balança. Muitos se aproximaram e um deles começou a mover o regulador sobre a boca numerada até que o travessão ficasse em equilíbrio. Então gritou:

— Cento e cinquenta e duas!

— Oh! — exclamaram todos, levados pela surpresa.

E o narrador do conto do gato, disse:

— Caramba! Parece que depois do copioso almoço, o Cheik emagreceu duas libras.. .

Ninguém se riu da brincadeira. Enquanto isto, o Cheik desceu da balança, examinou seu braço e disse:

— Eu peso mais. Vós estais enganados.

— Quê? Então não sabemos ler os números?

— Não sei, porém afirmo que peso mais.

E subiu novamente no tabuleiro. Efetivamente, o braço da balança subiu, rompendo o equilíbrio. Colocaram um peso de 50 libras, mais um de 100, outro de 200 e o Cheik ainda pesava mais.. . Uma onda de temor percorreu os assistentes. Desesperado, aquele que o pesava colocou mais pesos de 500, 250, 200, 150 e, por último, de 50 libras. E não havia mais pesos no palácio, mas o Cheik continuava impassível sobre o tabuleiro e a balança sempre em desequilíbrio. Finalmente, quando desceu, um golpe seco indicou a queda do travessão.

Adonai, no meio deles, continuava triste e mal humorado. Porém, ninguém se atreveu ou se interessou em dizer-lhe uma só palavra. O

Emir procurava uma explicação para o fenómeno que acabava de presenciar e, por fim, disse:

— Ú Cheik, eu não sei o que dizer! És portentoso. . .

Em seguida, ele propôs:

— Senhores, é hora da oração. Quem deseja acompanhar-me à Mesquita?

— Todos — responderam os presentes.

— Tu também, Adonai?

— Por que não, Alteza?

— Porque tu és cristão!

— Acaso o Deus dos cristãos não se encontra também em tua Mesquita?

Calou-se o Emir para depois ajuntar:

— Hoje é o dia das surpresas.

— Sim, senhor. Vossa Alteza tem razão — concordaram alguns.

CAPÍTULO V

ENTRE OS DERVIXES

Numa noite úmida e fria de dezembro, Adonai acjiava-se em seu quarto, sentado e meditando. De quando em vez, perguntava a si mesmo: — Para que sirvo eu? De que serve essa ciência se não posso empregá-la? O futuro? Ai do futuro, que é sempre o reflexo do passado! Ai dos árabes, quanto sofrem e quanto hão de sofrer!

Raciocinando um pouco, ponderou:

— Que vergonha! Acaso quem herda a ciência sagrada dos Magos pode ter pátria ou nação? Que diferença há entre uma raça e outra, entre uma nação e sua vizinha? Não são as células do ventre tão úteis como as do cérebro? Os árabes, atualmente, são células dos pés, mas os pés também têm sua utilidade. Porém, eu sou eu, não devo viver nos pés, eu devo agir no cérebro, onde preciso células delicadas que me ajudem. Onde irei encontrá-las?

No arquivo da sua memória começou a buscar o lugar onde pudesse encontrar células cerebrais.

Logo disse em voz alta:

— Em Damasco há três lugares e eu devo visitar todos os três. Vou cumprir o meu dever. .. Aristóteles, meu pai, por que pusestes sobre os meus ombros uma carga tão pesada? Contudo, que se cumpra a vontade do Eu em mim.

Antes de terminar seu monólogo, ouviu pancadas na porta. Voltou a si e disse:

— Entre.

Entrou o criado, dizendo:

— Senhor, um Cheik maometano quer ver-vos.

— Manda entrar.

Poucos segundos depois, entrou o Cheik Eshanty, dizendo:

— Que Sua paz seja contigo!

— E contigo, irmão! — retribuiu Adonai, que se levantara para saudá-lo.

Sentaram-se e o secretário do Emir perguntou-lhe, com ar triste:

— Em que posso servir-te, irmão?

Algo receoso e reservado, disse o Cheik:

— Eu venho, como delegado da Fraternidade dos Sufies, para convidar-te a fim de assistires a uma seção especial que terá lugar amanhã à noite.

— Agradeço, irmão, o convite. Há pouco estava pensando precisamente em cumprir um dever, apresentando os meus respeitos a essa augusta Fraternidade.

— Eu mesmo me ofereci para vir convidar-te, a fim de ter a oportunidade de dirigir-te uma pergunta.

— Se estiver em meu poder responder-te, eu o farei com prazer.

— Por que foges de mim?

— Eu não fujo de ti, mas sim dos teus atos. Deus te deu um poder extraordinário e tu o estás desperdiçando em tolices. Tua vontade poderosa chegou a dominar os espíritos da natureza e tua mente se ocupa em desagregar os átomos das substâncias alimentares para poderes exibir-te como um tubarão ou uma baleia. Em seguida, atrais os mesmos espíritos para teu lado, modificas por meio deles a polaridade da matéria e te orgulhas de ser mais pesado que uma montanha. Não nego, irmão, que possues boa prática e realizaste coisas maravilhosas, porém sinto dizer-te que estás muito longe da verdadeira sabedoria do Sufismo. Esqueces as palavras do Divino Mestre: "Não deveis lançar vossas pérolas aos porcos"? Não ignoro que teus atos têm um fim: tu e a Fraternidade querem atrair o Emir para seu seio. Porém, conseguiste algo? Não sabes que aquele que não está convencido de antemão, ou melhor, aquele que não nasceu Sufi, não se convence com nenhuma prova?

Calou-se Adônis e seu olhar triste fixou-se no solo.

O Cheik respondeu:

— Acaso, irmão, os Sufies não têm o direito de tentar a conversão do mundo?

— A conversão do mundo não consiste em representações teatrais, mas sim no pensamento de amor, de bondade, de tolerância e de sacrifício. A cura de um enfermo ou um alívio gratuito pode ser um meio, mas nunca um fim. Nossa nação está agora entre a vida e a morte, se bem que a morte seja mais segura por falta de médicos e remédios. Que pode esperar uma nação, cujos Magos, como se foram hércules de feira, se dedicam a fenómenos absurdos, tais como comer e fazerem-se pesados?.. . Não, irmão, não. Nós, os herdeiros da ciência espiritual, não devemos formar nações, mas sim reunir todas as nações em torno de um único ideal, embora elas conservem seu território, suas raças e seus costumes. Este ideal é a caridade, a solidariedade da família humana. Cristo não veio formar um estado social. Ele veio para toda a humanidade. Seu reino não é deste mundo, mas começa aqui. Mas os governantes jamais compreenderão isso: querem sempre separar para poderem mais facilmente dominar. Nossa missão não é ajudar e fortificar o mais débil para lutar contra o forte, mas sim iluminar ambos para que se respeitem mutuamente. Falaram-te do tratado secreto entre- o Emir e o Primeiro Ministro? Pois isto provocará novamente a guerra. O sangue árabe será derramado em vão e o governo do país passará a outras mãos. Enquanto todas essas desgraças nos ameaçam, tu e teus irmãos se dedicam ao bem da Fraternidade, em vez de dirigirdes vossos pensamentos ao nosso governante, para que possa conduzir o nosso barco para águas menos tumultuosas. Compreende-me bem: eu não sou nacionalista, sou cosmopolita; porém, para melhorar o conjunto, devemos começar por melhorar as partes. Compreendes, irmão?

— Sim, mestre.

— Não me chames mestre. Eu sou um simples aspirante. E é por isso que te peço auxílio, pelo menos para aliviar o golpe que se aproxima.

— Perdão, irmão; tu tens razão.

— A razão, irmão, está em ti. Eu não fiz mais do que despertá-la.

— O verdadeiro mestre está dentro de cada um de nós, está no cérebro. Tu e eu não somos mais que arautos.

— Não te compreendo, irmão.

— A compreensão te chegará no tempo devido. E agora, que tudo está esclarecido, podes acompanhar-me em uma visita esta noite?

Calou-se, mas logo continuou:

— Penso visitar o "tekki" ou convento dos dervixes.

— Dos dervixes?

— Sim. A idéia te surpreende?

— Que temos que ver com essa gente fanática?

— Se o fanatismo não estivesse em nós, não saberíamos que são fanáticos.

— Embora saibas mais do que eu, quisera lembrar-te que esta noite celebram a reunião costumeira e é difícil que nos deixem entrar.

— Não te preocupes.

Adonai não respondeu. Chamou seu criado e ordenou:

— Tu deves conhecer seus mistérios para atrever-te a esta visita...

— Busca-me um coche.

Durante a viagem, perguntou o Cheik a Adonai:

— Conheces a origem e a história desses dervixes?

— O Sultão Amurat I quis formar um novo corpo militar. Chamou Bektatash (el Hadji), um santo maometano, célebre, que vivia então, para benzer o estandarte. Depois de benzê-lo, aproximou-se do soldado mais próximo, colocou a manga da sua túnica sobre a cabeça do mesmo e deu a toda a tropa, em nome de Alá, a ordem de sair vitoriosa em todo combate em que tomasse parte. Estes foram os novos soldados, como os chamou (Yeni Chery), donde vem o nome de Yanisaires. Adquiriram logo o nome de "Bektashi", nome este dado aos dervixes dançantes. . . Como sabes, a palavra dervixe é um adjetivo persa que significa pobre. Em árabe é sinónimo de "faquir". A palavra dervixe aplica-se a todo

homem que renuncia os bens deste mundo para entregar-se à prática da devoção e ganhar o paraíso.

"Os dervixes são de duas categorias: os ambulantes, que são charlatães, sujos e ignorantes, constituem a maioria; e os que vivem em conventos, que são os mais sérios. Possuem um ritual sagrado e uma

filosofia oculta, incomunicável aos profanos, que se parece um pouco com a dos Sufies. Eles crêem na unidade da existência, mas não a compreendem. Obedecem à ordem de um chefe, quanto à conduta que devem ter em público e para com os outros membros da confraternidade. É para eles, esta ordem, uma lei infalível. Geralmente, a sessão começa com a dança e os uivos, donde vêm os nomes de "dervixe dançante" e "dervixe uivante". Vestem o andrajo (jidga), de cor branca e azul, que é sempre uma túnica. Como podes notar, o dervixe deverá ter uma obediência passiva e uma humildade sem limites. Antigamente, não se ocupavam de política, porém nos tempos modernos têm dado muito que fazer ao Sultão. Os dervixes devem ter e praticar as dez qualidades do cão...

Chegando a este ponto, dirigiu-se ao cocheiro, dizendo-lhe:

— Podes parar aqui e regressar.

Apeou-se, seguido do Cheik. Quando a carruagem havia partido, Adonai abriu um embrulho donde retirou as vestimentas que os converteriam aparentemente em dervixes.

O Cheik olhava-o surpreendido. Quando acabaram de vestir-se, disse-lhe Adonai:

— Tu não deves falar. Tens que imitar-me em tudo.

— Irmão, tu deves ser.. .

— Cala-te, homem; eu sou Adonai.

* * *

A noite era escura. Andaram por um caminho impraticável. Os jardins ocultavam as poucas luzes que se viam nos arredores de Damasco. Só as do Parque brilhavam como estrel-as.

— São 11 horas, irmão — disse Adonai. — Temos que apressar o passo para chegarmos a tempo.

Começaram a andar mais depressa. De vez em quando, o Cheik dirigia a seu companheiro uma pergunta, a que o outro respondia com monossílabos.

Finalmente, chegaram a uma construção a leste da cidade. Era um monumento bastante raro por sua arquitetura. Tinha várias torres, como se fossem campanários.

Pararam diante da porta principal. Adonai parecia meditar e seu companheiro sentia um pouco de temor ou medo.

Depois de alguns instantes de vacilação, Adonai bateu na porta de maneira especial e característica. Ao mesmo tempo, abriu-se uma janelinha na própria porta e uma voz perguntou:

— Quem é o atrevido que perturba a paz deste santuário?

— Um cão que sempre tem fome.

— Onde é tua morada?

— Eu não tenho nenhuma.

— A gente dorme a esta hora.

— E eu velo à noite.

— Que herança deixaste depois de morto?

— Nenhuma.

— Com quem vens?

— Com outro cão.

Então, disse a voz do interior:

— São dos nossos.

A porta de entrada foi aberta, reinando no interior a mais absoluta escuridão. O vigilante tomou a mão de Adonai, enquanto o Cheik segurava o braço deixado livre. Depois de vários passos às escuras, o vigilante tocou numa porta. Uma voz do interior se fez ouvir:

— O dono nos abandonou depois de maltratar-nos.

O vigilante estreitou a mão de Adonai, que respondeu:

— O cão não abandona seu dono, ainda mesmo que o maltrate.

— Onde pensas sentar-te?

— No último posto.

— Já não há lugar entre nós.

— É porque cedi o meu a quem eu quis.

— O patrão te pagará.

— Contanto que me dê um pedaço de pão, volto a ele.

— Onde fica teu lugar quando o dono senta para comer?

— Muito longe da mesa.

— Quando pensas em regressar à tua casa?

— Nunca, eu sigo sempre o mestre, porque tenho as qualidades do cão.

Abriu-se a porta e centenas de vozes exclamaram:

— Sede benvindos, irmãos!

Entraram num salão iluminado, cheio de dervixes. O companheiro de Adonai tremia.

Adonai deteve-se no limiar da porta, como se quisesse ocupar ali o último lugar. O chefe dos dervixes disse:

— Vem cá, irmão. O profeta dos cristãos disse: "Quem se humilha será elevado." Aproxima-te, teu lugar é à minha direita.

Adonai, dirigindo-se ao Cheik, disse:

— Não te movas daqui... e nem uma palavra. . .

Adiantou-se, atravessando o vasto salão pavimentado com mosaicos raros. Seus passos eram lentos e firmes. Fixava seu olhar à esquerda e à direita, porém sem mover a cabeça. Finalmente, deteve-se perto do chefe, com ar respeitoso, porém sereno e altivo.

O chefe inclinou-se diante dele, dizendo:

— Filho de Aristóteles, eu te saúdo.

E descendo do tamborete, conduziu o jovem pelo braço, convidando-o a sentar-se à sua direita. Este fez uma ligeira inclinação e sentou-se.

O chefe empunhou o bastão de comando e gritou:

— Que se aproximem os videntes escolhidos para esta noite.

Aprox;maram-se doze dervixes. Depois de examiná-los com o olhar, o chefe perguntou a Adonai:

— A quem designas, irmão?

— Este — respondeu Adonai, indicando um jovem.

— É muito criança.

— É melhor assim, porque está isento de preconceitos.

A um sinal do chefe retiraram-se os outros onze. E com o bastão fez vários sinais, indicando-lhe em seguida o centro do salão. Ele dirigiu-se até o lugar indicado e deteve-se. A um outro sinal, de um ângulo do aposento partiu uma música melodiosa, própria para dançar. O primeiro movimento era "moderato". O jovem começou a bailar ao compasso da música. Pouco a pouco, a dança e a música foram se acelerando.

Por fim, calaram os instrumentos de sopro e de corda, permanecendo somente os tambores e tímbalos. Era um ruído ensurdecedor. Os dervixes começaram, então, a uivar da maneira mais espantosa, capaz de infundir medo ao coração mais valente. Após um uivo geral começaram a bailar loucamente, como se fossem acometidos de um violento ataque de coréia (dança de São Guido).

O tambor deu um sinal. Todos pararam, cravando seu olhar no dervixe do centro do salão. Novamente o tambor acelerou sua marcha de maneira fantástica, excitando fortemente os nervos. O dervixe adolescente começou a girar sobre o calcanhar direito tão vertiginosamente que os presentes mal podiam adivinhar uma forma humana naquela coluna giratória. Outros uivos ensurdecedores reboaram no salão, e o jovem dervixe, cambaleando, caiu no solo sem sentidos. Os uivos continuavam. Adonai levantou imperceptivelmente a mão e traçou um signo desconhecido na direção do adolescente desmaiado. A um sinal do chefe, calou-se o tambor, cessaram os gritos e reinou profundo silêncio. Desceu do seu assento, dirigiu-se para o hipnotizado e, ao redor dele, traçou um círculo com seu bastão. Em seguida, voltou para o seu lugar e, com voz de comando, ordenou:

— Ahmed, ordeno-te que respondas às minhas perguntas.

— Obedeço — disse o jovem.

— Quem está perto de mim?

— O enviado.

— Como o sabes?

— Pelo sinal de comando.

— Para que veio?

— Para semear a semente da reforma.

— A reforma? Que reforma é esta?

— O objeto da vida é converter os inferiores em superiores; o homem em Deus.

Escandalizado, o chefe dos dervixes gritou:

— Como! Quem são os inferiores?

— Todos nós somos inferiores.

— Não somos nós os eleitos?

— Todos os homens são eleitos de Deus.

— Quais são os inferiores e quais são os superiores?

— Os inferiores são aspirantes a deuses e os superiores são os que já são deuses.

— E os que seguem o caminho do mal?

— Não há mal nem bem, nem céu nem inferno, senão no pensamento do homem.

— Onde, então, está "Ibis", o demónio?

— No próprio homem e é a reunião de todos os erros do pensamento.

Sem saber o que dizer, o chefe voltou-se para Adônis, explicando:

— Este rapaz blasfema porque está endemoninhado.

— Não, Mestre. Este menino está mais próximo da verdade.

Voltou o chefe a perguntar:

— Existe Deus?

— Deus não existe. Deus é tudo o que é.

— Para dizer a verdade, não sei a que atribuir isto.

Como provavelmente ninguém compreendeu estas palavras, o chefe continuou:

— Pode-se mudar o tema, para nos certificarmos — sugeriu Adonai.

— Tens razão. — E dirigiu as seguintes perguntas:

— Podes ver o futuro?

— Talvez, se me for permitido.

— Que porvir terá o nosso governo árabe?

Suspirando, respondeu:

— Não haverá governo para ter porvir.

Apesar da estrita disciplina, ouviram-se várias exclamações de estupor, enquanto o jovem continuava:

— Ai, ai de ti, Maisalun! Serás regado com sangue, Maisalun, o campo de batalha e da derrota! Os soldados árabes sucumbem! O sangue é inutilmente derramado... O rei foge coberto de vergonha e de remorso, porque não quis ouvir vosso conselho. Porém, vós estareis muito longe, porque não mereceis a vergonha da derrota. Todavia ai daqueles que o sangue dos mártires regar! Pagarão mil por um e seu país será dominado pelo déspota, mais forte. . . Guerras! Guerras! Mais guerras e mais destruição!

Ao terminar, o adolescente começou a tremer.

O chefe exclamou:

— Irmãos, nosso vidente está desvairado. Ibis se apoderou dele. De que rei fala? Que batalha haverá em Maisalun?. . . Agora estou certo de que está possesso.

E, por indicação sua, os presentes começaram a cantar para afastar o demónio e despertar o rapaz.

Adônis estava concentrado e grossas gotas de suor lhe escorriam pelo rosto.

CAPÍTULO VI

A VIRTUDE EGOÍSTA

Os Sufies têm um pequeno convento em Damasco. Às 9 da noite, Eshanty conduzia Adonai àquele retiro, onde foram recebidos com muita cordialidade e alegria. O Grande Sufi abriu a sessão e tomou a palavra. Falou cerca de meia hora sobre o Sufismo, sua origem e sua finalidade; em seguida, falou também sobre o grande Aristóteles. Por último, deu as boas vindas a Adonai, que foi apresentado à Fraternidade.

De pé, Adonai agradeceu calorosamente em nome de Aristóteles e em seu próprio nome, passando logo ao tema desejado. De suas palavras podemos repetir o seguinte:

"Irmãos: Pouco nos importa saber onde nasce a doutrina mística do Sufismo. Tão pouco é indispensável saber se a raiz etimológica desse nome é "suf", lã ou vestido de lã, por terem os primeiros adeptos, por humildade, escolhido esse material para a confecção de sua roupa; ou se é a palavra árabe "safu", pureza; a grega, "sofia", sabedoria; ou, segundo outros autores, "sufa", nome de uma tribo árabe que se separou do mundo antes do Islão e se consagrou ao serviço do templo da Meca. . .

"Tão pouco obtém o mundo grande proveito em discutir se o Sufismo tira sua doutrina mística do Corão, do Evangelho, do Neoplatonismo dos persas, da escola de Alexandria ou dos hindus. O misticismo do "sufi" é amordaçar a razão ou, pelo menos, subordiná-la ao sentimento. Atacar a liberdade para reduzir a vida inteira ao amor, e mais ainda, ao completo abandono de si mesmo. Tal é o princípio do Sufismo, como o de toda filosofia mística. Porém, irmãos, todos esses princípios são compreendidos hoje por todas as fraternidades herméticas, como compreendem os cristãos, maometanos, judeus, etc. suas religiões, isto é, praticar a virtude egoísta e discutir muitas coisas que não compreendem e jamais compreenderão. A razão, segundo eles, conhece primeiro as verdades essenciais, dá logo a prova da verdade, da relação e, enfim, estabelece a moral, forçando o homem a conhecer a lei obrigatória, decretada com um carátcr absoluto. De acordo com vossa doutrina, pode haver e há uma faculdade mais alta que a

razão, a qual, se chegarmos a possui-la, nos mostrará a incerteza dos sentidos. Porém, irmãos, como chegaremos a conhecer a verdade a não ser por intermédio da mesma Verdade?.. .

"O próprio Gazali, o grande árabe, disse: "Sou obrigado a voltar a aceitar as noções intelectuais como bases de toda certeza, não por um raciocínio sistemático e um acúmulo de provas, mas sim por um raio de luz que Deus envia a minha alma." Os dois métodos, a revelação e a iluminação, estão em luta. O primeiro é o das religiões e o segundo é dos hermetistas místicos. Porém, até agora, os dois partidos não chegaram ainda' a compreender que não pode haver nenhuma contradição entre ambos. Uma é o complemento da outra, pois não pode haver revelação sem iluminação. Os dois partidos se aferram às suas provas, e ambos se preocupam em praticar a virtude egoísta e grosseira. O primeiro quer ganhar o céu e o segundo a união com a Divindade.

"Céu e União: — eis o sonho dourado do mundo. Mas "salve-se quem puder", é o lema de todos. "Depois de mim, o dilúvio" é a filosofia de todo homem. . . Neste momento, não tenho tempo de ocupar-me dos adeptos das religiões que praticam o bem com o propósito de ganhar um céu, fabricado por sua fantasia e que crêem na condenação de todos os que não praticam sua religião e dentro da mesma. Porém, algum dia chegarão a compreender seu erro.

"Esta noite me é dado dirigir a palavra àqueles que crêem possuir a verdade. Vejamos se somos melhores que os místicos religiosos. Irmãos, a doutrina mística é uma só para todas as escolas, com pequenas variações nos termos. Estou entre os Sufies, tomo sua doutrina: Deus existe; Ele é tudo e toda coisa está Nele. Todos os seres são uma emanação Dele, sem serem realmente distintos. O mundo é eterno, mas a matéria nada mais é que uma ilusão dos sentidos. O Sufismo é a verdadeira filosofia do Islão, que é maior de todas as religiões. Porém, as religiões têm uma importância relativa e só servem para guiar-nos para a realidade.

"Deus é o autor dos atos do gênero humano, que não é livre em suas ações, porque é Ele quem fixa sua vontade. O homem possui, como o animal, um espírito original, um espírito animal ou vivente e um espírito instintivo. Porém tem, além disso, o espírito da humanidade, infundido em um sopro por Deus, e tem o mesmo caráter que o espírito original e construtivo. O espírito concomitante compreende o espírito original e o espírito de humanidade, estendendo-se sobre um tríplice domínio: animal, vegetal e mineral.

"Uns e outros não compreendem que cada ser é um elo na cadeia universal e que ninguém chegará à união se não empurrar quem o precede e arrastar aquele que o segue. Ninguém suspeita que a verdadeira união é a de toda a cadeia universal e, enquanto nela houver um só pecador, nenhum santo quererá receber as promessas.

"Não disse o grande iniciado São Paulo que todos devemos atingir a estatura do Cristo? Não disse o Mestre dos Mestres: "Estarei convosco até a consumação dos séculos"? Como pode crer um verdadeiro

Sufi que ele só pode chegar à união, pisando os crânios dos infelizes, dos ladrões, dos aflitos, dos sofredores? Não compreendeis, irmãos, que, enquanto houver um só desgraçado no mundo, a humanidade não será feliz?

"A união com Deus não se consegue com a virtude egoísta. Crêde-me, irmãos, uma moeda dada a um necessitado é mil vezes melhor que um dia de jejum. Um pensamento de paz é mil vezes preferível a um ano de oração.

"Irmãos, a humanidade é o corpo de Deus; como poderemos, portanto, unirmo-nos a Deus, se não nos identificamos com essa humanidade de que somos uma célula viva?

"O Sufi e o ocultista nunca devem dizer: "salve-se quem puder"; ao contrário, deve ser o capitão do barco e procurar que todos se salvem, ainda mesmo que sacrifique sua vida. O Sufi deve ser o salvador do mundo e não o salvador de sua própria alma, como faz o pseudo cristão.

"Que fizemos, irmãos, para salvar o mundo? Quantas vezes trabalhamos para o bem-geral, esquecendo-nos de nós mesmos? Todos vós haveis estudado as leis do corpo humano e, certamente, observastes que todas as células trabalham impessoalmente para o conjunto e este trabalha para todas elas. Que seria do corpo se as células do fígado, do estômago e dos rins, quisessem trabalhar por sua própria conta, abandonando a harmonia geral do corpo? Todos sabemos que seu fim seria a destruição. Acaso, quando nos afastamos do mundo, remediamos as suas enfermidades? O exército que abandona a batalha não pode triunfar. Sede pobres, se vos apraz, porém deveis distribuir a riqueza aos outros.

"Deus não pede louvor, nem gritaria; Ele pede silêncio no coração. Deus exige o riso no interior e a verdade nos lábios. Não deveis ajoelhar-vos diante de Deus, porque o homem de pé está mais perto do céu. Os que se ajoelham, se

mumificam, e os que estão de pé, trabalham. A virtude egoísta é sempre a perdição dos homens. Seus seguidores são como a fumaça sem chama: faz chorar os olhos, mas não aquece o corpo. A alma, que existiu anteriormente ao corpo, está encerrada nele como numa jaula. A morte é o objeto dos desejos do sufi, que por ela retorna ao seio da Divindade. A reencarnação purifica a alma para merecer a união com Deus. Essa união espiritual todos podem solicitar, mas ninguém a obtém sem a graça de Deus.

"O Sufi, enquanto vive no corpo, deve ocupar-se unicamente em meditar sobre a união, recitando os nomes de Deus e seguir a viagem da vida até a união com Deus. Agora vejamos o que pratica o Sufi. A vida humana é semelhante a uma viagem (Safar) e o sufi que busca Deus é um viajante (Salik). O objeto da viagem é buscar e alcançar o conhecimento de Deus (Mahifa), porque a existência humana é um período de esforço da alma, que não pode voltar a Deus se não atravessar diversas etapas sucessivas. O estado do homem é chamado (Nasut) humanidade; o discípulo deve observar a lei (Sharia). As outras etapas (Manasil) são: a natureza dos anjos (Malakut), onde se obtém o caminho da pureza, a posse do poder (Jabrut), grau que conduz ao conhecimento (Mahifa), e, por último, a extinção (Fana) ou a absorção da deidade, grau que corresponde à verdade (Hakica). O viajante tem que renunciar às riquezas e honras mundanas e aos deuses profanos; porém, se deve renunciar à satisfação dos seus desejos mundanos, deve praticar também a oração e o jejum. Para chegar a esse fim, o viajante tem três ajudas necessárias: a atração para Deus; a devoção (Ibada) seguida em dois caminhos: para Deus e em Deus; o primeiro é limitado e o segundo ilimitado. Enfim, a elevação.

"O crente, depois de haver sido (talib) homem instruído, dotado da real natureza de Deus e (murid) desejoso de possuir seu caminho, chega a ser (salik) viajante, pondo-se sob a autoridade de um guia, que lhe ensine a servir a Deus pela adoração, até que esta influência divina o faça alcançar a etapa do amor (ishk). A alma divina elimina de seu coração todo desejo mundano, conduzindo-o ao isolamento (zouhd), à vida contemplativa, passando pelo grau de (Mahifa) conhecimento, para alcançar a iluminação direta (wajd) ou êxtase.

"Depois de receber uma revelação da verdadeira natureza de Deus (etapa akika), a verdade chega à união com Deus (wasl). Já não pode afastar-se mais Dele. Só com a morte chega a (Fana) absorção da Divindade.

"Creio, irmãos, que com estas frases rememorei o código do Sufismo, que foi

ensinado a Martinez de Pasqualys, fundador do Mar- tinismo, sociedade hermética muito conhecida no Oriente e no Ocidente.

"Porém, irmãos, quisera dirigir-vos uma pergunta: — Que fizeram os Sufis ou as outras sociedades de ocultismo a mais do que fazem os cristãos, maometanos, judeus, etc.?... Os Sufis querem chegar à união com Deus, como o cristão e o maometano querem ganhar o céu, ainda que se condene o resto da humanidade. A humanidade é um mar cheio de pérolas, porém as pérolas do abismo não flutuam; é necessário um mergulhador que as vá procurar no fundo do oceano. Onde estão esses pescadores de pérolas?

"Irmãos, a tempestade se aproxima. Quereis ajudar-me a afastá-la? Não basta a boa vontade, necessitamos homens de ação que se sacrifiquem. Daqui podemos ordenar e evitar a desgraça, mas precisamos de seres que se sacrifiquem impessoalmente pelos demais. Quereis sacrificar-vos comigo, recebendo diretamente o golpe para salvar os outros? ... Respondei-me, por favor.

Todos os assistentes estavam admirados pela sábia exposição do orador, e muito mais pelas suas palavras finais.

A serenidade de Adonai interpretava claramente a gravidade do assunto. Ninguém se atreveu a responder. Reinava absoluto silêncio. Por fim, disse o chefe dos Sufis:

— Quiséramos saber de que se trata.

— Deveis ter medido o futuro sobre o passado. De minha parte, sinto muito não poder dizer-vos nada. Tudo o que posso ajuntar ao que já disse é que, depois dessa tempestade, uma onda de corrupção assolará o país.

— Ao menos podeis dizer-nos quando?

— Sim. Quando o obuz de um canhão destruir este convento.

— Felizmente, já não estamos mais em guerra.

— Entretanto, a guerra não terminou ainda.

O superior dos Sufis pensou um momento e disse:

— Bem, discutiremos tudo isso em sessão secreta.

— Sim, irmão. Posta a mão sobre o coração, esquece o homem os temores da mente. Talvez assim possamos vencer a nossa debilidade. Sede belos e resistentes como as colunas que suportam o peso do arco e que nossas almas ardam em desejos divinos e que se desvaneça seu orgulho na humildade da adoração. Quem busca o belo será o herói, porque contra o belo se agrupam todas as debilidades.

* * *

Quando Adonai saiu da reunião, acompanhado por Eshanty, este não se atreveu a dirigir-lhe pergunta alguma, porque via em seus olhos relâmpagos e raios. Ao chegarem à casa de Adonai, este disse ao seu companheiro:

— Vai em paz, irmão. O destino deste país é a escravidão; e esta está no sangue e até na medula de seus filhos. Esta geração não pode ter liberdade porque seus dirigentes não se sacrificam por ela. Para chegar à libertação é necessário sacrificar toda paixão humana, sacrificar nosso sangue... Este é o preço da liberdade. Necessitamos sacrifícios e não batalhas, nem guerras.. . Irmão, infelizmente meu sangue não é suficiente.. .

— E com o meu, irmão Adonai?

— Não, irmão. É necessário o sangue de doze, pelo menos, para começar a sementeira. Doze que sacrifiquem família, dinheiro, vida. Doze holocaustos impessoais e incógnitos. Doze, nada mais que doze. . . Que país tão pobre que não possui doze que por ele se sacrifiquem!

Os dois estavam entregues às suas meditações e nem sentiam a chuvinha fria e cortante que caía naquele momento.

Afinal despediram-se. Eshanty regressou, enquanto Adonai entrou na sala, onde encontrou Aristóteles. E, cheio de amor e admiração, ajoelhou-se diante dele, exclamando:

— Meu pai, estais aqui?

Aristóteles tomou-lhe a mão e o conduziu para a cama.

— Descansa, meu filho, o resto da noite. Tu estás fatigado. Amanhã conversaremos.

— Já vos atenderam?

— Sim, filho. Dormirei no outro quarto. Até amanhã.

CAPÍTULO VII

CONSELHOS

Três dias permaneceu Aristóteles em casa de Adonai. O ancião desejava infundir seu espírito no jovem que considerava como um filho.

— Meu filho, a liberdade é a essência da espiritualização. Ninguém pode libertar um povo cujos olhos perderam o brilho altaneiro, de tanto olhar para o céu para pescar a inteligência. Quem não tem o coração livre, tem a paixão débil e não pode sentir a amplitude do espírito. O homem pede a liberdade para escravizar-se a seus desejos e paixões, e chama estado o lugar onde pode suicidar-se lentamente. O homem que se converte na própria lei, legisla sem palavras e age sem objetivo.

"Do excesso de egoísmo nasce o amor próprio, que é o pai do espírito criminal. O egoísmo faz o povo inteligente e os inteligentes aniquilam os verdadeiros sábios. Nem agem, nem deixam os outros agirem. Foge, filho, porém que tua fuga seja a fuga do valente e não a do cobarde, porque é prudência fugir da peste. Em outros lugares, sim, há almas livres que ainda podem viver sobre a face da terra. Existem ainda almas com vida livre.

"Sê, meu filho, um estado livre, dentro do estado escravo. Sê a canção melódica entre a orgia dos ébrios. Refugia-te na solidão do teu coração e dita leis silenciosas que harmonizem o estrepitoso e mitiguem o agudo. Ali, onde cessa o estrondo do comércio, começa a solidão. O mundo gira em torno de um espantalho que chamou Deus. O seu Deus é como a água: adapta-se a todo recipiente.

"Ama, filho, a humanidade, mas não amarás os inteligentes da humanidade, porque são comediantes políticos. Quanto mais se afastar o homem dos inteligentes políticos, mais se aproximará de si mesmo. O comediante político busca a-glória, que se horroriza dele. Nas profundezas de ti mesmo está a identificação; tua descida a ti mesmo te conduz à ingenuidade; e a purificação de ti mesmo te confere a superioridade.

"Foge da inteligência e teu saber não será supérfluo. O sábio é o criador: cria, porém nada guarda para si; age, porém não aproveita; sobressai, porém não domina. Toda alma grande, segundo o mundo, é culpável: castiga-a por suas virtudes e perdoa seus erros. Quem quer agradar o mundo deve ser vaidoso e fingir modéstia. Os homens se sentem pequenos diante da grandeza da alma e esta pequenez se derrama como a bolsa de veneno no paladar da víbora. A grandeza da alma é o aguilhão na consciência do próximo.

"A força não é instrumento do sábio. O poder está na doçura. É bom ser patriota, porém é melhor ser cosmopolita e universal. A voz do poder fala baixo e lentamente. Só pode ouvi-la a alma desperta.

"A virtude, em si mesma, é a recompensa do sábio. Que a virtude seja uma flexa ou uma lança que rompa o odre das almas que se crêm virtuosas. Tens que expor os segredos de tua alma à luz do sol. Então poderás separar a verdade do erro. Tu deves amar a virtude e serás o verdadeiro virtuoso. Tu mesmo deves ser o sol e deixar que os homens analisem teus raios. Nunca deves seguir a virtude dos demais, porque estes crêem que seus temores são virtudes.

"Não supliques nem louves a ninguém, porque nenhum ser, nenhum santo é digno de súplica ou louvor. Uma ação para ser boa deve ser desinteressada. Nunca deves governar senão aqueles que sabem governar a si mesmos e por si mesmos.

"Teu interior deve ser tranquilo e não sujeito à comoção, ainda que flutuem em ti enigmas indecifráveis. Deves aprender a rir sempre, porque o saber é sempre alegria. Quando te cansares do teu saber, então brilhará tua beleza e quando te apartares de ti mesmo, poderás saltar por cima dos demais.

"Não busques a santidade hipócrita; tua obra deve ser taciturna. Sê um raio na vida dos demais, porém nunca um trono para seus ódios. Os olhos devem expressar a luz sem sombra, porém as mãos não devem sombrear a obra. A sociedade não mata um desejo. Só a beleza acalma a paixão."

E muitos, muitos conselhos mais, foram emanados dos seus lábios. . .

CAPÍTULO VIII

INTERROGATÓRIO

Uma noite, Aristóteles disse a Adonai:

— Meu filho, logo terei que abandonar esta jaula, já imprestável.

Adonai olhou-o surpreendido.

— Por que te admiras? Já mais de um século suportou-me. Já é tempo que volte ao pó, donde saiu.

Os olhos do jovem exprimiam uma tristeza profunda.

— Não sejas egoísta. Não sabes que a morte é uma recompensa da vida? Quem chora a morte de um ser querido é um egoísta, porque não chora realmente a sua morte, mas sim a utilidade que perdeu.

E continuou, depois de um curto silêncio:

— Penso abandonar este corpo no dia 10 de março. Porém, antes de elevar-me, quero encarregar-te de um grande trabalho: depois de minha morte, ou seja no dia 11 de março, deves abrir este pacote lacrado. Tens que cumprir a minha vontade. Prometes?

— Prometo.

— Para a nova era, o Colégio dos Magos deverá ampliar o seu raio de ação.

— Será ampliado.

— Tu deves levantar um pouco mais o véu de ísis e arcar com a responsabilidade de tê-lo feito.

— Eu o farei.

— Para cada mago branco há um mago negro, que procura estorvar a realização da sua obra. Tens que derrotá-los.

— Eu os derrotarei.

— O reino do inferno está em ti. Deves convertê-lo em reino de paz.

— Convertê-lo-ei.

— Tens também que salvar o teu demónio que governa neste teu inferno.

— Salvá-lo-ei, com seu exército, conquistando-o.

Aristóteles sorriu satisfeito e continuou:

— Tens que descobrir o caminho e a porta do Éden.

— Já estão descobertos.

— Tens que entrar nele.

Adonai calou-se. Sentiu todo o seu corpo possuído por um tremor estranho.

— Por que calas?

— Porque nesta vida não me sinto capaz nem suficientemente purificado.

— E não merece uma tentativa?

— O Mago deve marchar com pé firme e não distrair-se em ensaios e tentativas.

Novamente sorriu o Mestre e retrucou:

— Encontraste o anjo da espada?

— Sim, porém não pude chegar até o arcanjo.

— Que te deu?

— A Taumaturgia.

— Viste C.?

— Por compaixão desceu até a mim.

— Viste a sarça ardente?

— Várias vezes.

— Subiste à montanha?

— Nem uma só vez. Não posso... talvez devido à fumaça...

— Então precisas de...

E bruscamente calou-se, pensativo, ajuntando em seguida:

— Colocaste a ponte que deve ligar os dois sistemas?

— Já foi feita.

— Quantas portas abriste?

— Apenas a primeira.

— Como? Ficaste por aí? E que sentes?

— Por que me perguntais por meus sofrimentos?

— Adonai, meu filho! Desde quando? Desde Astaruth?

Adonai calou-se e Aristóteles insistiu:

— Voltaste a ver Astaruth?

— Várias vezes.

— Onde está agora?

— Não vos preocupeis. Já passou o segundo e está trabalhando no terceiro.

— Adonai, "não te converteste até hoje em alma feminina"? Não sabes que o

masculino deve possuir o feminino, sem o que não encontrará a mulher?

Adonai sentia seu coração sangrar. Aristóteles sofria também; porém, reagindo, disse:

— Ouve, Adonai: Logo virá o auxílio de que necessitas. Tem paciência mais um pouco. Porém, acredita-me, meu filho, eu felicito-te de coração porque jã percorreste um grande trecho do caminho e, de um salto, chegarás à meta. Não há mal de que não resulte um bem — disse o Mestre. — Assim o quis o Intimo, para teu bem e para o bem dos demais. Que dor! é certo. Porém, igualmente, que felicidade! e que alegria! Ainda que meu coração chore por ti, sou capaz de cantar pela minha felicidade. "Ela" virá logo e te ajudará.

Vendo Aristóteles contente, Adonai se reanimou um pouco. Quis- dizer algo, porém seu Mestre adiantou-se:

— Filho de minha alma, o íntimo sabe o que faz, porém agora te conjuro, pelo que há de mais sagrado, pelo meu amor por ti, que tenhas cuidado. Deves enfrentar a causa que vai dar um impulso mau à tua energia, até chegar à quinta etapa. Tem cuidado, Adonai. Não deves sacrificar todo o teu sofrimento anterior por um prazer estúpido. Espera que o fogo chegue à tua fronte; então sim, poderás, depois, casar-te. Não me obrigues a carregar com tua culpa até além da montanha! Eu tremo por ti e por mim, e até sinto a tentação de prolongar minha vida, para poder cuidar de ti e deixar-te no trono. Adonai, eu te suplico. . . Se quiseres, sacrificar-me-ei por ti, contanto que triunfes.

Adonai contemplava-o com infinita ternura, e respondeu:

— Eu vos prometo e vos juro que procurarei a porta e que não conhecerei mulher alguma até chegar à ..... Pedis mais, querido pai?

— Agradeço-te e, mesmo depois de minha morte, hei de bendizer-te. E tu também, algum dia, bendirás meu nome por isto.

* * *

Quando, no terceiro dia, se despediu, Aristóteles estava bastante tranquilo e Adonai algo aliviado, porque a esperança infundia-lhe coragem.

— Até a vista, Adonai! — disse Aristóteles.

— Para onde vos dirigis, Pai?

— Sigo para Beit Eddin.

— Algum dia irei visitar-vos.

— Porém, que seja depois do teu triunfo.

— Prometido.

— Eu te esperarei de braços abertos. . .

CAPÍTULO IX

UMA CHAMADA URGENTE

Desperta-se, às vezes, o homem de seu sonho melancólico, triste, sentindo um grande prazer e alívio no pranto, porém sem saber a causa da sua dor.

Muitos quiseram explicar cientificamente o fenómeno, mas fracassaram.

De minha parte, acredito que a tristeza muda, agarra com seus fortes dedos os corações sensíveis, para fundi-los em seu cadinho e purificar seu metal.

Se o homem fosse alegre durante toda a sua vida, nunca chegaria a sentir o infortúnio alheio.

Há, em árabe, um adágio: "Hoje para o vinho e amanhã para a realidade." O homem na orgia não pensa nos assuntos importantes da vida.

* * *

Na manhã de um domingo, Adonai levantou-se triste.

Havia passado a noite numa alegre e divertida reunião, onde havia o músico, o cantor e o poeta.

— Que coisa tão esquisita! — disse ele a si mesmo. — Os brandos dedos da noite converteram-se em garras esta manhã.

Vestiu-se rapidamente e dirigiu-se à janela que dava para o jardim interno da casa. Abriu-a e começou a contemplar as árvores sem folhas, sem vida, como o seu coração.

Ouviu o longínquo som de sinos, chamando para o cumprimento dos deveres religiosos. O Muazin, à sua esquerda, convidava os fiéis à oração. Adonai levantou seu olhar para o céu e, contemplando o firmamento, ainda manchado da noite, disse:

— Bendito sejais, meu Pai, na alegria e na tristeza! Abri meus olhos para que eu Vos veja em todas as coisas e meus ouvidos para escutar-Vos a cada instante.

Fechou os olhos e entregou-se à meditação. Um rouxinol despertou-o. Abriu os olhos e começou a procurá-lo entre os ramos, mas não o encontrando, murmurou:

— O rouxinol canta. Talvez procure sua amada. E tu, onde estás agora? Já cruzaste a fronteira e vives feliz? Recordas ainda o rosto daquele que via a vida sorrir, somente quando estava perto de ti? Pois agora, tu não o reconhecerás, porque a tristeza e os perigos desenharam em sua face sombras muito fortes e profundas. É verdade que há leis que separam os corpos, porém os espíritos dormem tranquilos nas mãos do amor, até que venha a morte que os conduz a Deus. E tu, que vives ainda, expele teu hálito na atmosfera para que meu espírito com ele se vivifique. Sorri para que se opere a ressurreição do meu corpo. Desperta-te, quero ver-te feliz, ainda que seja longe de mim. Meu espírito chama. Fala! Deixa que teu hálito corra com as brisas que vêm dos vales do Líbano. Canta! Só eu te escuto!... Já vem a aurora e os dedos do despertar começam a abrir as pálpebras daqueles que ainda dormem. Os raios deste sol de ouro banham o cume da montanha Hermon, rompendo o véu noturno. Soam as vozes dos sinos anunciando o começo da oração e os vales devolvem o eco do seu som... Toda a natureza se desperta alegre. Ah! A vida perto do amor! É como o coração do poeta, cheio de luz e doçura. Porém, longe dele, é como o coração do criminoso, envolto no ódio e no remorso, sempre temeroso da sua própria malignidade.

E assim falava dos seus amores perdidos. Por que, em sua tristeza, o homem sempre procura alívio no passado, ainda que a recordação aumente o pesar? Porém, às vezes, essa mesma tristeza é doce, porque evoca dias felizes.

Bateram na porta, chamando-o do sonho à realidade.

— Entre! — ordenou ele.

— Bom dia, senhor — saudou o seu criado ao entrar. — O lacaio de Monsenhor deseja vê-lo.

— Mande-o entrar.

Ao vê-lo no limiar da porta, Adonai exclamou:

— Olá, jovem. Como está Monsenhor?

— Vai bem, senhor. . . Ontem eu vos procurei em toda a cidade e não vos encontrei...

— De que se trata?

— Parece que Monsenhor recebeu uma carta do Líbano que o está preocupando bastante. Mandou que eu vos procurasse por toda parte, mas, não tendo conseguido encontrar-vos ontem, vim hoje de madrugada, antes que vós saísseis.

Adonai refletiu um momento e depois ordenou:

— Podes ir adiante e dizer a Monsenhor que irei dentro de alguns minutos.

—

* * *

Meia hora depois, o jovem se achava no salão do Bispo e lia o seguinte:

"N. Líbano, 15 de janeiro de 1919.

Monsenhor:

Um pai que se encontra à beira do túmulo pede o vosso auxílio para devolver a paz ao seu coração ferido.

Quatro dias de sofrimentos fizeram de mim o homem mais infeliz deste mundo, fazendo-me perder inteiramente o desejo de viver. Só a esperança detém minha mão contra o veneno ou o punhal.

Minha filha, minha única filha Maria, abandonou a casa há quatro dias. Para onde foi? Não posso saber. Deixou o lar sem levar consigo roupa nem dinheiro. . . Não sei que motivo a levou a tomar uma decisão tão violenta. Não nego que a tratei mal, porém foi uma só vez e para seu bem; mas isso já faz bastante tempo.

Agora, eu vos suplico, vos conjuro pelo que há de mais sagrado, que mandeis proceder a rigorosa busca em todos os recantos de Damasco, pois é bem possível que se encontre aí. Incluso encontrareis um cheque de cem libras. Não

economizeis.. . Em todas as cidades pedi que a procurassem.

Oxalá, Monsenhor, possais devolver-me a paz e a felicidade. Se for necessário darei toda a minha fortuna a quem me entregar minha adorada filha. Os seus traços são os seguintes: Talhe elevado; cor branca; cabelos negros; fronte alta; olhos grandes e negros; nariz grego; boca pequena; idade, 22 anos. Na bochecha esquerda tem uma meia lua negra, aproximadamente do tamanho de uma lentilha. Acompanham também fotografias, tiradas em diferentes ocasiões.

Podereis, Monsenhor, devolver a alma ao corpo deste vosso caduco servidor? Beija vossa mão,

JOSÉ HARKUCH."

Adonai lia e relia a carta e fechava os olhos como para rememorar algo longínquo. Torturava sua mente com perguntas:

— Já ouvi este nome: José Harkuch.. . Harkuch. . . Maria. .. onde.. . como. . . quando. com quem? Harkuch.. .

O Bispo contemplava-o silencioso para não interromper o curso das suas idéias.

Adonai levantou-se do seu assento, exclamando:

— Já sei. ..

— Que dizes, filho? — perguntou o Bispo, assombrado.

— Nada. Porém, Monsenhor conhece pessoalmente José Harkuch?

— Sim, eu o conheço.

— Não há outro em N. que tenha o mesmo nome e apelido?

— Nem em N. nem em todo o Líbano.

Adonai calou-se.

— Que será feito de João Bakal? Não foi Maria sua namorada, conforme me dizia em suas cartas, antes da minha fuga? Passou tanto tempo... — dizia ele para si mesmo. E, em seguida, acrescentou em voz alta: — José Harkuch deve

ser rico: este cheque o atesta. A filha de um homem rico, no Líbano, não abandona sua casa por necessidade. Que é que a obrigou a fugir? De duas uma: ou o pai queria casá-la contra sua vontade ou cometeu ela alguma falta grave e fugiu para ocultar sua desonra. .. Dizei-me, Monsenhor, José Harkuch não tem o título de Bey?

— Sim, efetivamente.

Novamente pensou Adônis no seu condiscípulo João Bakal e concluiu, com certeza, que se tratava da mesma jovem que seu amigo amava. O Bispo cortou-lhe o fio dos pensamentos com uma observação:

— Esta dedução é bastante acertada. Porém, não podia ter-se dado o caso da jovem ter fugido com algum namorado para casar-se em algum lugar afastado?

— Não creio, porque neste caso os dois namorados deviam ausen- tar-se do povoado... O pai tem certeza, ao afirmar que sua filha fugiu sozinha. Num povoado seria difícil refugiar-se. Logo, deve estar numa grande cidade, como Beirute ou Damasco.

— Assim deve ser, meu filho. Peço-te que me ajudes a procurá-la em Damasco.

— Acaso sou eu detetive, Monsenhor? — objetou Adonai, sorrindo tristemente.

— Por favor. Compadece-te das lágrimas desse pobre velho. Tu és secretário do Emir e todas as portas se abrirão diante de ti. .. Além disso, não confio em outra pessoa. . . Que Deus te abençoe! Sempre te considerei um homem de coração nobre, incapaz de fechar os ouvidos ao clamor dos necessitados. . . Toma este cheque, cobra-o e, se precisares mais, podes pedir-me.

Enquanto o Bispo falava, Adonai olhava fixamente para o solo e, por fim, respondeu:

— Se Monsenhor acredita que procurar a jovem é uma boa ação, é melhor guardar o cheque para que a matéria não empane o brilho da boa obra.

— Tens que levá-lo.

— Está bem. Dai-mo.

E, dizendo isto, despediu-se e saiu.

CAPÍTULO X

COM O ALÉM

Adonai voltou para casa e ordenou ao seu criado que ninguém o molestasse, pois não estava para ninguém, não desejando ser incomodado sob nenhum pretexto. Entrou em seu dormitório e, tirando uma chave do seu bolso, abriu uma porta que comunicava com um aposento interno. A peça era bastante escura. Os únicos móveis eram uma mesa triangular, colocada na parte oriental, junto à parede, alguns centímetros abaixo de uma janelinha circular que dava para o jardim. Sobre a mesa havia dois castiçais com as respectivas velas e um pergaminho com várias figuras. Além disso, havia um espelho muito límpido, de tamanho regular. Um tripé, não longe da mesa, sustentava um queima-perfumes. Ao lado oposto se achava urna cama.

Adonai despiu sua roupa e vestiu uma túnica branca. Acendeu as velas e, na chama de uma delas, acendeu um pedaço de madeira aromática que colocou no queima-perfumes. Terminados esses preparativos, deitou-se, contemplou longamente uma das fotografias da moça, colocando-a, em seguida, sobre a fronte, com os olhos fechados, e chamou:

— Maria, onde quer que estejas, quero ver-te.

Passaram-se vários minutos. Porém, a mente não obedecia, em lugar da figura de Maria, todos os seus pensamentos giravam em torno de João Baleai. Intensificou seu esforço de concentração, porém foi inútil. Após cinco minutos, Adonai perdeu a sensibilidade externa e, nesse estado, viu diante de si João Bakal. Este, ao ver à sua frente o seu amigo, demonstrou uma alegria tão viva, que não se pode descrever com palavras humanas. Também Adonai sentiu profunda alegria, ao invés de receio por esta aparição.

— João, que tens?

— Que tenho? Pois o inferno está em mim. Não me abandones antes de aliviar-me! Este é o meu destino, que não quiseste revelar-me.

— Dize-me, por que és tão desgraçado? Que posso fazer por ti?

— Adônis, já não tenho mais corpo. Abandonei-o há algum tempo. Sofro porque não posso cumprir minha palavra para com Maria. . . Deixei-a grávida antes de casar-me com ela. Maria fugiu de casa e está aqui em Damasco. Irmão, peço-te fazer algo por ela. Do contrário não terei tranquilidade.

— Acalma-te, João. Prometo-te fazer por ela o que estiver ao meu alcance.

— Que alívio!. . . Muitas vezes procurei-te, porém não pude chegar a ti e sofri muito.

— Nunca suspeitei de teu estado.

— Adônis, sinto a teu lado algo de Maria.

— Efetivamente. É um retrato dela. Estava procurando-a quando te apoderaste da minha concentração. Podes dizer-me onde está Maria, agora?

— Está num prostíbulo de Damasco c logo dará à luz. Chegou anteontem.

— Em um lugar desses? Que dizes?...

— Sim, ali chegou anteontem e sofre muito, muitíssimo. Segundo ela pensa, aquele é o lugar mais apropriado para ocultar sua desonra.

— João, meu irmão, peço-te não dirigires mais teus pensamentos para este mundo. Prometo-te que serei um pai para teu filho e um irmão para Maria. Não sofras mais! !

— Ai, Adônis! Que horríveis sofrimentos padece o homem que abandona seu corpo definitivamente, antes de cumprir um dever, ou quando tem c> pensamento fixo nos seres queridos que deixou no mundo, sobretudo quando se acham emocionalmente ligados à alma do defunto! As emoções intensas, como o amor, o ódio, a inquietude pelo não cumprimento do dever ou de algum importante trabalho, produzem na alma, que acaba de desprender-se do corpo, um desassossego bastante poderoso par^ atraí-la à terra.

"A alma neste estado sofre horrores. Não pode ter um momento de descanso e paz. Sente:se entre duas correntes opostas que a atraem: uma convida-a ao repouso e a outra à dor e ao sofrimento. Esse inferno horroroso impede que se desenvolva em sua nova fase de existência, onde se acha tomo um cego

abandonado. Quando vem um amigo para aconselhá-lo e ajudá-lo, não pode ouvi-lo, porque não é senhor da sua mente. Eu seria feliz se não fora por Maria e por meu filho.. . A incerteza pelo futuro desses dois entes queridos que deixei na terra, constitui o meu inferno e sempre sinto um impulso invencível e involuntário para comunicar-me com eles. Porém, Maria não me ouve e o mais doloroso é que sempre chora a minha ausência, estando eu a seu lado.

"Quero orar, porém os pensamentos dela atravessam minha mente e me fazem perder o fio das minhas idéias. Suas lágrimas têm raios de fogo que caem sobre mim, convertendo-me em uma pira ardente, que não me deixa descansar um momento sequer.

"Irmão Adônis, tu deves procurar corrigir esses infelizes costumes no mundo. O homem não deve ter apego a coisa alguma e a ninguém, e nunca desesperar-se pela morte de um ser querido. A evocação mental que faz a sobrevivência deve ser doce, amorosa, porém nunca desesperada. Acredita-me que, até agora, não pude ainda dormir um só minuto, devido ao sofrimento de Maria e ao meu amor por ela.

"O mundo deve mudar os seus sistemas religiosos, no que dizem respeito ao além. Aqueles a quem chamam mortos, são mais vivos e mais sensíveis do que os que vivem na terra. Nós, que aqui estamos, não entendemos as palavras, mas os motivos e as causas das palavras. Tu e eu não estamos falando, e sim pensando, pois o pensamento é a fonte donde emana a palavra. Tenho a meu lado um ser caridoso e carinhoso. Quero ouvir seus conselhos e obedecer-lhe. Porém não posso, porque minha mente está focalizada noutro ponto.

"Referindo-se a um morto, as religiões dizem: "que descanse em paz", mas os homens não o deixam em paz um só instante. Sem esse descanso, nós, que estamos aqui, não podemos abrir os olhos para outras atividades e outros cenários. O desassossego nos liga, cada vez mais, aos nossos defeitos, vícios e desejos, e assim permanecemos como os estudantes preguiçosos que repetem sempre o mesmo ano. Neste estado, me verás sempre ansioso e sem anelos nem esperanças. Peço-te, portanto, pelo que há de mais sagrado, livrar-me destas cadeias que me ligam ao passado, pois é a única coisa que me atormenta. Tu. me prometes, Adônis?"

Inteirado da morte de João e da sorte de Maria, sentiu Adonai uma forte emoção dolorosa, convertendo-se depois em energia, que dirigiu para João, dizendo-lhe

com voz imperiosa, porém cheia de carinho:

— João, meu irmão, eu te prometo, sem jurar, que serei um pai para teu filho. Maria será minha irmã. Por este lado, podes estar tranquilo. Agora ordeno-te, como irmão e como autoridade, que dirijas teus pensamentos para os planos superiores e, em seguida, entrarás no estado de repouso das almas. Percebes? Eu te ordeno.

Adonai contemplava João e observou que certos raios que emanavam dele mudavam de cor. Viu que a seu lado se encontrava um ser desconhecido, porém de atraente simpatia. Este dirigiu a Adônis um olhar de agradecimento e a visão desapareceu.

CAPÍTULO XI

NOS PROSTÍBULOS

O pudor é a defesa do progresso, e a libertinagem a sua destruição. Nunca poderá progredir uma nação se seus filhos se afundam na lama da corrupção. Porque o escravo das suas paixões é também escravo dos seus semelhantes. Não há liberdade sem honra e não há honra sem pureza e domínio das paixões. A libertinagem é o símbolo da decadência dos reinos porque debilita as forças mentais e corporais, aniquila o vigor e amesquinha a alma. Nosso melhor testemunho é a história: O Império romano, que estendeu o seu domínio sobre o mundo inteiro, desmoronou-se quando a moral foi aniquilada pelo vício. O reino árabe, que teve seu apogeu ao tempo de El Rachid, lançou-se no abismo nos tempos de El Mahtasam, época era que campeava também a libertinagem. E assim poderíamos prosseguir, encontrando sempre, em cada página, os nomes das grandes nações, como a Grécia e o Império Romano, grandes quando eram virtuosas e decadentes quando se entregaram à devassidão e ao desregramento.

As filhas da prostituição são como o veneno no mel: doce, porém mortal. Deus criou entre o homem e a mulher uma atração que deve ser a base de toda felicidade e prosperidade. Porém, os homens, em sua loucura, a empregam como meio de destruição. Seus rostos, isentos de pudor e atração espiritual, estão pintados com cosméticos e pomadas, que dissimulam a verdadeira fisionomia. Vestem-se com imoralidade, exibindo seus corpos que, muitas vezes, trescalam à morte. Todos os governos do mundo velam pelo progresso e pela saúde de seu povo e gastam somas fabulosas contra diversas enfermidades: vacinam contra diversas moléstias infecciosas; instituem quarentenas e diversos postos de profilaxia. Procuram proporcionar todas as comodidades possíveis; abrem largas avenidas; jardins e praças magníficas são oferecidos ao povo. Mas todos os esforços dos governos, no sentido de extirpar esse cancro social, que é a prostituição, têm sido improfícuos.

Os motivos desse fracasso são vários. A questão é muito complicada e não depende somente dos governos, isto é, de leis proibitivas, haja vista o que se deu com a "lei seca". A prostituição obedece à lei da oferta e da procura. Enquanto houver homens que procuram as prostitutas, estas terão que existir, pois

constituem um mal necessário. É uma válvula de segurança da sociedade. Se ela não existisse, perigariam os lares, as famílias. Porém, com o tempo, quando a educação dos nossos rapazes for diferente, quando os conhecimentos ocultos ditarem as leis e dirigirem a educação da juventude, então sim poderá ser extinto esse foco de infecção física e moral. Pois, então essa mercadoria proibida deixará de ter procura.

Com leis somente, não seria possível coibir a prostituição, pois ela se faria da mesma forma, clandestinamente. Só com uma educação apropriada e um conhecimento mais amplo das questões sexuais poder-se-ia atingir tão grande desiderato. O homem e a mulher são as colunas em que se apoiam a Divindade e a Natureza. Como podem, então, suster-se sobre colunas que ameaçam ruína?

A desgraça é que a mulher moderna não possui ideais elevados e está absorvida pela vaidade, sem nenhuma educação fundamental e sem nenhuma iluminação espiritual. Seu cérebro só se ocupa com modas, futilidades e amor próprio.

A culpa, porém, não é delas: o homem as corrompe e faz delas um instrumento de prazer, e elas se vingam, arrastando-o à lama onde ele as lançou, e infetando seu corpo e sua alma com um vírus pestilencial.

Se os homens soubessem que nenhuma civilização é possível sem a mulher, boa ou má, a adorariam sem profanação e amariam sem desejo, para não serem arrastados, pelas vibrações femininas, ao abismo. "Deus quer o que a mulher quer", diz o rifão, porque ela é onipotente, quer ela o saiba ou ignore.

* * *

Por aquelas ruas malsãs, onde se impregna o ar com as emanações da morte; por aquelas lúgubres casas onde se cometem os delitos cobertos pelo manto da noite; por aquelas ruas tortuosas como serpentes negras, andava Adonai, percorrendo todos os prostíbulos de uma das maiores cidades da Síria — Damasco. João tinha dito que Maria estava num prostíbulo, porém Adônis esquecera-se de perguntar-lhe onde estava situado.

Com razão disse Xavier de Montepin: — "Muita semelhança há entre as casas e as pessoas: umas são simpáticas e outras antipáticas." Um homem de honra deve ter uma grande dose de coragem para penetrar, sem ocultar-se, naquelas casas, onde a juventude dá o primeiro passo em falso.

Ao entrar na guarida do pecado, Adonai sentia uma crescente asfixia e falta de ar.

— Com que excusa ou pretexto entraria? Que diria?

O que mais o aborrecia era que, ao entrar, devia perguntar pela "proprietária" e, como ele não podia dar-lhe esse nome, devia, segundo o paradoxal costume do país, chamá-la "mãe". Quando pronunciou esse nome no primeiro lupanar, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Procurou então outro nome. Ao defrontar-se com "ela", diria, por exemplo:

— Senhora, quero uma pequena que me agrade e não olho preço. Porém, não pude encontrar ainda nenhuma que fosse do meu gosto.

Finalmente chegou a uma casa de aparência mais luxuosa do que as anteriores. Entrou no corredor, com o rosto em brasa, temendo encontrar algum conhecido. Mas, afinal conformou-se, pensando:

— Que me importa a opinião alheia se estou em paz com a minha consciência?

Chamou na porta e, passados breves minutos, apareceu uma mulher jovem, ruiva e formosa. Ao vê-lo tão elegante e distinto, saudou-o, dizendo:

— Querido do coração, seja benvindo.

Sorriu Adonai. Ela, com a familiaridade de uma esposa, aproxi- mou-se dele e, com os braços, rodeou seu corpo, erguendo-se aos poucos até que seus seios chegaram ao peito de Adonai. Porém, quando seus olhos tropeçaram com o olhar triste do visitante, seus braços se afrouxaram e ela se afastou um pouco, perguntando-lhe:

— Senhor, em que posso servir-vos?

— Linda, desejo falar com a dona da casa.

— Com a senhorita Ivon?

— Sim, com ela mesma — respondeu Adonai, satisfeito por saber seu nome.

Logo depois, Ivon, a Romana, estava em frente de Adonai, dando-Ihe as boas

vindas.

— Senhorita Ivon, venho atraído por sua fama. Desejo algo novo e bom.

— Oh, querido senhor! — lamentou-se ela. — Infelizmente não posso servir-vos.

Adivinhando a mentira nos olhos de Ivon, replicou ele:

— Por quê? Dinheiro? Há de sobra. . . Contaram-me que anteontem recebeu uma.

— Ó meu Deus! Que humanidade é esta! Como puderam descobrir? Ouça-me: eu não vos estou enganando. É certo que anteontem realmente chegou uma formosíssima jovem. Porém ela não veio para exercer "o ofício", mas tão somente para dar à luz aqui e ocultar a sua desonra. ..

— Como?

— Sim, senhor. E sua história corta-me o coração — disse Ivon, fingindo profunda piedade.

— Posso vê-la?

— Não, porque não quer ver ninguém.

Adonai tirou duas libras e colocou-as na mão dela, repetindo:

— Quero vê-la.

Ivon sorriu, dizendo:

— Como os homens são caprichosos! Mas como poderei trazê-la, se não quer ver ninguém?

— Diga-lhe que sou o médico da higiene, que venho examinar as pensionistas.

— Porém, ela teme o médico, mais do que qualquer outra pessoa.

— Olhe, pode dizer-lhe que o médico não examina as mulheres grávidas, mas que a lei obriga a todas a se identificarem, para que possam ter domicílio fixo.

Admirada Ivon pela generosidade e sagacidade do visitante, levantou-se e saiu, dizendo:

— Contai comigo, senhor.

Adonai ficou só, meditando. Aquelas lúgubres paredes ocultavam a tragédia de muitas vidas e gerações . Naquela casa vive um coração que sofre e que representa sua tragédia todas as noites, porém a poucos interessava assistir, porque é muito dolorosa. Será Maria a mulher de que falaram? Ela, que passou sua primeira juventude nos braços do amor, filha da formosa terra do Líbano, está agora neste antro de crimes?

— Não será outra? Que me importa seu nome? Seja Joana ou Maria, eu a salvarei. Porém, se não for Maria, para onde a levarei? A minha casa, para que dê à luz? Só me faltava isso. E que farei eu com uma parturiente?

Enquanto estava entregue a essas meditações, entrou Ivon, trazendo pela mão uma mulher.

— Doutor, esta é a nossa hóspede.. . Custou-me muito convencê-la.

Era mais uma aparição do que um ser vivo: um rosto angélico, velado pela vergonha e pela palidez. O olhar tranquilo dos seus olhos era perturbado e velado pelo infortúnio. Os lábios recordavam os bordos de uma larga ferida num cadáver. Os braços finos e descarnados, semelhantes a duas hastes de mármore. Busto inclinado como se carregasse o peso de cem anos.

Adonai procurou em seu rosto o pequeno crescente lunar de que falou Harkuch em sua carta, e encontrou-o no lugar indicado. Seu coração saltou de alegria e ansiedade.

— Não deves temer o médico, filhinha — falou Adonai, carinhosamente. — Senta-te. O médico é um verdadeiro sacerdote.

Como se a palavra sacerdote produzisse nela uma recordação repugnante, levantou bruscamente o olhar, fixando-o em Adonai, que, por sua barba crescida, parecia realmente um sacerdote, se bem que o cabelo castanho e ondulado o assemelhasse a outro ser... O seu olhar triste, cabelos castanhos e ondulados caindo-lhe sobre os ombros, barba roçando o peito, davam-lhe uma longínqua semelhança com o Divino Mestre, o doce Jesus. A moça deixou-se cair numa

cadeira, enquanto Ivon lhe dizia:

— Tranqiiiliza-te, minha filha. O doutor é muito bom.

E piscando para Adônis, retirou-se.

O suposto médico não sabia como começar a conversação. Tomou uma caderneta de notas e um lápis, perguntando:

— Como te chamas, menina?

A palidez da interrogada aumentou e começou a morder um len- cinho que trazia na mão. Adonai levantou-se. Colocou sua cadeira ao lado dela e exclamou, com toda a ternura do seu coração:

— Que tens, minha irmã?

Quando ela ouviu o título carinhoso que acabava de lhe dar Adonai, olhou para ele com uma tristeza indescritível e, ocultando o rosto com as mãos, desatou em pranto.

Adonai, sentindo-se desfalecer, deixou-a chorar, enquanto voltava a cabeça para afugentar as suas lágrimas. Fez, finalmente, um esforço. Aproximou-se mais dela e, acariciando-lhe o cabelo, disse:

— Levanta a cabeça, irmã aflita. Dize-me se posso ajudar-te em algo. Não me temas. As desgraças da vida abriram-me o coração aos raios do amor e da compaixão. A mancha do vestido nunca pode manchar o espírito, assim como a neve não mata as sementes vivas que brotam debaixo da terra. A vida, irmã, debulha as espigas da alma, porém infeliz é a alma cujas espigas estão vazias. O ouro do espírito é o mesmo metal da Divindade; o fogo pode derretê-lo, pode mudar sua forma, porém nunca terá poder para mudar sua natureza, transformando-o num metal inferior. Tem confiança em mim e dize-me em que posso servir-te.

— Quero morrer, doutor.

— Lindinha, quem foge da vida não encontra repouso na morte. ..

Tremeu Maria ao ouvir a sua antiga frase.

— Podeis, senhor, dizer-me onde se encontra a tranquilidade a não ser na morte?

— Busca-a na Providência.

— A Providência me abandonou.

— Estás blasfemando, jovem. A Divina Providência não abandona ninguém.

— E se vos provar que estou abandonada?

— E se eu te provar que estás enganada?

— Obrigada, doutor, por vossas palavras, ainda que careçam de prova.

— Queres a prova? Pois bem, ouve-me: Maria Harkuch, prepara-te para seguir-me.. . Eu vim salvar-te!

Quando Maria ouviu seu nome e apelido dos lábioé daquele desconhecido, retrocedeu apavorada, como se visse diante de si um espectro horroroso. Adonai, por sua vez, pôs-se de pé, deu um passo para trás e, cruzando os braços sobre o peito, disse-Ihe:

— Maria, não temas. Não sou nem um demónio nem um anjo. Sou apenas um homem como os demais, que vem salvar-te e ajudar-te.. . Irás buscar imediatamente tuas roupas para fugires deste túmulo caiado.

Como se voltasse a si de um desmaio, Maria gritou:

— Quem é o senhor? Como me conhece? Saia daqui imediatamente! Não preciso do senhor, nem quero auxílio de ninguém. . .

Adonai aproximou-se de Maria, que queria fugir; tomou-lhe o braço e cravou nela um olhar mais penetrante ainda. Não era de cólera, mas sim de comando. E sem deixar de olhar para ela, disse:

— Não queres? Eu sou o dono do querer e do não querer, e eu te salvarei mesmo contra a tua vontade. Pouco me importa se queres ou não.

Maria cambaleou, como se fosse desmaiar. Adonai teve necessidade de soprar-lhe nos olhos para alertá-la. Conduziu-a a uma poltrona e fê-la sentar-se.

Nesse momento, entrou Ivon, a quem Adônis falou imperiosamente:

— Senhorita Ivon, esta jovem vai comigo. Peço-lhe ajudá-la a arrumar suas roupas.

A Romana, ao ouvir estas palavras, com os olhos dilatados e brilhantes, como os duma gata na escuridão, exclamou:

— Que disse o senhor? Quer levá-la? Isso nunca. .. Saia daqui ou eu chamarei meus lobos para devorá-lo.

Sorrindo enquanto a fixava com autoridade, respondeu Adonai:

— Calma, mulher, se não quiseres que eu derrube esta casa sobre a tua cabeça. Sê prudente. Nenhum dos teus lobos se atreverá a uivar na minha presença. Vai ajudar a jovem e não me impacientes mais, se não quiseres que eu ordene o fechamento do teu prostíbulo e te leve para passar a noite onde muito bem sabes.. .

— Porém... — quis ela objetar.

Mas Adonai cortou-lhe a frase, dizendo:

— Não quero ouvir mais nada. . . Vai logo. Nada de escândalos. Eu me chamo Adonai.

— A... do... nai! — exclamou a pobre mulher. — Perdão, senhor. Não o conhecia. Aqui estamos todos para servir-lhe.

— Obrigado, Ivon. Aqui estão mais duas libras. Toma, com teus lobos, uma taça à minha saúde.

A mulher recolheu o ouro, dizendo:

— Não há necessidade que a senhorita se moleste. Eu mesma arrumarei e trarei a sua bagagem.

* * *

Maria estava perplexa. Não sabia quem era aquele Adonai nem que autoridade

tinha. Voltou a si quando ouviu uma voz que lhe dizia: — Queira apear, — e lhe estendeu a mão para ajudá-la a descer do coche. Seu companheiro conduziu-a a uma porta, tirou uma chave, abriu-a e entraram numa casa pequena, porém cómoda.

Eram 11 horas da noite. O cocheiro levou as duas maletas para o interior da casa, recebeu seu dinheiro e retirou-se.

Adonai conduziu a jovem a um dormitório, fê-la sentar-se na cama e, abrindo suas malas, perguntou:

— Podes dizer-me onde estão tuas roupas de dormir?.. . Bem, aqui há uma camisa... Esta noite estou convertido em teu servidor, mas amanhã terás uma criada de quarto. .. Agora, dorme tranquila, pois estás fatigada e enferma. O quarto contíguo é o meu; se precisares de alguma coisa é só chamar.

E, enquanto falava, desatou-lhe os sapatos, tirou-lhe o abrigo e aproximou da cama uma cadeira.

Maria olhava-o com medo e tristeza.

— Até amanhã, Maria. Durmas bem.. . Estás em tua casa...

Dito isto, saiu do quarto de Maria, fechando a porta atrás de si, e entrou no seu dormitório.

CAPÍTULO XII

UMA MULHER ADORMECIDA DÁ A LUZ

— Bom dia, Maria. Como amanheceste minha princesa?... Senta-te, amor, trago aqui o café.

Isto dizia Adonai na manhã seguinte, ao trazer uma bandeja que continha uma refeição leve, porém substancial. O jovem estava alegre. Suas palavras, se não eram de amor, eram cheias de sinceridade e de carinho. Maria, por sua vez, contemplava aquele estranho com temor, porém ao mesmo tempo com admiração e gratidão.

— Não mereço uma resposta, Maria?

— Senhor Adonai, quem é o senhor e que interesse tem em mim?

— Por que me tratas de "senhor", enquanto eu te trato por "tu"?

— Antes de satisfazer a sua pergunta, desejo uma resposta para a minha.

Adonai colocou a bandeja diante dela e disse:

— Olha, Maria, tu representarás junto a mim um dos três seguintes papéis, à tua escolha: uma irmã viúva, uma prima ou uma noiva com quem me casarei logo. Queria ajuntar a de uma amiga, porém em nossos tempos, na sociedade atual, isso seria um absurdo. A amizade, filha, na opinião do mundo, é um mentiroso carinho, cheio de interesse. Hoje, o estômago ocupa o lugar do coração. Antes os corações eram como os elementos da natureza e se atraíam, mas hoje o bolso mais cheio é o mais atraente. Por este motivo, não quero apresentar-te como minha amiga.

— Tem razão, senhor — respondeu Maria. — E sobretudo a mulher decaída não pode ter um amigo.

— Com tudo isso, princesa, eu sou teu amigo, porque se a doçura da vida desaparece e sua recordação dói, a amargura de viver nos acompanha até o

túmulo. Não temas: eu aliviarei tuas desgraças, procurarei tua felicidade e te amarei como a uma irmã viúva, como uma prima querida ou como uma esposa adorada. Tu serás minha companheira nesta fase da vida. Se minha presença te incomoda e não me quiseres a teu lado, dou-te minha palavra que viverei afastado de ti e tu terás tudo o que desejares e necessitares. Porém, com a condição de permaneceres sob minha vigilância, até que eu possa alçar-te ao cume, elevando-te muito acima da humanidade. . . Mas como sou distraído!. .. Enquanto isto, teu café está esfriando. Vamos comer, pois necessitas saúde e forças.

Como resposta, Maria tomou a mão de Adonai e começou a umedecê-Ia com suas lágrimas, perfumando-a com seus beijos. Depois exclamou:

— Oh, ser divino, perdoai-me! Sou uma mulher decaída, fraca, pobre e abandonada. Só, no mundo, neste momento não tenho ninguém por mim, a não ser o senhor. Serei sua escrava, sua serva. . . porém com uma condição...

— Qual? — perguntou Adonai, comovido.

— Que oculte minha desonra. Oculte-me e não diga a ninguém que eu vivo, porque quero estar morta para o mundo.

— Bem, mas que faremos com teu pai?

— Eu não tenho pai...

— Agora, suponhamos que, depois de dares à luz, eu me encarregasse de teu filho, tu não regressarias à casa de teu pai?

— Aquela que tinha casa e pai, morreu. Eu sou sozinha e dona da minha vida.

Para não exaltá-la, Adonai calou-se. Maria prosseguiu:

— Ouça-me: entre mim e a morte só há um passo. E que meu sangue caia sobre a cabeça daquele que quiser obrigar-me a voltar para minha casa. . . Quer o senhor ser esta pessoa?

— Não, certamente.

— Pois eu o abençôo de coração.

— E não queres que abençoemos esta refeição?

Sorrindo tristemente, Maria respondeu:

— Não tenho fome, afirmo-Ihe.

— Pois agora veremos. Um bocado de teu irmão, primo ou esposo, é muito apetitoso.

E unindo a palavra à ação, pôs na boca de Maria uma colherada.

— Ainda não respondeu às minhas perguntas: Como me conheceu? Quem é o senhor? E quem lhe disse o meu paradeiro?

— Estas três perguntas custam três bocados. Toma o primeiro e eu respondo: Eu te conheci há muito tempo, quando eras não mais formosa do que hoje, porém mais cheia de vida e de vigor. Como? quando? e onde? são perguntas inúteis. . . Agora, outro bocado: tu me conheceste também, por descrição e por um retrato. Naquele tempo, eu me chamava Adônis e não Adonai como hoje; era colega de João quando estudávamos leis. . .

Maria quase engasgou e, abrindo largamente os olhos, exclamou:

— O senhor é Adônis? É aquele que foi mais do que um irmão para o meu João?

E tomando sua mão, ela continuou:

— Adônis, Adônis, quantas vezes falamos a seu respeito! João dizia: "Adônis é o precursor da raça futura!" Quantas vezes mencionava seu nome, querendo imitá-lo em tudo!... Sempre repetia: "Adônis, o profeta, é meu irmão, é meu pai."

Maria falava e chorava ao mesmo tempo. Adonai, para afastar sua tristeza, disse-lhe:

— Agora podes considerar-me como irmão, primo ou esposo...

— Ó Adônis, que nome tão doce, suave e consolador!

— E isto não merece mais um bocado?

— Como tu és bom, Adônis!

— Agora sim, estou satisfeito, pois já começas a tratar-me por tu. Porém, ouve-me: agora não me chamo mais Adônis, pois esse homem morreu. Agora sou Adonai.

— Para mim, serás sempre Adônis.

— Bem, vamos comer.

Em seguida, perguntou ela:

— Como foi que me encontraste? Adivinhaste onde eu estava?

— Não, Maria. Foi João quem me informou...

— Como?! Estás brincando comigo? João morreu há tempos...

— Não sejas tolinha. Eu e tu somos mortos, porém João está na verdadeira vida. Ontem mesmo estive falando com ele.

Maria contemplava seu companheiro sem compreender nada, enquanto ele continuava:

— Até ontem, João sofria horrores por tua causa e não podia gozar um momento de paz... Tu não entendes nada disso ainda, porém ontem, querendo comunicar-me contigo para saber onde estavas, apresentou-se ele e, para tranquilizá-lo, prometi-lhe tudo o que me pediu. E agora está muito alegre.

— Adônis, não te entendo...

— Chama-me Adonai.. . Depois te ensinarei o que precisas saber... Agora, outro bocado.

* * *

Oito dias depois, Maria sentiu as dores do parto. Três médicos a examinaram e foram unânimes em declarar que talvez a mãe não resistisse, em vista da sua extrema fraqueza. Adonai calava-se, pensativo. A parteira esperava o efeito do remédio receitado. Maria sentia-se desfalecer e, chamando Adonai, disse-lhe:

— Senta-te a meu lado, pois quero agradecer-te enquanto posso falar. Sinto-me

feliz porque vou morrer e libertar-me desta vida, desta carga. Muito te fiz sofrer e dei-te muito trabalho. Não é verdade, Adônis?

— Olha-me os olhos, Maria! — ordenou, tomando-lhe as suas mãos. — Olha-me!

— Sinto sono, Adonai. . . É a morte...

— Dorme.

Maria fechou os olhos e, como uma criança nos braços da mãe, adormeceu.

Adonai, silencioso, fez-lhe uns passes. A parteira o contemplava admirada. Maria dormia calmamente, mas as contrações uterinas e os movimentos do parto continuavam.

Adonai chamou com o olhar a parteira, que se aproximou e, antes de terminar os preparativos, nasceu a criança, que ela recolheu. Depois, começou a atender a mãe adormecida e, quando terminou, voltou novamente a cuidar do recém-nascido.

Adonai suava. Seu olhar continuava cravado no rosto da moça. Passaram-se mais cinco minutos e então ele levantou-se da beira da cama de Maria, onde estava sentado, e foi ocupar uma cadeira que se achava perto do leito. A parteira, durante a sua atuação, parecia atarantada, como se agisse sob a influência de outra pessoa. Porém, ao terminar seu trabalho, voltou a si, como de um sonho, e disse:

— Que se passou? Morreu?

Mas olhando para a parturiente, gritou:

—- Milagre! Uma mulher dá à luz dormindo e sem dor? É um milagre!

Adonai a observava sorrindo. Duas horas depois, despertou Maria, que olhou pelo quarto e perguntou:

— Que é que houve?

Adonai sorria com ternura e a parteira respondeu:

-— O que houve é que está salva, minha querida.

-— Quê? Já dei à luz? Que foi?. . . Onde está?. . .

— Maria, tenha calma! — disse Adonai. — Sê razoável. Teu filho está aqui, mas creio que não viverá. Já mandei chamar um médico.

Efetivamente, no dia seguinte, a criança voltou à eternidade, como se o mundo não fosse digno de alojá-la. Quando o sacerdote quis derramar sobre sua cabeça a água batismal, perguntou:

— Como querem chamá-lo?

— João — respondeu Adonai.

— Adonai — interveio imediatamente Maria.

— Bem — conciliou o cura — será chamado João Adonai. . .

—- Filho de quem é?

— É meu filho — respondeu o jovem.

CAPÍTULO XIII

MARIA MADALENA

O homem, filho da Natureza, deve seguir sua mãe em seus desejos e suas leis. Entre os elementos, não há nenhum absolutamente revoltoso. Transbordam os rios, sedimentam-se, fundem-se, secam-se e Deus ressuscita neles, depois, a água da vida, para que cantem a seu ouvido a canção da eterna evolução. Entre o amor e o desespero, entre a perplexidade e a decisão, entre a esperança e a desilusão flutua o ser humano.

Assim sucede com as almas humanas, sobretudo com aquelas que estão cheias de sublime desejo: chegam com seu esforço e progresso a um ponto que não podem ultrapassar. Ali se aquietam, precipitam, fundem-se. Porém, Deus envia-lhes novamente o apóstolo vigor, aquela energia que não mede o infinito com as medidas dos homens, impelindo a alma a continuar vigorosamente o caminho, depois do descanso.

Quando as desgraças se aglomeram, eliminam-se umas às outras; os sucessores aliviam os antecessores, assim como uma onda cobre a outra que a precedeu.

Maria, quando sofreu sua primeira desgraça: a morte de João, quis suicidar-se; porém, quando sobrevieram outras: sua viagem a Damasco, sua saída do prostíbulo, seu parto e, por fim, a morte do filho, cada uma delas a fazia esquecer as dores anteriores e acabou sentindo que, na vida, tudo é relativo.

Ela era uma daquelas mulheres orientais em cuja alma reinava a doçura e em cujas veias ardia o fogo babilónico que os antigos sabiam atiçar em seus templos. Havendo vivido naqueles tempos, tempos dos deuses, da poesia e da beleza, Maria havia sido uma das deusas do templo, templo do amor. Porém, o tempo destruiu o templo e conservou a mulher. Fa-la-ia o tempo escrava da herança, hoje, como ontem tinha sido a escrava da corrupção?

A religião responde com outra pergunta: "Acaso o abrolho produz figos?" Porém, a ciência diz: "Se o abrolho não produz figos, pode gradualmente, por meio de enxerto, dar frutos mais apetitosos que os figos." Assim sucedeu com

Maria, depois de padecer muito e sofrer amargamente. Bastaram-lhe poucos meses em companhia de Adonai para dar passos gigantescos rumo à perfeição, voltando a ostentar a sua formosura de outrora. Ela foi o abrolho da sociedade, porém a prática da vida e suas vicissitudes fizeram dela uma fruta mais apetitosa que o figo, porque os erros ensinam a verdade e a vida prática os corrige.

Adonai cumpriu sua promessa: ajudou-a a ocultar seu paradeiro e apresentou-a como sua prima viúva. Porém, ele sofria e gozava, ao mesmo tempo, ao lado daquele anjo. Sofria porque via nela a fruta mais apetitosa, porém proibida para ele. Sabia que estava à beira de

um precipício, bastando um pequeno movimento para precipitar-se nele. Além disso, não queria falar-lhe de amor para que ela não sofresse, pensando que ele exigia uma recompensa por sua obra. Gozava porque quando regressava, cansado dos seus afazeres, encontrava naquele ninho uma mulher carinhosa e solícita como uma mãe, uma irmã ou uma esposa. E, além de tudo, bela como um sonho ou a realização de um ideal.

Dia a dia se tornava silencioso e perdia o entusiasmo. . . Comparava Maria com Eva e Astaruth; ela reunia as duas em sua pessoa, mas ele percebia que estava mais afastado dela do que das outras duas. Perto de Maria, sentia aquelas dores que havia sentido ao lado de Astaruth.

Certa manhã, disse-lhe a jovem:

— Adonai, tu estás enfermo.

— Por que supões isto, Maria?

— Não se trata de crer nem de supor. Eu estou vendo. Teu rosto revela sofrimento e de teus olhos emana tristeza.

E, aproximando-se dele, tomou-lhe a mão e colocou-a no rosto, numa doce demonstração de carinho. Nesta posição, Adonai percebeu o odor dos seus cabelos e sentiu um transtorno geral em seu ser. 1'echou os olhos e meditou.

— Não queres falar comigo hoje?

Adonai abriu os olhos, seus lábios tremeram de desejo de beijar os dela, porém se conteve.

— Quisera ter enfermidade neste corpo, porque assim não se rebelaria contra mim.

Maria olhou-o admirada por aquela resposta, que revelava cansaço e despeito. Aqueles lábios que nunca tinham pronunciado uma frase de desalento, com as palavras que acabavam de pronunciar induziu Maria a perguntar-lhe:

— Adonai, sou eu a causa?

Ele olhou-a com severidade e respondeu:

— Maria, estás terminantemente proibida de repetir tais palavras, nem por brincadeira. Sabe que és, agora, meu único alívio, o único remédio para os meus males.

Maria assustou-se, porém logo tranquilizada, respondeu:

— Se meu sangue e minha vida te forem necessários, já sabe, Adonai. . .

— Não, Maria, nem teu sangue, nem tua vida. O que preciso é do teu espírito, da tua alma e do teu a... carinho.

A jovem riu, para dizer-lhe em seguida:

— Palavra, menino, que me pregaste um bom susto... Alguma vez já te neguei eu qualquer um deles? Não vês que eu estou vivendo somente por ti e para ti? Não sabes que tu és meu único alento de vida? Acaso posso eu ter alguma coisa que não seja tua? Que infelicidade para o coração sensível que quer exprimir seu carinho e não pode!.. . Crê-me, Adonai, que é um dos maiores tormentos que sinto agora. Busco o meio de corresponder à tua bondade e não o encontro. Por isso sofro.

— Não te preocupes, Maria, nem vás acreditar que eu sou um Deus, que dá tudo sem pedir nada. Algum dia eu te pedirei algo mais valioso do que tudo o que te dei.

Por que esperar? Porque não me pedes agora?

— Assim o queres?

— Sim, agora.

— Pois bem. .. Casa-te comigo.

Maria riu-se gostosamente deste pedido e replicou:

— Adonai, és um Deus e queres parecer humano.. . Não te bastou libertar-me e queres, agora, carregar o peso do meu passado. .. Pois estás enganado comigo.

A direção dada à conversação inquietou Adonai.

— Não queres casar-te comigo?

— Não, Adonai.

E diante do seu silêncio, ela continuou:

— Não me perguntas por quê?

— Não é necessário.

Então é preciso que eu esclareça a minha negativa. Já disse que te dei meu espirito, minha alma e meu carinho. Agora, responda-me: Que te poderá dar, além disso, o matrimónio? Meu corpo? Não é digno de te ser oferecido. É uma vestimenta muito gasta e suja. Porém, se encontras nele algum atrativo, ele também é teu... Se ele fosse puro, como os outros três que já te pertencem, seria feliz em poder oferecê-lo também. .. Mas no estado em que se acha, nada vale, menos ainda para oferecer-te como objeto de prazer. . . Portanto, repito: meu corpo é teu, mas com uma condição.

— Qual? — perguntou Adonai, ávido e contente.

— T'o darei... t'o darei como um instrumento, mas não como uma carga.

— Que dizes, Maria?

— O que ouviste.

— Tu estás blasfemando.

— Não. O blásfemo és tu. . . Eu, blasfemar contra ti, contra meu Deus? Eu, que

te adoro, vou manchar tua fronte com minha desonra?

— Por Deus, Maria, estás louca...

— Não, não estou louca. Estou no gozo da perfeita razão. Eu te ofereço meu corpo como amante, mas nunca como esposa. ..

— Pois, desta maneira, não aceito.

— Nem eu posso oferecer-te ou dar-te mais do que possuo.

— E tu crês que eu poderei encontrar uma mulher mais digna do que tu?

— Não, por certo, e digo-te isso com toda a sinceridade de minha alma. Sabes por quê? Porque és para mim um Deus e duvido que encontres uma deusa que possa acompanhar-te em teu vôo de águia. As mulheres do nosso tempo, Adonai, inclusive eu, somos galinhas com asas, porém o nosso vôo é rasteiro: poucos ovos e muitos cacarejos. ..

— Com o tempo saberei convencer-te, Maria... e, algum dia, serás minha esposa.

— Ouve-me: disseste-me uma vez que o mago pode transformar qualquer metal em ouro, mas nunca poderá fazer de um corvo uma pomba ou de um leão um cordeiro, não é assim?

— Sim, eu te disse isso e digo também que nem Deus poderia cometer um absurdo, porque então Ele contradiria as suas próprias leis.

— Pois bem, tu podes fazer de mim tua amante, mãe de muitos filhos, serva, companheira, enfim tudo, mas esposa nunca, porquanto meu dever é defender-te contra mim mesma, de minha desonra, para deixar-te livre e puro diante dos homens e da sociedade.

— Que me importa a mim a sociedade?

— Muito, porque vives nela.

— Não, Maria, porque quero chegar a super-homem.

— Já o és, porém mesmo assim tens que viver entre os homens.

— Então tu não me queres?

— Não te quero? Que Deus te perdoe, porque não sabes o que dizes! Quero-te tanto a ponto de preferir o suicídio a ser tua esposa.

— Porém, Maria, como posso consentir que voltes ao abismo de onde eu quis tirar-te?

— Este abismo a teu lado e por tua causa é um céu e é minha felicidade.

— Que é que representam para ti duas palavras pronunciadas por um sacerdote?

— E a ti que falta te fazem? E que podem dar-te a mais do que te ofereço?

— Eu quero uma esposa e não uma mulher.

— O mundo está cheio delas. Podes escolher uma, porque eu não mereço ser tua esposa.

Levantando-se bruscamente, Adonai disse:

— É a terceira vez que ouço esta frase fatídica!

— Que frase é essa, Adonai? Não te entendo.

Ele continuou, como se estivesse falando consigo mesmo:

— Eva a pronunciou e casou-se. Astaruth a repetiu e morreu. . . E agora Maria também a reproduz. Que lhe sucederá? Não. Desta vez deve agir minha vontade. . . Por que me persegue a fatalidade com as pessoas a quem amo?

— Se te referes a mim, Adonai, asseguro-te que não me amas. Tu queres apenas sacrificar-te por mim. Quanto a essa Eva e essa Astaruth, eu não as conheço.

— Tu me amas, Maria?

— Já te disse que não te amo: adoro-te. Adoro-te como um Deus e não quero que meu amor faça de ti um ser humano depreciado.

— Se me amas, farás o que tp digo.

— Farei tudo, menos casar-me contigo.

— Eu tão pouco não poderei devolver-te, com minhas próprias mãos, à desonra.

— A desonra! E quando se separou ela de mim? Esta é a única mancha que a mulher do nosso país nunca pode apagar, e acredito ser também assim no mundo da alma. A minha desonra mancharia tua fronte e teu porvir. Amo-te mais do que a mim mesmo e, por isso, protejo-te contra o meu amor.. .

— E não pensas casar-te nunca?

Maria olhou-o assustada.

— Tu enlouqueceste, Adonai, para perguntar-me isto?.. . Casar-me? Com quem? Se contigo, o ser mais nobre que conheço, que quer esquecer o meu passado, dar-me tua mão e elevar-me ao teu nível, não me caso, como poderei casar-me com outro, menos nobre que tu, para que, a cada momento, me lance um olhar de compaixão, como o falso filantropo, que dá seu dinheiro para ver seu nome e seu retrato aparecerem nos jornais? Ainda não me conheces, Adonai. Quero dizer-te, uma vez por todas, quem sou eu... Vem, senta-te a meu lado. Dá-me tua mão, deixa-me beijá-la. . . Ouve, Adonai, eu me reconheço uma mulher desonrada e por duas razões sei que não posso me casar: primeiro porque 99 por cento da humanidade são mais indignos do que eu; não podem chegar ao meu nível nem eu descer ao deles; a segunda razão é que um por cento, mais digno do que eu, não pode fazer-me chegar a seu nível e não consinto que se rebaixe, para chegar ao meu.

— Porém, Maria, não vês que o próprio Jesus não condenou Madalena?

— Pela mesma razão tu não me condenas, porque és outro Jesus e desejas sacrificar-te por mim. Deixa-me amar-te como amou Maria a Jesus,

— Eu nunca posso chegar a tanta altura, Maria.

— Para mim, tu estás no alto, no ápice, e pouco me importa o que dizem os 99.

Adonai calou-se e pensava vencer com o tempo a resistência de Maria,

— Bem, basta por hoje. Devo ir para o trabalho.

— Vai com Deus, meu amor.

* * *

Passaram-se meses. A conversação diária versava sobre o mesmo tema. Adonai amava-a cada vez mais. As horas vagas passava-as todas ao lado dela. Era feliz e infeliz. Nenhuma razão conseguia demover Maria de seu propósito.

Certa noite, estando ela aos pés de Adonai, postura que lhe era favorita, olhou assustada para ele e gritou:

— Adonai! Tua cabeça está em chamas!

— Que dizes?

— Por Deus, Adonai, que há contigo? Que é isto?

E começou a esfregar os olhos e abri-los novamente. Levantou-se e, afastando-se alguns passos, gritou:

— Adonai! Todo o teu corpo arde!

Levantou-se o jovem pensativo e, aproximando-se dela tranquilizou-a:

— Vem, não te assustes. É uma ilusão tua que logo desaparecerá.

Ela ajoelhou-se a seus pés e começou a beijar-lhe os sapatos. Adonai deixou escapar duas lágrimas. Alegria? . . . Dor?... E retirou-se para o seu quarto.

Aquela noite, nem ele nem ela dormiram. Maria acreditava que se achava diante de um novo Jesus. Adonai viu-se diante da realidade . . .

* * *

Dois dias depois, dizia-lhe o Emir Faisal:

— Tu tens que ir a Beirute. A missão americana está lá.. . Deves influir no ânimo dos libaneses para que peçam a independência absoluta. . . Não queremos o jugo estrangeiro sobre o nosso pescoço.

CAPÍTULO XIV

UM DISCURSO PROFÉTICO

O salão do Círculo, em Beirute, estava repleto. Homens e mulheres esperavam, ansiosos, ouvir a palavra do enviado do Emir Faisal. Possivelmente, a maior parte deles era espiã dos estrangeiros. Todos tinham o olhar cravado na mesa e na poltrona que o orador devia ocupar. Afinal, apareceu um jovem, cujos cabelos refletiam a luz, como a superfície de ondas líquidas e com uma barba pequena, que lhe dava grande semelhança com o Nazareno. Passeou o olhar pelo auditório, silencioso, sereno. Inclinou-se e começou seu discurso:

— Damas e cavalheiros! Antes de começar, quisera saber que classe de discurso esperais de mim. Um discurso político? Um discurso patriótico?... O primeiro seria uma mentira, uma falsidade; o segundo, a verdade nua pisada e ferida. . . Qual dos dois preferis?

Aquela pergunta causou estupefação aos presentes. Todos guardaram um silêncio profundo. Era a primeira vez, na história, que um orador consultava o seu auditório sobre o que queriam ouvir dele. Finalmente alguns jovens que se intitulavam patriotas, gritaram:

— A verdade, queremos a verdade!

E logo todo o auditório gritou:

— A verdade! A verdade!

O orador calou-se um momento para depois continuar:

— Damas e cavalheiros: a verdade é dura para o ouvido de escravos e amarga, muito amarga, ao seu paladar.

— A verdade! A verdade! — ressoou novamente.

— Então, tereis a verdade. .. Durante minha viagem de Damasco até aqui, a sorte quis que eu viajasse com três patriotas no mesmo vagão. Eram eles: um

sacerdote católico maronita, um cheik maometano e um velho ortodoxo. . . A viagem é longa e monótona, e sempre os viajantes procuram, para encurtar a distância, entabular conversações, nascendo então uma amizade, quase sempre passageira. O cura foi o primeiro a dirigir-se a mim, dizendo:

"— Afinal, já estamos livres.

"— De quê? — perguntei. — De nossas paixões?

"Ele olhou-me atónito e respondeu:

"— Não, senhor; não falo disto. Digo que estamos livres do jugo dos turcos. E agora os católicos libaneses e o Patriarca estão se esforçando, perante a missão americana, para que a França venha ao país, pois sentimos, nós os maronitas, que somos franceses de coração.

"— E para que querem os maronitas que venham os franceses? — perguntei-lhe eu.

"— Como, para quê? Para livrar-nos dos nossos inimigos.

"— E do demónio também?

"O cheik riu-se às gargalhadas e o ortodoxo ocultou o rosto para disfarçar o riso. O sacerdote, desgostoso, replicou:

"— Seguramente o senhor é Faisalista.

"— Mais ou menos, como o maronita é francês.

"Desta vez, o ortodoxo não pôde mais conter o riso e soltou uma gargalhada. O homem ria tanto que as lágrimas desciam pelo rosto, e a boca aberta deixava escorrer a saliva.

Chegado a este ponto, teve que parar, porque o riso contagiou o auditório. Logo continuou:

— Podeis rir, senhores, mas lembrai-vos da sabedoria do adágio que diz: "A pior desgraça é a que nos faz rir."

"Quando o ortodoxo acabou de rir, dirigiu-me a palavra:

"— Que lhe parece, senhor, os ingleses nos salvam e o reverendo quer atribuir as honras aos franceses e, mais ainda, querem trazê-los ao país como governantes. Os ingleses é que devem ficar conosco, porque são eles que nos podem dar a prosperidade e a felicidade!

"O cheik olhou com olhos coléricos e respondeu com uma frase do Corão:

— "Quando Deus quer aniquilar um povo, divide suas opiniões." Que nos faltava nos tempos da Turquia? Acaso não éramos felizes? Por que chamar hoje os nossos inimigos, os infiéis?

"Quando vi que a conversação ia conduzindo a uma pugna, chamei a atenção dos contendores e pedi que mudassem de conversa.

"Senhores, relato os fatos, mas não os comento. Vós me pedistes a verdade e eu vô-la digo: nós somos dominados pelas paixões e o escravo das paixões é escravo dos seus semelhantes.

"Ouvi a declaração da Inglaterra e da França, feita em 8 de novembro do ano passado, 1918:

"A causa pela qual a Inglaterra e a França fizeram do Oriente um campo de batalha, foi o grande desejo dos aliados de livrá-lo da tirania e escravidão dos turcos e para salvar seus habitantes da ambição dos alemães. Desejam constituir neste país governantes livres e independentes. Que cada governo seja eleito pela vontade da nação, donde provém seu mandato. A Inglaterra e a França se comprometem a ajudar o povo para que constituam seus governos na Síria, na Mesopotâmia e todo país libertado pelos aliados. A Inglaterra e a França reconhecem esses governos desde o momento de sua formação e não intervirão em suas decisões nem lhes ditarão leis e códigos, porque elas não têm outro desejo senão o de ajudar e velar pela sua prosperidade, até elevá-las ao nível das demais nações, em Economia, Educação e Força."

"Este é mais ou menos o texto da declaração. Agora dirijo-vos esta pergunta: —- São verdadeiras as intenções das duas potências? Serão esses seus desejos? Se são, que significa a vinda da missão americana, que está hoje entre nós? Qual é seu objetivo?

"Senhores, talvez não tenhais acompanhado o desenrolar dos acontecimentos ... A Inglaterra e a França não pensam em cumprir a promessa feita aos árabes.. .

Adonai foi aqui interrompido pelos gritos do auditório:

— Abaixo o orador!

-— Abaixo o Emir Faisal!

Adonai não perdeu a calma e gritou mais fortemente:

— Não me calarei enquanto não disser toda a verdade! Direi tudo, porque vós exigistes a verdade, senhores... Estou certo de que esta é a primeira e última vez que vos dirijo a palavra. Porém, esta palavra gravar-se-á com letras de fogo no coração dos traidores do país e no vosso próprio coração. Depois de dizer a verdade, calar-me-ei. Porque o solo cujos espinhos sufocam os trigais, não merece ser semeado.

"Pelo tratado de paz de 20 de janeiro de 1919, decidiram os representantes das quatro potências: Inglaterra, França, Estados Unidos e Itália, separar o país árabe da Turquia e enviaram uma missão para estudar o problema dos povos árabes e consultar seus desejos, de acordo com o artigo 22 do Protocolo da Sociedade das Nações... A Inglaterra e a França mostraram muito pouco interesse em colaborar nessa missão. Porém, Mister Wilson, presidente dos Estados Unidos, o único defensor da verdadeira democracia, instituiu e ordenou à missão americana que viajasse imediatamente para o nosso país e não se sujeitou às missões francesas e inglesas.

"Quando estas últimas sentiram a pressão e a insistência do senhor Wilson, formaram cada qual uma missão, para colaborar com a americana. Porém, a França impôs, como condição, tratar-se primeiro da parte do país ocupado, antes de chegar a missão. Mas Wilson recusou terminantemente aceitar esta condição. A França, então, destituiu sua missão, intervindo junto à Inglaterra, que tambénl concebeu a sua. A missão americana já chegou, porém até hoje ninguém procurou averiguar porque a França e a Inglaterra não enviaram as suas, que deviam colaborar com a americana, nem muito menos ocorreu a ninguém o motivo.

"Pois, senhores, sabei que se a Inglaterra e a França não quiseram aprovar o plano de Wilson é porque há um motivo, uma razão, que é a seguinte. Ouvi bem:

"A Inglaterra e a França têm um tratado firmado em 1916, chamado o convénio Sayex-Picó, cujo objetivo é dividir o país em duas partes: a Palestina para os ingleses e judeus e a Síria para os franceses!

Uma chuva de descargas elétricas teriam causado o mesmo efeito. Gritos e assovios ensurdecedores retumbaram pelo salão.

— Abaixo o orador!

— Abaixo Faisal

— Abaixo a França!

No meio da confusão geral, ouviam-se também outros gritos:

— Viva Adonai!

— Viva o Emir!

Aquele clamor parecia interminável. Adonai quis retirar-se, porém houve novos clamores:

— Que fale!

— Que continue. ..

A divulgação desse segredo político transtornou a todos e, enquanto uns desejavam ocultá-lo, outros, ao contrário, queriam divulgá-lo. Cerca de cinco minutos duraram os assovios e gritos. Afinal, alguns policiais irromperam no salão e restabeleceram a ordem. Os clamores voltaram a insistir:

— Que fale o orador!

Porém, naquele momento, Adonai sentiu uma transformação em sua pessoa e continuou, mudando de tema:

— Vejo o fracasso da missão americana e, portanto, dos 14 pontos defendidos por Wilson. Vejo os judeus ajudados pelos ingleses na Palestina. Sangue será derramado ali. Vejo os franceses verterem sangue árabe na Síria e acabar com o último intento da União Árabe. Vejo vossas derrotas. Vejo uma onda de

corrupção invadir nosso país. Vejo os traidores, escravos do jugo estrangeiro e o país escravo dos traidores. Vejo que o mandato é sinónimo de colonização. Vejo a prostituição de vossas mulheres e vossas filhas. E vejo tudo isto porque o maronita trabalha para que domine a França; o ortodoxo chama a Inglaterra, e o maometano suspira pela Turquia; e eu não sei o que pede o druso, o chiita, o nuzairi, etc.

"Bem disse o divino Jesus: "Toda nação que se divide entre si, se extingue." O profeta árabe também disse com acerto: "Quando Deus quer aniquilar um povo, divide suas opiniões.

"Senhores, eu não culpo nem a França nem a Inglaterra, porque cada uma delas sabe o que lhe convém e age para seu próprio bem. Não vos culpo tão pouco, porque sois crianças e acreditais nas promessas. Porém, lamento e choro a morte daqueles que empregaram sua energia, sacrificaram sua fortuna e ofereceram seu sangue como holocausto no altar da liberdade. E vós fazeis daquele altar um monturo onde queimais vossas escórias, esquecendo que naquele lugar foram enforcados os mais nobres do país e este meu pescoço se salvou por milagre, porque não merece a honra de ser chamado mártir comi os demais, e também porque foi uma pedra inútil naquele movimento

"Senhores, exigistes a verdade, e a verdade foi dita."

E dizendo isto, retirou-se. Não houve ninguém que se atrevesse ; aproximar-se do enviado do Emir, porque já estava estigmatizado. Quem se atreve a dizer tais verdades contra os políticos daquele tempos?

Talvez alguns esperassem o orador com a intenção de despedaçar -lhe a cabeça. Aquele tratado era um segredo para todo o mundo Como pôde Adonai chegar a conhecê-lo?

Somente dois diários de Beirute falaram da conferência em termo muito injuriosos para o orador: que era um revolucionário, cuja imaginação enferma criara tratados secretos inexistentes. Os demais periódicos nem sequer a mencionaram, emudecidos pela mordaça que Ihe aplicou a França.

Adonai, que já esperava o que aconteceu, saiu por uma porta secreta que conduzia à rua, onde encontrou um coche à sua espera Tomou a carruagem e ordenou ao cocheiro:

— Para Beit Eddin.

— Esta mesma noite? — perguntou seu companheiro.

— Contanto que saiamos de Beirute, podemos dormir em qual quer lugar.

Após três quartos de hora de viagem, Adonai riu estrepitosamente dizendo a seu companheiro:

— Olha, Davi, recordo-me que, uma vez, perguntei a um amigo "Como amanheceste hoje?" E ele respondeu: "Mal com Deus, com o próximo e com o demónio." Pois o mesmo me acontece agora : "Mal com o Emir, com o povo e com os governantes do país."

CAPÍTULO XV

ÚLTIMOS CONSELHOS E ÚLTIMO ALENTO

No dia seguinte, chegava Adonai a Beit Eddin, à tarde. Perguntou por Aristóteles e o conduziram à sua casa. O Grande Hierofante achava-se sentado diante de sua escrivaninha e escrevia. Quando entrou Adônis, Ievantou-se radiante, dizendo:

— Irmão de minha alma, sê benvindo.

— Não me agrada, Mestre. O título de filho é mais doce.

— Sê benvindo, meu filho. Deixa-me ver esta fronte, Adonai. Que magnificência! Bendigo a Deus em ti, filho. Agora já posso viajar tranquilo, pois vejo o NOME escrito em tua fronte. ..

E ajuntou:

— Prepara-te, meu filho, para agir e sofrer. Em todo homem deve nascer o Cristo para convertê-lo em salvador e todo salvador tem que ser crucificado nesta vida... Tu não és maior que os demais. Só chegaste antes, de modo que não tens nenhum privilégio. Todos os homens devem percorrer esse caminho e o que chega primeiro tem que ajudar os que o seguem. Alguém te ajudou e tu tens que ajudar: esta é a lei... Esta ajuda não pode ser sectária nem nacionalista, mas sim universal.

"Agora és um Mago e de quem muito sabe, muito é exigido. Deves conquistar todos os seres criados por teus desejos; eles são teus anjos e, como sabes, são de quatro categorias: os primeiros são os do espírito; os segundos, os da alma; os terceiros, os da mente; e os quartos, os teus desejos. Estes anjos obedecem todos à luz, mas as duas últimas classes também obedecem às trevas.

"O mago deve buscar a fonte da luz, que está nele, para dominar e conquistar todos para o exército da luz. Os outros homens só podem ver os anjos da sombra que, para eles, são mais fortes ainda que os da luz. Faz tempo que és intuitivo. Sabes, porém não compreendes o porquê das coisas. Mas agora, que nos importa o porquê se, de antemão, sabemos o resultado? O porquê é trabalho da mente,

enquanto que o fim é a herança dos magos.

"A intuição é o despertar. O porquê é o sonho da alma. O sofrimento é o meio desse despertar; o homem que não sofre continua sempre adormecido... O calor e a fumaça são agentes da luz. O espírito é a luz branca, sua fumaça reside dentro do cérebro. Ao despertar, o Mago liga o pólo negativo com o positivo e, então, pode ver a luz naquele centro divino do saber, da vontade e do amor. Esta é a trindade do Centro Uno do homem.

"Calor, desejo e pensamento podem ser levados aos centros da pura chama. Este é o batismo de fogo, do Espírito Santo. Desta chama provém a iluminação. O mago deve ter sempre acesa e alimentada aquela chama no altar. Assim terá sempre o poder. No dia em que essa chama se apagar, converter-se-á no mais débil dos seres e será lançado na escuridão eterna, como disse o Divino Mestre.

"Quem apaga a chama extingue o poder. Agora compreendes, meu filho, o que é a Magia. Como é simples e poderosa, mas, ao mesmo tempo, como é difícil e perigosa! Sem esse fogo não há vontade. Porém, a vontade que maneja o fogo, pode destronar até os deuses.

"Cada vez que o homem de vontade deseja, pode, por meio dos seus anjos, dominar os poderes do universo e os acontecimentos do tempo. Todo Mago sabe isso, porém deve também sacrificar-se com abnegação e humildade mental. Deve carecer de egoísmo. Então sim, pode manejar o mundo, segundo sua vontade, que é a vontade de Deus.

"O corpo humano é a chave das sete portas celestes do poder. O Mago está livre da fumaça das suas paixões. Por isso, ele é sempre livre. O homem, escravo de suas paixões, é infalivelmente escravo dos demais, porque é necessário que o homem não desenvolvido seja governado.

"Por meio do fogo sem fumaça, o Mago encontra o elixir da vida (auto-cura e saúde perfeita) e a pedra filosofal (o poder de curar os demais que querem a cura, sem desobedecer a lei). Finalmente, pode manejar a mente dos demais, como o capitão maneja seu barco, por meio do leme.

"O Mago é ilimitado, por seu Fogo-Luz é sempre livre para ser e fazer; para pensar e agir, porém somente para o bem dos demais.

"O homem sem luz não pode ter imaginação nem fé nem vontade e, por isso, não

tem poder nem sobre seus próprios objetivos. Sem imaginação não há material, sem fé não há obreiros e sem vontade o homem é um animal. Esta luz reside no homem e ilumina todo o seu corpo, dando-lhe vida, mas ninguém sabe onde está o sol que irradia a luz. Ninguém se atreve a indicar o lugar secreto desta luz, porque quem o comunica instantaneamente morre. O Mestre deve comunicá-lo ao seu sucessor, antes de morrer. O sucessor deve receber a palavra e, com ela, o último alento do Mestre. Filho meu, receberás meu último alento com a PALAVRA."

* * *

Era 10 de março, à noite. Aristóteles presidia à sessão do Colégio dos Magos. O trabalho estava no fim e, antes de benzer, chamou Adonai. Este, aproximando-se do Hierofante, ajoelhou-se e orou.. .

Aristóteles sentou-se no seu trono e, inclinando-se, aproximou os lábios do ouvido de Adonai.' Disse uma PALAVRA e logo entregou seu espírito.

Adonai acomodou o corpo do Mestre em seu assento e, voltando-se para seus companheiros, levantou sua mão e traçou um signo no ar.

CAPÍTULO XVI

A RECOMPENSA DA VERDADE EM POLÍTICA

Uma das maiores desgraças é dizer a verdade e considerar-se culpado. O homem ainda não está acostumado a fixar demoradamente o sol no zénite. O sol do meio-dia é a verdade, ao passo que no sol do ocaso há algo de mentira e de engano em seus raios, não chegando a nós diretamente e, por isso, o homem pode contemplá-lo sem cegar-se.

Chegou Adonai ao Palácio. Depois de saudar respeitosamente o Emir, tirou do seu bolso um ofício e entregou-o ao Príncipe. Era o seu pedido de demissão. Leu-o demoradamente o Emir e disse:

— Isto demonstra que reconheces tua culpa.

— Sim, Alteza. Reconheço minha culpabilidade.

— Isto não basta. Tu mereces também um castigo exemplar por tua mentira.

Adonai olhou-o com dignidade e respeito.

— Não, Alteza, eu não espero o castigo pela mentira, porque esta não se castiga no mundo do engano. Espero o castigo por ter dito a verdade.

Os olhos do Emir cintilavam. Sua barba tremia e, com voz entrecortada, exclamou:

— Quando o mentiroso e caluniador confessa seu delito, senhor Adonai? Dei-te a mão e tu me agarraste pelo cotovelo. . . És um traidor. . .

Embora os olhos do secretário refletissem fielmente o que se passava no seu interior, limitou-se a responder:

— Estou esperando vosso castigo.

— Sim, senhor. Tu mereces ser açoitado, se não apresentares neste momento

provas irrefutáveis da existência deste suposto tratado, inventado por ti,

— Eu o comprovarei, senhor, se me provardes que agora é dia e que o sol nos ilumina.

— Como? Que dizes? Queres também brincar?

— Valha-me Deus! Eu não gracejo com ninguém!

— Então, que queres dizer?

— Quero dizer que estou cego ou não quero ver.

— Isto significa que todo mundo está cego, menos tu.

Adonai quis dizer: "Esta é a verdade", mas não se encontrou com forças para lutar, dizendo apenas:

— Senhor, eu não sou perfeito nem infalível. Ao contrário, tenho muitos defeitos e cometo muitos erros. Por isso, apresento minha demissão.

— Este não é o termo, senhor Adonai; eu o destituirei publicamente.

— Não, senhor; não é Vossa Alteza quem me destitui; são "eles". . .

E ao pronunciar esta frase, fez um gesto cheio de tristeza e de arrependimento. Porém, já era tarde. Lançou aquela frase infeliz e ela o encadeou. Quis retratar-se, porém o Emir não lhe deu tempo, porque esta era uma outra verdade que chegava no íntimo do seu coração. Talvez pensasse, nestes momentos, o Emir, no castigo. Talvez tivesse a ideia de descarregar seu revólver no peito daquele infeliz. Quis, talvez, perdoar-lhe. . . Quem pode sabê-lo?

Foram cinco minutos que escoaram elasticamente, como se fossem cinco horas, cinco anos ou cinco séculos. Nestes cinco minutos, o Emir e seu secretário viveram naquele mundo isento de medida, de quantidade e de tempo. Adonai sentia-se como um ídolo derribado de seu pedestal ou altar. Sentia que o Emir o julgava um infeliz, um traidor.

Uma só palavra pronunciada num momento inadequado, muda todo o curso da vida de um homem, de uma nação, e até mesmo o destino do mundo. Aquela

palavra foi dita e o destino foi mudado.

Sentiu Adonai o impulso de lançar-se aos pés do Emir e pedir-Ihe perdão. O Emir comprimiu o botão de uma campainha e o porteiro abriu a porta. Então, indicando o Príncipe bruscamente, com o índex da mão direita, a porta aberta, pronunciou uma palavra mais terrível, mais humilhante que uma condenação. Gritou colérico:

— Sai!

E Adonai saiu, arrastando consigo a vergonha e a desonra. E assim perdeu o Emir o mais esforçado dos seus súditos, senão o mais leal dentre eles. Adonai perdeu também o melhor e o mais bondoso dos governantes.

Esta foi a recompensa de tantos anos de luta por um ideal terreno. Este foi o castigo de uma língua que soube dizer a verdade. Muitos o saudaram ao passar, porém Adonai ia mudo, atónito e sem compreender. Seu único desejo era fugir, ocultar-se num lugar afastado, onde não visse rosto humano. Ao chegar a sua casa, Maria foi ao seu encontro para recebê-lo como de costume. Ao vê-lo em tal estado, tornou-se lívida.

— Adonai, que é que houve?

Sem responder, ele foi diretamente para a cama.

CAPÍTULO XVII

ASSIM É A VIDA

A humanidade tem o olfato bastante desenvolvido para pressentir o infortúnio e a desdita. Pode-se dizer que, neste caso, cada homem é um adivinho. Adonai passou dois dias, em casa, sem ver ninguém. Parecia, coisa rara, que todos os seus amigos e conhecidos estiveram presentes, por ocasião daquela vergonhosa despedida, ou que ele estivesse atacado de moléstia contagiosa, que impedia a aproximação de sua casa.

Os diários damascenos publicaram discretamente a demissão de Adonai do seu posto de secretário do Emir e a nomeação do seu sucessor, chamado Isa el Is. Ainda que os jornais não tivessem mencionado o motivo, os antecedentes eram bastante claros. O sofrimento de Adonai durou somente uma tarde e, talvez, uma noite. Porque, no dia seguinte, despertou até alegre e, em tom bastante animado, dizendo a Maria:

— Olha, Maria, todos me abandonaram desde ontem. Só tu ainda me restas. Estou novamente a teu lado, não sei se para salvar-te ou para me salvares. Eu já tomei minha decisão. Devo sair deste país e tu fugirás comigo.

— Fugir contigo!! — disse Maria, mal acreditando no que ouvia.

— Sim, comigo. Assusta-te a idéia?

— Não me assusta. Deixa-me perplexa. Por que tens que fugir? E para onde?

Adonai meditou um momento e respondeu:

— Ouve, Maria, quando ruge a tempestade, as aves devem ocultar-se em seus ninhos e os animais em sua guarida. . . Até ontem eu fui um ignorante: queria enfrentar um furacão para salvar um barco avariado, quase imprestável. Até ontem, pretendi dar vida a um cadáver putrefato. Até ontem, estive agindo contra as leis da Natureza. Acreditava-me o árbitro do destino, porém minha desobediência e obstinação receberam ontem um grande castigo. Maria, eu amava as crianças e elas são sempre egoístas. .. Amei aqueles que pedem que se

lhes construam palácios suntuosos com promessas falsas e sonhos mentirosos. Quis sacrificar-me, como holocausto, por suas almas, mortas de fome, porém não quiseram comer. . . Quis derramar meu sangue, tomando sobre os meus ombros as suas culpas, mas eles se julgam mais brancos que a neve e mais puros que os raios do sol. Quis subir com eles ao cúmulo da glória, para mostrar-lhes o progresso nos reinos do mundo, porém eles só desejavam descer às cavernas e aos túmulos. Quis tirá-los dos seus sepulcros, para que seus olhos recebessem os beijos do sol, porém preferiram a escuridão e até alguns negaram a existência do sol. Quis libertá-los das cadeias que os ligam às prisões dos seus erros e ignorâncias, porém eles acariciam as correntes que os molestam, como relíquias dos seus antecessores. A ignorância é o melhor prato para o seu estômago. Quis conduzi-los ao oceano do saber e da fortuna e eles me disseram: "O ruído das ondas enche de medo os nossos corações". . . E agora, querida Maria, ouço o rugir da tempestade, o ruído dos canhões e devemos alçar vôo. Nosso vôo não é de medo, porque o homem que abraça a eternidade não pode ter medo da morte e porque ninguém morre na véspera, pois a morte se encontra em todas as partes. . . Nosso vôo deve ser um protesto contra a tirania das leis ignorantes dos homens.. .. Talvez me digas que devo ficar para curar essas enfermidades... E eu te respondo: Já não há enfermos neste país, pois só existem cadáveres, mal cheirosos e pútridos. Temos que deixar que os mortos enterrem os mortos...

Calou-se. Então escapou-se de seu peito um profundo e amargo suspiro.

Maria aproximou-se dele e disse;

— Irmão, há muito tempo que vivo a teu lado, sem poder penetrar teu coração e conhecer a causa da tua tristeza. Hoje é a primeira vez que me é dado compreender o motivo. Antes não quiseste depositar confiança em mim, talvez porque não mereço, talvez para não aumentar a minha tristeza. Agora, ouve, amor de minha alma: uma vez que as coisas chegaram a este extremo, deixa-me dar-te um conselho. Não seria melhor que te casasses com uma mulher que saiba compreender-te e compartilhar contigo os pesares da vida, retirando-te em seguida desta interminável luta? Não seria melhor te retirares à vida privada do lar e do amor?

Adonai olhou-a tristemente.

— Tive meu primeiro amor e fracassou; tive o segundo e a morte o levou, e agora tenho o terceiro e tu não queres ajudar-me a viver — disse Adonai,

lentamente, como se cada palavra fosse um pedaço de seu coração que saísse de seus lábios. A tristeza apoderou-se de Maria, enquanto uma lágrima tremulava em seus olhos.

— Adonai, não sejas tão cruel comigo. Por que falas em manjares diante do faminto! Por que falas em água diante do sedento? Tem compaixão de mim e tem cuidado com a minha fraqueza. Toda resistência tem limites e a minha já se acha esgotada. Não sentes que eu só tenho um desejo no mundo?

— Qual é?

— Acabar meus dias a teus pés.

— Então sê minha esposa.

— Não, Adonai. Não sou digna nem de ser tua serva. Não te afastes da razão. Sou banida da sociedade. Se me casar contigo, cortarei tuas asas de águia. Tu queres elevar-me, porém o mundo suspeita de nós. Por que hás de cair comigo? Não, querido, eu te amo e não te sacrificarei nunca. Não percas teu vôo por mim, eu te suplico. .. pelas cinzas sagradas de teus pais!. . . Não me seduzas mais, porque sou uma mulher fraca! Faço força para que a paixão do meu amor não me incite a devorar-te. Nunca poderei ser tua esposa. Viverei por ti, porém não contigo. Eu sei perfeitamente que não te repugna carregar com a minha desonra, porque o teu nobre coração só vê a alma. Porém, eu te digo, uma vez por todas, que nunca permitirei que tua luz seja obscurecida por minhas trevas. Serei tua de corpo e alma, se assim o desejares, mas nunca tua esposa.

— Pobre mulher! Podes pensar que exijo de ti o menor sacrifício, em recompensa do que fiz por ti?. . . Amo-te como se foras já minha esposa e deseja santificar este amor com todos os laços mais sagrados, havidos e por haver. Só os que amam professam a religião que santifica o amor... Maria, não chores mais. Não te peço nem te pedirei nada.. . E te prometo que serás sagrada para mim. . . Estás contente?

— Não; peço-te mais.. . Resolvi entrar para um convento, onde permanecerei até a morte. Peço-te, em nome da dor dos nossos corações, que me conduzas para lá!. . . Tu me salvaste do abismo e da desgraça. E só tu podes colocar-me diante de mim mesma... Sepultei em teu peito minha alma e meu segredo. Meu corpo o sepultarei num claustro.

E assim cumpriram as previsões e desejos de Aristóteles, pois ele destinava seu filho espiritual ao serviço da humanidade e não ao âmbito estreito de um lar.

EPÍLOGO

Era uma tarde de verão, em 1920. Estava eu reunido com alguns amigos, em um café perto do mar, em Beirute, quando um dos presentes perguntou:

— Sabem vocês das últimas notícias?

— Que novidades há? — perguntamos.

— Pois, irmãos, o Emir Faisal proclamou-se Rei da Síria.

— Que grande novidade! — disse um dos nossos. — É mais velha que minha avó.

— Bem, mas desta vocês não sabem: Há dias que estão procurando Adonai.

— Quem é Adonai? — perguntei eu.

— Homem, era o secretário do Emir, naquele tempo.. . Adonai, o ateu, conforme os curas, Adonais, o revolucionário, segundo outros; Adonai, o traidor, como o chamam os libaneses; Adonai, a vítima, dizem os árabes; Adonai, o mago, dizem outros; enfim Adonai, o possuidor de mil títulos ou insultos. Foi ele que, há mais de um ano, divulgou o segredo daquele tratado anglo-francês... Naquele tempo, ninguém quis crer no que ele disse, sendo destituído por Faisal do seu cargo, por causa daquele discurso que pronunciou aqui em Beirute. Lembram-se?

— Sim, estávamos presentes — disseram alguns.

— Pois hoje todos os jornais mencionam o tratado como um fato verdadeiro. O Rei Faisal recordou-se agora, segundo parece, do discurso do seu secretário, em quem não quis acreditar, e mandou diversos mensageiros em busca de Adonai. . . Procuram, aqui, em todos os recantos da cidade, perguntando por ele, mas ninguém sabe do seu paradeiro. . . Dizem, mas não sei se é certo, que nem sequer cobrou seus últimos seis meses de salário, quando abandonou o cargo. Dizem também que o Rei Faisal chora, quando alguém faz-lhe recordar do seu secretário.

— Dize-me, Alberto, Adonai não era um jovem alto, cabelos grandes e

ondulados e uma barba pequena, aforquilhada?

— Ele mesmo. . . Sabes onde está?

Levantei-me, despedi-me de meus companheiros e abandonei o café. Uma recordação golpeou insistentemente minha memória. Em fins de fevereiro, tomei o trem que conduzia ao farol. . . A casualidade fez-me sentar-me ao lado de um jovem bem apresentado. Seu cabelo e sua barba demonstravam claramente que estava ou havia estado a serviço do Emir Faisal. Quando o trem parou na estação de El Assur, vi uma amiga minha, chamada Eva de K., correr para a nossa janela. A princípio julguei que viesse saudar-me. Porém, parece que nem sequer me viu, porque toda a sua atenção estava concentrada no meu companheiro de banco.

Eva aproximou-se e disse em tom de súplica:

— Adônis!

Vi o jovem estremecer e, depois de olhar para ela tristemente, disse:

— Senhora, por que profana o túmulo dos mortos?

— Adônis — insistiu minha amiga — desejo falar-te um momento.

— Adônis está morto, senhora... Eu me chamo Adonai...

Porém, antes de terminar sua frase, o trem partiu. Aquele acontecimento me comoveu muito, mas nunca me atrevi a recordá-lo à minha amiga, para não ferir o seu amor próprio.

Porém, agora, era diferente, pois queria saber a todo custo onde estava aquele Adonai.

Cheguei à casa de Eva. Encontrei-a brincando com seu filhinho de um ano de idade. Ao ver-me, correu para saudar-me. dizendo:

— Faz tempo que não te vejo, ingrato. . . Que te fizemos para que te portes desta maneira?

— Olha, Eva, venho pedir-te um grande favor. Onde está Adonai?

Tremeu, olhou-me surpreendida e não respondeu.

— Suplico-te, pelo amor que tens a esta criança, que me digas a verdade. . . O Rei Faisal o procura por toda parte. Parece que se evaporou ou a terra o tragou.

Eva suspirou. Abraçando seu filho com o braço esquerdo, tomou-me a um sótão, diante da casa, donde se podia ver o mar. O sol estava a um metro de distância do horizonte, um belo sol poente. Com o índice indicou o ocaso e disse:

— Adônis? Adonai?. . . Abandonou o país da ingratidão e dirigiu-se para onde se põe o sol.

Disse isto e seu espírito voou para além do horizonte, enquanto duas lágrimas, douradas pelos reflexos solares, corriam por sua formosa face.

* * *

No fim daquele verão, os franceses, que queriam dominar o país inteiro, hostilizaram o Rei Faisal. Este, mal aconselhado por seus generais, ofereceu a batalha de Maisalun, onde foi derrotado o exército árabe, por falta de recursos. O Rei fugiu e a batalha custou aos sírios algumas centenas de mortos.

E a sorte daquele país de cadáveres se repete. Nem o sangue, nem as profecias, nem o esforço, nem a experiência serviram para clarear seu céu, a fim de que ele pudesse ver, algum dia, outras cores que significassem, no Oriente, outra coisa a não ser a escravidão.

E assim, enquanto as opiniões se dividirem, enquanto não houver uma cabeça que pense e um homem que atue por todos, uma cadeia milenária, relíquia nefasta das gerações passadas, ligará também as gerações futuras, no país e na raça.